



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Vanessa dos Santos Novais

**Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis: dos pergaminhos judaicos à
primeira escola rabínica brasileira**

Rio de Janeiro

2022

Vanessa dos Santos Novais

Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis: dos pergaminhos judaicos à primeira escola rabínica brasileira



Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de título de Doutora em Educação. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Celi Chaves Vasconcelos.

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

N936 Novais, Vanessa dos Santos.
Yeshivá Colegial Machamé Israel de Petrópolis: dos pergaminhos judaicos à primeira escola rabínica brasileira / Vanessa dos Santos Novais. – 2022.
304 f.

Orientadora: Maria Celi Chaves Vasconcelos.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação religiosa ortodoxa judaica – Teses. 2. Pergaminhos judaicos – Teses. I. Fernandes, Cíntia Sanmartin. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Vanessa dos Santos Novais

Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis: dos pergaminhos judaicos à primeira escola rabínica brasileira

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de título de Doutora em Educação. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em|:

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Celi Chaves Vasconcelos
Faculdade de Educação – UERJ

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Dóris Bittencourt Almeida
Faculdade de Educação – UFRGS

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock
Instituto de Ciências Humanas – UFJF

Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade
Centro Universitário UniAcademia – UniAcademia

Prof^a. Dr^a. Lia Ciomar Macedo de Faria
Faculdade de Educação – UERJ

Rio de Janeiro
2022

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a todas as pessoas que ainda anseiam buscar uma Casa e aos que sobrevivem em sua solitária busca.

Àqueles que já a encontraram, peço cordialmente que não se tornem intolerantes, apesar de seus medos.

Há muitas Casas para habitar.

Elas podem ser verbalmente nominadas de Amor, Educação, Ideologia, Fé, Dor, Instituições, enfim, podem até não ter nomes.

Mas, ao longo dessa jornada, tenho olhado a solidão driblar o tempo, à procura de uma morada segura para chamar de Casa.

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grata Àquele que – Absoluto – sustenta o mundo por Sua Palavra.

Acredito piamente na existência dos anjos e creio que muitos me acompanharam de forma especial nesses quatro anos. Seu doce perfume acompanhou toda a minha trajetória.

Talvez a palavra mais significativa capaz de interpretar a trajetória e o tempo de minha formação seja: Encontros. Sim, acredito que a Vida seja feita com/por/de/nos Encontros, no sentido buberiano da aceção. E, sob essa perspectiva, tive a oportunidade de experienciar vários encontros, os quais, se me derem a devida licença, gostaria de deixar registrado.

Aos sobreviventes da Shoá. História Patrimônio de toda a humanidade.

Aos fundadores da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis, pela ousada beleza do sonho concretizado. Valentes guardiões de sua memória ancestral.

À Diretoria da Yeshivá, por me receberem com particular dignidade.

À Prof^a. Dr^a. Maria Celi Chaves Vasconcelos agradeço pela generosidade em me aceitar no Grupo de Pesquisa, concedendo-me licença para uma formação acadêmica em que a educação foi tecendo valorosas percepções e aprendizagens. Guardo na memória da minha vida, com particular apreço, todas as lições.

À Prof^a. Dr^a. Lia Ciomar de Macedo Faria, pela gentil disponibilidade em colaborar.

À Prof^a. Dr^a. Dóris Bittencourt Almeida, agradeço o aceite zeloso.

Ao Prof. Dr. Volney José Berkenbrock, pelo apoio e bondade.

Ao Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade, obrigada pela hospitalidade fraterna.

Ao CAPES, importante agência nacional de fomento à pesquisa e educação.

Em todo o meu processo de estudo, Theo foi, desde a minha inscrição até a conclusão, o chão, o ouvido, o menino-homem que compartilhou não só os textos e os teóricos, mas as muitas lágrimas desses quatro anos. Ele foi o prumo! Houve momentos em que só ele estava por lá, e com o seu absoluto silêncio tranquilizava-me com uma angústia cheia de esperança. Para ele, em especial, faltam-me palavras e verto-me em lágrimas de Amor. Que o Eterno possa alegrar seu generoso coração!

Agradeço à Liz pela bondade de seu pragmatismo! Ela se formou no meio da minha pesquisa! Noivou e agora vai casar! Tão linda e cuidadosa. Vivemos boas aventuras

cúmplices nesses quatro anos! Uma vida em que lágrimas e sorrisos altos inundaram os espaços.

Agora, também agradeço ao Vitor. Por alegrar com amor o meu sorriso!

Ao Leonardo, uma sentença: o amor é forte como a morte.

À minha mãe, sinônimo de grande amor. Sua vida me ensinou!

O que dizer da Bruna? Seguro refúgio, sorriso, colo e palavras consoladoras. Bruna é um compêndio de sabedoria. Quantas situações vivemos e, nesses dias, a saudade da convivência diária apertou nossos corações, tornamo-nos mais unidas. Amiga e conselheira, ajuda-me a ser uma pessoa melhor! Bruna é sempre amor presente! Por mais Brunas no mundo!

Eu tive a oportunidade de experimentar encontros com o Grupo de Pesquisa História e Memória das políticas educacionais no território fluminense em dois distintos momentos. Assim, agradeço à primeira turma que me recepcionou, em especial à conjunção do tempo, por me possibilitar conhecer pessoas como Fabiana, Micheli, Ana, Jaqueline, Karine, Gilmara, Eveline e Tiago, porque nelas o coleguismo se transformou em amor sob medidas diferenciadas. Posso dizer que tive o privilégio de ser recebida e acolhida. Agradeço as preces, as dicas, a paciência, o tratamento carinhoso, os olhares engraçados – aqueles que só os alunos, em sua unidade, são detentores. Olhares que, para além da sala 12037, serão para toda a vida, pois estão repletos de quem somos. Como num imenso jardim, pude ser encharcada com a beleza da Vida deles.

Um segundo tempo foi experienciado atrás das telas, nas aulas online. Assim, Caroline, Beatriz, Alessandro, Izabel e Luciana foram plantados no meu jardim. Novas flores em processo de formação.

Com tinta de especial feitura, grafo meu obrigada ao Tiago Xavier. Profunda admiração passei a ter pela sua pessoa.

Raquel foi um encontro desses que os anjos sorriem!

E, aqui, um agradecimento etimologicamente especial à Maitê! Localizado na categoria da Graça, no sublime Encontro de olhos inocentes e respiração suave, nos amamos à primeira vista! Os pais dela vieram no pacotinho surpresa! Aquelas embalagens que são cuidadosamente preparadas para os amigos de nossos filhos e distribuídas nos eventos de celebração. É isso! Eveline e Alessandro são o que em Minas chamamos de família do coração. Devo muito à Eveline! Os seus saberes, consciência, reflexões, ralhos, lealdade e

fidelidade são, nos dias de hoje, um raro e precioso encontro de Vida! Guardo os três no altar dos amigos-anjos!

Agradeço à Maria! Um presente que o ProPEd me deu. Um Encontro verdadeiro. Cheio de silêncios e sons do lado do amor-coragem-inspiração-admiração.

Aos meus colegas de trabalho, meu obrigada com abraço apertado. A escola em que trabalho é quase minha segunda casa. Costumo dizer que amo aquele Estado-Nação! Tão diversa e intensa que, lá, rapidamente se passaram 29 anos da minha vida. À escola, que me contemplou com a minha profissão, sou grata por me ensinar a olhar as pessoas por baixo da camada de poeira do mundo que elas carregam em seu peito. Como diria o Johnny Alf: “É só olhar, depois sorrir, depois gostar!”. A ‘minha’ escola, nas pessoas que passaram por lá, fez-me ser mais gente. Aumentou minha esperança e fé! De lá guardo muitos sorrisos e uma memória encharcada de quem eu sou.

Dedico esta pesquisa aos meus irmãos-amigos, Beth, Sylvio, Gabriel, Kátia, Cleusa, Wassil, Jaque, Bete, Marco (*in memorian*) – quanta saudade! Guardei todo o seu amor, exemplo e palavras no meu coração –, Rogéria, Pedro, Joana, Pedrinho, Ana Cristina, Ana Paula, Josmara, Dila, Sol, e Marlow, obrigada por respeitarem meus tempos de submersão e perseverarem em ser tão meus!

À Vania Lacerda, sua arte de fazer as letras parecerem bonitas propiciou um Encontro para a vida!

Ao meu amigo todo especial, menino-senhor Ostra! Nos dias que perfazem o tempo, por vezes nos vemos rapidamente. Sempre é bom.

Ao longo desses anos ganhei pessoas-presentes, com as quais aguardo o auspicioso momento de poder sentar e prostrar. Ah! “Quem tem um amigo tem tudo!”, como já disse o Sr. Wilson das Neves. E é no Encontro diário com cada pessoa que a Dádiva de nossa humanidade se renova.

Somente os que amam conhecem o poder e a Graça das palavras acima.

RESUMO

NOVAIS, Vanessa dos Santos. *Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis: dos pergaminhos judaicos à primeira escola rabínica brasileira*. 2022. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O presente estudo aborda as contribuições da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis para a difusão e consolidação da comunidade religiosa ortodoxa judaica no Brasil. A partir do longo caminho percorrido pelos pergaminhos sagrados do judaísmo, o problema desta pesquisa busca investigar como foi edificada a primeira escola rabínica em terras brasileiras. Em seu objetivo geral intenta compreender as singularidades de uma educação que se encontra estabelecida como um mandamento divino prescrito nas escrituras sagradas, memória que é lembrada e invocada diariamente na Yeshivá de Petrópolis. Em um plano específico, anseia refletir sobre a trajetória narrativa que compõe a formação do povo judeu, presente na escrita de seus cânones, e sua importância para a educação religiosa; bem como identificar como o chassidismo difundiu no Brasil uma concepção pietista das letras da Torá, tendo por perspectiva os diligentes esforços do casal Chaim e Rivka Benjamini; e interpretar, a partir dos periódicos editados por ex-alunos e dos documentos oficiais de autorização da instituição escolar, a contribuição da Yeshivá de Petrópolis no desenvolvimento da comunidade judaica brasileira. Os procedimentos metodológicos remetem-se a uma pesquisa histórico documental, essencialmente bibliográfica, que teve como principais fontes os arquivos públicos da instituição de ensino e os registros memorialísticos de seus ex-alunos e membros da comunidade. No que tange ao referencial teórico, o estudo dialoga com autores que nos auxiliam a compreender como a constituição escrita do corpus teológico judaico fundamentou uma religião de continuidade, como Goody (2012), Yerushalmi (1992) e Sacks (2002). No que concerne à operação historiográfica (Certeau, 1982), apoia-se em Benjamin (2012), para quem as palavras se articulam de maneira a produzir um sentido ao passado rememorado. De igual modo, Buber (2008) confere a aproximação necessária para um melhor entendimento sobre o sentido da vida em comunidade. Em síntese, pode-se concluir que a Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis cumpre um papel relevante na comunidade judaica, compondo um elo na corrente que liga as gerações passadas às futuras, unindo cosmovisões ancestrais no tempo e no espaço.

Palavras-chave: Pergaminhos judaicos; Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis, Educação religiosa ortodoxa judaica.

ABSTRACT

NOVAIS, Vanessa dos Santos. Yeshivá Colegial Machané Israel of Petrópolis: from jewish scrolls to the first Brazilian rabbinical school. 2022. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022

This study considers the contributions of the Yeshivá Colegial Machané Israel school of Petrópolis, to the spread and consolidation of the Orthodox Jewish religious community in Brazil. Based on the long path traveled by the holy scrolls of Judaism, the problem of this research is to investigate how the first rabbinical school in Brazilian lands was established. As its general goal, it intends to understand the particularities of an education that's established as a divine mandate prescribed in the holy scriptures, a memory that is raised daily in the Petrópolis Yeshivá. As its specific goals, it seeks to reflect on the narrative trajectory that makes up the formation of the Jewish people, present in their written canons, and its importance for religious education; as well as to identify how Chassidism spread in Brazil a pietistic conception of the Torah's writings, using the diligent efforts of the couple Chaim and Rivka Benjamini for perspective; and to interpret, from the periodicals edited by former students and from the official documents authorizing the educational institution, the contribution of the Yeshivá of Petrópolis in the development of the Brazilian Jewish community. The methodological procedures consist of an essentially bibliographical historical document research, which had as its main sources the public archives of the school and the memorial registries of its ex-students and community members. Regarding the theoretical framework, the study dialogues with authors who assist with understanding how the written constitution of the Jewish theological corpus supports a religion of continuity, such as Goody (2012), Yerushalmi (1992), and Sacks (2002). In what concerns the historiographical operation (Certeau, 1982), it relies on Benjamin (2012), for whom the words are articulated in such a way as to produce a sense of remembered past. Likewise, Buber (2008) confers the necessary approximation for a better understanding of the meaning of community life. In summary, it can be concluded that the Yeshivá Colegial Machané Israel of Petrópolis plays a relevant role in the Jewish community, making up a link in the chain that connects the past generations to future ones, uniting ancestral cosmovisions in time and space.

Keywords: Jewish Scrolls. Yeshivá Colegial Machané Israel of Petrópolis. Orthodox Jewish Religious Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- O Oriente Médio Antigo.....	55
Figura 2	- O Oriente Médio Atual (O Crescente Fértil)	56
Figura 3	- A Rota de Abraão, de Ur a Haran e a Canaã.....	58
Figura 4	- Decálogo Tábuas da Lei com os Dez Mandamentos.....	66
Figura 5	- Organograma do Livros Judaicos.....	100
Figura 6	- Réplica da Casa de Baal Shem Tov.....	112
Figura 7	- Solicitação de Abertura Escolar.....	161
Figura 8	- Parecer da Comissão de Verificação Prévia da Yeshivá.....	164
Figura 9	- Convênio para estágio do Curso de Formação de Professores.....	168
Figura 10	- Registro em Cartório da Sociedade Civil Yeshivá.....	170
Figura 11	- Continuação do Registro da Sociedade Civil.....	171
Figura 12	- Justificativa da Natureza e Finalidade da Escola.....	179
Figura 13	- Reconhecimento da Instituição Escolar.....	182
Figura 14	- Autorização de funcionamento da Yeshivá de Petrópolis.....	184
Figura 15	- Ofício ao Delegado Regional do Ministério de Educação e Cultura	185
Figura 16	- Registro da escritura de promessa de compra e venda.....	196
Figura 17	- Rebbe Menachem Schneerson.....	207
Figura 18	- Trecho dos anúncios selecionados.....	209
Figura 19	- Trecho dos anúncios selecionados.....	210
Figura 20	- Trecho dos anúncios selecionados.....	211
Figura 21	- Trecho dos anúncios selecionados.....	212

Figura 22	- Correspondência de Gabriel.....	215
Figura 23	- Capa da revista dos 40 anos da Yeshivá de Petrópolis.....	223
Figura 24	- Propriedade do complexo educacional.....	228
Figura 25	- Prédios da sinagoga e do <i>micvê</i>	229
Figura 26	- Alunos em <i>chavrutá</i> na sinagoga.....	230

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Levantamento dos estudos realizados sobre Yeshivá e educação ortodoxa.....	29
Quadro 2	- Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis – Revista em celebração dos 30 anos – 1996.....	44
Quadro 3	- Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis – Revista em celebração dos 40 anos – 2006.....	48
Quadro 4	- Doze conceitos principais de Baal Shem Tov.....	116
Quadro 5	- Relação de processos da Y.C.M.I. na SEEDUC.....	159
Quadro 6	- Títulos e Capítulos do Regimento Escolar da Yeshivá de Petrópolis	173
Quadro 7	- Alterações do Regimento Escolar.....	188
Quadro 8	- Periódico comemorativo de 30 anos da Yeshivá de Petrópolis.....	206
Quadro 9	- Depoimentos de visitantes sobre a Yeshivá de Petrópolis.....	214

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHJB	Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
ANPUH	Associação Nacional de História
BETSH	Baal Shem Tov
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CONIB	Confederação Israelista do Brasil
CRECT	Centro Regional de Educação, Cultura e Trabalho de Petrópolis
OSM	Organização Sionista Mundial
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
RJ	Rio de Janeiro
SOE	Serviço de Orientação Educacional
SOP	Serviço de Orientação Pedagógica
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
YCMI	Yeshivá Colegial Machané Israel

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 <i>SHEMÁ ISRAEL: OUVES, Ó ISRAEL</i>	52
1.1 No princípio havia um verbo e ele nos mandou escrever	53
1.2 Entre as lágrimas de lembrança: escrevemos nosso Livro	73
1.3 Na diáspora fomos às <i>Yeshivot</i>	92
2 <i>MORASHÁ: A HERANÇA E O LEGADO DOS SÁBIOS</i>	108
2.1 Chassidismo: o movimento do Senhor do Bom Nome	108
2.2 Letras de um pergaminho: o percurso do casal Rivka e Chaim Benjamini	122
2.3 Cartas de uma comunidade porvir	143
3 <i>YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL DE PETRÓPOLIS</i>	156
3.1 Papéis para uma identidade documental: o que guardam os arquivos da Yeshivá	156
3.2 No livro das memórias: escrevemos as nossas lembranças	191
3.2.1 <u>Com a palavra: as lembranças do tempo na Yeshivá de Petrópolis</u>	201
CONSIDERAÇÕES FINAIS	241
REFERÊNCIAS	252
APÊNDICE A - Quadro com divisão dos livros bíblicos do Talmud	260
ANEXO A - Regimento Escolar	264
ANEXO B - Continuação do parecer da comissão de verificação prévia da Yeshivá Colegial	282
ANEXO C - Estatuto de Sociedade Civil da Yeshivá de Petrópolis	283
ANEXO D - Parecer de ficha de dados complementares da Yeshivá	292
ANEXO E - Grade curricular de habilitação básica de Construção Civil, Magistério e relação de professores	296
ANEXO F - Plano de Atividades e Grade Curricular	301

ANEXO G - Publicação no Diário Oficial do Estado.....	305
--	------------

INTRODUÇÃO

Creio no Sol, mesmo quando não brilha. Creio no amor, mesmo quando não o sinto. Creio em Deus, mesmo quando se cala¹ (SEDE, 2002).

Há alguns anos, perguntei a um grande amigo sobre quem era Deus. Na época, depois de sorrir da ingenuidade de minha indagação, ele contou-me cuidadosamente acerca de sua experiência com Deus, a qual, em sua completude, não pude compreender ou sequer dimensionar. Mas, naquela noite fria de outono, uma pequena frase criou raízes profundas em minha alma: “Sabe, Vanessa, aquela saudade que você sente e não sabe do que é? Uma saudade de algo que você nunca viu ou sentiu? É isso! [...] Ele tem cheiro de Casa! ”.

Finalmente alguém me elucidou um conceito, tão subjetivo e imaterial, com digna clareza! Havia certo sentido social naquelas palavras. Nasci em tempos políticos difíceis e sob o peso de um governo civil-militar não democrático, dessa forma, minha família e criação proporcionaram-me momentos de inúmeras discussões e indagações acerca das questões sociais, políticas e econômicas do país. Pensamentos, argumentos e ações cômguas sempre estiveram guiadas à luz da racionalidade histórica. No entanto, postas as urgências políticas e sociais, cresci longe de qualquer experiência com o sagrado. Mas, apesar de não ter recebido nenhuma formação religiosa específica, a consciência da presença divina, expressa na beleza da criação e no verbo amar, sempre me acompanhou, assim como inúmeras indagações acerca de Deus e de sua relação com o ser humano.

Dessa forma, ante as angústias dos dias e a feiura manifesta nas desigualdades e abusos, aquela frase soou como um profundo e significativo sentido em minha vida. Uma Casa para os desalentados de corpo, alma e coração, ali era o lugar onde estava Deus. Ele poderia estar, em toda sua onisciência, completando aqueles que se encontravam incompletos e carentes de refúgio e amparo.

Minhas escolhas e formação universitária desenvolveram-se dos 16 aos 19 anos.

¹ Oração judaica no livro Sede de Deus – orações do Judaísmo, Cristianismo e Islã. Teixeira, Berkenbrock Orgs. 2002.

À época de meu ensino médio havia latente em mim inquietudes juvenis e o desejo de compreensão do ser humano em suas complexas ações e interferências no mundo que o cerca. Alguns livros, filmes e poetas influenciaram fortemente a escolha de minha graduação.

Cursei Filosofia no final da década de 1980, na Universidade Federal de Juiz de Fora, o que a princípio não era muito comum. Lembro-me de meus colegas de curso serem muito mais velhos que eu, e a maioria era composta por religiosos católicos ou protestantes que complementavam seus estudos teológicos – algumas de suas indagações e cosmovisões nem sequer passavam pela minha mente.

Muitos dos meus professores eram padres que pediram dispensa do sacramento da ordem para se casar. Haviam estudado fora do Brasil e tinham seus pensamentos fundamentados na teologia agostiniana; logo, a lógica viva, numa retórica congruente, fez-se presente em meus anos de graduação, além da firme presença e noção do Divino.

Após a conclusão do curso de Filosofia aos 19 anos, ingressei no lato sensu de Problemas no Desempenho Escolar, na Faculdade de Humanidades Pedro II, tendo realizado meu estágio no Colégio Liessin/RJ, a convite de sua coordenação pedagógica. Não obstante, as práticas escolares vivenciadas no interior da referida instituição escolar judaica ampliaram a dimensão da perspectiva histórica sobre os muitos significados de ser imigrante. Da curta experiência, recordo-me de ser profundamente impactada por duas palavras que me acompanham até o momento: memória e geração.

Assim, no decorrer de meu estágio, compreendi e valorizei a importância do conhecimento como patrimônio da humanidade; à educação, cabe regê-lo como um bem comum. Dessa forma, pautada sob os princípios de igualdade e fraternidade nos quais fui educada, tomei consciência de que gostaria de trabalhar com as classes sociais e econômicas menos favorecidas. Então, voltei para Juiz de Fora e me inscrevi no antigo Curso Normal. Ao terminá-lo comecei a experimentar alguns campos pedagógicos, tais como a educação de pessoas portadoras de necessidades especiais e a educação infantil.

No ano de 1993, após ser aprovada em concurso público, comecei a lecionar na Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora, meu objetivo, e encontro-me lotada na mesma escola, desde que fui nomeada. No decorrer desses 28 anos de sala de aula, inserida numa mesma comunidade, vivenciei em minha prática docente muitas das

políticas públicas e novas tendências educacionais propostas. A escola em que trabalho se situa ao lado do *campus* da Universidade Federal de Juiz de Fora, e muitos foram os estagiários que recebemos em nossa comunidade escolar, oriundos dos mais diferenciados cursos de graduação da referida instituição. Em sua maioria esmagadora, escolhiam nossa escola para pesquisa, sem, no entanto, cumprir a promessa de discussão e auxílio às críticas e levantamentos realizados. Eram as conhecidas “pesquisas-denúncias”. Confesso que esse ato de levantar e apontar problemas e críticas e não participar conjuntamente das propostas e soluções criou em mim um descontentamento e, por consequência, um distanciamento da área acadêmica.

Assim, desenvolvi meus trabalhos docentes sem muito me envolver com o campo acadêmico. Mas, após alguns anos inserida na mesma comunidade, tive a oportunidade de perceber o quanto as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais foram modificando o perfil da escola, das famílias e, muitas vezes, o sentido e a função da instituição de ensino. As novas relações socioafetivas, a drogadição, o fracasso e a evasão escolar redimensionavam a prática docente.

No ano de 2007, então, ingressei no programa de mestrado da Universidade Católica de Petrópolis/RJ. À época, meus olhares e indagações referiam-se a um programa de Educação não formal pioneiro no Brasil e, segundo dados pesquisados, anterior a todas as legislações de amparo e desenvolvimento social no país: o Programa Curumim. Ao longo dessa pesquisa, acompanhei educandos em situação de vulnerabilidade e risco social e constatei como suas relações e atitudes para com o espaço escolar se modificavam de forma positiva, em variados aspectos, inclusive na nota, redimensionando a compreensão do que a escola representava para eles.

A pesquisa, de abordagem qualitativa etnográfica, teve como tema o processo em que se efetivou o crescimento de políticas públicas de assistência no campo da educação não formal. Para tanto, considerou a conceituação da educação não formal como sendo um processo educativo socializador capaz de desenvolver nos educandos as potencialidades e criatividade necessárias para um comprometimento com o desenvolvimento social.

Em 2013, após ser contemplada com um prêmio do Fundo de Apoio à Pesquisa na Educação Básica, no município de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, minha

dissertação foi publicada em formato de livro². A partir de então, uma provocante pergunta iniciou um processo de inquietante curiosidade e fez-me pensar na possibilidade e no desejo de estudar novamente. Após ler meu trabalho, uma amiga perguntou-me se eu era contra a educação escolar e por quais razões eu, como professora da educação básica, nunca havia estudado uma escola.

Ainda que de forma superficial, respondi-lhe que no momento que encontrasse uma escola com características diferenciadas, composta por um sistema educacional que procurasse compreender o homem em sua completude, um espaço com os desenhos e o aconchego de um lar, um lugar em que, juntos, educadores e educandos pautassem seus ideários na valorização da formação integral do ser humano, sobretudo empenhando-se no entendimento e compreensão das diferentes perspectivas e possibilidades que permeiam a educação, iniciaria um projeto para estudá-la. Dessa forma, dei por encerrada a conversa e não mais pensei no assunto.

Certo dia, ao encontrar minha atual orientadora, ela perguntou-me sobre meu interesse em estudar uma escola confessional diferente, de tempo integral. Entregando-me um exemplar de uma Revista da National Geographic Brasil (2008), indagou-me se eu acreditava na possibilidade de ter acesso a uma instituição escolar religiosa judaico-ortodoxa. Uma escola interna, pouco conhecida e apenas para meninos judeus. Mais do que o texto, as fotografias chamaram minha atenção, pois era possível perceber a alegria familiar com que jovens estudantes, em suas formais vestimentas, divertiam-se. De posse da revista, pedi para lê-la em casa e, passadas as celebrações do Ano Novo judaico, procurei entrar em contato com a referida instituição de ensino.

Isso posto, a reportagem apresentava a Yeshivá³ Colegial Machané Israel de Petrópolis, em outras palavras, a primeira escola rabínica do Brasil e da América Latina. Uma escola de ensino técnico profissionalizante que recebe alunos a partir do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, fundada por Chaim e Rivka Binjamini⁴

² NOVAIS, Vanessa dos Santos, *A sócio-educação no município de Juiz de Fora: o Programa Curumim*. Juiz de Fora: Templo, 2014.

³ Escola onde se reúnem os professores com seus discípulos para estudarem as Leis judaicas (SZPICZKOWSKI, 2008).

⁴ No decorrer da presente Tese observou-se diferentes grafias para enunciar alguns nomes e palavras oriundos da língua hebraica. Dessa forma respeitou-se a escrita em conformidade com as fontes dos textos apresentados.

em 1966, dois imigrantes sobreviventes de campos de concentração e extermínio da Segunda Guerra. O objetivo inicial do casal foi a criação de uma escola com formação religiosa, em regime de internato, onde jovens judeus pudessem ter uma experiência prática com o Judaísmo – um espaço destinado ao aprofundamento e estudo da Torá⁵.

Estava, dessa forma, diante de uma peculiar instituição escolar com singularidades próprias e ímpares. Ao entrar em contato com a Yeshivá, de pronto fui recebida. Numa longa conversa com seu diretor⁶, fui convidada a conhecer seu interior, algumas de suas características físicas e saber curiosidades acerca do lugar que sedia a instituição, sua fundação, os objetivos, metodologias e seu público-alvo. Tornava-se crescente o anseio em estender o olhar e poder compreender melhor e de forma mais aprofundada aquela dinâmica de ensino. Mais tarde, recordei-me o quanto as palavras geração e memória permaneceram entranhadas em minha trajetória profissional e de vida, a partir de meu primeiro estágio profissional.

Encontrava-me num prelúdio do que imaginara para uma pesquisa de doutoramento. A Yeshivá traz, em certo sentido, um compromisso na compreensão de uma temporalidade que se impõe categoricamente como sendo seu próprio tempo, dentro de uma comunidade judaica ortodoxa. Dito de outra forma, na Yeshivá o tempo presente é a construção que vivifica um passado repleto de significativos valores ancestrais. Assim, as práticas cotidianas e os conhecimentos perpassados por gerações, quando interpenetrados, constituem-se numa luta pela sobrevivência e contra a coisificação à qual foi submetido o homem moderno, conforme afirma Buber (2008).

A princípio, a Yeshivá apresentou-se como uma casa, uma comunidade religiosa, no lugar de uma instituição escolar de ensino formal; o ato de educar, sob um viés de intergeracionalidade, uma vida em que a educação abrange intencionalmente a formação do homem em suas mais distintas perspectivas. Dessa forma, estava posto sobre a mesa um banquete em que inúmeras possibilidades dialógicas poderiam compor um estudo sobre a educação judaico-ortodoxa no Brasil. Diante desse contexto, e a

⁵ A Torá significa ensinamento e compreende o Pentateuco, a Mishná e toda literatura religiosa judaica (SZPICZKOWSKI, 2008, p. 190).

⁶ O atual diretor da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis é o rabino Abraham Binjamini, filho do fundador da instituição.

partir de uma pesquisa nos repositórios acadêmicos, constatou-se que a história da Yeshivá de Petrópolis ainda não fora pesquisada.

Nessa direção, é importante assinalar que, em sua proposta inicial, a Tese se encontrava metodologicamente fundamentada numa pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, composta por uma triangulação entre observações *in loco*, análise documental do projeto político pedagógico e entrevistas narrativas com os mestres e alunos da Yeshivá de Petrópolis, procedimentos estes já previamente acordados e autorizados. As investigações etnográficas tinham por intuito uma melhor apreensão acerca da estrutura de funcionamento escolar da primeira escola rabínica do Brasil. Na mesma medida, a partir de seu cotidiano escolar, buscava-se compreender e analisar os conhecimentos e saberes perpassados de geração em geração na referida instituição.

No entanto, torna-se pertinente explicitar que, após o exame público de defesa de qualificação da presente Tese, mais especificamente quando eu iria adentrar para a pesquisa de campo e iniciar os caminhos investigativos inicialmente idealizados na composição dos procedimentos metodológicos, em março de 2020 uma pandemia, de proporções mundiais, do novo coronavírus (Sars-Cov-2) impactou o mundo e, por conseguinte, o Brasil. As instituições escolares por todo o país fecharam suas portas e muitas cidades, à despeito das orientações do governo federal, fizeram barreiras sanitárias e decretaram *lockdown*⁷. O recrudescimento da pandemia fez com que a cidade em que resido, Juiz de Fora, decretasse *lockdown* todas as vezes em que os índices sanitários indicaram a medida protetiva.

O município de Petrópolis também ficou com as suas instituições escolares fechadas⁸, e por longos meses, durante o ano de 2020, as barreiras sanitárias

⁷ "Lockdown" é uma expressão em inglês que, na tradução literal, significa confinamento ou fechamento total. Ela vem sendo usada frequentemente desde o agravamento da pandemia da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2). Embora não tenha uma definição única, o "lockdown" é, na prática, a medida mais radical imposta por governos para que haja distanciamento social – uma espécie de bloqueio total em que as pessoas devem, de modo geral, ficar em casa.

Visto em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/06/entenda-o-que-e-lockdown.ghtml>.

⁸ A volta às aulas no município de Petrópolis, na modalidade de ensino híbrido, somente foi retomada, e, mesmo assim, em parte das instituições escolares, na data de 13/09/2020. <https://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/imprensa/noticias/item/17740-educa%C3%A7%C3%A3o-rede-municipal-de-petr%C3%B3polis-retoma-aulas-presenciais.html>

dificultaram tanto a saída de Juiz de Fora como a entrada em Petrópolis. Em 2021, frente às muitas adversidades causadas pela pandemia, mesmo quando ocorreu a vacinação de parte da população brasileira e houve maior flexibilização no retorno às atividades escolares com a modalidade de ensino híbrido⁹ sendo instituída na maior parte do país, a Yeshivá de Petrópolis evitou o acesso às suas dependências no intuito de preservar a vida, evitando, dessa forma, os possíveis riscos de contaminação dos mestres e seus familiares que lá residem.

Quando retomo os últimos acertos para a defesa da Tese, lamentavelmente escrevo sob a égide de mais de 614 mil vidas perdidas, de acordo com os dados oficiais do país. Ainda assim, esses números não contabilizam as perdas em decorrência das inúmeras doenças associadas ao desenvolvimento do novo coronavírus (Sars-Cov-2), as quais não se encontram devidamente registradas. É oportuno destacar que a religião judaica prima, em suas escrituras sagradas, pela vida, assim que, até outubro de 2021, a Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis se encontrava fechada até mesmo para seus alunos, optando, por conseguinte, pela continuidade do ensino remoto.

Dessa maneira, para dar continuidade aos estudos sobre a temática da pesquisa, fez-se necessário um reexame dos princípios metodológicos com o intuito de procurar responder às questões iniciais e complementares da Tese proposta, as quais, todavia, não seriam mais aquelas que me levariam a campo, uma vez que, conforme acima descrito, a instituição escolar encontrava-se completamente obstaculizada, embora o seu acesso houvesse sido previamente autorizado. Ante esse hiato epistemológico, parti em busca de outras formas de realização da pesquisa que pudessem contemplar a temática anteriormente proposta, mas que lograssem prescindir o trabalho etnográfico.

Assim sendo, após uma extensa busca nas redes, encontrei a Yeshivá Colegial de Petrópolis e sua sinagoga citadas numa outra Tese de doutorado e num artigo de livro, consoante a descrição no Quadro 1, localizado na página 29. Do mesmo modo, ressalto que os livros: *A yeshivá como proposta de educação judaica no Brasil*, de Alberto

⁹ O ensino híbrido visa possibilitar a promoção da educação mediante a combinação entre o ensino presencial e as propostas de ensino disponibilizadas em plataformas digitais. Sobre o assunto: *Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação*. Lilian Bacich. Editora Penso, 2015. Porto Alegre, RS.

Samuel Milkewitz Trzonowicz (2001); *Quem tem Medo da Educação Religiosa? A Educação Religiosa Ortodoxa Judaica*, de Claudia Malbergier Caon (1996); e *Educação e Talmud*, de Ana Szpiczkowski (2008) igualmente me auxiliaram numa melhor compreensão no tocante às conceituações sobre a educação ortodoxa judaica.

Foi nesse momento que relembrei estar com duas revistas sobre a Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis, editadas por ex-alunos da instituição, que haviam me sido emprestadas pelo atual coordenador pedagógico da escola, professor Bini, quando realizei a sua entrevista narrativa, ainda no mês de dezembro de 2020¹⁰. Os periódicos foram publicados em homenagem aos aniversários de 30 e 40 anos da escola e possuem um expressivo acervo fotográfico e um significativo número de depoimentos de ex-alunos, membros e autoridades da comunidade judaica no Brasil e no mundo, bem como informações sobre o funcionamento da Yeshivá Colegial e da Michlalá de Petrópolis.

Tendo em vista as alterações metodológicas que se fizeram necessárias, ao tomar conhecimento dos conteúdos abordados nos periódicos pude dimensionar de forma mais acurada as importantes contribuições da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis para a difusão do Judaísmo ortodoxo e, dessa maneira, na consolidação da comunidade religiosa ortodoxa judaica no Brasil. Nesse sentido, cabe ressaltar que a presente Tese se encontra fundamentada numa pesquisa qualitativa histórico documental e para tal apoiase nas revistas celebrativas da Yeshivá de Petrópolis e nos documentos oficiais da referida instituição escolar, os quais estão disponíveis nos arquivos públicos da Diretoria Regional Serrana I, em Petrópolis, órgão da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro.

O problema desta pesquisa, então, busca investigar como a escrita dos pergaminhos sagrados do Judaísmo percorreram um longo caminho através dos séculos

¹⁰ Assinalo que, ainda no decorrer do ano de 2020, mesmo em pandemia e com o campo fechado, procurei dar prosseguimento aos procedimentos metodológicos que haviam sido anteriormente propostos. Assim, optei por não utilizar algumas entrevistas que possuo, em função da modificação dos objetivos da Tese. Os periódicos comemorativos me foram gentilmente emprestados pelo atual coordenador da Yeshivá de Petrópolis, quando de sua entrevista realizada no dia 08/12/2020, em sua residência, em Petrópolis. O professor Bini, como gosta de ser referenciado, possui especial apreço pela instituição escolar, por seus alunos e ex-alunos, assim como pelos periódicos, pois lhe trazem excelentes lembranças de sua trajetória profissional e de vida, conforme ressaltado à época.

até edificarem a Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis, a primeira escola rabínica em terras brasileiras, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade religiosa ortodoxa judaica no Brasil.

Desse modo, em um plano geral, busca-se compreender as singularidades de uma educação que se encontra estabelecida como um mandamento divino, prescrito nas escrituras sagradas, a pesquisa circunscreve um diálogo com as narrativas presentes na literatura judaica, no intuito de iluminar importantes princípios de alguns dos mandamentos que regem a educação religiosa ortodoxa judaica. E em seus objetivos específicos anseia:

- a partir da historiografia bíblica, refletir sobre a trajetória narrativa que compõe a formação do povo judeu, presente na escrita de seus cânones, e sua importância para a educação religiosa, demonstrada no primeiro capítulo da Tese;
- identificar como o chassidismo difundiu no Brasil uma concepção pietista das letras da Torá, tendo por perspectiva os diligentes esforços do casal Chaim e Rivka Benjamini na transmissão dos valores da educação religiosa ortodoxa judaica, evidenciado no segundo capítulo da Tese;
- interpretar, a partir dos periódicos editados por ex-alunos e dos documentos oficiais de autorização da instituição escolar, a contribuição da YCMI de Petrópolis no desenvolvimento da comunidade religiosa ortodoxa judaica brasileira, presente no terceiro e último capítulo.

Nesse sentido, procura-se identificar como a fidelidade à tradição¹¹ do ensino de seus cânones, nas casas de estudo e *yeshivot*, contribuiu, ao longo dos séculos, para o entrelaçamento inextricável da educação religiosa para o exercício da vida em comunidade e a continuidade do Judaísmo. Em seguida, apresentam-se os periódicos organizados e editados por ex-alunos para celebrar os aniversários de 30 e 40 anos de funcionamento da Yeshivá de Petrópolis. Neles, busca-se interpretar as ponderações escritas em trechos de depoimentos de ex-alunos e importantes membros da comunidade religiosa judaica no Brasil e no mundo, consoante os documentos públicos que regem a instituição escolar.

¹¹ Termo apresentado por Mircea Eliade em *História das crenças e das ideias religiosas*, volume III. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

À vista do acima exposto, cumpre destacar que a escolha para compor a escrita do *corpus* epistemológico de uma Tese, por si, representa um complexo empreendimento acadêmico. Tais seleções fundamentam não apenas as visões de mundo que tangenciam o tema que desejamos apresentar, mas, sem embargo, trazem palavras imbuídas de vestes e símbolos interpretativos. Pessoalmente, sinto-me no dever ético de situar meu olhar de mulher não judia e professora da educação básica em situação de pesquisa. Dessa maneira, procurei escrever alguns dos conceitos fundamentais para o ensino da fé judaica para, quiçá, realizar uma pequena contribuição para os estudos da História da Educação. Assim que, encantada (GREENBLATT, 1991) ante a possibilidade de conhecer e perscrutar os saberes da primeira escola rabínica judaico ortodoxa no Brasil, busquei construir um caminho investigativo pormenorizado, propício à produção de sentido de uma cultura tão distinta.

No empenho em compreender meu tema de pesquisa, utilizo diferentes lentes, como num jogo de escalas¹², e recorro a seus intrincados elementos para me afastar e aproximar das imagens que anseio ler. Dessa maneira, por vezes os seus recursos trazem diferentes nuances aos reflexos na/da urdidura das narrativas judaicas aqui contempladas, no desenvolvimento de uma comunidade escolar religiosa ortodoxa judaica no Brasil. Ao afastar minhas lentes, procuro lançar luz aos imbricados conhecimentos de um povo que se inscreve na história a partir das manifestações de seu Deus (YERUSHALMI, 1992). Observo, na distância que elas me permitem, a constituição do povo hebreu em judeu e percebo como o esforço, aqui concebido na ação de cravar linhas em um pergaminho, tornou-se um elemento decisório para a preservação de antigas tradições perpassadas de geração em geração. Do mesmo modo, ao aproximar as lentes, observo a dedicação do casal Chaim e Rivka no empenho em constituir uma escola para o estudo da Torá e do Talmud, em sua acepção ortodoxa.

¹² O livro *Jogos de Escala: a experiência da micro-análise*, foi organizado por Jacques Revel e publicado pela Editora FGV, em 1998. Apresentado como resultado de reflexões acerca das relações que permeiam a construção historiográfica, os autores indicam as possibilidades de tessituras, cada vez mais presentes e pertinentes, nas inter-relações entre a Antropologia e a História. Tendo como pano de fundo as perspectivas que envolvem as pesquisas relacionadas com a micro-história, o livro anuncia indagações e temáticas que pautam seus domínios.

Assim que, com as lentes próximas ao tempo presente, percebo como a Yeshivá de Petrópolis contribuiu com a educação religiosa ortodoxa judaica.

De acordo com Certeau (1982), a escrita da história é uma prática social. Cabe, então, ao historiador, o olhar reverente e atencioso ante as fontes, de modo que, ao lembrar de seus indícios, o profícuo diálogo entre passado e futuro viabilize a construção da escrita historiográfica. Assim, pode-se observar sentidos ímpares naqueles que não podem mais falar – por consequência tem-se um porvir rico em alteridade – e, nesse sentido, o autor destaca que

[...] receptível é apenas a teoria que articula uma prática, a saber, a teoria que por um lado abre as práticas para o espaço de uma sociedade e, que, por outro lado, organiza os procedimentos próprios de uma disciplina. Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual se trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática”. Nessa perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um *lugar social*, de *práticas* “científicas” e de uma *escrita* (CERTEAU, 1982, p. 66).

Consoante o pensamento de Certeau (1982), entende-se que o desenvolvimento de uma pesquisa historiográfica se relaciona com um lugar social. No meu caso, encontrava-me egressa no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, matriculada na Linha Instituições, Práticas Educativas e História, espaço socioeducativo propício para o fomento da pesquisa. Nessa perspectiva, as devidas coordenadas e regras acadêmicas são expressões necessárias para uma composição no campo metodológico institucional, uma vez que a pesquisa nos arquivos e a seleção de fontes irão subsidiar e validar a produção de sentido dos conhecimentos construídos. Em suas palavras:

Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudando ao mesmo tempo o seu espaço e o seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz na física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preenchem

lacunas de um conjunto, proposto a *priori*. [...] O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. E o vestígio dos atos que modificam uma *ordem* recebida e uma visão social. Instauradora de signos, expostos a tratamentos específicos, esta ruptura não é, nem apenas nem primordialmente, o efeito de um “olhar”. É necessário aí uma operação técnica (CERTEAU, 1982, p. 81).

No caso específico da presente Tese, um redirecionamento metodológico estratégico propiciou a separação e a reunião dos arquivos memorialísticos dos ex-alunos da instituição, consoante os arquivos públicos sobre a Yeshivá de Petrópolis, permitindo a produção de documentos para o desencadear de uma operação técnica, conforme exemplifica Certeau (1982). Por conseguinte, os esforços compreendidos na operação historiográfica resultam na construção de uma escrita da história. Tal composição obedece a uma arquitetura estável, permeada com um sistema de elementos, regras e conceitos históricos, os quais, elencados pelo pesquisador, se comprometem com uma unidade textual designada pelo próprio autor. Logo, a produção de um sentido sobre o tema ao qual se debruçou acompanha a escrita de seu discurso (CERTEAU, 1982, p. 94).

Ainda de acordo com Certeau (1982), a própria escrita é uma prática social que funciona como uma imagem invertida, visto conferir ao leitor um lugar determinado. Nessa medida, ao redistribuir o espaço das referências simbólicas, impõe uma lição. Assim, também o tempo, em sua condição cronológica, concede recortes em períodos, os quais, unindo conhecimentos do passado e do presente, se constituem num espaço em que as inúmeras possibilidades da escrita narrativa tendem a evidenciar um sentido para o diálogo entre diferentes personagens, valores e suas mentalidades (CERTEAU, 1982, p. 106).

Em meu processo de doutoramento, ao ter acesso a algumas bibliografias, por diversas vezes senti-me tentada a enveredar por biografias e/ou histórias fascinantes de cristãos-novos e criptojudes¹³ presentes e mui partícipes em nosso país desde a

¹³ O livro *Inquisição, imigração e identidade: os judeus no Brasil*, organizado por Keila Grinberg (2005), oferece significativa elucidação sobre o tema. *Das fogueiras da Inquisição às Terras do Brasil – a viagem de 500 anos de uma família judia*, escrito por Joseph Eskenazi Pernidji (2002), auxilia a compreender sobre os territórios percorridos por judeus em sua fuga durante a Inquisição. De igual modo, Salomão Serebrenick, da Associação dos Geógrafos Brasileiros, publicou, em 1962, o livro

colonização. Suas influências nos mais diversos espaços de atuação contribuíram para o desenvolvimento de importantes áreas de conhecimento e saberes. Culturalmente fui capaz de perceber o quanto a assimilação dos costumes criou, em todo o território nacional, as mais diversas interfaces de práticas culturais¹⁴. Ainda hoje, o senso comum que permeia o termo judeu aponta para a união entre etnia, fé, cultura e tradição, de modo que me vi perigosamente fascinada com os aspectos culturais que poderiam ser explorados. No entanto, conforme assinala Certeau (1982), descartar fontes, no intento de salientar a temática da pesquisa, também se constituiu numa importante etapa técnica.

Nesse sentido, inicialmente dediquei-me a inventariar as pesquisas já realizadas sobre a educação judaica no Brasil. As buscas iniciais por Dissertações e Teses nos repositórios públicos¹⁵ e institucionais apontavam para estudos específicos sobre o movimento sionista no país, outros relacionavam-se com áreas específicas do conhecimento linguístico e literário em autores como Clarice Lispector e Moacyr Scliar.

Breve História dos Judeus no Brasil. Nele, o autor inicia sua narrativa à época do Infante D. Henrique, apelidado de “O Navegador”. A fundação da Escola de Sagres – a primeira academia de navegação – foi um período de ricas pesquisas, o qual Serebrenick cita o envolvimento de alguns judeus em pesquisas e invenções que posteriormente ajudariam a desenvolver as grandes navegações portuguesas. Podem-se exemplificar os tratados sobre a *Forma da Terra e Cálculo do Movimento dos Astros*, de Abraham Bar Chia, o *Tratado sobre a Teoria e Prática do Cálculo, Tábuas Astronômicas sobre o Sol e a Lua e Tratado sobre a Balestilha*, de Rabí Leví Bem Gerson (Gersonides), entre outros. Em seguida, já em terras brasileiras, deu-se continuidade à história com o envolvimento dos judeus Gaspar de Lemos e Fernando de Noronha na exploração e colonização do território.

¹⁴ Interfaces entre as práticas religiosas judaica e católica deram origem a hábitos culturais próprios a um sincretismo, dentre eles numero, como exemplo, o hábito de retirar os sapatos, as roupas e lavar-se após a ida ao cemitério (purificação); não misturar algumas comidas; cobrir espelhos após a morte de um ente na família; olhar a primeira estrela do céu, entre outros, como varrer a casa da porta de entrada para dentro. Sobre curiosidades inter-religiosas, indico o documentário *A estrela oculta no Sertão*, de Elaine Eiger e Luíze Valente (2005). Além disso, o livro dos rabinos Maichael Freund e Eliahu Birnbaum *Você tem raízes judaicas? Guia prático para descobrir suas raízes*, da Organização Shavei Israel (2015), também se apresenta como um exemplo da absorção cultural de alguns hábitos israelitas.

¹⁵ Foram consultados os sites da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, do IBICT; do Banco de Teses da Capes; o Google Acadêmico; e as páginas da Sociedade Nacional de História da Educação, onde é possível examinar os anais das edições do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE). De igual forma, foram pesquisados a Revista do Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica (CIPA), a Associação Nacional de História (ANPUH), o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB) e o Acervo Histórico do Museu Judaico (MJ). As buscas nos sites foram realizadas através dos verbetes “Seminário Judaico”, “Chassidismo” e “Yeshivá”, por se entender que abrangem os principais tópicos onde se insere a Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis como fonte.

Ressalto pertinentes trabalhos na área da cultura, fé e ética judaicas.

Fui capaz de identificar expressivos estudos relacionados à migração e colonização judaica na região Amazônica, no Brasil Holandês e, de modo análogo, ao intenso fluxo migratório na região Sul do país, no início do século XX, principalmente nas colônias Phillipson¹⁶, no estado do Rio Grande do Sul. É necessário ainda assinalar o expressivo número de estudos cotejando o antissemitismo na Era Vargas¹⁷.

Destaco ainda os significativos trabalhos relacionados à educação judaica no país¹⁸. No entanto, minhas consultas, por certo, deveriam se tornar mais acuradas, uma vez que precisava mapear e conhecer as pesquisas acadêmicas especificamente relacionadas a seminários rabínicos e *yeshivot* no Brasil. De modo que encontrei apenas breves referências quanto à existência da Yeshivá Colegial Machané de Petrópolis, em livros produzidos por centros de estudos e pesquisas em cultura judaica, ligados a instituições universitárias, tais como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ¹⁹ e a Universidade de São Paulo/USP²⁰.

O Quadro 1, abaixo, assinala as publicações que tangenciam minha temática, ainda que sob uma abordagem teórico-metodológica diferenciada. Destaco as pesquisas, uma vez que as escolas possuem em seu currículo elementos da cultura e fé judaicas. As pesquisas estão distribuídas em ordem cronológica pelas categorias de trabalhos acadêmicos (Teses e Dissertações); a seguir, livros; e, finalizando, artigo e comunicações em eventos científicos.

¹⁶ Sobre colônias Phillipson, destaca-se: *Fazenda Phillipson – Os 110 anos da imigração judaica em Santa Maria* (APUSM); e *Phillipson: uma colônia judaica singular?* (HEUFFEL, 2012).

¹⁷ No Brasil do Estado Novo, o antissemitismo político grassou entre 1937 e 1945, repercutindo em diferentes manifestações de caráter discriminatório (CARNEIRO, 2001).

¹⁸ Sobre o assunto, procurar o Boletim do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro – Educação Judaica no Brasil (AHJB, 2011).

¹⁹ Programa de Estudos Judaicos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

²⁰ Centro de Estudo Judaicos da Universidade de São Paulo.

Quadro 1 – Levantamento dos estudos realizados sobre a Yeshivá e educação ortodoxa

INSTITUIÇÃO/ ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE REFERÊN- CIA E ÁREA	RESUMO E/OU OBJETIVO DO ESTUDO
Universidade de São Paulo 2011	Alberto Samuel Milkewitz Trzonowicz	<i>Indagação filosófica e educação judaica: as leis do estudo da Torá do Código de Maimônides como guia</i>	Tese. Educação	Discute como se articulam os conhecimentos e obrigações da religião judaica em comportamentos e atitudes concretas. À luz dos filósofos Isadore Twersky e Moshe Greenberg, afirma que uma educação filosófica edificada sobre os conceitos de Deus, do Shabat, da Torá e de Olam Habá, o mundo vindouro, produzem uma educação judaica com diferenciais próprios.
Universidade de São Paulo 2008	Daniela Susana Segre Guertzenstein	<i>O uso do computador e da Internet pela comunidade judaica ortodoxa paulistana</i>	Tese. Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica	A pesquisa teve como objetivo demonstrar como são estabelecidas normas e interdições rabínicas relacionadas ao uso de computadores e da Internet. Metodologicamente, encontra-se pautada numa revisão de literatura e no desenvolvimento de entrevistas e questionários com autoridades rabínicas, líderes da comunidade ortodoxa e diretores das instituições escolares de ensino judaicas ortodoxas paulistanas.
Universidade Federal de Pernambuco 2006	Maria Amélia de Morais e Silva	<i>A educação judaica em Pernambuco na interventoria de Agamenon Magalhães (1937- 1945)</i>	Tese. Educação	Enfoca as experiências étnico-identitárias de uma escola judaica da cidade de Recife, em Pernambuco, diante do antissemitismo manifesto pelo interventor do Estado, Agamenon Magalhães, em seu jornal Fôlha da Manhã (1937-1945). Valendo-se da visão da Nova História Cultural e da Escola dos Annales, a autora apresenta as estratégias de sobrevivência da comunidade e demonstra como a escola determinou importante papel no enfrentamento do preconceito na sociedade recifense.
Universidade Federal de Pernambuco 2008	Maria de Oliveira Yolanda	<i>O colégio israelita Moisés Chvarts: tradição e construção da identidade judaica recifense</i>	Disserta- ção. Educação	Tem por base o conceito de <i>habitus</i> do sociólogo judeu Norbert Elias, em sua análise sobre o Colégio Israelita Moisés Chvarts, em Recife, no estado de Pernambuco. Busca saber quão determinantes são as diversas atividades realizadas e em que medida contribuem para

Quadro 1 – Continuação...

				a incorporação e internalização dos valores culturais da fé judaica. Em sua análise metodológica, a História Oral e os elementos de Nova História ajudam no entendimento e na interpretação do valor sacralizado atribuído à educação, na preservação de suas tradições milenares transmitidas intergeracionalmente.
Universidade de São Paulo 2006	Irene Maria Gonçalves Pereira	<i>Lembranças, esquecimentos e documentos: Ginásio Israelita Brasileiro Chaim Nachman Bialik e o enraizamento de um grupo judeu na cidade de São Paulo (1943-1955)</i>	Dissertação. Educação	Pereira (2006) estuda a trajetória do Ginásio Israelita Brasileiro Chaim Nachman Bialik nos anos de 1943 a 1955, período em que a escola funcionava junto com a sinagoga Beth Jacob. Fundamentada na História Oral, sua pesquisa tem como foco analisar em que medida as relações sinagoga/escola marcaram e promoveram a construção de um sentimento de pertença à comunidade de judeus provindos da Europa Oriental, gerando, assim, identidades multifacetadas.
Universidade de São Paulo 2006	Alberto Samuel Milkewitz Trzonowicz	<i>Ledor Vador: construindo identidades judaicas de geração em geração (estudo exploratório de casos de famílias e escolas judaicas em S. Paulo)</i>	Dissertação. Educação	A Dissertação fundamenta-se num estudo de caso em quatro escolas paulistas. O autor assegura que em nenhum momento deseja classificar ou analisar genericamente a temática da permanência das tradições e valores pertinentes à cultura judaica. Procura, dessa maneira, compreender como se desenvolve e é determinada a continuidade da identidade judaica em algumas famílias, por gerações.
2021	Vanessa dos Santos Novais	<i>A primeira Yeshivá do Brasil - um olhar sobre as memórias e saberes dos mestres de uma história</i>	Capítulo de livro. Educação	O artigo apresenta como tema a trajetória para a fundação da primeira do Brasil, a Yeshivá de Petrópolis. Ganha destaque na construção da escrita historiográfica a discussão sobre a história e memória da instituição escolar. Metodologicamente desenvolve um diálogo entre Certeau (2014) e Benjamin (2012).
2009	Luiz	<i>Imigração e</i>	Capítulo	O artigo defende que somente a

Quadro 1 – Continuação...

	Benyosef	<i>construção de comunidades judaicas no Brasil – as pequenas comunidades israelitas do estado do Rio de Janeiro, passado e presente</i>	de livro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais	partir das duas primeiras décadas do séc. XX, os israelitas constituíram comunidades organizadas no interior do estado do Rio de Janeiro. O trabalho apresenta a trajetória de algumas das pequenas comunidades israelitas no interior do estado no passado e no presente.
2008	Nachman Falbel	<i>Judeus no Brasil – Estudos e notas</i>	Livro. Historiografia	Em seus estudos o professor escreve uma coletânea sobre os judeus e suas atividades desenvolvidas no Brasil. Tendo por base um exercício bibliográfico, disserta e analisa os vestígios da comunidade judaica a partir do Brasil Colônia e Império, até os tempos contemporâneos da história republicana.
2005	Marta Topel	<i>Jerusalém e São Paulo – A nova ortodoxia judaica em cena</i>	Livro. Antropologia	A antropóloga Marta Topel analisa o modo de vida e as estratégias empregadas pelo fenômeno denominado chazará bi' teshuvá, ou o retorno ao judaísmo ortodoxo. O livro analisa as indagações espirituais vivenciadas por uma geração inconformada por viver numa civilização materialista.
2001	Alberto Samuel Milkewitz Trzonowicz	<i>A yeshivá como proposta de educação judaica no Brasil</i>	Livro. Comemorativo	Seu livro é uma obra realizada para celebrar os cinco anos de funcionamento da Yeshivá Tomchei Tmimim, na cidade de São Paulo.
1987	Egon e Frieda Wolff	<i>Guia Histórico – Sentimental Judaico Carioca</i>	Livro. História	O opúsculo narra a trajetória de diversos judeus e seus feitos na sociedade carioca.
XIV Congresso Ibreamericano de História da Educação. 2021	Vanessa dos Santos Novais	<i>A escola como missão: estudos e notas sobre a fundação da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis</i>	Comunicação em Congresso acadêmico. Educação	O artigo aborda a primeira viagem do casal Chaim e Rivka Benjamin ao Brasil. Sobreviventes do holocausto, foram enviados ao país como emissários do Departamento de Ensino Religioso da Agência Judaica, no ano de 1954. Unidos no propósito de fundar uma escola religiosa para a comunidade judaica brasileira, o casal percorreu uma singular trajetória. O referencial teórico fundamenta-se em Benjamin (2012) e Escolano (2017).
Encontro	Vanessa dos	<i>Mesa posta:</i>	Comunica-	O artigo apresenta como tema a

Quadro 1 – Continuação...

Internacional e XVIII Encontro de História da ANPUH – RIO: Histórias e Parcerias. 2020	Santos Novais	<i>manifestações do sagrado nas leis alimentares judaicas</i>	ção em Congresso acadêmico. Educação	culinária judaica ortodoxa. Em seu escopo pretende lançar luz a antigos rituais alimentares, leis perpétuas que, reverberadas até o vigente século, constituem-se no sustento da preservação da cultura e da identidade religiosa. Ao fundamentar-se numa análise documental presente nos textos de Levítico e Deuteronômio procura dialogar com Blech (2004) e Schama (2015).
Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica. VIII CIPA. 2018	Vanessa dos Santos Novais	<i>A primeira Yeshivá do Brasil - um olhar sobre as memórias e saberes dos mestres de uma história</i>	Comunicação em Congresso acadêmico. Educação	Destacam-se as interpenetrações na reverberação de uma fé milenar, de modo que passado e presente se manifestam na produção de sentido da fundação de uma escola por Chaim Binjamini. Apresenta um diálogo entre Certeau (2014) e Benjamin (2012) na construção da escrita historiográfica.
Encontro Internacional História e Parcerias ANPUH – RIO 2018	Vanessa dos Santos Novais	<i>Yeshivá Colegial Machané Israel: novas narrativas de uma longa história</i>	Comunicação em Congresso acadêmico. Educação	O artigo apresenta uma pequena comunidade de jovens que escolhe preservar a tradição de sua cultura e fé. O referencial teórico utilizado (Certeau, Buber) lança luz às práticas cotidianas de uma escola chassídica.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Dessa forma, compreende-se que a pesquisa sobre as contribuições da Yeshivá de Petrópolis para o desenvolvimento da comunidade religiosa ortodoxa judaica no Brasil se circunscreve no ensino, estudo e práticas de longínquos saberes, os quais tangenciam um senso identitário presente na preservação de tradições ancestrais e, portanto, demandam a compreensão da expressão de suas subjetividades. Assim, os caminhos investigativos que permeiam o aporte teórico-metodológico para a composição da Tese proposta, além dos trabalhos apresentados no Quadro 1, evidenciam autores que irão auxiliar na delimitação de uma melhor compreensão entre memória e história, consoante a temática pesquisada.

Yerushalmi²¹, em seu livro *Zakhor – história judaica e memória judaica* (1992), apresenta reflexivas ponderações sobre o papel historiográfico da história do povo judeu. Ao indicar o paradoxo que ocorre após a canonização das narrativas bíblicas, o autor aponta que se por um lado o judaísmo foi absorvido pelos significados que compõem a história, por outro, a historiografia sempre desempenhou um papel secundário. Em suas palavras, “ao mesmo tempo em que a memória do passado foi sempre um componente central da experiência judaica, o historiador não foi seu principal guardião” (YERUSHALMI, 1992, p. 18). E ainda reitera que, apesar da reputação de ser o povo mais orientado pela história e que possui a memória mais longa e tenaz, é desejoso saber qual o tipo de história que os judeus têm valorizado, “o que, de seu passado, escolheram recordar, e como preservaram, transmitiram e revitalizaram aquilo que foi lembrado” (YERUSHALMI, 1992, p. 18).

De igual modo, o atributo da memória entre os judeus também é observado por Le Goff (2013), ao ressaltar que “o povo hebreu é o povo da memória por excelência”. O autor destaca que o Judaísmo, assim como o Cristianismo, são religiões “radicadas histórica e teologicamente na história” e carregam, pois, em sua tradição, a necessidade de percorrer os caminhos da lembrança. Assim, evidencia também que se os judeus são o povo da memória, esta deve ser problematizada (LE GOFF, 2013, p. 405-406). Compreende-se, então, a deferência em apresentar o conceito de memória trabalhado na pesquisa.

Trata-se de uma memória ancestral que é diariamente lida, invocada e celebrada nas instituições escolares religiosas judaicas, em especial nas *yeshivot* ortodoxas, capaz de inter-relacionar-se no tempo com fatos e acontecimentos que lhes permitem um

²¹ Yosef Hayim Yerushalmi foi professor da Cátedra de História Judaica da Universidade de Columbia, em Nova York. Seus escritos contribuem para a Tese, na medida em que apontam os significados que história e memória representam ao povo judeu. Como historiador, empenhou-se na escrita da história dos judeus dos séculos XIV e XV e o impacto de suas conversões forçadas ao Cristianismo em Portugal e na Espanha. Outra importante temática analisada pelo autor refere-se às implicações acerca das injunções presentes na Bíblia sobre o verbo lembrar e os significados de suas consequências históricas e memorialísticas para os judeus. Destaca que a moderna historiografia judaica, em sua totalidade, apresenta tanto um aspecto geral como judaico. O primeiro contribui, com a devida erudição, para o conhecimento e a compreensão histórica do homem, o segundo depreende sobre as dimensões do conhecimento como fenômeno cultural e espiritual de um povo, dentro da comunidade judaica.

sentimento de pertença. A tradição religiosa ortodoxa judaica, ao rememorar as lembranças da historiografia bíblica, concede um sentido revelador ao tempo, um sentido significativo capaz de delinear o *corpus* de suas ações cotidianas na vida. E essa memória, mesmo sendo individual, tem sua estrutura construída e consolidada através de uma comunidade social religiosa.

Desse modo, pode-se afirmar que a memória coletiva²² dos grupos religiosos ortodoxos judaicos se encontra entremeada de uma memória que é “transmitida e sustentada através de esforços conscientes e institucionais”, nas palavras de Yerushalmi (1992, p. 19). Conforme assevera o autor, a sociedade e a cultura judaicas foram constituídas e moldadas pelas elites dirigentes, antes mesmo dos tempos modernos, consoante ao que será evidenciado no capítulo I da Tese. Igualmente relevante, nas particularidades que concernem a história da memória coletiva judaica, o autor aponta que os judeus “têm representado através de sua história uma fusão única entre religião e nacionalidade, e não podem ser estudados sob um só ângulo” (YERUSHALMI, 1992, p. 19).

Nesse sentido, operar uma escrita historiográfica acerca das contribuições da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis perpassa por conhecer parte dos fundamentos bíblicos e rabínicos que alicerçam a escrita dos livros sagrados do Judaísmo. Dito de outra forma, considera-se importante destacar, na composição da escrita histórica sobre as contribuições de uma instituição escolar religiosa, quais memórias elegeram no intuito de preservar o que lhes foi ensinado intergeracionalmente, e assim compreender um acampamento – machané – escolar que perfaz, na invocação da memória coletiva do povo judeu, uma experiência única com o tempo, celebrando no tempo presente um ritual memorialístico de um passado que edifica, no cumprimento de seus preceitos, sua continuidade.

²² Ressalto o propósito em recorrer às conceituações de memória coletiva presentes nos estudos de Halbwachs, para quem a memória coletiva “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. Nesse sentido, as lembranças localizadas num tempo e espaço são constituídas por um sentido que só é inteligível aos membros do grupo (2008, p.102)

Teóricos como Yerushalmi (1992, 2017), Kotre (1997), Frankl (2008) e Halbwachs (2008), abordados na pesquisa, aludem para as significativas fragilidades que envolvem a memória e suas manifestações, as quais, por vezes, são enganosas, caprichosas e traiçoeiras. Ainda assim, Yerushalmi (1992) salienta a importância atribuída ao verbo lembrar e ressalta que:

A Bíblia hebraica não parece conter hesitações em dominar a memória. As injunções a lembrar são incondicionais, e mesmo quando não dominada, a lembrança é sempre fundamental. Do mesmo modo, o verbo *zakhâr* aparece na Bíblia, em suas várias declinações nada menos do que 169 vezes, geralmente tendo como tema Israel ou Deus, uma vez que a memória está a serviço de ambos. O verbo é complementado pela sua contrapartida – esquecer. Assim como Israel é ordenado a lembrar, também é intimado a não esquecer. Ambos os imperativos repercutiram com efeito duradouro entre os judeus desde os tempos bíblicos. Na verdade, ao tentar compreender a sobrevivência de um povo que passou a maior parte de sua vida em dispersão, eu quero sugerir que a história de sua memória, em grande parte negligenciada e ainda por ser escrita, possa vir revelar-se de alguma consequência (YERUSHALMI, 1992, p. 24).

Cumprido destacar a relevância em compreender como se desenvolve a relação entre a historiografia bíblica e rabínica e os membros da comunidade escolar da Yeshivá de Petrópolis, uma vez que a lembrança se apresenta como uma ordenança sagrada identitária, presente na história e memória de uma aliança. Visto que o povo hebreu aprende e ensina quem Deus é pelo que ele fez na história (YERUSHALMI, 1992), é importante compreender que a educação religiosa judaica se encontra pautada sobre “o tripé: conhecer as leis, cumpri-las, e refletir sobre elas” (TRZONOWICZ, 2012, p. 78). Desse modo, os mandamentos bíblicos presentes no Livro de Êxodo²³ fundamentam um princípio educativo anualmente rememorado nas casas dos judeus observantes, nas sinagogas ou *yeshivot* ao redor do mundo, bem como nas celebrações da Páscoa judaica. A invocação desse memorial busca instruir os israelitas que se lembrem e, por conseguinte, não se esqueçam de ensinar às gerações vindouras quem são e quem os retirou da escravidão. De acordo com Trzonowicz (2001), pode-se afirmar que o

²³ No Livro de Êxodo, em seus Capítulos 12 e 13 (12:26, 13:8 e 13:14), encontra-se um dos princípios fundamentais para o ensino da fé judaica. Quando saíram da escravidão do Egito, a instrução que Moisés concedeu ao povo fundamenta-se no ensino às gerações vindouras, de quem os livrou da escravidão. A data celebrativa da Páscoa judaica é estabelecida como um memorial eterno.

objetivo da educação religiosa é a transmissão dos ensinamentos de geração em geração.

É nesse sentido que Yerushalmi (1992) evidencia que o antigo Israel foi quem primeiro determinou um significado à história e assim culminou por idealizar uma nova visão de mundo, tornando-se premissa essencial para o desenvolvimento do Cristianismo e do Islamismo. Ao cunhar um encontro entre o homem e o sagrado, “deslocou-se do reino da natureza e do cosmos para o plano da história, concebida agora em termos do desafio divino e da resposta humana” (YERUSHALMI, 1992, p. 28). A vista disso, quando evocam o passado, esse é histórico, constituindo-se parte das grandes realizações da história de Israel, de maneira que a memória para os judeus observantes de suas tradições é crucial para sua fé, bem como para a continuação de sua existência. Em outras palavras, “longe de tentar uma fuga da história, a religião bíblica se permite ser impregnada por ela, e não pode ser concebida se apartada da história” (YERUSHALMI, 1992, p. 29).

As tradições religiosas invocam, como verdadeiros condutos de memória, as lembranças de um Israel ordenado apenas a ser um reino de sacerdotes e um povo sagrado. Servindo-se da seletividade, característica própria da memória, Israel é ordenado a lembrar e também a não se esquecer. Dessa maneira, lembrar é um imperativo divino que infere sentido historiográfico a um povo que viveu a maior parte de sua existência em diáspora. Devidamente registrada²⁴, a aliança do Sinai está compreendida como um pacto que deveria ser transmitido às futuras gerações. Assim, nas narrativas bíblicas, a essência que compõe a lembrança são as inserções do que Deus fez ao longo da história do povo judeu. Entende-se que a historiografia bíblica não é factual, suas concepções não foram forjadas por historiadores e, ainda que se reporte a

²⁴ Yerushalmi (1992) e Sacks (2002) salientam para os elementos presentes na aliança entre Deus e os israelitas, descrita no Livro de Deuteronômio, em seu Capítulo 29, nos versículos de 1 a 15. Os autores apontam que “o pacto deve continuar eternamente” (YERUSHALMI, 1992, p. 30). Um memorial que é dado a todos os judeus, e observado pelos religiosos. No entanto, ao ressaltar que a aliança é firmada entre os presentes e os que não se encontravam no local, o autor destaca que as narrativas bíblicas propõem a constituição de uma “proposta descomunal”, no que se refere a memória coletiva judaica (YERUSHALMI, 1992, p. 30). Cumpre sublinhar que esse memorial é experienciado anualmente, com valiosas e ancestrais celebrações durante o período da Páscoa judaica.

fluxos de tempos históricos, foi escrita por uma elite formada por sacerdotes e profetas. Em outras palavras,

Aquilo que foi incluído no cânon bíblico tinha, por assim dizer, uma confiança constantemente renovada na vida, e devemos tentar entender o que isso significou. Pela primeira vez a história de um povo tornou-se parte de sua escritura sagrada. As narrativas do Pentateuco, que trouxeram o registro histórico até a véspera da conquista de Canaã, juntamente com as lições semanais dos profetas, eram lidas em voz alta na sinagoga, do início ao fim. [...]. Cada geração de escribas copiaria e transmitiria textos históricos com o cuidado reverente que somente o sagrado requereria. Uma cadeia ininterrupta de estudiosos surgiria mais tarde para explicar aquilo que fora registrado há muito tempo, em um passado constantemente invocado. Com a gradual democratização do ensino judaico, tanto as narrativas dos antigos cronistas como as interpretações de profetas mortos há muito tempo se tornariam o patrimônio, não de uma minoria, mas de todo um povo (YERUSHALMI, 1992, p. 35).

Partindo-se da compreensão de que a religião bíblica não pode ser afastada da história, Yerushalmi (1992) aponta para a diferença entre os registros bíblicos e a escrita rabínica. De acordo com o autor, enquanto a literatura da Bíblia judaica criou em seu *corpus* uma narrativa histórica para designar as experiências de um povo do antigo Oriente com o divino, coube aos escritos rabínicos interpretar os significados do padrão de história que conheciam, tendo como objetivo o estabelecimento do reino de Deus (YERUSHALMI, 1992, p. 41). Cumpre destacar que os diferentes significados de história, memória e escrita da história não são equiparáveis, no entanto, quando dispostos, as escrituras bíblicas trazem os três elementos certamente ligados, em pontos críticos (YERUSHALMI, 1992, p. 34). Nessa perspectiva, para o desenvolvimento da presente Tese, a constituição da historiografia bíblica e os escritos rabínicos tornam-se, conforme anteriormente descrito, importantes elementos para a compreensão de um povo que tem na preservação de suas tradições ancestrais a manifestação de sua fé e identidade. Na mesma medida, depreende-se a relevância em apresentá-los, uma vez que se constituem parte essencial da cultura escolar vivenciada na Yeshivá de Petrópolis.

À vista disso, no decorrer do processo de pesquisa para a composição da Tese, pude constatar a dimensão das contribuições da Yeshivá de Petrópolis para além das cercanias de seus muros escolares. No entanto, palavras que antes pareciam tão fáceis

de serem expressas, nesse momento escapavam-me ante as significâncias do que as fontes documentais apresentavam, de maneira que quanto maior era meu empenho em conhecer as singularidades que constituem a cultura escolar da educação religiosa ortodoxa, maiores tornavam-se minhas indagações sobre como narrar o seu universo.

Nessa medida, as palavras de Benjamin (2012) acalentaram as inúmeras tentativas de composição de uma escrita historiográfica, uma vez que, de acordo com o autor, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 2012, p. 243). Assim, tomo fôlego no suspiro de sua liberdade autoral, olho para as longas e lineares narrativas judaicas experienciadas diariamente na Yeshivá de Petrópolis, com ensejos de que as centelhas da esperança, espaço privilegiado do historiador nas palavras de Benjamin, cumpram o desafio de iluminar alguns elementos da cultura judaica religiosa ortodoxa (BEJAMIN, 2012).

Os caminhos percorridos no intuito de compreender o apreço de um povo que tem, nas suas academias de estudos, espaços socioeducacionais dispostos a reverberar os entranhados ensinamentos de suas tradições milenares, as quais se encontram escritas nos livros de suas escrituras sagradas, e que ainda são instados a inscreverem-se como letras vivas nos pergaminhos, de modo a escrever novas lições que deverão iluminar as gerações posteriores, pareceu-me uma proposta descomunal (como a aliança presente no Livro de Êxodo), mas que pôde ganhar fôlego para os contornos de uma escrita historiográfica. Nas palavras de Benjamin:

O historicismo contenta-se em estabelecer um nexos causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a constelação em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um ‘tempo de agora’ no qual se infiltraram estilhaços do messiânico (BENJAMIN, 2012, p. 252).

De igual modo, ao estender os olhos para as longínquas narrativas que acompanham as experiências religiosas judaicas, percebo-as sob diferentes prismas,

visto que, ainda que não sejam compostas por fatos necessariamente históricos, se constituem de perspectivas, informações ou explicações que, muitas das vezes, são repletas de um senso prático, pois, conforme nos assinala Benjamin (2012, p. 216), traziam “sempre consigo, de forma aberta ou latente, uma utilidade.”. Envoltas em vestígios de ensinamentos morais, sugestões práticas e, por vezes, em provérbios, as narrativas não se esgotavam e posteriormente ainda eram capazes de desdobrar-se. Portanto, compreende-se como o narrador inunda a existência do outro ao rememorar suas histórias, bem como seu importante papel no desenvolvimento de uma comunidade, uma vez que

Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. É uma inclinação dos narradores começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, isso quando não atribuem essa história simplesmente a uma vivência própria (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Nesse sentido, esta Tese apoia-se em Benjamin (2012), para quem o passado é o instrumento necessário que traduz ecos e faz reverberar significativos sons e discursos; é vida pulsante, uma vez que “traz consigo um índice secreto, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que envolveu nossos antepassados?” (BENJAMIN, 2012, p. 242). No entanto, para o autor, o que justifica o trabalho de um historiador não é o conhecimento dos fatos passados enquanto realidades estanques, presas a uma história finalizada, mas a poética sobrevivência no/do presente que é capaz de se articular e produzir sentido em nossa existência.

Identifica-se em Benjamin o suporte necessário capaz de identificar, compreender e interpretar a interioridade das práticas discursivas presentes nos periódicos analisados da Yeshivá, lugar em que a memória se torna a faculdade épica por excelência e encontra-se ainda a devida sensibilidade para apresentar um cotidiano em que as narrativas de vida se misturam e se fundem às práticas discursivas que envolvem valores, imagens, símbolos e realidades. Por fim, enfatiza que “a rememoração funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (BENJAMIN, 2012, p. 228).

Compreendem-se, na experiência vivida por Martin Buber dentro da mística judaica, os pensamentos apropriados para a devida apreensão acerca da ação dialógica na educação. Para Buber (1982), o dialógico não corresponde apenas ao simples relacionamento com os semelhantes. O homem nunca poderá ser objeto do outro, antes, sua humanidade reside no zelo intencional correspondido na atitude com o outro, no qual se pode estar, aprender e, mesmo, realizar. Para tanto, busca-se no autor coadunar os elementos necessários para um aprofundamento sobre a vida em comunidade, uma vez que ele reconhece a comunidade como sendo uma necessidade dos homens. Em suas palavras: “De fato, o homem nasce na comunidade. Ela é sua condição, ele vive, respira nela, ela o sustenta” (BUBER, 2008, p. 83).

Nessa direção, a busca pelo sentido da educação, em Martin Buber, auxilia-nos a entender como foram sendo construídas as bases para a constituição de uma comunidade judaica religiosa no Brasil. Buber²⁵ (2000, 2011) compreende que a filosofia chassídica se consubstancia no entendimento de que Deus pode ser visto e contemplado a cada momento, reverenciado a cada ação pura. Cada manhã é uma nova convocação. Em outras palavras, Deus está em cada coisa como sua essência primordial. Todo o mundo existe sustentado pela palavra do Absoluto. O filósofo do diálogo percebe, na experiência do encontro do homem com Deus, o resgate do próprio sentido para a existência da vida humana. A inspiração advinda dos antigos mestres devotos à mística chassídica na busca por uma vida dedicada à piedade, à santidade e à união com Deus auxilia o ideário da constituição de uma nova comunidade.

²⁵ Martin Buber nasceu em Viena, em 1878. Após o divórcio de seus pais, morou com seus avós maternos na Galícia. Estudou Filosofia e História da Arte. Em 1904 concluiu o doutoramento em Filosofia. Poliglota, foi professor de Filosofia e Ética Judaica na Universidade de Frankfurt, Alemanha, de 1924 a 1933. Em 1925 iniciou a tradução da Bíblia do hebreu para o alemão, concluindo-a em 1963. Segundo o autor, a vida humana sem referência a Deus é esvaziada de sentido. Em 1938 imigrou para a Palestina, ingressando na Universidade Hebraica como professor de Sociologia, e lá permaneceu até falecer, em 1965. A relação de Buber com o movimento sionista foi conflituoso, uma vez que defendia um movimento capaz de aliançar pacificamente árabes e judeus. Sua obra marcou o conhecimento humano do século XX nos campos da Filosofia, Teologia, Sociologia e Educação. O pensamento de Buber é baseado na existência humana e nas suas possibilidades dialógicas. De acordo com Zuben (2001, p. 27), a obra *Eu e Tu* representa, sem dúvida, o estágio mais completo da filosofia do diálogo de Martin Buber. A obra evidencia-se como uma ontologia da relação. Ainda de acordo com o autor, “a principal intuição de Buber foi exatamente o sentido de conceito de relação para designar aquilo que, de essencial, acontece entre os seres humanos e entre o homem e Deus.”. Dascal e Zimmerrmann (2008) consideram que a religiosidade se apresenta como o sustentáculo do pensamento social buberiano.

Longe de representar os antigos traços do passado²⁶, os quais, nas palavras de Buber, são utilitários e estão sujeitos a ser uma onda no fluxo humano visando vantagens e proveitos do sobrenatural, a nova comunidade fundamenta-se num espaço em que as relações humanas são encharcadas por encontros dialógicos, éticos e responsáveis. No encontro e interação dos homens de boa temperança, o homem torna-se consciente de sua contribuição na realização da comunidade de criação (BUBER, 2008, p. 35, 79). Num mundo repleto por incertezas, a revolução buberiana significa a criação de uma nova vida em comunidades fraternas.

A educação para a comunidade, em Buber (2008, p. 46), é revestida da relação EU-TU, lugar em que as possibilidades de ajuda em ações generosas e apaziguadoras do homem com os homens representam a função divina. Assim, “toda ajuda verdadeira é educação e toda educação autêntica é ajuda para a autodescoberta e para o autodesenvolvimento.”. O autor sustenta o anseio genuíno do homem de inserir-se numa verdadeira vida em comunidade, uma vez que

[...] a comunidade é a união de homens em nome de Deus numa instância viva de sua realização. Tal união pode efetivar-se somente quando homens se aproximam uns dos outros e se encontram de modo imediato, na imediaticidade de seu dar e de seu receber. Esta imediaticidade existe entre homens quando são retirados os véus de uma conceitualidade ditada pela procura de proveito [...] (BUBER, 2008, p. 47).

As mensagens da filosofia chassídica, orientação religiosa da Yeshivá de Petrópolis, ecoam para o sentido da educação para a comunidade no pensamento buberiano, com o entendimento de que cada homem tem em si algo novo e único e lhe são entregues coisas para que ele possa as redimir. Dessa forma, o autor assinala que cada homem em Israel é chamado a realizar sua particularidade no mundo, uma tarefa capaz de fazer resplandecer, sob as múltiplas características e aptidões, as mais diversificadas formas de suas possibilidades. Nesse sentido, existem muitos caminhos que levam até as manifestações do divino e todos estão abertos à experimentação humana (BUBER, 2011).

²⁶ O autor compreende e não romantiza um ideário de comunidades primordiais, antes propõe uma nova organicidade, uma vida que é um “viver-ao-lado-do-outro ajustado”, no companheirismo de novos costumes que germinam nas confrarias, onde uma nova fé pode florescer (BUBER, 2008, p. 55, 56).

No processo histórico de produção de sentido, Buber (2008) assinala que “o divino, na verdade, quer desenvolver-se na humanidade” (BUBER, 2008, p. 60), de forma que os homens que aspiram pela comunidade anseiam pelo encontro com Deus. No entanto, o autor ressalta que, inadvertidamente, “os homens querem possuir Deus, mas Ele não se dá a eles, pois Ele não quer ser possuído, mas realizado. Somente quando os homens quiserem que Deus seja, construirão a comunidade” (BUBER, 2008, p. 61). Na escolha do encontro entre o mestre rabino que se envolve na transmissão das antigas lições de seus pergaminhos sagrados, percebe-se “um voltar-se para o outro” (BUBER, 2008, p. 93) e o surgimento de uma nova comunidade que se encaminha na disposição em manter acesas as velas que preservam e iluminam suas tradições (BUBER, 2008).

Buber (2011) esclarece a crença judaica acerca da onisciência de Deus, de modo que, nos cânones sagrados do Judaísmo, quando Deus questiona Adão sobre onde ele estava, essa pergunta deve levar o homem à reflexão sobre o sentido de seus caminhos. Em outras palavras, “se Deus faz essa pergunta, ele não quer saber algo que ainda não saiba sobre a pessoa; Ele quer provocar alguma coisa nessa pessoa, algo que só pode ser provocado dessa maneira – com a condição de que a pessoa se permita ser atingida no coração” (BUBER, 2011, p. 10). É nessa medida que o presente texto interpreta como foi surgindo, no encontro entre homens comuns, o desejo para que uma comunidade escolar fosse criada, uma comunidade forjada na união de homens que, destinados a dedicarem-se ao estudo e as práticas de sua fé, construíram um caminho para as sucessivas gerações.

De acordo com as concepções de Buber (2012), o processo educacional vivenciado no interior de uma comunidade escolar como a Yeshivá pode ser compreendido como uma evidência na dimensão da alteridade da vida que pulsa, posto que, na experiência de um espaço comum, no lugar do outro, nele e com ele, aconteçam a construção de um denso devir na responsabilidade do porvir. Uma educação que “[...] reconhece cada um destes indivíduos como apto a se tornar uma pessoa única, singular e portadora de uma especial tarefa do ser que ela, somente ela pode cumprir” (BUBER, 1982, p. 150), conforme observado nos depoimentos em seus periódicos.

Ao referenciar a presente pesquisa, parto do entendimento de que as cercanias da

história cultural (BARROS, 2012) delimitam seu olhar, por entender que as práticas e os processos culturais narrados nos periódicos, nos quais se encontram envolvidos rabinos, mestres, alunos e a comunidade religiosa, nos introduzem num amplo universo com cosmovisões e sistemas de valores capazes de possibilitar reflexões sobre as mais diversificadas perspectivas na construção de sua cultura material escolar. Quanto à acepção utilizada para o termo cultura escolar, compreende-se “a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p. 10).

De acordo com Nosella e Buffa (2008), o século XX acompanhou um crescente interesse pela temática da história das instituições escolares, assim como pelas interpretações de seu cotidiano e representações de suas materialidades, uma vez que, a partir de seu específico estudo e categorização, poder-se-iam identificar e compreender suas comunidades discursivas. Saliento a importância em apresentar os objetivos e práticas escolares que compõem a educação religiosa ortodoxa judaica na Yeshivá de Petrópolis, espaço comunitário privilegiado para o estudo e ensino das Leis judaicas, onde a cultura dos ensinamentos de uma memória ancestral se estabelece como um lugar privilegiado no tempo e no espaço. Suas práticas de estudos diários, preces individuais ou coletivas e celebrações religiosas são capazes de personificar a produção de sentido à vida dos partícipes.

Consoante as circunstâncias anteriormente já descritas, em decorrência da pandemia mundial do novo coronavírus (Sars-Cov-2) e do campo fechado para a realização de uma pesquisa etnográfica, houve a eminente necessidade de uma readequação quanto aos aspectos metodológicos deste estudo. Nessa direção, no que tange aos aspectos metodológicos, houve a escolha por uma pesquisa histórica documental, fundamentada no manuseio de fontes memorialísticas produzidas em periódicos por ex-alunos da Yeshivá de Petrópolis. Editadas especialmente para as celebrações dos aniversários de 30 e 40 anos da instituição escolar, as revistas possuem um expressivo número de depoimentos de ex-alunos, responsáveis, rabinos, professores, membros da comunidade judaica e amigos da instituição.

Os diferentes relatos perfazem a trajetória da Yeshivá de Petrópolis e contemplam informações sobre sua organização, importância e contribuições para a comunidade judaica do Brasil e da América Latina. O periódico sobre os 30 anos traz fotografias e explicações que atestam as primeiras ordenações rabínicas em solo brasileiro, um projeto que ocorreu dentro da própria instituição, ou seja, a criação da primeira Yeshivá Guedolá²⁷, bem como outros depoimentos. Com palavras de bênçãos do Rebe de Lubavitch, líder do movimento chassídico, direcionadas à instituição escolar, a publicação possui um rico acervo capaz de fazer compreender a dinâmica cotidiana da vida numa pequena comunidade religiosa judaico ortodoxa. Editada em 1996, a revista possui um maior número de relatos de ex-alunos e, em sua quarta capa, traz um apelo no qual muito se nos diz do respeito que os judeus observantes têm com suas tradições religiosas: “editado por ex-alunos e admiradores da Yeshivá. Esta revista contém termos sagrados. Por favor, trate-a com respeito.”. O Quadro 2 abaixo apresenta detalhadamente todas as narrativas evidenciadas na publicação.

Quadro 2 - Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis – Revista em celebração dos 30 anos - 1996

Página	Título	Assunto	Autor
1	Capa	30 anos da Yeshivá	Sem autor
2	Telegrama do Rebe Menachem	Benção aos formandos	Rebe Menachem Mendel Schneerson
3	Editorial	Apresentação da revista	Sem autor
4	Telegrama à Yeshivá	Congratulações pelos 30 anos de existência	Fernando Henrique Cardoso
4	Carta para o rabino Chaim Benjamini	Eficiência dos estudos das leis e tradições na Yeshivá	Israel Klabin
5	Telegrama	Ordenação de rabinos	Rabino-Chefe Ovadia Yossef
6	Trecho de carta aberta	Relevância da Yeshivá para os jovens	Rabino Isaac Dichi

²⁷ Do hebraico: academia de estudos religiosos para alunos religiosos que almejam obter o título de rabino. (TOPEL, 2005, p. 90).

Quadro 2 – Continuação...

6	Trecho de entrevista	Influência da Yeshivá na vida de seus ex-alunos	Rabino Avraham Serruya
7	Trecho de carta aberta	Bênçãos de sucesso e agradecimentos a Yeshivá	Rabino Moshé Dayan
7	Trecho do Livro Itschac Iranên	Difusão dos ensinamentos da Torá	Rabino-Chefe Isaac Chehebar
7	Depoimento sobre a Yeshivá	Estadia na Yeshivá	Rabino Shimon Elituv
8	Yeshivá Guedolá	Outorga, ordenação de rabinos	Rabino Pinchas Hirschprung
8	Exame na Leis	Comoção com dedicação dos alunos aos estudos sagrados	Rabino B. Y. Wosner
9	Depoimento sobre a Yeshivá	Revolução espiritual judaica no Brasil	Rabino Avraham Mizrahy
9	Trecho de carta aberta	Atuação dos ex-alunos na comunidade judaica	Rabino Isaac Michaan
10	Vanguarda do ensino judaico religioso	Responsabilidade do ensino e formação de: rabinos, sofrim (escribas), shochatim (magarefes), chazanim (oficiantes de orações), baalei corim (leitores da Torá), mashguichim (supervisores de cashrut), e professores de Torá	Rabino Pinchas Ellovitch
10	Formação de rabinos e líderes comunitários	A marca da Yeshivá na educação religiosa do Brasil	Rabino Shamai Ende
11	Milagre educacional	Colheita dos frutos de seu ensino	Rabino Nissim Katri
11	Sólida educação	Fortalecimento do judaísmo no Brasil	Rabino Avraham M. Berkes
11	Agradecimento	Reconhecimento da Yeshivá de Petrópolis em prol da educação Religiosa judaica no Brasil	Rabino Raphael Chammah
12	Experiência na Yeshivá de Petrópolis	Felicidade de mestres e alunos no estudo e transmissão das Leis	Rabino Disraeli Zagury
12	Passeio na Yeshivá	Recebimento de indistintos alunos	Rabino Jacob Choweke
12	Lembranças da Yeshivá	Agradecimento ao Rav Biniamini e seu filho rabino Adi	Rabino David Azulay
12	Agradecimento	Felicidade em aprender os ensinamentos da Lei	Rabino Aarão Zagury

Quadro 2 – Continuação...

13	Carta para o rabino Chaim Benjamini	Os ensinamentos que sorvi na Yeshivá	Rabino Yossef Shimanovitch
13	Religião	A religião e experiência da fé comunitária	Rabino Shimon Brand
14	Grande herança	Ensinamentos religiosos da Yeshivá	Salomão Haifaz
14	Depoimento pessoal	Legado geracional às futuras gerações	Mário Bendavit
14/15	Depoimento sobre a Yeshivá	Depoimento de ex-aluno	José Lorber Rolnik
15	Marcas da Yeshivá	Alimento espiritual	Max Buchspaner
15	Somos a Yeshivá	Vivência integral no ensino da Torá	Alberto Sobel
15	A educação integral	Vida religiosa em comunidade	Abel Zimmerknopf
16	Educação e valores	O exercício do judaísmo fiel às tradições	Isaac Sutt
16	Carta à Yeshivá	Propagação do Judaísmo	Jairo Frindlin
16	O estudo das Leis	O estudo em hebraico dos livros da Lei	Daniel Adler
16	Aprendizagem	Contribuições da Yeshivá de Petrópolis em todos os níveis do desenvolvimento humano	Mosher Bergel
17	Relato de mãe de ex-alunos	Orgulho de pertencer à família Yeshivá	Bluma Ende
17	Relato de mãe de ex-aluno	A responsabilidade do ensino religioso	Ester Bergel
18	Relato de mãe de aluno	A estrutura educacional da Yeshivá de Petrópolis no ensino das Leis	Janice Berger
18	Agradecimento	Vida em comunidade	Dov Shachar
18	Agradecimento	Vida em comunidade	I. Perl
19	Bênçãos	Instituição exemplar de educação e ensino	Chaim Zalzburg
19	Felicitações	Preparo de alunos sábios na Torá	Avraham Shamir
19	Agradecimento	Vida em comunidade	Biniamin Dover
19	Agradecimento	Vida em comunidade	Iehuda piegel
19	Agradecimento	Lembranças da amável recepção	A. Kister
19	Agradecimento	Ajuda de inestimável valor	Yeshaiou Sancovsky
19	Agradecimento	Atividades em Rosh HaShaná	Escola Theodor Herzl - BH
19	Solicitação	Incentivo à continuação do ensino religioso	Michael Schechter

Quadro 2 – Continuação...

20	Bendizes à Yeshivá	Transmissão dos ensinamentos ancestrais	B. Ben-Iehuda
20	Agradecimento	Atividade dos alunos da Yeshivá	Shimon Katz
20	Importância da Yeshivá	Influência da educação religiosa	Chanan Chaniel
20	Agradecimento	Inestimável contribuição no ensino religioso	Baruch Mehl
20	Relato de experiência	Trabalho educacional da Yeshivá	Daniel Retter
20	Contentamento	Expectativa de estudo na Yeshivá	Freide Engelman
20	Agradecimento	Celebração de Pessach	Moise Levy
21	Agradecimento	Celebração de Purim	Ati Shachar
21	Agradecimento	Celebração das grandes festas	Atiel Paz
21	Alegria	Relato de estada na Yeshivá	Alberto Rejman
21	Educação e valores	O estudo da Torá	Roni Kabani
21	Constatação	Aprendizagem dos ensinamentos da Torá	Saul Menache
21	Contentamento	Relato sobre Shabat	Benjamin Fusman
21	Educação e valores	Dedicação aos estudos	Erza Harari
22	Apreciação da Yeshivá	Visitas religiosas	Erza Nasser
22	Agradecimento	Propósito comunitário nas comemorações religiosas	Edith Bensusan
22	Apreciação da Yeshivá	Vida comunitária	Roberto Landau
22	Paraíso educativo	Finalidade educacional da Yeshivá	Mauro Wainstock
22	Formação moral da Yeshivá	Transmissão de esperanças às futuras gerações	Revista Manchete
23	Reportagens sobre a Yeshivá	Diversos	Sem autor
24	Informatização	Os livros sagrados e as novas tecnologias	Jairo Fridlin
25	Fotos	Fotos de atividades da Yeshivá	Sem autor
26	Fotos	Fotos de ex-alunos	Sem autor
27	Contracapa	Continuidade das futuras gerações	Sem autor
28	Quarta capa	Atividades da Yeshivá	Sem autor

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O interior da publicação sobre os 40 anos possui um maior número de informações sobre o funcionamento e a estrutura curricular que regem o cotidiano

escolar e pedagógico da Yeshivá, o que se tornou de grande valor para a pesquisa. De igual modo, nessa edição foi possível localizar informações sobre o Curso de Formação de Professoras promovido por Rivka Benjamin, ou a Yeshivá feminina, como ficou conhecida nos documentos que solicitam a abertura do Curso Normal para jovens mulheres aos órgãos oficiais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. De maneira que, com as fontes documentais assinaladas nos periódicos, procuro dar ênfase às interpretações que me auxiliem na compreensão acerca das contribuições da Yeshivá de Petrópolis no desenvolvimento e consolidação de uma comunidade religiosa ortodoxa judaica no Brasil para, em seguida, relacioná-las com os documentos oficiais das referidas instituições. A seguir, o Quadro 3 indica todos os textos presentes na revista de comemoração dos 40 anos.

Quadro 3 – Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis – Revista em celebração dos 40 anos – 2006

Página	Título	Assunto	Autor
1	Capa	Foto de vista aérea da Yeshivá de Petrópolis	Sem autor
2	Contracapa da revista	Trecho da carta do Rebbe Lubavitcher ressaltando a liberdade do ensino religioso	Rebbe Menachen Mendel Schneerson
2	Mensagem sobre educação religiosa	Texto sobre a essência da alma judaica	Rabino Chaim Biniamini
3 e 4	Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis - 40 anos	Criação da escola	Sem autor
4	Mensagem do rabino Chaim	A necessidade do estudo da Torá	Rabino Chaim Biniamini
5, 6 e 7	O que é a Yeshivá	A tradição das casas de estudo. Programas laicos. Programa religioso. Sinagogas. Atividades da Yeshivá	Sem autor
8 e 9	Breve relato sobre a vida do rabino Chaim	Biografia do rabino Chaim Biniamini	Sem autor
9	De um ex-aluno	Depoimento de um ex-aluno sobre sua passagem na escola	Sem autor
10	Carta de parabenização	Parabenização pelos 40 anos da Yeshivá	Rabbi M. A. Iliovits

Quadro 3 – Continuação...

10	Carta de parabenização	Parabenização pelos 40 anos da Yeshivá	Rabino Shamuel
10	O aniversário da Yeshivá	Parabenização pelos 40 anos da Yeshivá e importância do rabino Chaim para a comunidade judaica	Osias Wurman
11	Depoimento sobre a Yeshivá	A Yeshivá de Petrópolis iluminada pela luz do rabino Chaim	Israel Klabin
11	Carta à Yeshivá	Carta de ex-aluno parabenizando a Yeshivá de Petrópolis	Rabino David Azulay
12	Depoimento sobre a Yeshivá	A importância da Yeshivá na vida da autora	Chaya Rut Yeshayau
12	Quarenta anos da Yeshivá de Petrópolis	Carta de ex-aluna de Morá Rivka	Rachel Catran
13	Depoimento sobre a Yeshivá	Carta de ex-aluno pertencente à primeira turma da Yeshivá	Maryo Bendavit
14	A força espiritual de um lugar	Relato enternecedor do professor Bini, que trabalha há 42 anos na Yeshivá de Petrópolis	Prof. Bini
15	Meu primeiro contato com a Yeshivá	Yeshivá de Petrópolis, a casa, a instituição e a Teshuvá	Renato Rosenberg
16	Projeto do novo dormitório para alunos	Planta e projeto arquitetônico do novo dormitório para estudantes	Sem autor
17	Yeshivá das meninas	Michlálá Colegial Machané Israel, a Yeshivá feminina	Sem autor
18 e 19	Patrocinadores	Famílias de apoiadores	Sem autor
20	Quarta capa	Endereço e contatos	Sem autor

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Cumprido destacar que as narrativas dispostas nos periódicos, ainda que tenham sido separadas em trechos no intuito de enaltecer a Yeshivá de Petrópolis, expõem uma realidade que já havia sido observada nas entrevistas colhidas durante o ano de 2020. Dito de outra maneira, ainda que as publicações da escola tenham por objetivo buscar consolidar uma marca, com visões triunfalistas, abordando somente os aspectos positivos de algo que se queira registrar e, assim, culminem por mostrar uma trajetória em que lancem luz apenas nos aspectos heroicos e gloriosos, no intuito de sacralizar um ideário ou uma imagem, as narrativas sobre a Yeshivá de Petrópolis apontam seus desafios, mas, sobretudo, destacam o trabalho sério e precursor, capaz de consolidar uma comunidade religiosa.

Assim, esta Tese encontra-se estruturada em três capítulos, os quais procurei organizar de acordo com suas características e áreas de abrangência. Em vista disso, o capítulo I, *Shemá Israel, Ouve, ó Israel*, busca apresentar, a partir da historiografia bíblica, a trajetória que compõe a formação da constituição do povo judeu. Compreende-se a importância em narrar como foi desenvolvido, na escrita das leis e dos estatutos, o seu *corpus* religioso, experienciado no cotidiano escolar da Yeshivá de Petrópolis. Ressalta-se que, de igual modo, este é aqui interpretado como elemento fulcro de uma tradição religiosa que estabelece e justifica todo o patrimônio cultural escolar de uma *yeshivá*.

O segundo capítulo procura demonstrar como o surgimento de um movimento filosófico religioso, fundado no século XVIII por Baal Shem Tov, trouxe ao Brasil uma perspectiva pietista das letras da Torá, tendo por perspectiva os diligentes esforços do jovem casal de fundadores para a construção da primeira comunidade ortodoxa em terras brasileiras.

O terceiro capítulo tem o intuito de identificar como se constituíram e foram organizados os tempos e os saberes da Yeshivá, a partir de seus documentos e registros nos periódicos das edições celebrativas. Parte-se do olhar dos escritos memorialísticos de seu diretor, do coordenador pedagógico, de ex-professores, ex-alunos e importantes membros da comunidade judaica ortodoxa, no intuito de interpretar a relevância de sua fundação.

Dessa forma, no terceiro capítulo também são examinados os vestígios percorridos pela instituição e suas reapropriações desse espaço. No prenúncio das orações matinais às preces ritualísticas, das aulas de educação formal à sede em cumprir os piedosos mandamentos de Deus. Por esse ângulo, expressa o desejo de poder verter em letras o simbolismo litúrgico presente nos preparos e nos significados que envolvem desde a alimentação às saídas para evangelismo às sextas-feiras.

Para a condução e referências acerca da cultura material, nesse capítulo percebe-se imprescindível a utilização de bibliografia pertinente ao tema. Para isso, recorrer-se-á a Escolano (2017, p. 225), para quem a “valorização da memória como fonte de conhecimento da cultura escolar, nos convida a uma imersão arqueológica nas coisas, nos ícones e nas linguagens em que se manifestam as materialidades da educação e suas

representações.”. A partir do que afirma o autor, estender o olhar sobre a Yeshivá e dialogar com sua memória pode ajudar a elaborar, de forma mais apropriada, um discurso acerca das construções socioeducacionais e suas subjetividades vivenciadas na cultura escolar.

1. *SHEMÁ ISRAEL: OUVÉ, Ó ISRAEL*

O primeiro capítulo busca apresentar o que é o judaísmo e a forma como os judeus se constituíram como um povo, e intenciona lançar luz às longínquas tradições orais, perpassadas de geração em geração, nas lições salmodiadas dos velhos mestres aos jovens *bachurei yeshivot*²⁸. Apresento como fontes alguns dos textos que compõem as escrituras sagradas da fé judaica e, nesse sentido, observo os impactos da linguagem escrita na maneira como os judeus instituem e estabelecem suas organizações sociais Goody (2012).

Pode-se compreender que a história do povo judeu, sob uma perspectiva teórica, se encontra indissociável das palavras que transcrevem sua relação com o sagrado e a constituição de seu *corpus* religioso. Sua narrativa mítica descreve como os personagens bíblicos vão entrelaçando suas acepções cosmológicas, permeados pelo tempo cultural de suas experiências no mundo Goody (2012). Com as palavras entregues por Deus, boca a boca, a Moisés, fazia-se necessário escrevê-las para as futuras gerações, de forma a produzir um sentido para a trajetória, um estatuto perpétuo, o livro da Lei.

Destaca-se que o sustentáculo essencial de uma *yeshivá* são os estudos e as práticas religiosas dos livros sagrados do judaísmo. Nesse sentido, apresentar alguns de seus elementos prescritos auxilia-nos a compreender as múltiplas perspectivas educacionais de uma escola religiosa ortodoxa judaica. Cumpre ressaltar que a escrita dos textos judaicos contempla as tradições de uma memória intergeracional. Deus revela-se a Moisés e instrui-o sobre as Leis eternas²⁹ para o seu povo.

²⁸ Alunos de *yeshivás*, o que mais à frente será devidamente explicitado.

²⁹ É importante assinalar que, de acordo com a tradição religiosa, duas semanas antes do êxodo do Egito, Deus ensinou a Moisés a maneira como os dias deveriam ser contados. Entre os judeus observantes, a percepção do tempo eterno é compreendida a partir de suas Leis escritas nos cânones. Destarte, o calendário judaico foi estabelecido por Deus a partir da criação do mundo. Para os religiosos, o calendário hebraico possui fundamental estrutura, pois todas as festas judaicas estão baseadas nele. Criada há mais de 3 mil anos, a contagem do tempo também contempla outras celebrações como nascimento, casamento, falecimento e *bar mitsvá*, entre outras solenidades. O calendário é luni-solar, ou seja, os meses são determinados pelas fases da lua, e o ano, pelas estações, regidas pelo sol. A título de ilustração, a *Yeshivá* de Petrópolis foi criada no ano de 5727, e o ano em que ocorre a defesa do presente estudo é 5782.

A seguir, dou encaminhamento a uma parte da historiografia bíblica (BORGER, 2015a; EPSTEIN, 2009) e procuro assinalar as peculiaridades com que são narradas, idealizando seu chamado como nação sacerdotal, fazendo surgir o conceito de monoteísmo e como sua teologia foi sendo lapidada, pensada e repensada ante suas inserções na História. No caso específico da tese apresentada, desperta nossa atenção como os aspectos da história cultural da fé ancestral do povo hebreu foram amplamente contados, memorizados e se forjaram de forma indelével na sua escrita. Destaco, ainda, o fato de que as narrativas bíblicas foram aceitas de forma incontestável até o século XVIII, quando surgiu o advento do Iluminismo³⁰.

Não seriam cabíveis ponderações pessoais quanto a um posicionamento cético ou mesmo teísta no que se refere às perspectivas de cultura e fé aqui contempladas. As narrativas, tratadas como escrituras sagradas ou como historiografia bíblica, são uma das formas como os judeus se narram e, muitas das vezes, a maneira pela qual se compreendem enquanto povo. O desafio aqui posto é conseguir inter-relacionar as significativas e emaranhadas tramas dos preciosos valores de uma cultura que se dedica a preservar os desígnios de seu Deus na educação. Nesse sentido, ao apresentar partes de textos sagrados do judaísmo, destaco a sensibilidade como uma condição precípua para melhor compreender e interpretar a narrativa judaica.

Por fim, ressalto que o conceito de divindade se encontra profundamente entranhado na existência do povo judeu. Assim que, dentre os mais distintos, laicos ou religiosos, observa-se uma particular e veemente motivação em negar ou afirmar a existência de um ente superior. Tal característica, por si, pode nos fazer refletir sobre a importância das representações do sagrado na vida humana ou, quiçá, ensejar um melhor porvir.

1.1 No princípio havia um verbo e ele nos mandou escrever

Durante muito tempo refleti sobre como poderia escrever a história de um povo

³⁰ Iluminismo: “Movimento filosófico, também conhecido como Esclarecimento, Ilustração ou Século das Luzes, que se desenvolve particularmente na França, Alemanha e Inglaterra no séc. XVIII, caracterizando-se pela defesa da ciência e da racionalidade crítica, contra a fé, a superstição e o dogma religioso. Na verdade, o Iluminismo é muito mais que um movimento filosófico, tendo uma tradição literária, artística e política” (Japiassú, 2006).

que possui sólidas tradições milenares, uma cultura própria, uma etnia que, ao escrever seus códigos e leis em pergaminhos, preservou os mais diversificados elementos de sua fé até a contemporaneidade. Busquei uma escrita acadêmica e palatável que contemplasse algumas das características e perspectivas que serão trabalhadas na tese. Não desejei um introito, como se houvesse uma necessidade, mas apresentar como o povo hebreu foi sendo constituído no desenvolvimento de sua escrita.

Ao organizar as leituras para a escrita do primeiro capítulo, deparei-me com indícios de signos que perpassam toda a minha investigação, entre os quais destaco a importância atribuída à escrita dos textos religiosos, aqui observados como produto de uma cultura inevitavelmente instruída Goody (2012), e, por consequência, como a grafia de suas palavras instituíram o valor da memória de suas tradições. Por entender que o problema desta pesquisa busca investigar como a escrita dos pergaminhos sagrados do judaísmo percorreu um grande caminho até a edificação da Yeshivá de Petrópolis, procuro apresentar como se desenvolveu a composição de sua cultura material escolar, composta por suas escrituras sagradas.

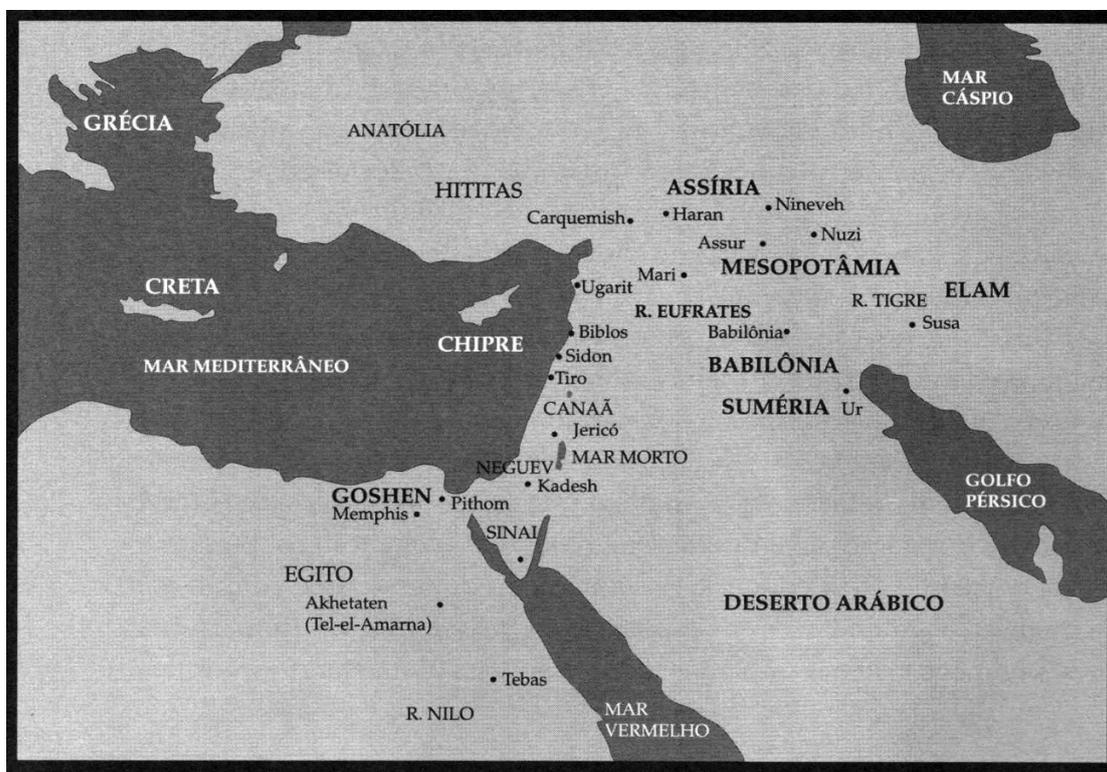
De modo que, ao apresentar a historiografia bíblica (Borger, 2015a) do surgimento do povo hebreu, busco lançar luz à trajetória em que os elementos de um *ethos identitário* foram sendo construídos e perpassados intergeracionalmente. Nessa direção, o primeiro capítulo intenciona elucidar o surgimento do povo hebreu e a constituição de suas tradições religiosas. Para tal, pretende abordar o surgimento da monarquia e as características fundamentais para a constituição do monoteísmo religioso, os significados da construção e da destruição do Templo, em Jerusalém, assim como a importância da diáspora na consolidação de um *corpus* teológico judaico. Procuro apresentar como o judaísmo farisaico institucionalizou nas academias os estudos do livro da Lei. Ao dar conhecimento às várias correntes do judaísmo, busco dar ênfase ao movimento chassídico, do qual a Yeshivá de Petrópolis se faz signatária, e aclarar os significados do que é uma Yeshivá.

No decorrer da historiografia bíblica algumas palavras vão sendo geradas, com o tempo crescem em desígnios, seus atos excedem sua linhagem e linguagem oral, e vão sendo construídas, escritas como palavras geradoras. Eu as nomino de palavras/verbo, pois, para além das simples ações corriqueiramente cotidianas, cravam-se na alma e

corporificam-se em ações/vida. Podem, dessa forma, ser observadas como signos culturais vivos no ensino de seus mestres.

Assim, iniciamos nossa caminhada para compreender a Yeshivá de Petrópolis nas planícies acidentadas do Oriente Médio Antigo³¹. Os mapas abaixo apontam para as localizações aproximadas da antiguidade e para as disposições geográficas da atualidade. Eles nos ajudam a perceber a longa jornada de um povo seminômade³² que vivia em centros urbanos na antiga Mesopotâmia. A Figura 1 abaixo indica a organização espacial do Oriente Médio Antigo, nela pode-se observar importantes regiões que posteriormente viriam a integrar parte da história do povo judeu.

Figura 1 - O Oriente Médio Antigo



Fonte: Extraído de *Uma História do Povo Judeu*, vol 1: *De Canaã à Espanha*, de Hans Borger (Editora Sêfer, 2015a).

³¹ Na Antiguidade, o Oriente Médio e o norte da África ficaram conhecidos como crescente fértil e foram berço de diversas civilizações, das quais destaco: os medos (X a.C.), assírios (900 a.C.), sumérios (3200 a.C.), caldeus (IX a.C.), hititas (2500 a.C.), acádios (3200 a.C.), amoritas (3000 a.C.), e egípcios (3000 a.C.). Possuíam algumas características em comum, dentre elas a escrita, o cultivo agrícola, uma significativa rota comercial estabelecida, uma sociedade basicamente dividida em castas e politeísta.

³² Ressalto que os registros da Bíblia Hebraica são a principal fonte de acesso sobre o surgimento da história do povo hebreu, sendo que, por alguns períodos, o único.

A Figura 2 apresenta o mapa com as configurações políticas do Oriente Médio na atualidade, no intuito de auxiliar a compreensão de antigas rotas comerciais percorridas pelos povos da Antiguidade.

Figura 2 - O Oriente Médio Atual (O Crescente Fértil)



Fonte: Extraído de *Uma História do Povo Judeu*, vol 1: *De Canaã à Espanha*, de Hans Borger (Editora Sêfer, 2015a).

O primeiro registro dos ancestrais dos israelitas, que mais tarde se tornariam os patriarcas da fé, ocorre na cidade de Ur, dos caldeus, em aproximadamente 1800 a.C. Localizada geograficamente no caminho entre Bagdá e o Golfo Pérsico, Ur era considerada a capital do antigo Império Sumério. A cidade tinha uma população que oscilava entre 250 e 500 mil habitantes, os quais se ocupavam principalmente da agricultura, do artesanato e das prósperas relações proporcionadas pelo comércio, que interligavam a cidade a outros continentes. Comum aos espaços geográficos pelos quais as trajetórias judaicas se desenvolvem, o sistema de escrita pode indicar a preservação de suas histórias.

Com efeito, parto de Goody (2012), que, ao observar a trajetória dos patriarcas da fé judaica, oriundos da Suméria, em consonância com o meio cultural do qual faziam

parte, apreendeu que a escrita se fez presente na gênese de suas tradições orais e escritas. Por conseguinte, compreende-se que a presença de certos domínios linguísticos se fez fundamental para a preservação de suas tradições orais que, no decorrer dos anos, foram sendo decoradas, internalizadas e reproduzidas. Em suas considerações, Goody (2019) assinala o fundamental papel da escrita na constituição e construção da preservação da memória oral.

Concorde com a narrativa bíblica, Térah³³, Abrão, Sarai e Lot, respectivamente pai, filho, esposa e sobrinho são mencionados saindo de Ur em direção à terra de Canaan. O pai de Abrão, Térah, morreu e foi enterrado no caminho, na cidade de Haran. Abrão³⁴ continuou sua peregrinação em direção à terra de Canaan, quando foi interpelado pela voz do Eterno. Dessa forma, o texto narra como ocorreu o advento do primeiro encontro com quem viria a se tornar o seu Deus:

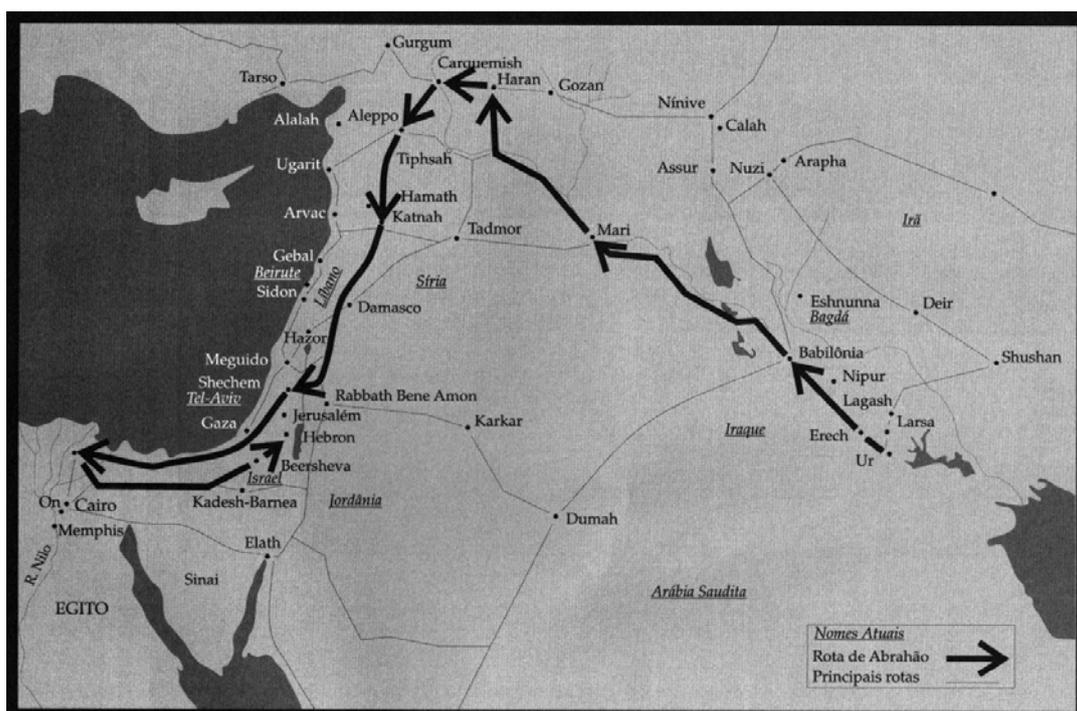
“E o Eterno **disse** a Abrão: ‘Vai-te de tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. E farei de ti uma grande nação e abençoar-te-ei, e engrandecerei teu nome e serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e aqueles que te amaldiçoarem, amaldiçoarei; e serão benditas em ti todas as famílias da terra.’” (Gênesis 12,1, grifo da autora).

Inicialmente dou enfoque ao texto das escrituras sagradas, o qual busca dar ênfase à fala de Deus com Abrão. Sua revelação ocorre com palavras e promessas vindouras. Nessa ordem, Deus aduz uma mensagem simbólica a Abrão, na qual se identifica uma caracterização significativa no intuito de revestir a viagem de Abrão com um caráter e um propósito religioso e, nesse viés, compreende-se a tessitura de uma tipologia narrativa, composta por revelações míticas. O mapa abaixo ilustra a extensão percorrida por Abrão e Sarai, sua esposa, até a Terra Prometida de Canaan.

³³ De acordo com a tradição religiosa, Térah foi um próspero comerciante, de forma que sua profissão requeria conhecimentos cognitivos teóricos e práticos de inúmeras habilidades. Tal indício nos aponta para a tese defendida por Goody, quando diz que “a prática de aprender as coisas ‘de cor’ parece ser uma das características das culturas escritas” Goody, (2012, p. 142).

³⁴ Existe uma história que narra a discussão entre um pai idólatra e comerciante de deuses pagãos, Térah, e seu filho Abrão. Reza a lenda que Térah, ao voltar de viagem onde fora vender suas imagens, encontra sua loja e depósito totalmente destruídos e, ao perguntar a seu filho o que ocorrera, esse é enfático em responder que um dos deuses destruiu todos os outros. A tradição religiosa ressalta a pureza de Abrão ante o politeísmo, é rica em sustentar que, diferentemente de seu pai, Abrão nunca fora idólatra. Essa história imprime uma das características que, posteriormente o judaísmo irá promulgar: o monoteísmo. (EPSTEIN, 2009).

Figura 3 - A Rota de Abraão, de Ur a Haran e a Canaã



Fonte: Extraído de *Uma História do Povo Judeu*, vol 1: *De Canaã à Espanha*, de Hans Borger (Editora Sêfer, 2015a).

Ao longo de sua caminhada intensificam-se os diálogos com Deus, ricamente descritos na história das experiências dos patriarcas da fé. Epstein (2009) enfatiza o tempo em que, por experiência mística, iluminação interior, ou mesmo por revelação, Abrão amadureceu seu relacionamento com Deus, tornando-se cada vez mais sensível à voz divina. O livre acesso entre Criador e criatura é destacado como um novo processo na relação com o sagrado. No livro de Gênesis, pode-se acompanhar a construção de um forte vínculo, manifesto com familiaridade e particular atenção à crença nas palavras e nas promessas.

Os encontros e os colóquios dos patriarcas com seu Deus possuem uma qualidade nova, que é transmitida de geração em geração: a convivência, o diálogo, a intimidade – se assim se pode dizer – com esse Deus dos Pais, Deus que não só se revela aos fiéis como – também isto é novo – busca os homens, vai atrás deles, cuida do destino humano, sem intermediários profissionais (BORGER, 2015a, p. 23).

Canaan é o cenário inicial da história do povo hebreu. Representada por uma

estreita faixa de terras férteis entre o Mar Mediterrâneo e o rio Jordão, possuía uma localização estratégica para o comércio. Borger (2015a, p. 20) destaca que, à época, em Canaan, havia “numerosas cidades-Estado habitadas por uma população idiomáticamente afim, miscigenada e de múltiplas origens, que durante algum tempo foi de grande importância cultural dentro do ambiente semita³⁵ do Crescente Fértil”.

Abrão e sua família dirigiram-se para o Sul, atravessaram o rio Jordão e estabeleceram-se em Shehém. De acordo com o livro de Gênesis, Deus apareceu e falou a Abrão: “À tua descendência darei esta terra.”³⁶. Nesse pequeno trecho da narrativa, pode-se observar como o judaísmo construiu uma religião profundamente interligada às palavras-verbo. Abrão ouviu e caminhou debaixo de uma palavra de Deus. Dito de outro modo, desde os primórdios a escrita da fé judaica institui as manifestações do sagrado na sua linguagem. Assim como toda a escrita bíblica, expressa uma profunda consideração e zelo com a descendência abraâmica por vir.

Observa-se ainda o fato de que, ao sair de Ur dos caldeus e atravessar o rio Eufrates para chegar a Canaan, em sua nova região, ficaram conhecidos como “hebreus”, terminologia derivada, de acordo com Epstein (2009, p. 20), “de uma raiz significando ‘o outro lado’, embora a identificação deste termo com os habirus (ou khabirus) errantes, que fizeram seu aparecimento na Ásia Menor entre cerca de 2000 e o século XI a.e.c. não seja improvável”.

Anos mais tarde³⁷ e ainda sem descendência, após uma curta estadia no Egito, em decorrência de grande seca em Canaan, Deus estabeleceu com Abrão uma aliança. Esse pacto perpétuo, compreendido e evidenciado na tradição religiosa como fruto de

³⁵ Semita: “O termo semita designa uma comunidade linguística, não uma raça; ele remonta a *A.L. Schözer*, que foi o primeiro a chamar de ‘semita’ a língua comum aos descendentes de Sem, filho de Noé, apoiando-se na tabela das nações de Gn 10,6-20. Como línguas flexivas, as línguas semitas estão próximas às camitas e às indo-européias; por isso se supõe que o tipo linguístico flexivo se tenha originado na área abrangida pelo noroeste da África e Europa ocidental. Partes dessa população semita permaneceram na África setentrional, outros vieram a ocupar algumas regiões da Ásia, o chamado Oriente Médio, em diversas ondas migratórias durante o 2º e 3º mil. a.C. [...] A grande importância cultural dos semitas está na criação e no desenvolvimento da escrita alfabética” Waldenfels, König (1998, p. 539).

³⁶ Livro de Gênesis capítulo doze, versículo sete.

³⁷ Em sua jornada pela terra dos cananeus, Abraão, sua família e as pessoas que os acompanhavam crescem e prosperam. Os relatos bíblicos nos afirmam que houve contenda entre os pastores de Abraão e seu sobrinho Lot, na busca por melhores pastagens para seus animais. De acordo com os registros, em tom conciliatório ocorre a separação entre os dois chefes provindos de Ur.

um relacionamento íntimo e obediente, foi celebrado com o ritual da circuncisão³⁸ de todos os homens. Nas palavras de Berger (2015b), a circuncisão tornou-se uma condição de identificação e pertencimento à aliança. A Bíblia descreve o próprio Deus a prometer uma descendência de muitas gerações:

Eis, de Minha parte, a *aliança* que faço contigo: serás *pai* de uma multidão de *nações*; e não se chamarás mais o teu nome Abrão, mas Abrahão [Avraham] será teu nome, porque *pai* de uma multidão de *nações* te fiz. E te farei frutificar enormemente, e de ti farei *nações*, e de ti sairão reis. E estaborecerei a minha *aliança* entre Mim e ti, e entre tua *descendência* depois de ti, em *suas gerações*, numa *aliança* eterna, para *ser teu Deus*, e de *tua descendência* depois de ti. (Gn17:4-7 - grifo da autora)³⁹.

É importante ressaltar que as palavras por vezes repetidas pelo Deus de Abraão são perpassadas da tradição oral à escrita por toda a narrativa bíblica, de modo a validar a aliança estabelecida entre Deus e Abraão, a qual é eterna e será estendida às gerações vindouras de sua descendência. Essa promessa já nos concede indícios de algumas palavras/verbo que encontraremos em ações/vida nos ensinamentos às futuras gerações, de modo que todos os que guardassem a fé no Deus de seu patriarca frutificariam. Em sua peregrinação, nos intensos diálogos e nas experiências vivenciadas com o sagrado, o texto nos leva a compreender a relevância de um pacto que sela e acompanha o entendimento de que Abraão foi o escolhido por Deus para ser o pai de uma nação⁴⁰ consagrada ao serviço a Deus.

³⁸ O ritual denominado *Brit Milá* consiste na circuncisão, ou seja, é cortado o prepúcio dos recém-nascidos após seu oitavo dia de vida. Após a cerimônia uma prece é recitada para que o nome do bebê seja anunciado pela primeira vez para toda comunidade. Os judeus religiosos observam a tradição até a presente data.

³⁹ Os grifos apontam para uma aliança estabelecida entre Deus e a descendência de seu povo eleito. Assinalo a importância de serem constituídos como uma nação sacerdotal separada para dedicarem-se a ouvir a Deus e fazer reverberar seu amor e conhecimento por toda a humanidade. De acordo com o chassidismo, corrente judaica aqui estudada, sua fé monoteísta não se consubstancia no monopólio de uma única verdade absoluta, antes deveria materializar-se na edificação de um padrão ético e moral contra as injustiças sociais presentes na Terra.

⁴⁰ Pode-se observar que as narrativas bíblicas são construídas de forma a asseverar o conceito de que aos judeus caberia o estudo e o cumprimento das leis do Eterno e, dessa forma, o mundo poderia contemplar as manifestações da essência do Criador. Nas palavras de Asheri (1987, p. 29): “O caráter de escolhido que tem Israel não consiste num lugar hereditário no Céu, mas sim no seguinte: *que Deus escolheu Israel para ser o povo que receberia Sua Lei, que estudaria e compreenderia Sua Lei e obedeceria aos mandamentos contidos em Sua Lei.*”

Já estava Abraão em idade avançada⁴¹ quando ocorreu o nascimento do filho da promessa, Isaac, o qual foi circuncidado em seu oitavo dia de vida. Renovada a fé e a esperança nas palavras-vida dadas a existir pela boca do Eterno, Isaac⁴² deu continuidade ao legado de seu pai, transformando-se, anos mais tarde, em pai de Jacob, o qual, numa luta descrita de forma mítica com um anjo, teve seu nome trocado para Israel.⁴³ Dessa mudança de nome incorreu o fato pelo qual, posteriormente, os descendentes de Abraão passaram a ser identificados como israelitas. Goody (2012) distingue que o mito é uma forma de literatura oral, uma vez que o sujeito participa das ações culturais, embora lide com questões cosmológicas.

A história dos patriarcas da fé, Abraão, Isaac e Jacob, continuou e, passado algum tempo, Deus apareceu em sonho a Jacob. Sua fala rememorou a aliança e a promessa:

E sonhou, e eis que uma escada estava apoiada na terra e seu topo chegava aos céus, e eis que anjos de Deus subiam e desciam por ela. E eis que o Eterno estava sobre ela, e dizia: ‘Eu sou o Eterno, Deus de Abrahão, teu pai, e Deus de Isaac; a terra sobre a qual tu jazes, a ti a darei e à tua descendência. E a tua descendência será como o pó da terra, e te fortalecerás, ao oeste, ao leste, ao norte e ao sul; e por meio de ti – e de tua descendência – serão benditas todas as famílias da terra. E eis que Eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, pois não te abandonarei até que Eu faça por ti o que te falei (Gn28:12-15).

Jacob teve doze filhos, os quais se tornariam, a posteriori, os progenitores das doze tribos de Israel. Os relatos sobre os filhos de Israel, descritos no primeiro livro da Bíblia, referem-se a questões mais pontuais da vida cotidiana e estavam relacionados a

⁴¹ A Bíblia Hebraica narra que Abraão e Sara encontravam-se em idade avançada, 100 e 90 anos, respectivamente.

⁴² A Bíblia não é tão minuciosa na descrição do relacionamento de Isaac e o Deus de seu pai.

⁴³ Conforme o Dicionário Enciclopédico das Religiões, a primeira menção ao nome Israel é encontrada “em Gênesis 32,28, no relato da luta misteriosa que Jacó travou com o enviado de Deus: ‘Teu nome não será mais Jacó, mas Israel, pois lutaste com Deus e com os homens e venceste’. O nome ‘Israel’ derivaria, assim, do verbo Sara (=lutar) e El (=Deus) significando ‘campeão de Deus’”. [...]. As letras da palavra ‘Israel’ aludem aos nomes (no original hebraico) dos três patriarcas e das quatro matriarcas do povo judeu: I – Iaacov e Itzjak; S – Sara; R – Raquel e Rivcá; A – Avraham; L – Léa. Israel foi designação única para o povo judeu, até Salomão. Depois da cisão, ‘Israel’ designava as 10 tribos e ‘Judá’, o reino com sede em Jerusalém. Por isso, a maior parte dos historiadores divide a história do povo judeu em duas épocas: ‘História de Israel’, até o exílio babilônico; e ‘História dos Judeus’, a partir do retorno a Sião, pois restaram apenas as tribos de Judá e Benjamin (Schlesinger e Porto, 1995, p.1417).

disputas por terras e poços. Pode-se inferir uma escrita bíblica em que o autor deseja perpassar, segundo Borger (2015a, p. 26), a presença de uma consciência de “identidade grupal e religiosa especial”. O livro de Gênesis conta de forma minuciosa a odisseia dos descendentes de Abraão. Nesse cenário, após uma prolongada estiagem assolar Canaan, os filhos de Israel fugiram da fome e rumaram ao Egito. Já em terras vizinhas, encontraram-se com um dos filhos de Jacob – José – que ocupava um alto posto de poder na corte egípcia. Na apreensão de Epstein (2009), o reencontro descreve uma conspiração de acontecimentos e circunstâncias que levam os israelitas a entrar para a História. Essa perspectiva carrega em si um sentimento e um posicionamento religioso que anseiam por reivindicar a legitimação das narrativas bíblicas como fontes memorialísticas precisas acerca da história do povo hebreu e sua ascendência.

Após um hiato temporal sobre como se desenvolveu o tempo e a vida dos judeus no Egito, a narrativa inicial do livro de Êxodo descreve o fim da realidade de privilégios vivenciada pelos israelitas durante o período em que José estava à frente de um governo liderado pelos hicsos⁴⁴, alterada com a chegada ao poder de outras Dinastias⁴⁵ egípcias que fizeram recrudescer pesados trabalhos servis aos israelitas. Ao ressaltar, de forma particular, que “os filhos de Israel frutificaram, aumentaram, multiplicaram-se e fizeram-se fortes, muitíssimo, e a terra encheu-se deles”⁴⁶, as escrituras novamente nos demonstram a preocupação manifesta com a descendência do povo hebreu.

A Bíblia narra um cenário de forte opressão em que os israelitas foram escravizados e trabalharam sob o domínio de Ramsés⁴⁷ II, o Grande. O nascimento de Moisés recebe destaque, pois sua mãe, para salvá-lo da precariedade em que se encontrava o povo hebreu, o conduziu à adoção. Descritos os cuidados materiais com o cesto e o acompanhamento de todo o percurso por sua irmã, conta que Moisés foi adotado, ainda bebê, por uma princesa egípcia e, ao crescer e explorar as terras fora das cercanias palacianas, constatou as duras condições de vida impostas aos seus irmãos.

⁴⁴ De origem semítica, os Hicsos, “são um conjunto de povos disseminados desde o Norte da Mesopotâmia até o centro da Ásia Menor e o delta do Nilo. Os israelitas estabeleceram-se no Egito sob seu domínio.” (Schlesinger e Porto, 1995, p.1263).

⁴⁵ Um estudo mais acurado sobre egiptologia, perpassando pela história, economia e cultura pode ser encontrado no livro: História do Egito Antigo, Nicolas Grimmel (2012).

⁴⁶ Livro de Êxodo, capítulo 1.

⁴⁷ Ramsés II permaneceu no trono entre os anos de 1279 a 1213, seu império é considerado o mais próspero do Egito. Nicolas Grimmel (2012).

Após matar um soldado egípcio que molestava hebreus, fugiu com medo de represálias e refugiou-se nas terras de Midian.

Perto do Monte Horeb, ao apascentar as ovelhas de Jetro, seu então sogro e chefe de Midian, Moisés deteve-se a contemplar uma sarça que ardia e queimava de forma incessante. Atraído por um fogo que não se consumia, ele teve seu primeiro encontro com o Eterno, que lhe chamou pelo nome e disse: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob.”⁴⁸. Deus comunicou a Moisés que via a aflição e ouvia o clamor de seu povo no Egito e o ordenou a voltar, libertar e conduzir o seu povo à Terra Prometida. Observa-se um padrão que viria a ser estabelecido nas narrativas religiosas, Deus fala, revela-se a Moisés e, em seguida, relembra-o e chama a existência à memória de quem ele é.

Ao descrever a vida e a personalidade de Moisés⁴⁹, a Bíblia procura dar ênfase à sua humanidade, pois, temendo não ser ouvido pelos seus e menos ainda pelo faraó, ele relutou em cumprir sua missão, argumentando não ser suficientemente bom e qualificado. Ao questionar o Criador, em nome de quem falaria quando estivesse com os filhos de Israel, o próprio Deus respondeu-lhe: “Serei O que serei”⁵⁰. No diálogo, Deus demonstrou a Moisés em nome de quem ele devia falar, suas palavras evocavam a menção de sua realidade eterna como o Deus ancestral dos hebreus e, sobretudo, o nome que para sempre deveria ser estabelecido e preservado com zelo na memória de todas as gerações. Dessa forma, ordenou:

“Assim dirás aos filhos de Israel: ‘Serei enviado-me a vós.’ E Deus disse ainda a Moisés: ‘Assim dirás aos filhos de Israel: O Eterno, Deus de vossos pais – o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob –, enviou-me a vós. Este é o Meu Nome para sempre, este é o Meu memorial para todas as gerações’.”. – Êxodo 3:14:15

⁴⁸ Livro de Êxodo, capítulo 3.

⁴⁹ Importante ressaltar o quão relevante foi, de acordo com as tradições religiosas, o legado de Moisés para o desenvolvimento da fé judaica. Destarte, destaco que o ensino e o estudo das Leis judaicas se configuram como parte do arcabouço teórico estudado nas escolas religiosas ortodoxas judaicas.

⁵⁰ Nas palavras de Borger (2015a, p. 30): “Muitas traduções da estranha expressão hebraica têm sido propostas: Eu sou quem sou. Eu serei o que serei. Eu sou quem serei. E incontáveis especulações foram feitas acerca da enigmática resposta de como Deus define – ou recusa definir – o seu nome. Os judeus sempre relutaram em pronunciar o Tetragrama – as quatro letras que compõem o inefável nome de Deus – mas, como a antiga escrita hebraica não tinha vogais – somente consoantes –, perdeu-se para sempre a certeza de sua pronúncia correta.”. Em referência ao texto bíblico do livro de Êxodo, capítulo 3.

Este é o tetragrama que representa o nome divino do Deus de Israel, YHVH, o nome impronunciável⁵¹ que é por si a substância⁵² da essência, o nome que é escrito de forma a fazer despertar a memória de uma antiga aliança e atravessa o tempo da história, pois, no passado, no presente ou no futuro ele foi, é e será o Eterno para seus filhos. Epstein (2009, p. 23) destaca a intergeracionalidade com a qual Deus se faz reconhecer na memória dos seus anelados:

“Ehie Asher Ehie (‘Serei O que Serei’). É esta a forma do nome Divino YHVH (‘Ele é O que é, o Eterno), quando usada por Deus, que envolve a concepção de Deus como Aquele que está sempre presente com o Seu povo, com os filhos assim como com os pais, através do desenrolar de toda a sua história passada, presente e futura.”.

Moisés voltou ao Egito com uma mensagem que carregava em si a invocação da memória do Deus de uma antiga aliança e de antigas promessas. O povo, que se encontrava em situação de penúria, rememorou a tradição oral do Deus da aliança de seus patriarcas. O faraó, no entanto, conforme avisara o próprio Eterno, não estava convencido de que deveria libertar um excessivo número de trabalhadores braçais. A longa fuga de hebreus e não hebreus do Egito é descrita em pormenores nos muitos capítulos do livro de Êxodo. A narrativa intercala a força e o poder de Deus, manifestos em seus sinais e maravilhas na fúria contra os egípcios. Incontáveis pesquisadores e eruditos das mais diversificadas áreas de conhecimento já se debruçaram de forma especulativa na tentativa de explicar, à luz da razão, a saída dos israelitas das terras do Egito e a passagem pelo Mar de Juncos⁵³, descritas no livro de Êxodo. Se o evento se consumou numa fuga generalizada de escravos ou por manifestações incompreensíveis à mente humana, no presente estudo atendo-me à epifania do ato e seu impacto na

⁵¹ Pautados no terceiro mandamento entregue por Deus a Moisés: “Não jurarás pelo nome do Senhor teu D-us, em juramento em vão; pois D-us não absolverá ninguém que use Seu nome em vão”, os judeus consideram impronunciável o nome de Deus, e, por temor à santidade do nome eterno, muitos judeus religiosos utilizam-se do acróstico Há’Shem, que significa “o Nome” ou “o Senhor” (Rosenberg, 1992, p. 24).

⁵² O conceito de substância utilizado no estudo é do filósofo holandês Baruch Espinoza, para quem só Deus é propriamente uma substância. Em seu livro *Ética I*, encontramos a definição: “Por substância, entendo aquilo que é em si e que é concebido por si, isto é, aquilo cujo conceito não necessita do conceito de outra coisa a partir do qual deve ser formado.”.

⁵³ Borger (2015a), em concordância com Joffe (2017), especula que o Mar de Juncos seja um provável braço do Mar Vermelho, na região do Delta do Rio Nilo.

tradição religiosa, uma vez que os judeus religiosos o veem como mais uma esplendorosa manifestação sagrada.

Deus ordenou a Moisés que procurasse, no Egito, os anciãos de Israel, aqueles que ainda guardassem na memória quem era o Eterno e se lembrassem da promessa da Terra Prometida. Depois de longa peleja, Moisés e seu irmão Aarão levaram todo o povo para o deserto do Sinai. Após quatrocentos anos de exílio no Egito, a historiografia bíblica⁵⁴ nos assegura que os hebreus se moveram com Moisés em virtude de estarem fundamentados na rememoração das promessas de uma antiga aliança estabelecida pelo Deus de seus patriarcas. Destaco que o estudo sobre a história do povo hebreu deve procurar dimensionar os significados de um povo que tem seu *ethos* na identificação da memória de seus ancestrais. Sob esse viés, Borger (2015a, p. 32) chama atenção para o fato de que:

“Usar o Êxodo como ponto de partida para a história de Israel, como há historiadores que o fazem, equivale a escamotear todo o processo iniciado pelos patriarcas, negando aos seus descendentes um denominador espiritual comum. A preexistência do conceito do Deus dos Pais é condição indispensável para explicar o que fez com que os Bne Israel preservassem sua identidade durante os séculos de permanência no Egito”.

Recém-saído do Egito, Moisés foi chamado pelo Eterno às colinas do Monte Sinai, onde recebeu de Deus o Decálogo e toda a Torá. Na perspectiva de Epstein (2009, p. 27), a ética presente nos dez mandamentos representa “uma universalidade única que torna a sua aplicação eminentemente relevante para a missão sacerdotal universal de Israel”. A partir desse momento, os escritos bíblicos procuram evidenciar as responsabilidades da ética sinaítica. Invocar a memória de quem são e seu chamado sacerdotal constituiu-se num padrão estabelecido pelas escrituras sagradas.

A figura abaixo traz uma representação do Decálogo seguida por sua citação consoante com a Bíblia hebraica. As escrituras sagradas afirmam que, ao se revelar a

⁵⁴ A tradição religiosa aceita a primavera de 1447 a.C. como a data mais aproximada para a saída dos israelitas do Egito. Todos os anos, nessa mesma época, a Bíblia estabelece uma festa perpétua para celebração: “E este dia será para vós por lembrança, e o celebrareis como uma festa do Eterno por vossas gerações; como um estatuto perpétuo o celebrareis” (Ex12:14).

Moisés, Deus entregou-lhe as tábuas do livro da Lei.

Figura 4 –Decálogo Tábuas Da Lei Com Os Dez Mandamentos⁵⁵



Fonte: Extraído de *Uma História do Povo Judeu*, vol 1: *De Canaã à Espanha*, de Hans Borger (Editora Sêfer, 2015a).

Pode-se observar a constituição organizada de um padrão memorialístico na fala dirigida por Deus a Moisés, no início do Decálogo, na afirmação de quem Ele é, pois YHVH disse: “Eu sou o eterno, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa dos

⁵⁵ O texto presente nos Dez Mandamentos, de acordo com a Bíblia Hebraica, afirmam: 1. Eu sou o Senhor, teu D-us, que te libertou da terra do Egito, da casa da servidão. 2. Não terás outros deuses diante de minha presença. Não farás para ti imagem esculpida, nem nada semelhante ao que há nos céus acima, ou na terra embaixo, ou na água debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem os servirás; pois Eu Sou o Senhor, teu D-us – um D-us zeloso, que visita as iniquidades dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração dos que aborrecem. Mas mostrarei bondade para centenas de gerações àqueles que Me amarem e cumprirem Meus mandamentos. 3. Não jurarás pelo nome do Senhor teu D-us em juramento vão; pois D-us não absolverá ninguém que use Seu nome em vão. 4. Lembra-te do dia de Shabat, para o santificá-lo. Por seis dias deverás trabalhar e cumprir todas tuas tarefas, mas o sétimo dia é Shabat de teu D-us; não debes fazer nenhum trabalho – tu, teu filho, tua filha, teu servo, tua serva, teu animal, e o peregrino que estiver dentro de teus portões – pois em seis dias D-us fez os céus, a terra, o mar e tudo que neles está, e Ele descansou no sétimo dia. Por isso abençoou o dia de *Shabat*, e o santificou. 5. Honrarás teu pai e tua mãe, para que se prolonguem teus dias sobre a terra. 6. Não matarás. 7. Não adulterarás. 8. Não furtarás. 9. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. 10. Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, e seu servo, e sua serva, e seu boi, e seu asno, e tudo que seja teu próximo.

escravos.”⁵⁶. Já no primeiro mandamento estão presentes uma afirmação e uma lembrança. Deus relembra quem ele é, através da fidelidade contida na expressão das promessas estabelecidas na aliança com a descendência de Abraão.

Os registros bíblicos narram os quarenta anos de travessia do Egito à Terra Prometida. Durante o percurso, nos diálogos estabelecidos entre Deus e Moisés, os atributos, ensinamentos e mandamentos continuaram a ser revelados⁵⁷. Deus ordenou a Moisés a transcrição de suas palavras eternas, de forma que seus estatutos perpétuos fossem para sempre rememorados.

Yerulshami (1992, p.125) auxilia-nos na compreensão dos critérios estabelecidos nas narrativas bíblicas, afirmando que ao longo das escrituras sagradas o povo é ordenado a lembrar, sendo-lhe negado o direito ao esquecimento. O autor ainda ressalta que, ao fundamentar a memória no Deus de seus antepassados, a historiografia bíblica reconhece somente o terror de esquecer, pois o esquecimento passa a significar o avesso da memória, o qual é sempre muito negativo. Para os judeus, esquecer quem são é “o pecado fundamental do qual todos os outros saíram.”.

À vista disso, observa-se como os elementos presentes na tradição oral foram sendo escritos e perpassados de geração em geração com o intuito de preservar os conceitos fundamentais, os ensinamentos e mandamentos presentes na fé judaica. Nesse sentido, as escrituras sagradas do judaísmo, aceitas pelos religiosos como entregues por Deus a Moisés, são compostas pelos cinco primeiros livros da Bíblia hebraica: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Ainda de acordo com a religião judaica, Deus também transmitiu a Moisés o que foi denominado de Torá Oral, que abarca todas as explicações e interpretações dos mandamentos da Torá Escrita. Antes de falecer, Moisés, seguindo o costume de seu povo, transmitiu a Torá Oral para o profeta Josué bin Num, que a transmitiu aos demais anciãos e profetas de Israel, que, por sua vez, a transmitiram às futuras gerações.

As leis judaicas, com suas máximas e aforismos, transmitidas de forma oral, são aqui compreendidas como uma condição essencial para o estudo do patrimônio material

⁵⁶ Livro de Êxodo, capítulo 20.

⁵⁷ A cerimônia de entrega do Sêfer Torá à Moisés recebe o nome de *Shavuot*. É uma das principais festas celebradas pelos religiosos anualmente.

escolar da Yeshivá de Petrópolis. Na medida em que, o âmago de suas escrituras sagradas prescreve, em sua essência, o cotidiano de todas as leis judaicas que fundamentam sua estrutura curricular. Depreende-se que, para os judeus ortodoxos, a aprendizagem e a interpretação dos usos e costumes praticados como herança de um legado intergeracional são o elo que engendra as composições de lições e preces enraizadas nas longínquas lembranças e memórias das ações do Deus de seus ancestrais, constituindo, assim, sua identidade.

Junto à conquista da Terra Prometida, surgiram os reis e, nessa direção, as narrativas bíblicas cumprem os preceitos de organizar e apresentar toda a distribuição dos conteúdos, correspondendo ao que Goody (2012, p. 57) distingue como uma das características da literatura oral, em que, em geral, é essencial considerar o contexto da apresentação e como será transmitido. Dessa forma, as escrituras possuem dinâmicas únicas, uma vez que, “seu caráter imaginativo e ficcional precisa ser introduzido no contexto de uma maneira mais séria, inclusive a atuação recíproca entre homens e deuses. Não só com deuses, mas também com animais e toda a natureza.”⁵⁸.

Não se pode afirmar a rota precisa da conquista da Terra Prometida, nem mesmo quando se aproxima a historiografia bíblica da arqueologia. Apresentados sob distintos trajetos, o mais aceitável seria uma possível rota pela Transjordânia (JOFFE, 2017; BORGER, 2015b). O livro de Josué relata a conquista de Canaan, dando destaque à mão poderosa do Deus de Israel na condução de seu povo à Terra Prometida. Sob o viés religioso, rezam-se canções sobre a importância estratégica das matriarcas do judaísmo, Raquel e Lea, e também sobre a diligência de Josué, o qual reunira todas as doze tribos, distribuindo justamente as terras de acordo com o número de seus membros. Por fim, levantou-se na cidade de Shiló um santuário, o qual continha a Arca⁵⁹ da Aliança, interpretada como uma forte força coesiva, significando a união política e religiosa das doze tribos (EPSTEIN, 2009, p. 40).

Canaan era uma cidade multicultural e importante rota comercial, nela

⁵⁸ As narrativas bíblicas apresentam uma rica coletânea de manifestações divinas envolvendo animais.

⁵⁹ Para os religiosos ortodoxos, a Arca da Aliança representava um dos bens mais preciosos de Israel, pois nela estavam abrigadas as duas tábuas da Lei e o Sêfer Torá original, que, ditado por Deus, fora transcrito por Moisés. O santuário da Arca da Aliança estava situado em Shiló, na Palestina Central, lugar onde os israelitas ocasionalmente realizavam suas assembleias pantribais (AS MAJESTOSAS, 2011; Joffe, 2017).

coabitavam diversas etnias, entre fenícios, árabes, amonitas e filisteus. Os israelitas adequaram-se à terra e caracterizavam-se como uma sociedade agrária, “baseada em clãs e igualitária, cujos arqueólogos do final da Idade do Bronze⁶⁰ confirmam” (JOFFE, 2017, p. 60). No entanto, com a morte de Josué, os filhos de Israel ficaram sem uma liderança formalmente instituída. Levantaram-se, então, juízes, para aconselhar o povo e dar continuidade à missão como nação sacerdotal, período que ficou conhecido como a Era dos Juízes. Na maioria das vezes, eles eram homens simples, representantes das tribos e conhecedores das tradições orais.

Foram cerca de duzentos anos entre a chegada dos israelitas à Terra Prometida e o estabelecimento de uma monarquia. Durante esse período, um total de doze juízes mantiveram as tribos unidas e intercalaram-se no cumprimento das leis judaicas previstas na Torá. Na Bíblia, o livro de Juízes nos indica que o povo fazia o que lhes parecia bem aos próprios olhos, mas, inseridos no tapete multiétnico de Canaan, estavam misturando-se e perdendo a essência que fez com que fossem o povo escolhido por Deus, de acordo com as escrituras sagradas.

Alguns juízes auferiram maior significância quanto à coesão dos filhos de Israel. A judicatura de Débora⁶¹ ocorreu durante acirrada crise pelo domínio do vale de Jezreel, encravado entre as regiões norte e central dos assentamentos de Israel. Descrita como profetisa de extraordinária personalidade, ainda que as leis proibissem a participação de mulheres nas batalhas, em unísono pedido ela foi convocada. Outro proeminente juiz foi Gideão, o qual lutou juntamente com trezentos homens e livrou Israel dos invasores. Mesmo com o pedido das tribos, Gideão recusou-se a ser estabelecido como rei, por entender que a missão do povo de Israel era sacerdotal. Outro notável, Sansão, foi reconhecido por sua destreza e força física, mas foi traído e derrotado nas batalhas que empreendeu, fato que levou grande desânimo ao povo.

Samuel foi o último dos juízes. Educado no Santuário de Shiló, não era um

⁶⁰ De acordo com Joffe (2017, p. 62), os israelitas eram um povo da Idade do Bronze e estavam adaptando-se à Idade do Ferro. Ao chegarem em Canaan, mantiveram-se unidos por sua etnia e crença no Deus de seus patriarcas, e somente com o passar dos anos instituíram-se como uma nação. O santuário da Arca da Aliança, situado em Shiló, na Palestina central, era o local onde realizavam as assembleias.

⁶¹ O fato de Débora ser uma juíza nos conduz a imaginar o valor atribuído ao ensino de homens e mulheres, desde os primórdios do judaísmo, ainda que destinados a uma elite.

guerreiro e ascendeu à condição de juiz como um homem de ilibada autoridade moral. Nesse período, os israelitas lutavam contra os filisteus, povo descrito como muito experiente na arte da guerra e poderoso no domínio do ferro. Nas frequentes batalhas por domínio territorial, os filisteus derrotaram Israel e capturaram a Arca Sagrada, que continham as tábuas da Lei. Frustrados e derrotados, o povo propôs em assembleias que Samuel designasse um rei para exercer um governo sobre eles. Samuel advertiu a todos os filhos da Casa de Israel que deveriam se manter apenas na ética da tradição sinaítica.

De acordo com a narrativa, Samuel tentou persuadir e demover todo o povo da ideia de instituir um rei, uma vez que isso representava uma blasfêmia contra as leis de Deus (JOFFE, 2017). De modo análogo, admoesta-os sobre os perigos relacionados à instauração de uma monarquia, afirmando que um rei tomaria para si os filhos de Israel e os faria como empregados para servi-lo, além de recolher seus dízimos e escravizá-los. No entanto, os anciãos não acolheram os conselhos de Samuel que, desgostoso, dissolveu a assembleia, nomeou e ungiu Saul a rei.

O povo de Israel tinha um novo rei, mas ainda havia a necessidade de se constituir como uma nação. Nesse sentido, Saul venceu inúmeras batalhas contra os povos estabelecidos na região e promoveu a unidade de todas as tribos. Entre as lutas e as interpretações pessoais quanto aos desígnios do Eterno, Saul afastou-se do que era aprazível aos olhos de Deus, sendo duramente repreendido por Samuel. De acordo com o livro de Samuel, após a morte de Saul, Isboset⁶², filho de Saul, governou por um curto período de dois anos, sendo morto por dois de seus capitães de guarda, tendo sido sucedido por Davi.

Os relatos bíblicos sobre a vida e personalidade de Davi assemelham-se aos de Moisés, no que se refere à descrição dos detalhes pessoais. Davi surgiu como um pastor temente ao Deus de Abraão, consagrou-se como um rei querido e popular e rapidamente consolidou a união de todas as tribos, estendendo o reino de Israel, territorialmente, a norte, a sul e a oeste. Ao conquistar a cidade de Jerusalém, lá estabeleceu um santuário nacional para abrigar a Arca, unindo as tribos do Norte e do Sul, alicerçando Israel como uma nação.

⁶² Em 2012, arqueólogos da Universidade Hebraica de Jerusalém encontraram, pela primeira vez, recipientes de argila com inserções do reinado de Isboset. Para consultas: <https://new.huji.ac.il/>.

Após a morte de Davi, Salomão, seu filho, o sucedeu, continuando a centralização política e religiosa do pai, e expandiu o território de Israel, casando-se estrategicamente com princesas de países vizinhos. Sob o seu governo, desenvolveram-se a mineração do cobre e o comércio marítimo, acrescidos à rentabilidade do comércio terrestre, fazendo com que o reinado de Salomão seja descrito com grande pujança. Todas essas questões político-administrativas provocaram uma profunda mudança na antiga comunidade agrária das tribos, fazendo-os conhecer, por um lado, inimaginável prosperidade e, por outro, a submissão e o descontentamento de muitos israelitas (EPSTEIN, 2009).

Coube a Salomão a construção do Beit HaMikdash, Casa Santificada ou o primeiro Templo em Jerusalém. Edificado consoante as orientações divinas, o novo santuário personificou um papel importante na estabilização do reino, tornando-se um vivo patrimônio que impulsionava força e energia religiosa à nação. De acordo com Borger (2015a, p. 73), sua criação “implicava na institucionalização da religião e na criação de um aparato sacerdotal até então desconhecidos.”. Os profissionais que se ocupavam do culto ao Eterno – o sumo sacerdote, os sacerdotes e os levitas – ganharam expressivo destaque na vida da nação.

As escrituras sagradas nos afirmam que a presença de Deus é sempre atraída por cânticos alegres. No livro de Crônicas⁶³, os relatos manifestam que, ao desempenhar seu ofício religioso, os levitas tocaram seus instrumentos, os sacerdotes cantaram e todo o povo viu a presença do Eterno. Os livros da tradição religiosa afirmam que a música alegre e seu eco atrai a presença divina e a esperança do médico de todos. Salmodiar e entoar canções que bendizem a Deus, purificam e trazem contentamento são práticas realizadas até o presente tempo nas *yeshivot* por todo o mundo.

Durante o reinado de Salomão, o período de prosperidade estendeu-se à vida intelectual. Antigas lendas e sabedorias perpassadas na tradição oral começaram a ser escritas, tinham-se, nas palavras de Borger (2015a, p. 74), o momento e as mais

⁶³ “E quando os trombeteiros e os cantores fizeram em unísono uma só voz, louvando e dando graças ao Eterno, elevando o som das trombetas, címbalos e outros instrumentos musicais com louvores ao Eterno, dizendo: ‘Porque Ele é bom, e porque a Sua benignidade permanece para sempre’, então uma nuvem encheu a casa, a Casa do Eterno, de modo que os sacerdotes não podiam permanecer ali para ministrar, por causa da nuvem, pois a glória do Eterno encheu a Casa de Deus” (2 Cr 5:13-14).

propícias condições “para a sedimentação de velhas tradições culturais e religiosas e a criação de novas. Lei, salmos, provérbios e registros históricos começam a ser compilados e levados ao povo por centenas de levitas espalhados pelo país, incumbidos de ensinar, educar e alfabetizar.”.

Israel havia se tornado uma influente nação, no entanto, o progresso comercial e intelectual trouxe consigo um desalinhamento com o ideal proposto por Deus aos filhos de Israel, de ser uma nação santificada e separada a espalhar os ensinamentos éticos e a piedade do Eterno, conforme advertira Gideão e Samuel. A união de Salomão com princesas estrangeiras, as quais mantinham o culto aos deuses de suas tradições, ocasionou um processo de assimilação que desmoronou a unidade religiosa. O Deus de Abraão, Isaac e Jacob tornara-se um deus institucional da nação israelita (BORGES, 2015a; EPSTEIN, 2009).

Por outro lado, a expansão econômica resultara em vantagens financeiras a poucos, o que culminou por desencadear uma crise no sistema político, pois a maioria dos israelitas estava sujeita a trabalhos servis, sem muita rentabilidade. Borges (2015a, p. 75) assinala esse desvio na trajetória sacerdotal de Israel sob a seguinte perspectiva: ainda que letrados e conhecedores da lei, ao saírem do campo para servir nas obras do rei Salomão, os filhos de Israel “transformam-se num proletariado”, o que seria o oposto da “justiça social para os oprimidos”, a ética do Sinai proclamada por YHVH no deserto.

Todos esses fatores desencadearam uma crise no sistema político. Após a morte de Salomão, seu filho Reoboam assumiu o reino com rebeldes insurreições. Cansados da opressão e tendo em vista interesses tribais, os israelitas culminaram por dividir o reino. Em oposição aos quase cem anos de unificação, as tribos, então, separaram-se entre os reinos do Norte – Efraim, Asser, Zebulom, Issacar, Dã, Aser, Naftali, Manassés, Gade, Rúben – comandadas por Jeroboão. O reino do Sul consistia na união de Judá e Benjamim, que, embora menor territorialmente, tinha a cidade de Jerusalém e se manteve, em sua maioria, no culto ao Eterno.

A Bíblia assinala que, mesmo possuindo a mesma ancestralidade e devoção a YHVH, após a divisão do reino de Israel as tribos se reduziram a muitas rivalidades. Os diferentes espaços geográficos impunham diferenças culturais, fazendo com que cada

reino lutasse de forma independente por seu sustento e sobrevivência territorial, política ou religiosa. Os livros de Reis e Crônicas contam que o Norte e o Sul lutaram sem sucesso contra a assimilação cultural, e rapidamente foram registradas adesões a costumes e práticas consideradas pagãs que levariam à ruína do povo escolhido para o serviço sacerdotal. Canaan, a terra prometida aos hebreus, localizava-se na Palestina e possuía uma estratégica rota comercial. Com seu governo fragilizado e segmentado em dois reinos, os israelitas passaram rapidamente a ser alvo da expansão territorial das potências e impérios ao seu redor, como os assírios, egípcios e babilônicos. Os acordos e alianças com os países circunvizinhos não foram suficientes para sustentar a soberania dos reinos de Israel e Judá.

Inicialmente, após as duras investidas do Império Assírio e um enfrentamento irresoluto por parte do reino do Norte, o reino de Israel deixou de existir e sua população foi deportada. Depois de pouco mais de um século, a Assíria caiu nas mãos do Império Babilônico. Sob o governo de Nabucodonosor, os babilônicos invadiram e dominaram Judá, deportando para suas terras inúmeros israelitas. Schama (2015) assegura que o exílio babilônico foi um dos mais significativos para a civilização hebraica, pois na diáspora babilônica os judeus organizaram seus pergaminhos e abriram as primeiras academias de estudo que perduraram por séculos, das quais se origina um enorme volume de textos que posteriormente viriam a compor suas escrituras sagradas.

1.2 Entre as lágrimas de lembranças: escrevemos nosso Livro

Durante a Antiguidade, na região da Mesopotâmia, dois grandes impérios - os assírios e os babilônicos - dominaram e intercalaram-se pela supremacia política, econômica e territorial do Oriente Médio. Sob o ponto de vista histórico, o reino de Israel compreendia uma pequena faixa de extensão territorial às margens do Mar Mediterrâneo e, com seu cenário geopolítico, apresentava inúmeras possibilidades comerciais, encontrando-se assentado no meio de um contexto expansionista por parte dos grandes impérios à sua época.

A economia dos assírios baseava-se na extração de madeira, ferro e bronze, além das atividades pastoris e agrícolas. Eles possuíam cidades bem construídas e estruturadas, com uma corte real considerada bastante diversificada, e uma vasta literatura histórica. Destacavam-se também pelo refinamento de suas bibliotecas, bem como pelo poderio de seu exército (JOFFE, 2017). Com os reinos fragilizados e divididos entre Norte – reino de Israel – e Sul – reino de Judá –, o ano de 722 a.C. marcou a invasão da Assíria ao reino de Israel e, por conseguinte, o domínio completo de sua extensão territorial e a expulsão de sua população. O contexto de total controle e devastação do reino de Israel fez com que dez das doze tribos⁶⁴ ficassem perdidas ou completamente assimiladas por outras culturas no decorrer da história.

Do mesmo modo, o Império Babilônico, também considerado uma das mais importantes civilizações do mundo antigo e localizado na região da Mesopotâmia, nas terras entre os rios Tigre e Eufrates, lutava por sua ascensão política. Seu poderio estendeu-se por duas fases divididas entre os anos de 1792 e 1750 a.C. e, posteriormente, no período de 626 a 539 a.C. Durante o segundo período de seu império, os babilônicos derrotaram os egípcios, a Síria e conquistaram as terras da Fenícia e dos assírios. Novamente Judá se encontraria sob a jurisdição e o controle de outros povos.

Por volta do ano 597 a.C., o reino de Judá já havia sido invadido, seu rei, Joaquim, morto, e parte da população levada ao exílio. A população que ficara em Judá pagava altos impostos e tributos, e, após uma insurreição em conjunto com o Egito, em aproximadamente 587 a.C., Nabucodonosor destruiu Judá e incendiou o Templo construído por Salomão. Nesse ano ocorreu a segunda grande deportação de judeus para as terras babilônicas. De acordo com as narrativas, o Eterno instruiu seu povo sobre as condutas que deveriam ter enquanto estivessem no exílio. Nas escrituras, observa-se

⁶⁴ Muitas são as especulações acerca das Doze Tribos perdidas de Israel, mas, ao certo, o que aconteceu aos israelitas permanece um mistério, é provável que a grande maioria dos exilados tenha se estabelecido próximo a Gozan, nas margens do Rio Khabur, entre as fronteiras da Síria e da Turquia. As inúmeras conjecturas conflitam com a possibilidade de que, ao serem expulsos de sua terra, largaram suas tradições e assimilaram-se às culturas do meio em que estavam inseridos. No entanto, ao redor do mundo, vários grupos étnicos requerem a descendência das Doze Tribos (JOFFE, 2017, p. 82).

uma recorrente preocupação quanto à densidade demográfica dos israelitas⁶⁵. No primeiro texto, a Bíblia enfatiza que os israelitas cresceram em grande número, enquanto no segundo há uma ordenança nesse sentido.

Assim disse o Eterno dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos aqueles a quem fiz serem exilados de Jerusalém à Babilônia: Construí casas e habitai-as; plantai pomares e comei de seus frutos. Buscai esposas e gerai filhos e filhas; buscai esposas para vossos filhos e maridos para vossas filhas, para que, por sua vez, venham a gerar filhos e filhas, multipliquem-se e não diminuam seu número. Buscai promover a paz da cidade para onde vos exilei e rezai por ela ao Eterno, pois em sua paz tereis (vós também) paz (Jr29:4-7).

Judá saiu para o exílio babilônico no ano de 597 a.C., e as narrativas evidenciam o juízo sobre um povo que turvou seus olhos, esquecendo-se dos ensinamentos da lei de seu Deus. O cenário apresentava-se como uma possível rota de extinção, principalmente após a destruição do Templo em Jerusalém. Às margens dos rios, enquanto penduravam seus instrumentos e choravam⁶⁶ por se lembrarem de Sião, teve início uma profunda e sólida transformação que modificou de forma indelével o judaísmo. Judá entrou na Babilônia como um reino dividido e arrasado, composto por duas das doze tribos de Israel e, posteriormente, saiu conhecido como o povo do livro da Lei.

As narrativas bíblicas nos apresentam um profundo detalhamento dos ditos de Deus para com os reinos de Israel e Judá, aos profetas pertencia a incumbência de falar ao povo os seus desígnios. Nesse sentido, eles proclamaram o afastamento de Israel de

⁶⁵ Percebe-se que, como os israelitas sempre representaram um pequeno grupo étnico, os registros bíblicos apontam por inúmeras vezes o cuidado que o povo deveria ter para assegurar sua descendência. Esta é uma preocupação recorrente até o tempo presente. Em geral, observa-se entre os judeus ortodoxos um alto índice de natalidade, consoante com o mandamento presente em Gênesis 9:7.

⁶⁶ “Às margens dos rios da Babilônia, nos sentávamos e chorávamos, *lembrando* de Tsión. Sobre seus salgueiros, penduramos nossas harpas, pois os que nos capturaram nos exigiam canções, e nossos atormentadores pretendiam que os alegrássemos, dizendo: ‘Cantai para nós algum dos cânticos de Tsión.’ Como poderíamos entoar o cântico do Eterno em terra estranha? Se eu me *esquecer* de ti, ó Jerusalém, que perca minha destra sua destreza! Que cole minha língua ao palato, se não me *lembrar* sempre de ti, se não mantiver a *recordação* de Jerusalém acima da minha maior alegria. Quanto aos filhos de Edom, *lembra* contra eles o dia da destruição de Jerusalém, porque diziam: ‘Arrasai-a, arrasai-a até seus alicerces’. Ó filha da Babilônia, destinada estás a ser devastada; bem-aventurado será aquele que retribuir a ti todo o sofrimento que nos infligiste. Sim, bem-aventurado será aquele que teus filhos esmagar contra uma rocha.” (Grifo da autora). Destaco, no salmo 137, as invocações contra o esquecimento, presentes por cinco vezes no texto. Choram porque se lembram de sua terra, nunca poderão esquecer de Jerusalém, se impingem pragas caso não se lembrem ou recordem dela, por fim, pedem que Deus cobre dos edomitas a lembrança pela destruição do Templo.

sua missão sacerdotal, denunciaram a corrupção dos filhos de Israel e alertaram acerca das alianças políticas erroneamente estabelecidas por seus governantes. Em tempos cronológicos distintos, Isaías e Jeremias chamaram a atenção para as causas sociais: “Aprendei a fazer o bem, buscai a justiça, trazei alívio aos oprimidos, agi com justiça para com os órfãos, defendei a causa das viúvas.”⁶⁷, diz Isaías. Em outro momento, anunciou Jeremias: “Assim diz o Eterno: Praticai justiça e retidão; resgatai o que foi pilhado das mãos do opressor; não prejudiqueis o estrangeiro, o órfão e a viúva; não pratiqueis violência e não derrameis aqui sangue inocente.”⁶⁸.

Coube aos profetas lembrar e apregoar ao povo a identidade de seu Deus ancestral, os registros asseveram aos filhos de Israel sobre a sua responsabilidade na condução de uma adoração realizada em ações díspares quanto à justiça e retidão consagradas pelo Eterno. Ao buscar tornar práticos os ensinamentos de Deus, a escrita profética concedeu destaque aos códigos de um mundo mais reto e sem opressão, Epstein (2009, p. 70) destaca a dedicação em despertar “um sentimento que não devia repousar no conhecimento, mas tornar-se cheio de ação.”.

No exílio das terras babilônicas, subtraídos da convivência templária, a vida religiosa sofreu uma mudança radical, os ofícios e cerimônias conduzidos pelo sumo sacerdote, sacerdotes e levitas entre o povo foram redimensionados. Segundo Borger (2015b, p. 137), a dor e o sofrimento do exílio serviram como elo catalisador para o desenvolvimento teológico da fé judaica. Os judeus (*yehudim*), como ficariam conhecidos por serem provenientes do reino de Judá (*Yehuda*), purgaram de sua religião os vestígios do paganismo e passaram a viver “na certeza absoluta de que a Shehinah – a Divina Presença – os acompanhara ao exílio.”. Ainda de acordo com Borger, longe de sentir-se traído pela aliança divina, o povo de Israel então tornou-se receptáculo da mensagem sinaítica da revelação de um Deus único.

Incentivados por Ezequiel, um profeta exilado, o estudo das escrituras sagradas desenvolveu-se no intuito de manter o povo unido em torno de sua fé e nos valores de sua cultura. Os mestres conhecidos por *soferim*, ou escribas, tiveram um papel

⁶⁷ Texto do livro de Isaías, capítulo 1.

⁶⁸ Texto do livro de Jeremias capítulo 22.

extremamente relevante na instrução de toda a comunidade, pois foram os responsáveis por centralizar a vida religiosa dos judeus exilados na Torá. Epstein (2009) ressalta que:

A escola tomou o lugar do Templo; o mestre, ou escriba, o do sacerdote sacrificador; e as observâncias religiosas – especialmente as do Shabat, da oração e do jejum –, a dos sacrifícios rituais. Nessa altura foram lançados também os alicerces da sinagoga, a qual, com suas reuniões regulares para o culto congregacional e instrução, veio preencher as necessidades dos exilados (EPSTEIN, 2009, p. 93).

O surgimento das sinagogas como centro de reunião para a promoção do estudo das escrituras sagradas e a celebração dos ofícios religiosos pautam uma ressignificação religiosa na vida cotidiana da comunidade diaspórica. Ressalto ainda que, juntos no mesmo espaço social das sinagogas, os judeus rezavam, estudavam e consultavam seus livros históricos. Nas reuniões, a literatura profética era aprofundada, os salmos recitados e, sobretudo, todos eram instruídos no livro da Lei. Nesse sentido, as escrituras sagradas serviam de base para o ensino formal, de modo que as reuniões auxiliaram a inculcação e consolidação de uma identidade étnica aos judeus exilados.

É importante assinalar que as casas de oração ou casas de estudo, assim como a adoração ao Eterno nos altos dos montes, estiveram presentes como uma prática cultural da fé israelita, ao longo de sua trajetória. De acordo com a Bíblia, os ensinamentos entregues a Moisés asseguravam que todo o povo deveria conhecer e ser instruído nos ensinamentos do Eterno. A palavra *Torah*, no hebraico, significa ensino, instrução e caminho, testificando na íntegra a importância e valor atribuídos aos judeus, acerca do domínio e compreensão de seus textos sagrados.

Borger (2015b, p. 137) destaca que, com o decorrer dos setenta anos de exílio babilônico, a sinagoga se transformou num “Estado artificial dos desterrados. Ela não é só lugar de oração, mas de reunião em geral, especialmente para ensino, estudo e para assuntos legais privados e comunitários.”. Existe a concordância entre alguns autores de que os pergaminhos, os rolos de livros originariamente escritos de maneira individual, começaram a ser organizados durante esse período, prioritariamente a Torá. Dessa forma, pode-se observar como a escrita dos textos procuraram evidenciar fatos míticos e históricos que posteriormente viriam a se tornar sagrados para o judaísmo.

Foi no decorrer do exílio babilônico, por volta do ano 550 a.C., que ocorreram a organização, o amadurecimento e a composição dos cinco primeiros livros atribuídos a Moisés e que estabeleceram os fundamentos do monoteísmo judaico. Após a sua canonização por parte das autoridades religiosas, sacerdotes e mestres, os textos sagrados asseguraram o acesso ao estudo e às interpretações da Torá a todo o povo, prática vivenciada diariamente em todas as *yeshivot* ao redor do mundo. Rosenberg (1982) assinala que a instrução se tornou muito difundida entre os homens e mulheres exilados. Ainda de acordo com o autor, os judeus, assim como todos os povos da Antiguidade, cultuavam sua própria divindade. Dessa forma, os povos de cada cidade-estado ou tribos mantinham suas crenças em divindades regionais e específicas, às quais cabiam proteções e dádivas, num claro exemplo de monolatria⁶⁹. A princípio, os primeiros judeus acreditavam que o Deus dos seus patriarcas, o Deus de Israel, os havia retirado da condição de escravos no Egito, esmagara os seus inimigos e lhes presenteara com uma terra da qual emanava leite e mel⁷⁰, uma teologia compatível com os padrões da época.

No exílio, as condições adversas propiciaram que os judeus se debruçassem sobre seus pergaminhos sagrados e, por conseguinte, a oportunidade de amadurecerem seu *corpus* teológico. Sob esse viés, passaram a interpretar que a aliança eterna era indissolúvel e, nessa medida, todas as calamidades enfrentadas representavam o juízo de seu próprio Deus, por terem cometido falhas e se afastado de seus caminhos (ROSENBERG, 1982). As interpretações das literaturas proféticas transcendem os aspectos regionais das manifestações do sagrado e salientam para a universalidade de um Deus único, presente em todas as regiões da terra. Ao idealizar um plano divino às suas narrativas, os judeus estabeleceram uma íntima relação entre a história da humanidade e os conceitos doutrinários de sua religião.

A literatura profética exerce uma significativa influência na composição de um novo olhar teológico na apreensão das escrituras. Ao tornarem práticos os ensinamentos

⁶⁹ A monolatria defende basicamente a adoração cúltica de um só deus para a sua comunidade, sem, no entanto, excluir as possibilidades de veneração de outras divindades em comunidades distintas. Já o conceito de monoteísmo, formulado pelos judeus ao longo do exílio, admite a existência de um único Deus para todo o universo Waldenfels, König, (1998, p. 374).

⁷⁰ Referências presentes no livro de Êxodo, numa alusão à terra de Canaan.

da tradição oral, apregoavam a absoluta unidade de Deus, seu caráter justo e reto. Nesse sentido, preocupavam-se com a relação direta entre a fé e a ação, quando sobrepostas num contexto material e espiritual. Epstein (2009, p. 68) assegura que a “unidade de moralidade e religião proclamada pelos profetas é o corolário inelutável da concepção hebraica de Deus.”. O autor ainda destaca que o monoteísmo judaico se fundamenta na consciência do “caráter espiritual e moral único de Deus, não menos do que à Sua absoluta unidade – num sentido matemático.”. Nessa perspectiva, consoante à concepção da unidade de Deus, evidencia-se o princípio da retidão como um dos atributos essenciais de Deus.

A Divina retidão, de acordo com o ensinamento dos profetas, está fundada na aceitação uniforme de tais distinções. O certo é certo e o errado é errado em toda a parte. O caráter universal da retidão Divina implicava uma relação uniforme de Deus com o homem e de um homem com outro homem. Isso por sua vez inspirou a ideia da unidade dos homens, e qualquer violação a esta unidade era uma injúria à retidão Divina (EPSTEIN. 2009, p. 69).

Uma das concepções do monoteísmo judaico é a compreensão de que existe um propósito eterno e um julgamento divino que recairá sobre todos os povos. Com base nesse conceito, cada um se torna responsável por seus atos, sendo por eles recompensados ou punidos⁷¹. Epstein (2009, p.72) identifica o surgimento de um novo paradigma, a “ideia da purificação e da condução e treino moral do mundo por Deus, uma condução que envolve um desenvolvimento passo a passo. Assim, o Dia do Eterno torna-se o símbolo do messianismo sob o princípio da retidão universal na Terra.”. Ante as adversidades enfrentadas, os profetas delinearam uma doutrina monoteísta com expectativas de realizações no mundo vindouro e, nessa ordem, apresentaram o princípio de que a história da humanidade caminha consoante a uma realidade transcendental (EPSTEIN, 2009).

A construção da concepção de que haveria um fim universal com propósitos renovadores não é original, pois era muito comum às religiões semitas. Segundo Rosenberg (1982), os judeus apropriaram-se dela e a reinterpretaram, imprimindo a crença de que a recompensa e a punição ocorreriam após a morte. A busca pelo

⁷¹ Rosenberg (1982) ressalta que outras religiões adotaram a doutrina judaica do propósito eterno da salvação no mundo vindouro, dentre elas o cristianismo e o islamismo.

conhecimento pleno de Deus, conforme assinalam os profetas⁷², consistia no elemento que possibilitaria ao homem a consciência de experimentar ser transformado por seus ensinamentos, e, nessa perspectiva, os ensinamentos da Torá deveriam ser traduzidos em atos de justiça.

Se, por um lado, o despertar da fé judaica florescia na Babilônia, em decorrência da instrução e do estudo nas sinagogas, por outro, a vida em Jerusalém, na Judeia Palestina, retrocedia exatamente pela ausência de sacerdotes e mestres dedicados ao ensino, desde a primeira deportação e a destruição do Templo. Nesse mesmo período, no ano de 558 a.C., Ciro, o Grande, ascendeu ao trono Persa e suas conquistas estenderam-se por todo o Oriente, compreendendo o Egito, a Mesopotâmia e a Ásia Menor. O triunfo de seu governo provocaria um desencadear de grandes mudanças para a comunidade judaica diaspórica.

No ano de 538 a.C., Ciro dominou a Babilônia e consolidou o Império Persa como um dos maiores da Antiguidade. Sua política administrativa tinha por característica permitir as práticas culturais e religiosas das províncias e reinos sob seu domínio. Dessa forma, consentiu que os judeus voltassem para Jerusalém para reconstruir seu Templo. As narrativas religiosas enfatizam o cumprimento da profecia de Jeremias sobre o exílio e seu tempo de duração, e suas palavras afirmavam que Deus faria sua justiça após passados setenta anos: “[...] Ao se completarem 70 anos, punirei o rei da Babilônia⁷³”.

Nesse período, ocorreu a proclamação do edito de Ciro, o rei da Pérsia, o qual testemunha: “o Eterno, o deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de Lhe construir uma Casa em Jerusalém, que fica em Judá. Quem, entre vós, for de todo o Seu povo, que o Eterno, seu Deus, esteja com ele e suba!”⁷⁴. De posse dessa ordenação, alguns judeus voltaram para a Terra Prometida⁷⁵ e desempenharam um papel essencial na reconstrução do Templo, na instrução do povo e na consolidação do judaísmo. No entanto, os judeus que haviam permanecido em Judá ressentiram-se dos

⁷² Os livros dos profetas Jeremias e Isaías apontam para um Deus acessível, rico em amor e justiça.

⁷³ Texto do livro do profeta Jeremias, capítulo de número 25.

⁷⁴ Trecho do Edito de Ciro, presente no segundo livro de Crônicas, capítulo 36, versículo 23.

⁷⁵ Borger (2015a) salienta que o percurso realizado entre a Babilônia e Judá, na Palestina, é o mesmo realizado por Abrão, ao sair de Ur dos Caldeus.

privilégios e poderes dos recém-chegados, e essa realidade, acrescida à morte de Ciro, atrasou a reconstrução do segundo Templo⁷⁶, o qual foi concluído aproximadamente entre os anos de 520 e 515 a.C. (JOFFE, 2017).

Borger (2015a) assinala que durante a primeira metade do século V os gregos assumiram um papel cada vez mais importante no cenário político internacional. Nesse sentido, preservar as fronteiras meridionais e manter a lealdade de Judá pode ter influenciado a atitude do governo persa. Os livros bíblicos de Esdras e Neemias são escritos de forma a narrar a volta dos judeus exilados e seus esforços na reconstrução do Segundo Templo, a purificação dos judeus e a reconstrução das muralhas. O primeiro grupo a retornar encontrou uma Judá desértica e devastada, não obstante, conduzidos por sacerdotes, levitas e mestres que assumiram a liderança de toda a comunidade perante o governo persa, iniciaram a reconstrução de Jerusalém e do Templo. Esdras⁷⁷ comunicou às autoridades locais que se encontravam em Judá o edito do rei:

De Artaxerxes, o rei de reis, a Erzá, o sacerdote, o mestre do Livro da Torá de Deus dos céus e Keenet. Promulgo agora um edito, declaro que todos do Povo de Israel, seus sacerdotes e levitas, que desejarem voluntariamente seguir contigo para Jerusalém, podem fazê-lo. Pois fostes enviado pelo rei e seus sete conselheiros para saber sobre o bem-estar de Judá e Jerusalém, em referência à Torá de teu Deus [...] E tu, Erzá com a sabedoria Divina que possuis, designarás funcionários e juízes que julguem a todo o povo do outro lado do rio; designa homens que já conhecem as leis de teu Deus ou aqueles que não a conheciam, mas que tu as ensinastes. E contra o que não cumprir a Torá de teu Deus e a lei do rei, seja emitida e de imediato cumprida uma sentença, seja ela de condenação à morte, ao desterro, ao confisco de bens ou à prisão (Es 7:12-26).

Schama (2015) aponta para os excepcionais, em suas palavras, relatos de memória presentes nos livros de Esdras e Neemias. Os mais moderados historiadores reconhecem que, diferentemente das confiantes e místicas narrativas bíblicas, esses livros possam ter sido escritos perto dos acontecimentos dos fatos, até mesmo em decorrência do número de decretos que cita. As descrições do número de famílias empenhadas na reconstrução do Templo, dos valores empregados, das cargas materiais,

⁷⁶ O período entre os anos de 520 a.C. até o ano de 70 d.C. é comumente designado como o período do Segundo Templo.

⁷⁷ Livro de Esdras Capítulo 7.

bem como das adversidades encontradas remetem os relatos a uma observação documental.

Esdras, um escriba de ascendência sacerdotal, deu início ao seu propósito de edificar uma sólida comunidade baseada nos mandamentos do livro da Lei, como ficaria conhecida a Torá. Em conjunto com os sacerdotes, mestres e levitas, iniciou a instrução de todo o povo. A princípio, identificou nos casamentos mistos uma assimilação cultural contrária à missão sacerdotal, presente nas leis estabelecidas no Monte Sinai. De imediato, proibiu esse tipo de união por temer o comprometimento da essência da fé monoteísta (ROSENBERG, 1982). Ao ordenar que os nobres e sacerdotes se separassem de suas esposas não judias, denominadas gentias, organizou e instituiu o costume de a ascendência judaica ser transmitida pela mãe.

Esdras e Neemias pareciam ter consciência de que a ritualística envolvida nos ofícios religiosos do segundo Templo não seria suficiente para consolidar uma compreensão de unidade aos judeus reunidos. Seria necessária uma proposição fundamental para estabelecer um sentido único e singular ao povo. Dessa forma, convocaram uma grande assembleia com todos os juízes, sacerdotes e o povo em geral, e nela expuseram a difícil realidade social dos judeus, propondo “uma ampla reforma econômica, com o cancelamento das dívidas, a devolução aos pobres das propriedades perdidas e a anulação de juros contratados em espécie ou dinheiro” (BORGES, 2015b, p. 151).

Os registros bíblicos apontam para um povo arrependido, que ansiava por se manter fiel aos preceitos do Deus de Israel. Renovados pelos votos de pertencimento à antiga aliança, os judeus presentes na assembleia solicitaram a leitura⁷⁸ pública do livro de sua história, dos preceitos de sua Lei, a Torá de seu Deus. À vista disso, para que todos a conhecessem e a guardassem em suas memórias a fim de cumpri-la com todo seu coração e alma, conforme orientara Moisés⁷⁹, Esdras e Neemias deram início à sua

⁷⁸ “A palavra hebraica ‘leitura’ em hebraico pressupõe vocalização perante uma plateia: a palavra *qra* significa, literalmente, ‘gritar’, e *miqra*, dela derivada, é a forma substantiva de uma reunião de ouvintes e leitores. Essa mesma obrigação de leitura se tornaria a prática típica da observância judaica fora do Templo, [...] a leitura era uma experiência intrinsecamente compartilhada e comum, e o impacto de sua vocalização não dependia nem mesmo de alfabetização.” (Schama, 2015, p. 56).

⁷⁹ “E Moisés ordenou-lhes, dizendo: Ao fim de cada sete anos, no tempo fixado, no primeiro ano do ano da remissão, na festa de *Sucót* [cabanas], quando todo o Israel vier comparecer diante do Eterno, teu

leitura pública solene.

Reuniu-se então todo o povo como um só homem na praça que havia diante do portão das águas, e pediram a Erzá, o escriba, para que trouxesse o livro que continha a Torá de Moisés, determinada pelo Eterno para todo o Israel. E no primeiro dia do sétimo mês, Erzá, o sacerdote, trouxe a Torá perante a congregação, composta por homens e mulheres capacitados a compreender o que lhes fosse apresentado. [...] E os outros levitas explicavam a Torá para que todos a compreendessem, e o povo permanecia atento em seu lugar. Os levitas liam com clareza o texto do livro, expondo a Torá de Deus, interpretando seu conteúdo, fazendo com que todos compreendessem a leitura (Neemias 8:1-2, 7-8).

Schama (2015) enfatiza a maneira como Neemias, na ocasião da auspiciosa leitura da Torá, estruturou seu texto de forma a ressaltar a presença de homens, mulheres e crianças, sem distinção, assim como nominou cuidadosamente o grande número de escribas, levitas e sacerdotes dispostos a explicar e interpretar a Torá para que todos pudessem compreendê-la, uma vez que a língua de Judá era o aramaico, não o hebraico. Todos os igualmente envolvidos na produção de sentido das palavras da Lei da Torá reafirmaram sua obediência à aliança sinaítica: como sinal de lealdade devem lembrar-se da santidade do Shabat, da circuncisão e de abster-se dos casamentos com estrangeiros, dentre outros preceitos.

A leitura pública da Torá era o cumprimento de uma ordenação mosaica, conforme anteriormente descrito. As escrituras afirmam que essa ocasião específica representou a restauração coletiva da fé em YHVH e o estabelecimento de um novo senso de comunidade aos judeus, rememorando o selo de uma aliança ancestral. Schama (2015, p. 57) assinala que a narrativa empreendida por Neemias tornou proeminente a leitura do pergaminho de memória judaica portátil, como se “pretendesse voltar a transmitir a substância daquelas palavras às pessoas que a tinham perdido: a Lei e a história reveladas como dadas naquele momento, vivificadas pela centelha da voz pública.”.

Deus, no lugar que escolher, lerás esta Torá diante de todo o Israel, aos seus ouvidos. Congrega o povo – os homens e as mulheres, as crianças e os peregrinos que estão nas vossas cidades – para que ouçam e para que aprendam, e temam ao Eterno, vosso Deus, e cuidem de cumprir todas as palavras desta Torá. E que seus filhos que não tiveram conhecimento ouçam e aprendam a temer ao Eterno, vosso Deus, todos os dias que viverdes sobre a terra à qual ides passando o Jordão para herdá-la.” (Dt 31:10-13).

A leitura em espaço aberto de palavras com a história e a memória de suas vidas tornou-se a experiência material que inaugurou a alvorada de seu reconhecimento enquanto povo. Em seu livro, Schama (2015) acentua que a leitura judaica é sempre pública e declamatória, seu intuito é levar o leitor da assimilação à necessidade imediata de ações. Destarte, o autor ainda identifica o pragmatismo de Esdras em consagrar publicamente a ideia da adoração em torno de YHVH. Nesse cenário, cresce a importância dos escribas, ou *soferim*, homens responsáveis pela interpretação da Torá Oral e pela transmissão da Torá. O *soferim* não é só um escritor de pergaminhos, ou um religioso profissional, uma vez que não necessita de ascendência sacerdotal, antes o *Sôfer* significa um título honorífico conferido aos homens que se dedicam a um profundo estudo e ensino das tradições orais da fé judaica.

Há consenso entre os historiadores bíblicos de que a compilação e a canonização de mais uma parte das escrituras sagradas ocorreram durante o século IV a.C., com o indispensável auxílio dos *soferim*, de rabinos e sacerdotes. Os livros históricos e a literatura profética são denominados *Neviim* e encontram-se subdivididos entre os históricos: Josué, Juízes, Samuel e Reis, os Profetas Grandes: Isaías, Jeremias e Ezequiel e os Doze Profetas Pequenos: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Uma terceira parte, denominada *Ketuvím*, ou escritos, composta pelos livros de Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas, também começou a ser organizada durante esse período. No entanto, existem divergências quanto à época de sua canonização, sendo o mais apropriado considerar os séculos II e I da era comum (Borger, 2015b). As três partes reunidas, Torá, *Neviim* e *Ketuvím*, constituem a sigla *Tanach*, que é a Bíblia hebraica⁸⁰. Em Judá, a leitura⁸¹ nas sinagogas de trechos da Torá e dos profetas, prática adquirida no exílio babilônico, permaneceu mesmo após a edificação do segundo Templo. Nessa medida, tais práticas transformaram-se

⁸⁰ Na Bíblia cristã, a reunião desses livros é denominada de Antigo Testamento.

⁸¹ A leitura da Torá, ou seja, do Pentateuco, foi dividida em 54 porções semanais denominadas *parashat*. O objetivo dessa divisão foi completar a leitura pública anual do livro, no decorrer de um ano. Essa tradição é realizada nas sinagogas até o presente tempo, conforme já assinalado, são compreendidos como importantes elementos da cultura material escolar, posto que compõe os manuais dos estudos diários das *yeshivot*.

[...] na infraestrutura da democratização do ensino numa época em que, mesmo entre os povos mais civilizados, a instrução permanecia privilégio das elites. A casa de oração serve simultaneamente de escola, a Bíblia é a cartilha, religião e história se entrelaçam, lei e vida se cruzam. Mais algumas gerações e as Escrituras de Israel correrão mundo (BORGER, 2015b, p. 155).

Os judeus de Jerusalém formavam uma comunidade pacífica sob o Império Persa. Judá vivia sob a liderança dos sacerdotes do Templo e dos juízes formados pela Grande Assembleia, serviço que, com efeito, se tornou o poder legislativo local. As narrativas históricas do povo hebreu foram interrompidas por dois séculos de silêncio, e Borger (2015b) credita a falta de registros à ausência de grandes guerras⁸² e, ao mesmo tempo, ao trabalho de inventariar seu passado e escrever os textos de sua herança religiosa que posteriormente comporiam suas escrituras.

No entanto, a volta da diáspora babilônica também acarretou novos desafios à comunidade, e com o tempo as instituições políticas e religiosas em Judá foram sendo aperfeiçoadas. Como o Segundo Templo havia sido reconstruído, os sacerdotes, levitas e juízes foram se organizando e se integrando na sociedade de acordo com os desafios políticos que lhes eram impostos pelas potências que exerceram domínio sobre seu território. Concomitantemente ao advento do helenismo, algumas discordâncias que já existiam, concernentes à própria tradição religiosa, tornaram-se mais evidenciadas (BORGER, 2015b). Ademais, havia uma insatisfação popular com as associações estabelecidas entre a classe sacerdotal e os políticos.

Dessa maneira, desenvolveram-se algumas correntes ou movimentos religiosos que pautavam seus princípios na Torá, mas, ainda assim, diferenciavam-se quanto a acepções referentes a interpretações de seus mandamentos e preceitos. Houve significativos movimentos que influenciaram o judaísmo. No presente texto, atenho-me aos saduceus, essênios, zelotes e fariseus, em razão da influência de seus ideais no

⁸² Durante séculos, a luta pelo poder no Oriente transcorreu entre as dinastias que dominaram o Egito e os impérios que controlaram a região da Mesopotâmia até o Golfo Pérsico. Dessa forma, os egípcios, os assírios, os medos, os babilônicos e os persas guerrearam a fim de buscar estabelecer a supremacia política na região. Até o século IV a.C., esse foi o modelo presente nas guerras estabelecidas por disputas territoriais, mas esse padrão foi surpreendentemente abalado pela Grécia, mais precisamente pelo helenismo grego (JOFFE, 2017).

decorrer da vida de toda a comunidade religiosa judaica. Os saduceus receberam esse nome porque descendiam de Sadoc, o primeiro sumo sacerdote na época do reinado de Salomão, por isso acreditavam na primazia de seu sacerdócio. Em sua maioria, pertenciam a famílias tradicionalmente influentes e, dessa forma, desempenhavam seus ofícios no Templo ou possuíam cargos públicos nos governos dominantes, o que reduzia seu alcance com a população.

Os saduceus consideravam-se defensores de um modelo tradicional da religião, o qual fora estabelecido à época da monarquia e, nesse sentido, criam que somente o que estava escrito na Torá representava a revelação de Deus. Dessa forma, não aceitavam os ensinamentos presentes na tradição oral. Tinham por costume interpretar a Torá de forma literal, posto não aceitarem um sistema de leis aperfeiçoadas, baseadas nas interpretações da Torá Oral, essa ideia somente era concebida caso houvesse um texto escrito que justificasse a mudança. Os saduceus não criam na ressurreição dos mortos ou na sobrevivência da alma do ser humano. Consideravam o livre arbítrio e entendiam que os seres humanos faziam suas escolhas, sendo os julgamentos de Deus sempre perfeitos e justos. De acordo com Rosenberg (1982), com a destruição do Templo, o movimento não perdurou.

Os essênios⁸³ também acreditavam na primazia dos descendentes de Sadoc, no entanto discordavam que os outros sacerdotes fossem impuros. O movimento era formado por homens que praticavam o celibato e viviam em comunidades isoladas próximas ao Mar Morto. Levavam uma vida de rígido asceticismo e opunham-se claramente à pobreza e à miséria imposta aos judeus pelo governo de Herodes. Cultivavam o hábito da agricultura, sendo sua alimentação à base de vegetais e frutas. Identificados como homens consagrados, entre suas práticas religiosas possuíam rituais de purificação espiritual nas águas. Considerados profetas, eram reconhecidos pela integridade de suas palavras e por trabalharem com os mistérios do mundo espiritual. Acreditavam na imortalidade da alma e que todas as ações do ser humano são derivadas da vontade de Deus.

⁸³ Os essênios dedicaram-se a uma vida de devoção e pureza em comunas fechadas no entorno do Mar Morto. No século XX, foram encontrados nas grutas das aldeias essênias documentos referentes à poesia religiosa, disciplina da ordem, textos bíblicos, manuais, comentários bíblicos e textos sobre o final dos tempos (BORGES, 2015a; JOFFE, 2017).

Zelote é uma palavra derivada do aramaico e significa alguém que tem zelo por tudo que se relaciona ao Eterno, e os zelotes criam que a Torá representava a expressão máxima da revelação de Deus, em que os homens teriam sua alma salva se fossem encontrados puros e justos em viver pela lei. Constituíam um grupo que compreendia a Torá como uma dádiva divina e sagrada e, nessa perspectiva, todas as suas letras representavam a vontade absoluta do Deus de Israel, devendo ser aplicadas a seu povo escolhido. Os partícipes do movimento identificavam Israel como a terra prometida por Deus aos descendentes dos patriarcas e, dessa forma, não viam sentido em se submeter a qualquer governo, antes esse gesto se consubstanciava num enorme pecado. Apesar de apregoarem a paz, estavam dispostos a viver e a morrer pela terra de Israel e sua Torá.

Os fariseus são os responsáveis pela compreensão de judaísmo que temos no mundo contemporâneo. Acreditavam na Torá Escrita e nas tradições da Torá Oral como sendo as revelações entregues por Deus a Moisés e compreendiam que esta última consistia nas interpretações e orientações realizadas à lei escrita, uma vez que também fora entregue a Moisés e perpassada aos sábios de geração em geração. De acordo com o movimento, a Torá Oral significava os métodos de interpretações que objetivavam consubstanciar as letras da Torá, tirar delas novo fôlego de vida, novas discussões e análises críticas a respeito das situações enfrentadas. Com o helenismo e a tradução da Bíblia para o grego, passaram a considerar a tradição oral de seus ancestrais uma exclusividade dos judeus.

Rosenberg (1982, p. 66) destaca que os fariseus tinham por objetivo fazer um grande número de discípulos, ensiná-los na lei e transformá-los em estudiosos da lei mosaica. Como eram mestres na tradição interpretativa, conseguiram tornar a Torá aplicável aos desafios sociais que surgiram e, nessa medida, contribuíram para propagar as tradições da fé judaica. Valorizavam o aprofundamento no aprendizado da Torá e “o debate dos objetivos superiores da lei”, assim como acreditavam na ressurreição dos mortos, na recompensa da vida eterna para os justos, no livre arbítrio e na soberania de Deus.

Conhecidos por sua devoção à fé judaica, os fariseus, do hebraico *perushim* – ou separados -, representavam um grupo de estudiosos seculares e eram considerados e reconhecidos como precursores do rabinato. Em sua acepção, Deus está em todos os

lugares, não apenas no Templo. Joffe (2017) assinala que, para o movimento farisaico, as sinagogas se caracterizavam como um espaço físico ideal, pois eram descentralizadas e abertas a todos. Posteriormente, com a destruição do Segundo Templo e o fim do sistema sacrificial, os fariseus tornaram-se benquistos, uma vez que já apregoavam outras formas de expressões religiosas, como as orações e preces. Borger (2015b, p. 179) evidencia o apelo para a promoção da educação de todos os judeus, pois “enquanto os saduceus se concentram em torno do Templo e seu ritual, os fariseus levam o ensino da Lei às sinagogas e aos lares.”.

No campo político, a derrota do Império Persa ocorreu após a vitória de Alexandre Magno⁸⁴. Diferentemente dos outros impérios sob sua influência, a Grécia⁸⁵ expandiu-se pela força de seu poderio político-militar e pela influência de sua cultura. Por conseguinte, rapidamente a língua grega foi assimilada, passou a ser difundida e tornou-se um símbolo que agregava erudição. Em Jerusalém, professores foram contratados para educar os filhos das classes sociais mais privilegiadas, inclusive as sacerdotais. Remonta desse período a Septuaginta⁸⁶, primeira tradução da Bíblia hebraica para o grego, realizada para a comunidade judaica de Alexandria⁸⁷, no Egito.

⁸⁴ Alexandre Magno foi um macedônio, discípulo de Aristóteles e filho de Felipe, que no ano de 338 a.C. já havia dominado a Grécia. Após reinar por dois anos, Felipe foi morto e seu filho consolidou-se no poder, estabelecendo o domínio grego por todo o Egito, Mesopotâmia, Síria, Pérsia e Índia.

⁸⁵ Os gregos dirigiram-se para o Oriente com novas formas de pensar o mundo e a si mesmos. Suas extensas redes comerciais possuíam ligações intercontinentais e sua política trazia os ventos inovadores da democracia vivenciada em Atenas, no governo de Péricles, já no século V a.C. Sua arte, valorizada em todas as suas áreas de abrangência, fazia-se presente nas esculturas e na dramaturgia difundida à época. A filosofia grega e suas escolas apregoavam técnicas racionais para os mais diversificados pensamentos e questões humanas. Foi sob essa perspectiva que a cultura grega conduziu significativas mudanças no Oriente. Dessa maneira, compreende-se que o helenismo é a união entre as civilizações gregas, os povos semíticos, o Egito e a Pérsia, que passaram a adotar diferentes formas de organização social baseadas nos modelos culturais, comerciais e políticos da Grécia.

⁸⁶ No século III, um grupo de sábios judeus alexandrinos e jerosolimitas reuniu-se para traduzir inicialmente a Torá, e posteriormente os demais livros da Bíblia hebraica, para atender as necessidades das sinagogas e escolas da diáspora helenista. Segundo a lenda, 72 eruditos teriam sido enclausurados e, embora trabalhassem isoladamente, concluíram versões absolutamente idênticas. A obra dos setenta foi depositada na Biblioteca Real de Alexandria e sua tradução para o grego apresentou a teologia judaica para outros povos.

⁸⁷ Epstein e Borger (2019, 2015a) concedem destaque à comunidade de Alexandria, a qual, por volta de 280 a.C., se tornara a mais importante comunidade diaspórica judaica. Instalados no Egito como imigrantes voluntários ou cativos de guerra, os judeus de Alexandria mantinham-se alicerçados à sua fé ancestral, possuíam uma grande sinagoga e participavam das atividades culturais e políticas egípcias, mas não dominavam o hebraico.

O domínio grego encontrou uma Judá predominantemente rural e socialmente fundamentada em revelações divinas, vivendo sob uma espécie de regime teocrático que lhes aventava os pensamentos e valores de um novo tempo, uma racionalidade que questionava as manifestações míticas consideradas sagradas e um governo democrático em oposição à teocracia. Joffe (2017) assinala que muitos aspectos da cultura grega foram incorporados às rotinas da comunidade judaica⁸⁸, claro que não sem resistências, no entanto a maioria se rendeu e compartilhou da sofisticação helênica.

Alexandre Magno governou entre os anos de 336 e 323 a.C. e morreu na Babilônia sem deixar herdeiros. Seu império foi dividido entre os seus generais: à frente do Egito, da Palestina e Fenícia estava Ptolomeu Soter; as terras da Pérsia, da Mesopotâmia, da Síria e Ásia Menor ficaram ao encargo de Seleuco; a Macedônia e a Grécia passaram a ser administradas por Cassandro. O território palestino tornou-se alvo das dinastias de Ptolomeu e Seleuco, que se alternaram no domínio sobre os judeus. Há registros acerca dos conflitos político-administrativos, assim como claros indícios de corrupção da classe sacerdotal, que chegou a vender seus títulos hereditários.

Nos primeiros anos, o governo ptolomaico manteve a rotina administrativa e política em Judá. Dessa forma, aos judeus foi permitido manter o governo de seu contíguo território, a preservação de suas leis religiosas e seu idioma. A Grande Assembleia, encabeçada pelo sumo sacerdote, liderava a administração pública e era composta por mestres, juízes, nobres e populares. Durante esse período, grande contingente de famílias judaicas mudou-se para o Egito à procura do desenvolvimento econômico, comercial e cultural que Judá não oferecia. Os judaítas, como eram conhecidos, estabeleceram-se principalmente nas cidades de Alexandria e Elephantina, que, de acordo com Schama (2015), se estima que tenham abrigado, de forma distribuída, mais de cem mil almas.

O quarto e último governante da dinastia ptolomaica não referendou a liberdade religiosa dos judeus; instaurou proibições religiosas, sancionando a pena de morte para quem circuncidasse seus filhos; decretou a ilegalidade da observação do

⁸⁸ Entre os exemplos de assimilação cultural exercidos pelo helenismo, Joffe e Resonberg (2017, 1992) ressaltam a utilização do idioma grego, a mudança no estilo das vestimentas e academias de esporte de contato corporal, endereçadas aos jovens do sexo masculino.

shabat; desaprovou o cumprimento das leis alimentares judaicas; e, por fim, promoveu a invasão e a profanação do Templo. Após o desenvolvimento de inúmeras disputas e conflitos, no ano de 198 a.C. o governante selêucida, Antíoco III, assumiu o controle sobre toda a Palestina e de Judá.

Quando os selêucidas assumiram a liderança na Palestina decidiram expandir seus domínios até a Grécia, que se aliara a Roma, o novo império em ascensão. Juntas, Grécia e Roma venceram as tropas de Antíoco III e tomaram seu filho como refém. Os selêucidas aumentaram os impostos e taxas sobre Judá, com o objetivo de saldar os gastos de guerra. A cobrança foi mal recebida pela classe sacerdotal, que foi sumariamente destituída. A corrupção de grande parte da nova hierarquia sacerdotal e sua anuência com o regime selêucida produziram grande descontentamento entre parte dos judeus, e algumas manifestações começaram a ocorrer quando o dinheiro do Templo foi roubado.

Uma das principais insurreições contra o governo dos selêucidas e a corrupção religiosa, que não se opunha às perseguições das observâncias da fé e às profanações do Templo, foi liderada pela família sacerdotal dos asmoneus. Eles ficaram conhecidos pelo nome de macabeus⁸⁹, estes se revoltaram e se armaram contra as forças de Antíoco IV. No princípio ganharam pequenas batalhas, mas aos poucos foram ampliando suas conquistas. Essa revolta, que culminou com a tomada do Templo, é narrada no livro apócrifo⁹⁰ dos Macabeus.

De acordo com Rosenberg (1982), após purificarem o Templo e retomarem as ordenações da lei mosaica, os macabeus estabeleceram um estado judeu independente, reservando a si próprios os cargos dos ofícios religiosos e de sumo sacerdote, assim como, eventualmente, a titulação de rei. Eles cunharam suas próprias moedas e

⁸⁹ A data que relembra a tomada do Templo pelos macabeus é celebrada até hoje, ela é denominada Chanuka e tem duração de oito dias. “Chanuka significa consagração, no sentido de consagrar um prédio ou um lugar de culto. Comemora a reconsagração do Templo em Jerusalém por Judas Macabeu, seus irmãos e suas tropas, os hasmonianos. [...]. Diz-se que, quando eles limparam o Templo e colocaram-no em ordem para o culto, quiseram acender a *menorá*, ou lâmpada do Templo, mas só encontraram óleo consagrado para um dia. Era preciso uma semana para preparar o óleo em circunstâncias normais, mas eles foram em frente e acenderam a *menorá* com óleo que tinham à mão. Por um milagre, ela ardeu durante oito dias. Dando-lhes tempo para preparar óleo suficiente para mantê-la acesa após esse período” (ASHERI, 1987, p. 227).

⁹⁰ Apócrifos – Literatura judaica não canônica escrita durante o período do segundo Templo e algum tempo após a destruição deste (SCHLESINGER E PORTO, 1995, p. 207).

negociaram com Roma um apoio político para a autonomia de seu estado. À vista disso, fortaleceram-se com o objetivo de impedir uma nova invasão dos selêucidas a Jerusalém.

Apesar de assumirem o governo como representantes de um judaísmo fiel às leis apresentadas na aliança sinaítica, a busca pelo poder dentro da própria dinastia perfazia-se cheia de conspirações, sendo os macabeus reconhecidos por sua opressão para com aqueles que não reconheciam sua autoridade. No decorrer de uma disputa à sucessão real, a dinastia recorreu ao Império Romano com o objetivo claro de instituir a ordem causada por insubordinações internas.

Os romanos avaliaram a desordem interna dos macabeus, e as insatisfações provindas de sua administração, e retiraram o seu apoio político, preferindo incorporar Judá ao seu território no ano de 63 a.C. Dessa maneira, nomearam Herodes como rei, um edomita que governou por quase quarenta anos e se mostrou um bom estadista ao império, destacando-se no rigor da coleta dos impostos e na área da construção. Após sua morte, o território judaico foi dividido em várias concessões administrativas de Roma. O governo da cidade de Jerusalém e seus arredores ficou sob os encargos de oficiais e procuradores públicos diretamente ligados a Roma. De maneira geral, os judeus podiam cumprir seus hábitos religiosos, não havendo restrições quanto às práticas de sua fé.

No entanto, os impostos considerados excessivos, aliados à expectativa messiânica de que o trono davídico reestabeleceria o poder político de Judá e traria os princípios de justiça estabelecidos pelo Deus de Israel, culminaram por alimentar inúmeras revoltas populares. Por volta do ano 66 d.C. a cidade de Jerusalém foi invadida por judeus contrários à dominação política. Roma reagiu ao levante e, sob ordens do imperador Tito, o controle sobre Jerusalém foi retomado. Ainda assim, o Templo foi saqueado e incendiado no ano de 70 d.C. A destruição de Jerusalém e o incêndio do Segundo Templo representaram aos judeus a perda de sua cidade santificada, bem como do espaço destinado à realização de seus ofícios religiosos. Como consequência do recrudescimento da realidade social em Judá, muitos filhos de Israel peregrinaram.

1.3 Na Diáspora: fomos às *Yeshivot*

Judá estava sob o domínio do Império Romano, e seu povo encontrava-se dividido entre as diferentes doutrinas dos movimentos religiosos. Parte dos judeus ansiava pela vinda do Messias, outros grupos tentaram diversas insurreições contra as legiões romanas, sem sucesso, e grande foi a mortandade. Borger (2015a) indica que a volta do exílio babilônico, em concomitância com as novas possibilidades comerciais estabelecidas a partir da cultura helênica, criou oportunidades a muitas famílias judaicas de imigrarem para outras terras. Dessa forma, quando Roma reagiu com maior opressão ante as inúmeras revoltas populares, um número expressivo de judeus procurou se estabelecer nas comunidades religiosas com que manteve frequentes vínculos e correspondências, em decorrência das observâncias e orientações religiosas providas de Jerusalém.

Borger (2015b, p. 235) ressalta que a diáspora judaica, após a dominação romana, passou a designar toda a dispersão e, por conseguinte, a sobrevivência de judeus fora da Terra de Israel. Segundo o autor, inicialmente as comunidades ao redor do Mediterrâneo oriental - no Egito, Babilônia, Síria, Ásia Menor, Cirenaica, Chipre, Itália e Grécia - tiveram “maior relevância numérica, cultural e política”. Houve ainda as comunidades diaspóricas no norte do continente africano⁹¹, as quais preservaram suas tradições em conformidade com a fé de seus patriarcas. Posteriormente, pequenos grupos foram sendo consolidados no continente europeu. Em geral, os judeus destacavam-se por serem observantes de costumes religiosos, culturais e alimentares diferentes das muitas regiões em que se estabeleciam.

O texto talmúdico afirma que, durante os conflitos com o Império romano, antes da destruição do Segundo Templo, um rabino chamado Iochanan ben Zacai⁹²

⁹¹ Os judeus no Iêmen pertencem ao grupo étnico-cultural denominado *mizrahi*. Eles adotaram um nome próprio, o que reflete sua história e identidade diferentes dos judeus de outros países árabes. A comunidade existe desde os tempos do Rei Salomão. Quando o Rei Saladino assumiu o poder, no fim do século XII, a população começou a ser perseguida. Diante do avanço da violência, os *mizhari* escreveram para Maimônides solicitando ajuda, que os retornou com uma carta que ficaria conhecida como a Epístola do Iêmen – *Igueret Teiman*. Por Jane Bichmacher de Glasman, disponível em: <http://www.comiteisraelita.com.br/informativo/index/ver-noticia/idNoticia/16/idInformativo/3/>, consultado em 30/04/2021.

⁹² No decorrer do corpo do texto aparecerão diferentes escritas de seu nome, tais como: Iochanan ben Zaccai, Johanan ben Zakkai, Rabi Yehuda, o Príncipe, Rabi Yehuda Hanassi, ou Rabban. Desse

forjou um plano com seus discípulos. Assim que, fingindo-se de morto⁹³, pediu para ser colocado num caixão, tendo sido levado para fora dos muros da cidade de Jerusalém para ser enterrado. Em seguida, dirigiu-se ao acampamento do general romano Vespasiano e pediu-lhe a permissão para fundar uma academia de estudos na cidade de Iavne. De acordo com Szpiczkowski (2008, p. 36), no ano 70 d.C., quando ocorreu a destruição do Segundo Templo, “a Yeschivá, escola superior de estudos da Lei – de Yavne”, do Rabi Yehudá Ha-nassi, passou a se destacar. A tradição religiosa exalta a sagacidade de Rabban, que, ao fugir dos violentos conflitos, levou a mais poderosa de suas armas: o livro da Lei.

O pleno acesso ao ensino da lei mosaica foi amplamente difundido pelos fariseus, desde a época da reconstrução do Segundo Templo. Considerados herdeiros espirituais dos *chassidim*⁹⁴, grupo de judeus piedosos integrantes de um movimento apolítico notório por seu interesse e devoção a Torá, sua dedicação ao estudo das tradições e interpretações das escrituras sagradas ganharia novas representações e perspectivas, em decorrência dos conflitos com Roma e, subsequentemente, a partir da destruição do Templo, em Jerusalém. Dessa forma, os fariseus⁹⁵ deram início aos trabalhos na academia de Iavne com a comunidade judaica, fundamentados no princípio da universalidade do Deus de Israel.

Segundo Borger (2015b, p. 232), o Rabi Iohanan ben Zaccai, com o auxílio dos mestres da academia de Iavne⁹⁶, iniciou a tarefa de criar um centro espiritual que

modo, utilizo diferentes grafias, em acordo com os autores citados.

⁹³ Vultuosas, nas palavras de Asheri, são as leis que prescrevem os cuidados necessários que os judeus devem ter com seus mortos. Uma das observâncias afirma que o corpo deve ser enterrado no mesmo dia em que ocorre a morte, é sob essa perspectiva que os textos sagrados exaltam a perspicácia do Rabino Zaccai. Para melhor conhecer os ritos culturais que envolvem a morte e o sepultamento de judeus religiosos, ver Asheri (1987) e Kaplan (2018).

⁹⁴ Chassidim, do hebraico: piedoso.

⁹⁵ Para os fariseus, YHVH é o Eterno Deus e criador do universo, nesse sentido, a compreensão de sua essência não deve se encontrar atrelada às questões territoriais da nação israelita. Desse modo, Borger (2015b, p. 231) ressalta que, “os rabinos do período tanaítico arquitetaram racionalizações para a perda do Santuário, que durante séculos havia palpitado como coração nacional. De um dos mais prestigiados mestres da época se relata: Rabi Iohanan ben Zaccai estava saindo de Jerusalém quando rabi Joshua, caminhando atrás dele e vendo o Templo em ruínas, disse: Ai de nós, foi destruído o lugar em que os pecados de Israel eram perdoados! Não, meu filho – replicou R. Iohanan bem Zaccai – nós temos outros meios de pedir perdão. Está escrito: ‘Por que Eu quero amor e bondade, e não sacrifícios.’, em referência ao texto do livro do profeta Oseias.

⁹⁶ A academia de Iavne localizava-se na região da Galileia, longe dos conflitos de Jerusalém, tendo gozado inicialmente de certa liberdade administrativa, por não chamar a atenção do governo romano

buscou fomentar “a instrução de novos mestres da Torah, que tinham que ser formalmente ordenados por seus superiores, recebendo o título de Rabi.”. A palavra rabi⁹⁷ – meu mestre – apresenta, imbuídos em seu conteúdo semântico, os vínculos e as representações presentes na longa cadeia de transmissão de toda a cultura oral do povo judeu, perpassados de geração em geração, de Moisés a Josué, de Josué aos anciãos, dos anciãos aos profetas, dos profetas à Grande Assembleia e depois aos mestres fariseus, que passaram a ser oficialmente outorgados em academias ou *yeshivot*.

Consolidada como uma instituição farisaica já nos primeiros séculos da era comum, a academia de Iavne passou a sedimentar a organização da comunidade diaspórica. Nesse sentido, o rabino tornara-se a maior autoridade religiosa e social, e a sinagoga, o centro comunitário em que, simultaneamente, escola, casa de oração, tribunal e assistência social constituíram as práticas culturais da vida judaica. Para os judeus religiosos, a Torá é tudo. Compreendida como fonte e receptáculo de vida, suas palavras narram as relações de seus ancestrais com o seu Deus único e universal. No judaísmo, não existe distinção entre algumas questões civis e religiosas, as quais todas se encontram prescritas no livro da Lei. Nessa perspectiva, havia um sentido de urgência no ensino das tradições, assim que:

A construção de escolas adquiriu prioridade, até mesmo sobre as sinagogas. Órfãos e pobres eram alfabetizados e instruídos às custas da comunidade; somente os pais suficientemente prósperos remuneravam professores particulares, na medida de suas possibilidades. Os rabinos das academias não eram pagos; ganhavam a vida exercendo uma profissão de preferência manual: a Lei não devia ser ensinada em troca de pagamento – assim postulavam –, pois ‘a Torah não é uma pá com que se cava’; sua transmissão é uma *mitsvah*, um mérito em si mesmo. Se essa foi a praxe, também havia opiniões a favor de que pessoas abastadas ou comunidades economicamente fortes providenciassem um sustento condigno para seus rabinos, a fim de evitar que o estudo e o ministério se tornassem privilégio dos ricos. A Torah é tudo: nascimento e morte, casamento e divórcio, a moralidade nos negócios, a exatidão de pesos e medidas, o recolhimento de impostos, os preços dos gêneros de primeira necessidade, a assistência social, o enxoval para as noivas pobres – tudo é, a seu modo serviço divino” (BORGES, 2015b, p. 243).

(JOFFE, 2017).

⁹⁷ De acordo com Schlesinger e Porto (1995), a palavra rabi é derivada do hebraico e tem por sentido, meu mestre. Originariamente era um título outorgado a um doutor em Mishná, mais tarde passa a significar o chefe espiritual de uma comunidade judaica ou a uma pessoa erudita na leis judaica.

Para uma melhor compreensão acerca da relevância dos papéis desempenhados pela sinagoga, torna-se imprescindível a apreensão de que a lei judaica prescreve o desenvolvimento da vida em comunidade. Os judeus possuem na Torá suas escrituras sagradas, os códigos que regulamentam todo o seu cotidiano. Nessa ordem, as mais ordinárias situações encontram-se regimentadas pela lei mosaica, e, dentre muitas, pode-se exemplificar desde os preceitos referentes aos hábitos alimentares às questões que envolvem a boa utilização dos recursos naturais, das leis de amparo e libertação dos escravos, perpassando ao zelo para com os órfãos e viúvas. Pode-se especular, na interpretação de suas escrituras, a tradução de suas próprias experiências enquanto povo que esteve, durante grande parte de sua história, subjugado ao domínio de grandes impérios, ou mesmo por representarem uma população numericamente reduzida.

Nesse entendimento, tendo por base suas narrativas sagradas, observa-se que os judeus buscaram uma ordenação coletiva em organizações comunitárias. É nessa direção que, no decorrer de sua trajetória, surgem as Grandes Assembleias e, posteriormente, o Sinédrio, que constituiriam as bases para as futuras sinagogas. A Grande Assembleia, convocada por Esdras logo após a volta do exílio babilônico, culminou mais adiante com a sistematização do Sinédrio. Presentes em muitas cidades na antiga Judá, ao Sinédrio cabia a intermediação administrativa entre os impérios dominantes e a população, assim como a legislação sobre os assuntos jurídicos e religiosos que se encontravam abarcados na lei mosaica. Joffe (2017, p. 119) assinala que a doutrina da Grande Assembleia se tornou posteriormente o lema dos rabinos nas sinagogas: “Sejam prudentes no julgamento; formem muitos discípulos; e ergam uma cerca para a Torá.”.

Os membros que compunham o Sinédrio eram indicados pelo sumo sacerdote, sendo, em sua maioria, saduceus. Ainda em Judá, as inúmeras divergências políticas existentes entre saduceus e fariseus culminaram por suscitar a divisão da organização. Nessa ordem, os saduceus ficaram responsáveis pelo Sinédrio político, ocupando-se das relações com as nações dominantes e circunvizinhas. Coube aos fariseus encarregarem-se do Sinédrio religioso, responsabilizando-se por todas as atividades civis pertinentes à vida religiosa regulamentada na lei mosaica. De acordo com Joffe (2017), a tradição rabínica sistematizou a sinagoga tendo por parâmetro as antigas disposições do

Sinédrio. Desse modo, o trabalho nas sinagogas foi desenvolvido por pares de mestres, e eram estabelecidas convenções deliberativas para as ocasiões em que não houvesse concordâncias. O Rabi Zaccai tornou-se o primeiro Rabi e presidente ordenado por Iavne.

Os historiadores do judaísmo atribuem grande importância à academia de Iavne, destacando não só a organização da comunidade diaspórica, mas imputando ao ensino a construção e constituição de novos paradigmas para a fé judaica. No século XIX, o Grão Rabino da França, Zadoc Kahn, afirmou em um de seus sermões que a sinagoga foi “o grande e verdadeiro instrumento de salvação dos judeus”, pois, para além de suas estruturas físicas, “às vezes ricamente ornadas, em outras, toscas e simplesmente desnudas, que, de certa forma, criou-se e se desenvolveu o judaísmo e suas práticas de culto”⁹⁸. Para Kahn, as sinagogas e suas casas de estudo representaram o espaço no qual os judeus preservaram sua fé, identidade e tradições seculares. Com efeito, a tradição religiosa aponta para a existência de protossinagogas desde a era dos patriarcas, ainda assim, como instituição farisaica, elas surgiram após a diáspora babilônica, com a destruição do Primeiro Templo, no século IV a.C.

As *yeshivot* são a base determinante para a constituição e preservação do judaísmo rabínico. As reuniões de sábios mestres dedicados ao estudo e à preservação das leis criaria uma extensa e significativa rede de interlocução e diálogo. Compreendo que, mais importante que as celebrações cúlticas guardadas pelas observâncias religiosas, ao debruçarem-se, aprofundando-se nos estudos de suas escrituras sagradas, os mestres das academias trabalharam essencialmente na difusão de suas fontes sob duas perspectivas: na formação de novos rabinos e na compilação de textos pós-bíblicos que viriam a ser devidamente canonizados pelo judaísmo. De modo análogo, destaco que os rabinos desempenharam um papel primordial na sustentação de uma cadeia de transmissão de conhecimento, uma vez que atuavam como mestres, juízes, legisladores e líderes comunitários.

A palavra *synagogue* é uma palavra grega para a designação hebraica *beit*

⁹⁸ Revista Morashá, consultada em 20 de janeiro de 2021, no endereço: <http://www.morasha.com.br/artes-e-cultura/as-majestosas-sinagogas-da-emancipacao.html>. MORASHÁ, Edição 82 – Dezembro de 2013.

knesset - em seu sentido literal, casa de assembleia. Rosenberg (1982) ainda assinala que seu significado também pode denominar casa de reunião, casa de oração e casa de estudo. Nessa direção, compreende-se o seu valor organizacional na vida da comunidade diaspórica, uma vez que, destituídos do local físico para os sacrifícios de expiação, a sinagoga se tornou o espaço designado para acomodar as reuniões de oração e, por conseguinte, o lugar em que os estudos dos textos e as discussões acerca dos problemas enfrentados ganhavam a vida cotidiana. Em Judá, mesmo com a reconstrução do Segundo Templo, as sinagogas continuaram a existir e a desenvolver-se em algumas cidades da Palestina, o Talmud Palestino referencia cerca de 394 *beit ha-knesset* somente em Jerusalém.

A tradução da palavra *beit kenesset* do hebraico para o grego - sinagoga, como ficaram conhecidos os espaços comunitários de celebrações cúlticas -, já nos concede indícios de que a sinagoga é historicamente um produto da diáspora, aqui compreendida como o espalhamento e a dispersão dos judeus desde o último milênio da Antiguidade (LEONE, 2019, p. 120, 128). Nessa direção, compreende-se sua importância como um espaço social comunitário responsável por elaborar e sistematizar a escrita de textos e liturgias sagradas posteriormente adotadas pelo judaísmo e, sob esse viés, identifica-se na instituição a imprescindível contribuição para a manutenção da identidade do povo hebreu.

Os cultos de oração nas primeiras sinagogas correspondiam, em concordância, aos sacrifícios públicos que eram oferecidos no Templo. De acordo com a tradição rabínica, a oração – *tefilá* – é considerada um serviço⁹⁹ a Deus e, com base nesse entendimento, os judeus podem orar ou estudar a Torá em qualquer lugar, uma vez que Deus se revela para aqueles que o invocam. Inicialmente, as sinagogas não possuíam uma liturgia concisa, eram realizadas três orações ao dia: pela manhã – *Shaharit* –; pela tarde – *Minkha* –; e no começo da noite – *Maariv*. De acordo com o sistema jurídico de leis judaicas, para que um serviço religioso fosse considerado público ele deveria ser realizado com um quórum mínimo de dez judeus adultos, denominado *minyan*. O

⁹⁹ A tradição rabínica pauta-se na escrita do livro de Deuteronômio, capítulo 11, onde se lê: “Você servirá a Deus de todo o seu coração.” E também: “Vós me buscareis e haveis de Me encontrar, porque o fareis de todo vosso coração.” (Livro de Jeremias, capítulo 29).

espaço interior de uma sinagoga mantém-se basicamente o mesmo desde a Antiguidade, mas, embora possa haver variantes quanto à sua arquitetura e liturgia, de acordo com a corrente filosófica seguida, dois elementos são considerados essenciais e, sob certos aspectos, a caracterizam: a presença de uma Arca Sagrada e, pelo menos, três cópias do Sêfer Torá, rolos de pergaminho com o texto em hebraico escrito à mão, dentro dela (LEONE 2019, p. 124, 125).

De acordo com a tradição, os mestres outorgaram rabinos, e estes se aprofundaram nas escrituras, fizeram discípulos e abriram suas próprias academias. As *yeshivot* da Palestina basicamente funcionaram como instituições de ensino e mantiveram-se distantes das questões políticas regidas pelo império romano, enquanto as academias da Babilônia gozaram de maior autonomia política e religiosa. Houve intensos diálogos entre as academias, e longas missivas foram trocadas entre sábios e seus discípulos, as comunicações versavam sobre insignes percepções dos ensinamentos e práticas da lei. No entanto, o surgimento de inúmeras academias suscitou distintas interpretações e versões de um mesmo texto, o que gerou discordância e certa animosidade entre as escolas.

Estruturalmente, o Império Romano havia consolidado seu poder político e social, mas, ainda assim, múltiplos levantes ocorreram em Judá mesmo após a destruição de Jerusalém, uma vez que os judeus se recusavam a acreditar e tolerar o politeísmo (BORGER, 2015a). As frequentes insurgências, acrescidas ao desenvolvimento do cristianismo como uma religião, acarretaram um novo olhar para a liberdade usufruída pelas academias de ensino. Os historiadores do judaísmo afirmam que os romanos desencadearam intensas perseguições contra as manifestações religiosas¹⁰⁰, levando à destruição de um número significativo de pergaminhos e ao assassinato de muitos sábios.

Entre os rabinos nas sinagogas, tornara-se crescente o medo de que as leis orais fossem perdidas, coube então ao rabino Yehuda-ha-Nasi a transcrição de todos os ensinamentos e regras, dos detalhes e das nuances que compunham as explicações da Torá Escrita. Inicialmente, ao editá-los, o rabi Yehuda violou os mandamentos, posto

¹⁰⁰ Sobre a política romana em Jerusalém, suas determinações e proibições às práticas judaica, ler: Seltzer, R. Povo judeu, pensamento judaico vol. I e II. Rio de Janeiro: A. Koogan Editor, 1989.

que a tradição religiosa criara uma lei Oral, a qual fora perpassada de Deus a Moisés, de Moisés a Josué, de Josué aos sábios, até aqueles dias. No entanto, o risco iminente de perdê-la culminou por transformar uma possível infração em regozijo para os judeus dos séculos seguintes. Remonta aos séculos II e III d.C. a compilação e transcrição dos ensinamentos e máximas da Torá Oral.

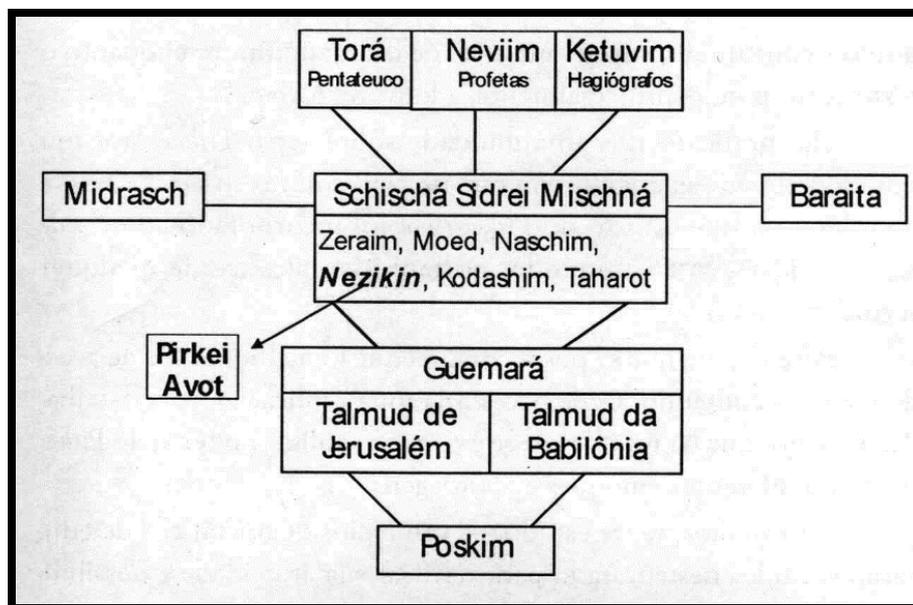
Reza a tradição que a devoção e o zelo do rabi Yehuda o resguardaram no intenso temor para que, uma vez escritas, as palavras não perdessem sua dimensão eterna e espiritual. Rabi Yehuda compilou a Torá Oral num livro que foi denominado Mishná, que em hebraico significa repetir, revisar, estudar. Sua escrita gerou grande mobilização entre os sábios, tendo sido concluída por volta de 188 d.C. A Mishná baseia-se nas leis da Bíblia hebraica, também conhecida por Tanach, e são interpretações e análises dos ensinamentos, os quais definem todas as obrigações dos judeus nas mais diversificadas esferas da vida (JOFFE, 2017, p. 136). Intrinsecamente interligada à Torá Escrita, ela consiste na primeira parte do Talmud e é reconhecida por ser sua essência.

A Mishná é lacônica e, nesse sentido, como os ensinamentos haviam sido compilados, os comentários acerca das discussões sobre as leis apontaram para análises dos preceitos que não haviam sido abordados propriamente, esses comentários dos mestres rabínicos foram transcritos e passaram a ser denominados Guemará. Logo, o Talmud de Jerusalém ou Palestino é compreendido pela Mishná acrescido da Guemará. Nessa perspectiva, em decorrência da intensa interlocução entre as *yeshivot*, o livro da Mishná foi celeremente difundido e adotado como fonte de estudo por todas as academias, inclusive na Babilônia e no Egito. Em suas academias, os mestres rabínicos também começaram a analisar e a discutir os ensinamentos acerca das leis. Nessa direção, os comentários oriundos das discussões e interpretações acerca dos ensinamentos da lei oral que não haviam sido contemplados na Mishná foram amplamente discutidos e, quando transcritos, deram origem à Guemará babilônica. Dessa forma, a união entre a Mishná e a Guemará compõe o Talmud Babilônico.

O organograma abaixo objetiva a melhor elucidação das estruturas dos livros sagrados judaicos. Conforme já descrito, a Bíblia hebraica, também denominada de Tanach, é constituída por 39 livros, subdivididos em: Torá, Neviim e Ketuvim. O

Talmud de Jerusalém é composto pela soma da Mishná à Guemará, tendo sido concluído por volta de 350-400 d.C., já o Talmud Babilônico, ou Talmud Bavli, data de 500 d.C.

Figura 5 - Organograma do Livros Judaicos



Fonte: Extraído de *Educação e Talmud – Uma releitura da Ética dos pais*, de Ana Szpiczkowski (Editora Humanitas, 2008).

É importante compreender o marco estrutural que representou a escrita da lei oral para o judaísmo, não apenas sob o viés da transcrição de elementos que eram perpassados intergeracionalmente, mas, sobretudo, compreendê-la como a materialização de uma cadeia de ensinamentos considerados sagrados para um povo, olhar suas palavras dimensionando-as como garantia viva da vida eterna de Deus. Para os adeptos da tradição judaica, a codificação da Mishná celebra um sentido, um caminho às leis do Eterno. Suas leis, prescritas numa antiga aliança, narram o amor do criador pela experiência e seu zelo pela vida humana. Como regem questões da existência humana, ela é a dialética da vida que se renova a cada experiência de interpretação.

A Mishná encontra-se organizada em 6 grandes divisões ou ordens e agrupadas em 63 tratados, os quais, em geral, foram subdivididos por temas em 523 capítulos.

Todos os tratados contêm extensas análises temáticas, alguns comentários parecem transcritos de forma aleatória, como se aparentemente se desviassem da temática. O *Zeraim*, por exemplo, refere-se às regras agrícolas e possui um famoso tratado sobre bênçãos. De igual modo, o *Nezikin* refere-se às leis civis e criminais e possui o tratado do *Pirkei Avot*, ou *Ética dos Pais*, composto por uma coleção de máximas e aforismos cujo caráter é fundamentalmente ético (SZPICZKOWSKI, 2008, p. 37, 38).

As ordens da Mishná são:

Zeraim – 11 tratados: trata das leis agrícolas e do cotidiano do homem;

Moed – 12 tratados: trata das leis de Schabat (sábado) e dos dias festivos;

Naschim – 7 tratados: trata das leis conjugais, casamento e divórcio;

Nezikin – 10 tratados: trata das leis de danos e prejuízos e comporta o tratado do *Pirkei Avot* (*Ética dos Pais*);

Kodaschim – 11 tratados: trata das leis de sacrifício e serviço no Grande Templo;

Taharot – 12 tratados: trata das leis relativas a estados de impureza e purificações.

A Mishná foi escrita em hebraico antigo, enquanto a maior parte da Guemará, em aramaico. O Talmud de Jerusalém, ou Palestino, consiste principalmente nas discussões entre os rabinos de Tiberíades e da Cesareia, e atribui-se sua origem à escola de Yahanan bar Napha, em Tiberíades, sendo seus principais debatedores os citados Rav Muna e Rav Yossi. O Talmud Babilônico possui quatro vezes o tamanho do de Jerusalém e encontra-se impresso em doze volumes, seus principais debatedores citados são Abbaye e Rav Ashi, mas credita-se o final de suas discussões aos sábios Ravina e Rav Ashi. Apesar de seu volume, o texto aborda apenas 36 dos 63 textos da Mishná. A data da provável conclusão de seus trabalhos ocorreu por volta de 500 a 550 d.C. (JOFFE, 2017, p. 139).

Joffe ainda ressalta que os rabinos citados na Mishná são chamados de Tanna'in – professores, em aramaico –, já os citados na Guemará são considerados intérpretes. As ponderações dos mestres tanaítas tendem a prevalecer, uma vez que, quanto ao período histórico, eram mais próximos a Moisés. Os livros do Talmud encontram-se essencialmente divididos em dois temas denominados Halachá e Hagadá.

A Halachá, palavra derivada da raiz hebraica andar, como se fosse um caminho, refere-se às determinações legais e discussões associadas às leis. A Hagadá origina-se da palavra hebraica narrativa e possui íntima relação com a Hagadá do livro de Êxodo, que narra a saída dos hebreus do Egito (JOFFE, 2017, 139, 140).

A narrativa é a maneira particular de como os judeus se representam e se inserem na história da humanidade. Seus escritos percorrem os caminhos da relação de um pai que se revelou a seus filhos por uma palavra eterna, fato profundamente significativo, pois aponta para a constituição de seu *ethos* identitário, edificado e consolidado nas palavras entregue por Deus a Moisés e escritas na Torá. Ao fomentar uma teologia monoteísta em YHVH, as palavras sagradas são entranhadas pela revelação dos atributos de Deus e destacam um Deus que se manifesta de forma sobrenatural. A apresentação de suas escrituras possui um conteúdo composto por palavras precisamente transcritas de maneira a legitimar a produção de sentido histórico para o povo hebreu (GOODY, 2019, p. 55).

Como um gênero textual, a narrativa possui uma arquitetura que possibilita a escrita da história, ainda que encharcada de elementos míticos e sobrenaturais (GOODY, 2019, p. 125). Nela, os judeus idealizaram suas escrituras sagradas enquanto um povo que buscava se diferenciar dos demais, sua teologia foi sendo construída com a instituição do monoteísmo. O percurso desenvolvido na escrita de seus textos significou sua constituição, de povo hebreu os israelitas erigiram-se judeus e, edificados na memória, inculcaram seus dogmas e o difundiram na escrita. Olhar para os textos sagrados do judaísmo, para além dos elementos simbólicos que compõem a experiência da fé judaica, leva-nos a refletir acerca da organização social e cultural de uma longínqua cadeia de transmissão de saberes. Em outras palavras, significa lançar luz e buscar compreender as estruturas e os recursos sociais utilizados por um povo que fundamentou na escrita um dos elementos determinantes de sua sobrevivência.

As palavras ditas por Deus ao profeta Isaías¹⁰¹ orientam e, em certa medida, ordenam que todos os filhos de Israel sejam ensinados no Senhor, para que haja paz entre seus filhos. Nessa perspectiva, busca-se atribuir responsabilidades às *yeshivot*, na medida em que, como instituições de ensino, promoveram condições precípuas para a

¹⁰¹ Livro de Isaías, capítulo 54.

escrita dos textos sagrados do judaísmo. Por esse ângulo, evidencia-se que as academias transcreveram suas escrituras sagradas e institucionalizaram na escola um método sistemático de ensino que perduram nas *yeshivot* e sinagogas até a contemporaneidade. Nos últimos dois mil anos, a antiga ritualista Goody (2012 p. 74) envolvida no abrir o rolo do pergaminho é transcrita de modo a santificar o verbo criador. Cumpre-se na leitura do livro da Lei, intimamente revelada aos judeus, a invocação da presença daquele que os criou, e a palavra/verbo é naturalmente consubstanciada.

Junto aos rolos de seus pergaminhos, muitos judeus sobreviveram à Pax Romana¹⁰², pois, mesmo que os domínios e as proibições quanto ao exercício público de sua fé tenham sido alternados, alguns escolheram permanecer na terra de Israel, Eretz Israel. Com novas organizações, desde a destruição do Segundo Templo, outras famílias viajaram para longínquas terras, distintos territórios onde rememoraram a memória do Deus de seus patriarcas. Em comum, transportavam os livros de suas escrituras sagradas, verdadeiros receptáculos carregados como cápsulas no/do tempo que, quando abertas, os conectavam com suas raízes ancestrais. Uma trajetória percorrida com distâncias geográficas suscitou histórias culturais diferentes, os judeus mantiveram sua fé e foram naturalmente influenciados pela língua e costumes dos locais onde se estabeleceram. Isso acarretou a divisão dos judeus em dois grandes grupos culturais, os sefaraditas e os asquenazitas. Uma mesma fé, algumas observâncias diferentes.

Os sepharad, ou sefaraditas, carregam o nome da Espanha em seus costumes, oriundos de comunidades judaicas árabes, turcas e do norte africano, muitos imigraram para os países ibéricos. Seu idioma é o ladino, criado por judeus expulsos de Portugal e da Espanha em 1492 que, ao imigrarem para os países Balcãs, incorporaram significativas partes dos dialetos locais ao hebraico. Por ashkenazim - Alemanha, em hebraico -, compreende-se todos os judeus europeus que não sejam de origem ibérica.

¹⁰² A Pax Romana foi um período de tempo histórico (27-180 d.C.) caracterizado por um conjunto de medidas político-administrativas com o intuito de estabelecer a ordem nos territórios já conquistados por Roma, que proporcionou aos povos dominados, do Eufrates ao oeste do Oceano Atlântico, um período de paz sem precedentes. Em contrapartida, a esfera de aculturação do controle social exercido por temíveis legiões romanas impunha simultaneamente o latim como idioma, o cristianismo como fé e a crucificação dos insurretos que se rebelavam contra o império colonialista (GOLDSWORTHY, 2017).

Possuem um idioma milenar denominado ídiche, caracterizado em sua composição pela mistura do alemão medieval com o hebraico e o eslavo. Do livro de Moisés, as palavras ganharam a extensão da vida cotidiana, e aprouve a muitos judeus manter suas tradições milenares, ainda que com algumas diferenças. Com as palavras de uma aliança eterna guardadas em seus corações, muitos peregrinos observavam os estatutos do livro da Lei e deles falavam andando pelo caminho, sentados em suas *yeshivot* ou nas suas casas e, ao deitarem-se e ao levantarem-se, cumpriam o mandamento de inculcar a aliança do Eterno a seus filhos e netos.

As escrituras sagradas são o fruto da reflexão e análise de muitos sábios no decorrer da história judaica. A tradição de seus debates tornou-se um *continuum* no mundo religioso com o perpassar dos séculos. Dessas alterações, surgiram inúmeros movimentos religiosos, alguns dos quais tangenciam, em algum ponto, a temática da pesquisa. Após a segunda diáspora, já espalhados e estabelecidos ao redor do mundo, muitos judeus religiosos mantiveram acesas sua fé e a esperança na vinda do Messias redentor que, de acordo com o esperado, reestabeleceria o trono davídico¹⁰³. Para além das tradições culturais e das diferenças existentes entre os movimentos religiosos, de maneira geral, os observantes procuraram manter sua unidade no respeito às leis judaicas e na essência do culto a YHVH.

No século XVIII, no Leste Europeu, um homem conhecido por Baal Shem Tov, o Mestre do Bom Nome, nascido a sudoeste da Ucrânia, observou que um grande número de judeus se encontrava distante da fé judaica. A decorrente situação de pobreza em que se encontravam esses homens e mulheres os levou a afastarem-se das práticas religiosas, basicamente por desconhecerem as letras dos livros sagrados. O mestre procurou ensinar as leis talmúdicas aos mais simples e deu ênfase ao livre acesso ao Eterno. Baal Shem Tov procurou instruí-los a manterem-se fiéis ao Deus de Israel, concentrando-se no entusiasmo profundo de quem ele é. Dessa forma, a verdadeira devoção deveria provir da alegria humilde em buscar e encontrar o Criador.

O movimento chassídico não se opunha às leis judaicas, antes buscava popularizá-las, simplificando-as para um maior número de judeus, com o propósito de que fossem cumpridas de maneira irrestrita. As ideias de Baal Shem Tov rapidamente

¹⁰³ O Trono da Dinastia de Davi, rei que consolidou Israel como uma Nação.

disseminaram-se pela Europa oriental e o movimento fez muitos seguidores nas regiões da Ucrânia, Polônia, Lituânia, Rússia, Romênia e Hungria. Os chassídicos passaram a se distinguir pela alegria de seus cultos e pela caracterização de suas vestimentas e, em concordância com os preceitos descritos na Torá, muitos passaram a não cortar as extremidades de seus cabelos e de suas barbas, além de deixarem as franjas de seus bordões¹⁰⁴ à mostra. Com a morte do fundador do movimento, surgiram muitos mestres que deram continuidade ao movimento ortodoxo.

O continente europeu se apresentou para a comunidade diaspórica, como um campo fértil para novas perspectivas e experiências na composição das práticas de sua fé. De igual modo, pode-se afirmar que, também conheceu expressivas correntes filosóficas e políticas. Imbuídas em seus ideários de caros e, por vezes, contrastantes valores, tanto o iluminismo judaico, quanto o sionismo, representaram dois importantes movimentos responsáveis por conceber princípios e ideologias, os quais, viriam à posteriori influenciar de maneira significativa profundas mudanças na vida de todos os judeus espalhados ao redor do mundo.

O movimento reformista originou-se na Europa Central, no final do século XVIII, idealizado por Moisés Mendelssohn, e seus conceitos são pautados nos valores do Iluminismo e da Revolução Francesa. A Haskalá, ou iluminismo judaico, como ficou conhecida, tinha em seu escopo a intenção de promover a integração da comunidade judaica às novas áreas de conhecimento que floresciam, sem o abandono da fé judaica. Fundamentalmente, passaram a interpretar as doutrinas da fé judaica como alegorias míticas que não poderiam ser aceitas racionalmente, assim, rejeitaram a crença na ressurreição dos mortos e substituíram a expectativa de um rei messiânico pela esperança da construção de um mundo mais fraternal. Dessa forma, passaram a compreender a importância da ética do Sinai na formação responsável de cada indivíduo (ROSENBERG, 1982).

Com a difusão de uma fé monoteísta racional e democrática, os reformistas passaram a não mais observar os princípios alimentares estabelecidos como preceitos em seus livros sagrados e abandonaram suas vestimentas tradicionais. Nos seus ofícios religiosos, a língua hebraica já não era mais uma exigência, as celebrações

¹⁰⁴ Em referência às determinações presentes na Torá, nos livros de Números e Levítico.

desenvolviam-se de maneira mais curta e os cultos poderiam se adaptar às comunidades em que estivessem inseridos. Em oposição à Torá, que estabelece os judeus como um povo santo, o movimento passou a se compreender como uma comunidade religiosa, levada a apregoar os ideários de justiça e fraternidade presentes no decálogo sinaítico. No século XIX, muitos se estabeleceram nos Estados Unidos da América, França, Austrália, África do Sul, América Latina e na Inglaterra, onde passaram a disseminar sua filosofia em seminários e escolas.

O movimento sionista surgiu das ideias de Theodor Herzl, um judeu nascido na Hungria que recebera uma educação iluminista. Em Viena, na Áustria, formou-se em Direito, no entanto, passou a se dedicar à escrita e ao jornalismo, devido às restrições políticas e sociais estabelecidas aos judeus. Como jornalista, viajou à França para cobrir o processo de acusação de espionagem contra o oficial Alfred Dreyfus¹⁰⁵ e, nesse momento, teve a oportunidade de dimensionar o antissemitismo presente por todo o continente europeu. Em 1896, lançou seu livro *O Estado Judeu*, no qual defende a criação de um Estado nacional judaico como a única saída para os judeus serem aceitos pelo mundo. Herzl convenceu-se de que, ainda que possuíssem direitos civis, a realidade não propiciava a liberdade e a igualdade apregoada pelo Iluminismo.

O continente europeu experimentava, em seu cotidiano, perseguições sistêmicas contra a comunidade judaica, mesmo sendo o celeiro dos ideais igualitários. Notícias de pogroms, condenações e assassinatos sumários de judeus eram bem comuns e tornavam claros os sentimentos antissemitas de muitos europeus. Inicialmente, o sionismo atraiu poucos correligionários, que, de maneira geral, pertenciam às camadas menos favorecidas da população. Em 1897, um ano após o lançamento do *Estado Judeu*, Herzl organizou o primeiro Congresso Sionista, que foi a primeira grande reunião de judeus da/na diáspora, na cidade da Basileia, na Suíça. Na importante reunião, procurou conscientizar a comunidade judaica da crescente intolerância e violência contra os judeus na Europa. Foi considerado um pioneiro na idealização de ações práticas para a

¹⁰⁵ Alfred Dreyfuss foi um judeu, oficial do exército francês, acusado de traição em 1894. Seu julgamento refletiu o crescente antissemitismo na França e, de maneira geral, na Europa. Condenado injustamente, sua história mobilizou um grande número de intelectuais à época. Sobre o assunto, consultar: *J'accuse! A verdade em marcha*, de Émile Zola (2009) e *Alfred Dreyfus*, de Louis Begley (2010).

fundação de um Estado judaico na Palestina, como a criação de fundos e sociedades participativas, dentre eles a Society of Jews, destinada a negociar politicamente a compra dos territórios, e a Jewish Company, que ficaria responsável pela organização econômica do novo estado.

Dessa maneira, o primeiro capítulo Shemá Israel: Ouve, ó Israel procurou apresentar algumas das principais concepções teológicas do Judaísmo, no intuito de compreender como a constituição do povo judeu foi lentamente sendo pensada, articulada e demarcada, a partir da escrita de seus pergaminhos sagrados. Nessa direção, assinala-se que, o estudo da historiografia bíblica acrescido da extensa literatura rabínica compõe os fundamentos e as práticas pedagógicas cotidianas de uma *yeshivá*. Justifica-se, dessa maneira, a importância e o destaque em trazê-los à Tese para uma maior apreensão acerca de seus múltiplos valores para a educação religiosa ortodoxa judaica.

2. MORASHÁ: A HERANÇA E O LEGADO DOS SÁBIOS

O segundo capítulo da pesquisa apresenta o movimento filosófico-religioso fundado por Baal Shem Tov, denominado chassidismo. Saliento a pertinência em trazer o contexto de seu surgimento e algumas de suas particularidades, visto que a expressão do movimento representou uma forte influência na religião judaica (ELIOR, 2013; GUINSBURG, 1971; HILSENRAD, 2017). Ressalto ainda que a Yeshivá de Petrópolis, fundada por Chaim Benjamini sob as bênçãos do Rebe Menachem Mendel Schneerson (1902-1994), é signatária da filosofia Chabad de Lubavitch, além de identificar-se nas práticas escolares da instituição os seus princípios e valores.

Em seguida, lanço luz sobre os registros autobiográficos de Rivka Benjamini e Chaim Benjamini, fundadores da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis, sob as lentes de Frankl (1993, 2008) e Kotre (1997) Santhiago (2013). Como letras vivas num pergaminho ainda não completo e, inicialmente escrito por seus ancestrais (Sacks, 2002), estendo meu olhar para suas memórias, no intuito de buscar desvelar os encontros e desencontros que os trouxeram numa travessia oceânica. Como cartas à posteridade, constituíram-se educadores e, assim, escreveram um capítulo na história da educação judaica no Brasil. Por fim, a última seção intenta identificar os principais conceitos que pautam uma educação judaica ortodoxa, bem como, busca evidenciar sua importância para a preservação e continuidade de uma longa cadeia de transmissão de saberes e conhecimentos do povo judeu.

2.1 Chassidismo: o movimento do Senhor do Bom Nome

Na Europa do século XVIII, a comunidade judaica, como uma organização social fundamentada nos preceitos considerados sagrados para a religião sinaítica, encontrava-se dividida. Os diferentes contextos políticos entre as regiões ocidentais e orientais do continente faziam contrastar díspares realidades sociais. No século do Iluminismo, uma boa parte dos judeus ocidentais havia sido contemplada com a garantia dos direitos civis e, dessa forma, muitas de suas demandas, atribuições e interesses passaram a se relacionar com os espaços sociais nos quais estavam inseridos. Logo, para

muitos israelitas, o centro gravitacional da vida judaica não se encontrava mais pautado nos organismos comunais da fé monoteísta. No processo de aculturação, muitas famílias ilustradas buscaram se afastar da imagem acanhada da tradição de seus antepassados (ETTINGER, 1971).

Os judeus que haviam se estabelecido na Europa oriental, acorridos por inúmeras perseguições¹⁰⁶, encontravam-se submersos numa realidade cultural bem distinta. Estabelecidos nas regiões da Polônia, Crimeia, Lituânia, Ucrânia e da Rússia, durante alguns séculos usufruíram de certo respeito e tolerância religiosa. Dessa forma, mantiveram suas instituições e organizações comunais, o que na realidade implicava um estado dentro de outro estado. Os *shtetl*, que eram pequenos povoados ou aldeias habitados somente por judeus, reuniam uma mistura composta por uma minoria nacional de diferentes classes sociais e uma unidade religiosa que, por sua vez, procuraram se manter nos princípios eternos de sua devoção. Em sua maioria, os judeus do Leste Europeu conservaram-se alheios ao utilitarismo do tempo histórico em que eram construídos os pensamentos iluministas.

Durante muitos séculos, os judeus do Leste Europeu sustentaram seus trabalhos e mantiveram-se apoiados em suas *yeshivot* e sinagogas. Originalmente, convidados à Polônia a fim de estimular a vida econômica do país, as comunidades judaicas estabeleceram suas relações sociais, chegando a formar um típico estado comunal dentro da monarquia polonesa. Estima-se que, por volta de 1570, os judeus da Polónia¹⁰⁷ formavam a segunda maior comunidade diaspórica do mundo, com cerca de trezentas mil pessoas, abaixo apenas da Turquia. Essa realidade viria a transformar-se em meados do século XVII, quando os cossacos¹⁰⁸ impingiram violentos ataques contra

¹⁰⁶ Dentre as muitas perseguições coletivas sofridas por judeus, que resultaram em grande fluxo migratório no continente europeu, destacam-se o período das Cruzadas (1099-1099, 1145-1149, 1189-1192), a Peste Negra (1346-1353) e a Santa Inquisição, no século XIII. No livro *Na Iminência do Extermínio: A História dos judeus da Europa antes da Segunda Guerra Mundial*, de Bernard Wasserstein (2015), encontram-se detalhados todos os conflitos históricos com registros.

¹⁰⁷ A população judaica da Polónia tornara-se a segunda maior da Diáspora. Em 1580 os monarcas poloneses concederam certa autonomia política aos judeus. No Conselho das Quatro Terras, os judeus criaram uma assembleia com setenta delegados, para representar suas próprias comunidades na Grande Polónia, Pequena Polónia, Rutênia, Volínia e, por vezes, até na Podólia (JOFFE, 2017).

¹⁰⁸ Os cossacos foram povos que habitaram a região Sul da Rússia, da Crimeia e da Sibéria. O cossaco ucraniano Bodan Chmielnocki (1648-1655) liderou o massacre de aristocratas poloneses e de judeus considerados infiéis ao Cristianismo. Calculam-se que 130 mil pessoas foram mortas de forma bárbara, dentre as quais 100 mil eram judias. (Joffe, 2017; Rabinowick, 1990). Sobre Pogroms ver

o domínio polonês em seu território. Com a morte do rei polonês, teve início um período de grande intolerância religiosa, segregacionismo e massacre de judeus.

As duras condições acrescidas das novas ordenações políticas fizeram recair sobre a judaria oriental uma sistemática pauperização que levou à miséria uma grande parte da comunidade, acarretando sua dispersão para o campo. Os recorrentes conflitos abalaram as estruturas internas de suas organizações. Todo esse cenário desencadeou uma profunda crise no sistema obrigatório de ensino elementar judaico e, de igual modo, tornou quase impossível o acesso às academias de ensino superior das leis talmúdic. Dessa forma, os judeus encontravam-se sob um contexto de grande empobrecimento e elevada desigualdade social e econômica dentro da própria comunidade judaica, muitos não eram alfabetizados e, por conseguinte, desconheciam as letras da Torá e seus ensinamentos (GUINSBURG, 1971).

Na intercorrência desses acontecimentos, surgiu um dos maiores movimentos religiosos do judaísmo, o chassidismo. Rosenfeld (1971) interpreta no movimento a representação de um veemente protesto social das camadas judaicas mais simples, as quais ficaram à margem das organizações comunais, visto que o ensino religioso passara a se restringir a círculos cada vez menores de uma elite já douta. De modo análogo, Elior (2013) evidencia que o chassidismo teve origem como uma nova entidade social e espiritual no segundo terço do século XVIII, numa clara resposta espiritual das classes sociais menos favorecidas frente a seus desapontamentos com a liderança rabínica e sua responsabilidade social, uma vez que, o movimento não questionara a lei mosaica, antes procurou contribuir para seu livre acesso.

Elior (2013) ainda ressalta que o chassidismo foi fortemente influenciado por três significativos acontecimentos que acentuaram as divisões dentro da comunidade judaica: a grande diferença econômica e social entre a judaria provocara díspares posicionamentos com relação aos inúmeros conflitos e guerras vivenciados pela Polônia¹⁰⁹; o movimento messiânico de Sabbatai Zevi (1626-1676), que contestara os

Enciclopédia do Holocausto, disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/pogroms>.

¹⁰⁹ A Polônia enfrentou inúmeros conflitos e guerras no decorrer da segunda metade do século XVII até o final do século XVIII, entre as quais Elior (2013) destaca: a revolta ucraniana contra os senhores de terra poloneses (1648-1668); a guerra russo-sueca para obtenção do controle do reino polaco-lituano

tradicionais círculos rabínicos que desejavam permanecer no poder; e, por fim, a reação da igreja católica ante o crescimento da reforma protestante, no último terço do século XVII e na primeira metade do século XVIII. Ameaçada, a igreja iniciou uma série de restrições antissemitas, como a conversão obrigatória, a abdução de crianças para batizá-las e criá-las como cristãs, as falsas acusações, a disseminação de literatura antissemita e as frequentes orquestrações de libelos de sangue¹¹⁰.

Ante essa conjuntura, conta-se que o nascimento de Israel bin Eliezer (1698-1760) ocorreu em Okopy, uma cidade na fronteira entre a Podólia¹¹¹ e a Moldávia. Com relatos pouco precisos, sabe-se que ficou órfão muito cedo, tendo sido criado e instruído pela comunidade. Por outro lado, de acordo com a tradição religiosa chassídica, o nascimento e toda a trajetória de Baal Shem Tov – o Senhor do Bom Nome – são exaltados em narrativas místicas, as quais procuram destacar sua piedade e devoção a Deus. É importante compreender que a narrativa é uma característica de todo o discurso humano e, no caso do judaísmo, ela compreende a gênese de sua escrita, a qual é legitimada e reivindicada através da escrita das práticas culturais de suas escrituras sagradas (GOODY, 2019).

Uma das lendas sobre o seu nascimento afirma que seu pai, Eliezer, era um homem considerado proverbial quanto à hospitalidade, pois, envolto no espírito do patriarca Abraão, abrigava a todos: eruditos, pobres iletrados e ímpios. Durante um inverno muito rigoroso, seu acolhimento foi testado numa noite de Shabat, quando, disfarçado de mendigo, com uma trouxa e um cajado, o próprio profeta Elias¹¹² batera à

(1654-1656); a invasão dos tártaros muçulmanos para captura de escravos brancos (1660-1699); a guerra do norte entre a Rússia e a Suécia, que disputava a predileção sobre a coroação do rei polonês (1700-1721); a invasão da Turquia na Podólia (1672-1699); e a interna guerra polonesa pela disputa do trono (1737-1738).

¹¹⁰ A partir do século XII na Europa começaram a surgir acusações antissemitas de que judeus assassinavam crianças cristãs e utilizavam seu sangue para a fabricação de pão ázimo (*matzot*). Feldman (2015) ressalta que os judeus têm repúdio ao sangue. O autor aponta que, as escrituras sagradas prescrevem rígidas proibições acerca do seu consumo. No período em que Baal Shem Tov (1698-1760) viveu foram registrados mais libelos de sangue do que em qualquer outro período da história, na comunidade polaco-lituana, somando-se um total de 66, de acordo com Guldon; Wijaczka, apud Elior (2013). Sobre libelos de sangue, ler: The Jew in the medieval book: English antisemitisms, 1350-1500. Cambridge University Press, 2006.

¹¹¹ Os registros históricos apontam que entre 1672 e 1698 a Podólia pertenceu à Turquia e, posteriormente, com o Tratado de Carlowitz, foi devolvida à Polónia (JOFFE, 2017).

¹¹² O profeta Elias viveu no século IX a.C. e dedicou sua vida para provar a existência de um único Deus. A narrativa sobre sua vida encontra-se nos livros de Reis. Na tradição chassídica, acredita-se

sua porta. Apesar da violação¹¹³ das regras do dia santo, Eliezer não deixou de atender às necessidades de seu convidado e esmerou-se para recepcioná-lo à altura das celebrações da cerimônia. Por fim, o profeta revelara-se à Eliezer e afirmara que, por não ter humilhado um pecador, seria pai de um filho que haveria de acender uma luz na casa de Israel (RABINOWICZ, 1990, p. 29).

Grun (2019, p.19) destaca que a relevância das ideias conferidas a Baal Shem Tov – BESHT¹¹⁴ – consistira numa teologia “marcada pelo otimismo, pela alegria profunda e uma apreciação genuína pelo mundo natural, um senso de propósito humano, de perdão de moralidade e ética”, valores que fascinaram os judeus de sua época. Passados mais de duzentos e sessenta anos do aniversário de sua morte, seu legado influenciaria a vida judaica para além de seu tempo. A cidade de Medzhybizh, na Ucrânia, dispõe de um museu, onde podem ser encontrados alguns de seus objetos pessoais, que foi construído a partir de uma réplica de sua antiga sinagoga. A imagem abaixo procurou recompor as suas características, por volta do ano de 1915.

Figura 6 - Réplica da Casa De Baal Shem Tov



Fonte: Imagem retirada do livro Pérolas do Baal Shem Tov, de Renato S. Grun (2019, p.20).

Os pais de Israel morreram quando ele ainda era criança, e sua criação e

que sua presença visite algumas celebrações especiais, como a circuncisão e o jantar de Páscoa, em que muitos religiosos deixam uma cadeira e uma taça de vinho reservada para ele. Site: chabad.org.br.

¹¹³ A título de instrução, a lenda assevera que, mesmo observando conscientemente o pecado de seu convidado, o qual se constituía no fato deste carregar objetos (o cajado e a trouxa) do domínio público para o privado (um mandamento proibitivo aos religiosos), o pai de Baal Shem Tov não o constrangeu ou sequer admoestou seu hóspede, agindo de forma a vivenciar a bondade e a graça do Criador.

¹¹⁴ Acrônimo do nome de Baal Shem Tov.

instrução ficaram a cargo e responsabilidade de toda a comunidade, de acordo com as leis mosaicas. Conta-se que era muito dedicado aos estudos, passando muitas horas na floresta, meditando e estudando a Cabalá¹¹⁵ sozinho. Mais tarde tornou-se um professor assistente em Horodenka¹¹⁶ e depois foi zelador da sinagoga local. Certa vez, quando o rabino da cidade de Brody lhe assistiu falar sobre as leis, entregou-lhe a mão de sua filha Chanah, com a qual casou-se posteriormente. Ainda de acordo com os relatos dos religiosos, Israel não era considerado um homem polido o suficiente para casar-se com a filha de um rabino, de forma que os recém-casados se mudaram da cidade para o campo.

A tradição chassídica conta que Israel passava muito tempo solitário, dedicando-se aos estudos das escrituras sagradas¹¹⁷. Seus estudos também contemplaram questões sobre o conhecimento e a ação das propriedades fitoterápicas das plantas, e sua subsistência provinha da assistência que prestava à comunidade no papel de curandeiro. Ele também se ocupava da venda de poções mágicas que afastavam demônios, denominadas *segulot*, e de amuletos escritos para casas ou *kamio'ot*, os quais pretendiam afastar os maus espíritos. Foi apenas em 1736 que Israel estabeleceu sua residência em Medziboj, perto da cidade de Brody, onde começou a ser reconhecido como Baal Shem Tov – O Senhor do Bom Nome – e passou a ser procurado por muitos, devido à clareza com que aconselhava e à compreensibilidade de suas pregações, características consideradas quase revolucionárias, de acordo com Rabinowicz (1990).

Baal Shem Tov afirmava que seu objetivo era mostrar ao homem como viver por três preceitos: o amor a Deus, a Israel e à Torá. Segundo ele, não havia distinções entre o sagrado e o secular, cada homem deveria refletir, em todas as suas ações, uma genuína

¹¹⁵ A Cabalá é uma palavra hebraica que significa recebendo ou aquilo que já foi recebido, é a parte mística do judaísmo. O ponto de partida e a maior meta da Cabalá são o conhecimento de Deus, que é o princípio e o fim de todas as coisas. O homem rompe o vínculo material na ação conjunta de seu estudo e conhecimento. De acordo com essa tradição, todas as verdades místicas mais profundas estão na Torá e no Talmud. Somente os que conhecem e dominam seus ensinamentos podem esperar compreender a Cabalá. Baal Shem Tov foi influenciado pela Cabalá desenvolvida por Isaac Luria, sua escola na Palestina, durante os séculos XVI e XVIII, procurou desenvolver estudos voltados às ações místicas mais práticas (JOFFE, 2017, KAPLAN 2018).

¹¹⁶ Horodenka, assim como Brody, são pequenas cidades que à época faziam parte do Reino da Galícia-Volínia. Hoje, localizam-se na Ucrânia.

¹¹⁷ Os livros da tradição religiosa afirmam que Baal Shem Tov passava dias sozinho nos montes Cárpatos, na Ucrânia. Sua instrução viera através do próprio profeta Aías de Silo, presente no livro de Reis.

adoração ao Criador. Em seus ensinamentos sobre uma nova visão mística do mundo, descreveu as relações entre as realidades visíveis e o mundo oculto. Israel apregoava que o mundo material e o espiritual são interligados e, dessa forma, sempre há um sentido em si para todas as coisas reveladas. Esses pensamentos logo atraíram a atenção de algumas das mais importantes autoridades rabínicas da região da Polônia e da Podólia, assim que os rabinos Yaacov Yoseph, Meir Margaliot e Dov Baer de Mezhirech buscaram sua aceitação como seu mentor e professor espiritual. Coube a seus discípulos a responsabilidade pela transcrição de seus conhecimentos.

O BETSH afirmou que a presença divina se manifestava em tudo o que existe no mundo, independentemente da natureza de sua substância, até as letras das escrituras apresentavam uma linguagem sagrada única, pronta a revelar-se. Em sua acepção, como a Terra está repleta da infinita glória de Deus, tudo o que nela há está apto a refletir suas infinitas centelhas divinas. Dessa maneira, cabe a cada judeu, em qualquer instante, romper a materialidade do mundo físico, devendo-se ligar ao que é eterno. Ao formular seus conceitos místicos, ponderou que:

Todas as coisas existem dentro de uma unidade de opostos: cada manifestação material é animada por uma fonte divina invisível e possui uma manifestação tangível que poderá revelar a raiz divina e assim a divindade é transportada em uma entidade perceptível, e ainda mais, toda manifestação é ilusória, se não for iluminada pela única entidade verdadeira da presença divina. A presença divina infinita que anima a realidade é chamada de *ein sof*, o que não tem fim, ou abreviadamente *ayin*, e a realidade corpórea tangível que oculta a sua raiz divina é chamada de ser, ou *yesh* (ELIOR, 2013, p. 23).

Buber (1971; 2000), ao explicitar esse conceito, narra o diálogo entre um *tzadik*, um homem justo e piedoso, e seu filho. Certa vez, o pai perguntara a seu filho como ele rezava. Consciente da vasta dimensão da pergunta que lhe fora feita, seu filho respondeu que fazia suas preces com os versículos de seu livro de oração matinal. A criança, ansiosa por saber como o pai realizava suas observâncias, devolveu-lhe a pergunta, ao que seu pai lhe respondera, de forma singela, que orava todas as manhãs com a prancha e o banco. O conto busca significar que, embora a prancha e o banco tenham sido feitos por mãos humanas, tudo o que existe é criado por Deus e, dessa

forma, ajudam-no a rezar e ele, por sua vez, os ajuda a rezar. Nessa perspectiva, o pai cumpre sua tarefa de elevá-los à sua origem em Deus.

De acordo com o chassidismo, o sagrado existe e preenche todos os lugares, e não há nada que exista sem a sua presença. Para além da erudição, as preces não deveriam decorrer de formalidades ritualísticas em si, antes são responsáveis por expressar a rica alegria na/da união com o Eterno. O mestre buscou designar que todo homem deve procurar ligar-se a Deus com especial devoção. A radical compreensão da onipresença divina trouxe a “obrigação de uma ligação com Deus em todos os momentos e de todas as formas” e, como consequência, esse feito caracterizou uma desvinculação com a separação corpórea. Em outras palavras, no encontro com a onipresença divina, o homem experimenta uma união sem limites e, por conseguinte, não existem mais lacunas entre Deus e o homem, pois tudo é divindade (ELIOR, 2013, p. 24).

Seguro de que a infinitude de Deus preenche todo o universo com a sua glória, o BETSH introduziu doze conceitos que, relacionados e sobrepostos, tinham por objetivo provocar uma mudança na consciência humana, ou melhor, significavam um desvelar do conhecimento ativo do sagrado como um verbo eterno e, por conseguinte, as escrituras sagradas transmutariam o homem. Como inovações do chassidismo tem-se a popularização da mística judaica, bem como a percepção de que todos os seus conhecimentos deveriam ser compartilhados por toda a comunidade, sem acepção de pessoas. Nessa direção, dedicaram-se à formação de uma ampla rede de professores para atender a crianças e adultos, com o intuito de proporcionar uma educação mais acessível às escrituras sagradas.

O Quadro 4, produzido a partir das considerações de Elior (2013), tem por intuito apresentar brevemente as doze proposições, de maneira a aclarar os preceitos que fundamentam os pensamentos do BESHT. Nele, podem ser observados a conceituação de significativos ensinamentos do Senhor do Bom Nome concernentes à dimensão *chassidut*, ou seja, quanto as imensuráveis formas pelas quais o homem deve procurar unir-se a Deus. Entremeadas, procuram explicitar a complexa dimensão dos atributos da devoção humana, com ênfase na onipresença de Deus, na prece e na alegria.

Quadro 4 – Doze conceitos principais de Baal Shem Tov

<p style="text-align: center;">DEVEKUT</p> <p><i>(lit. unidade com o Santificado, apego ou adesão a Deus)</i></p>	<p>É uma instrução que exige a total devoção a Deus, deve-se renunciar às realidades materiais do mundo e buscar transcender ao próprio eu.</p>
<p style="text-align: center;">PENSAMENTO</p>	<p>Em virtude de sua fonte divina, o pensamento deve procurar vencer as limitações físicas da realidade. Nessa perspectiva, cabe ao homem pensar sobre as verdades do mundo superior.</p>
<p style="text-align: center;">LETRAS</p>	<p>A linguagem, em geral, é infinita. No chassidismo, a linguagem é a unificação do abstrato com o concreto. De acordo com a tradição, cada letra do idioma sagrado representa a localização da presença divina.</p>
<p style="text-align: center;">BITUL HAYESH</p> <p><i>(lit. negar o ser)</i></p>	<p>Seria o esforço de negar a realidade física e transcendê-la, a fim de descobrir o elemento divino, Deus, que é a essência do ser.</p>
<p style="text-align: center;">NEFESH ELOHIT</p> <p><i>(lit. alma divina)</i></p>	<p>Seria a alma divina, que todo judeu possui e que, potencialmente, o leva a se esforçar para elevar tudo ao nível espiritual.</p>
<p style="text-align: center;">HAFSHATAT HAGASHMIYUT</p> <p><i>(lit. desvinculação com a materialidade)</i></p>	<p>É o processo que expressa o desejo da alma divina de transcender a corporalidade por meio da oração e contemplação.</p>
<p style="text-align: center;">HISHTAV'UT</p> <p><i>(lit. equanimidade ou indiferença)</i></p>	<p>A equanimidade é um estado ascético no qual todos os valores e conceitos relacionados à existência concreta deverão ser considerados destituídos de significado. Todos os chassídicos devem tratar as dimensões da vida com equanimidade completa.</p>
<p style="text-align: center;">HITBONENUT</p> <p><i>(lit. contemplação)</i></p>	<p>A meditação sobre a presença divina, que é subjacente às manifestações físicas. A contemplação deve compreender que a existência física é algo que somente cobre a luz infinita.</p>

Quadro 4 - Continuação...

<p style="text-align: center;">AVODAH BEGASHMIYUT <i>(lit. adoração através da corporalidade)</i></p>	<p>Esse preceito refere-se à busca da essência divina na natureza multifacetada da realidade material, ou seja, a expansão do culto religioso para todas as áreas da vida humana.</p>
<p style="text-align: center;">OLAM HADIBUR MEDABER BADAM <i>(lit. “o mundo fala [= Shekhinah = presença divina representando a comunidade de Israel e a lei oral] está falando através da boca de um ser humano”)</i></p>	<p>Baal Shem Tov afirmou que todo ser humano pode se tornar um vaso para a voz divina. A fala humana que se manifesta no ato de recitar as escrituras é a revelação completa da voz divina.</p>
<p style="text-align: center;">KAVANOT <i>(lit. expressões de intenção mística)</i> YIHUDIM <i>(lit. unificações)</i></p>	<p>São as meditações místicas que buscam restaurar a unidade final do reino divino.</p>
<p style="text-align: center;">GADLUT <i>(lit. grandeza de espírito)</i></p>	<p>Representa uma mente aberta e com visões expansivas geradas pela distância de preocupações mundanas e por uma aproximação maior a Deus e à sua redenção.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Grun (2019, p.62), salienta dentre as compreensões difundidas pelo BETSH que “o veículo de refinamento para o espectro mais amplo do povo judeu é o serviço diário da oração”, dessa maneira, o chassidismo procura ressignificar as virtudes espirituais da oração. Nessa perspectiva, as marcas do tempo em que vivera encontram-se presentes na sua filosofia, visto que, seus princípios versaram sobre o amor ao próximo nas condutas diárias, posto, todos os homens serem iguais perante à Deus, bem como, o fato da pureza de coração ser superior ao estudo e a genuína alegria presentes na elevação das orações ao Criador (HILSENRAD, 2017).

Destarte, Hilsenrad (2017) também destaca que os ideais chassídicos ensinavam que a pureza do coração era superior ao estudo e que as orações devotas devem ser caracterizadas pela alegria, e elenca os quatro elementos básicos que descrevem o estilo de vida apregoado pela doutrina chassídica: a importância fundamental da intenção no cumprimento de todos os preceitos; o desenvolvimento da santidade, tanto nos aspectos materiais como nos espirituais; servir a Deus com alegria

expressa nas danças e melodias durante as rezas e reuniões, por fim, todos os chassídicos devem procurar espelhar-se nos ensinamentos e orientações de seus líderes.

O Senhor do Bom Nome procurou ensinar os seus princípios místicos de maneira compreensível, falava a todos por parábolas, buscando fazê-los conceber que é a presença divina infinita que anima a todos os seres. Os princípios filosóficos e místicos do chassidismo foram transcritos por seus discípulos e alunos. Rapidamente, sua reputação “elevou-se além dos limites da realidade histórica e adquiriu um status mitológico, sem limitações de tempo, lugar, registro escrito ou evidência biográfica” (ELIOR, 2013, p. 22, 23), e, pouco tempo após sua morte, os testemunhos acerca de sua personalidade já haviam se fundido com as tradições místicas chassídicas, tornando-se amplamente conhecidos.

Descrito como uma personalidade carismática, a tradição religiosa afirma que Israel podia transcender as fronteiras do tempo e do espaço, ascendia aos céus e falava com o Messias. Seus discípulos transcreveram sua alegria ao cumprir os preceitos de Deus e seu ensejo para que todos exultassem com a presença divina. É importante ressaltar que a expressão de sua religiosidade ocorreu durante um dos períodos mais sombrios do século XVIII. Nesse contexto, concorda-se com Elior (2013) na compreensão de que o principal legado do chassidismo foi sua releitura da história judaica em relação ao exílio e à redenção¹¹⁸ que, reinterpretada à luz da tradição cabalística, prometeu a esperança de uma redenção alegre na libertária união com Deus.

Os ensinamentos de Israel Baal Shem Tov iluminaram as letras das escrituras judaicas e, com o tempo, surgiram novas tradições e mestres. O rabino Schneur Zalman (1745-1812) foi responsável por organizar sistematicamente os ensinamentos do mestre, difundindo-os a um maior número de discípulos. O autor produziu extensas obras sobre o pensamento e a filosofia judaica, dentre as quais se destaca a publicação do *Likutei*

¹¹⁸ Para a doutrina *chassidut* (chassidismo), um *chassid* se caracteriza por ser aquele que pratica o amor e a bondade acima do que exige a Lei (HILSENRAD, 2017, p. 304). Nessa perspectiva, o último líder do movimento *Chabad*, M. M. Schneerson (2000, p. 106, 112) depreende que, “quando o serviço e as purificações deste Exílio forem completados, então a finalidade e o propósito de todos os Exílios serão cumpridos e consumados (pois a Redenção deste Exílio é uma Redenção após a qual não haverá mais exílio)”. Em outras palavras, cabe aos judeus a grande responsabilidade de, através do serviço religioso apontado nas escrituras sagradas preparar o mundo para a redenção final, que é a vinda do Messias.

*Amarim Tanya*¹¹⁹, em 1796, uma compilação dos princípios fundamentais do movimento chassídico que, rapidamente, se transformou num clássico da literatura rabínica. Posteriormente fundou a corrente Chabad de Lubavitch e tornou-se conhecido como o primeiro Alter Rebe, de uma linhagem de sete gerações de mestres, ou rebes, que expuseram ao mundo, através de suas escolas, centros de reuniões, assistência social e religiosa, os ensinamentos da Chassidut.

O chassidismo difundido pela Chabad-Lubavitch¹²⁰ consiste num sistema de “filosofia religiosa judaica que ensina a compreensão e o reconhecimento do Criador pela ampliação das três qualidades intelectuais: *Chochmá* (sabedoria), *Biná* (entendimento) e *Daat* (conhecimento)”, seu acróstico constitui a palavra Chabad (SCHNEERSON, 2014, p.11). O destaque dessa filosofia encontra-se na constante motivação em estudar a Torá, manifestando sua essência e virtude nas ações cotidianas. Os adeptos do Chabad compreendem que o elo entre o Criador e a criação é fortalecido no particular apreço a um estilo rigoroso de cumprir e disseminar suas observâncias nas práticas de fé.

O movimento Chabad procura enfatizar as atribuições e o papel de cada judeu religioso na busca por purificar e refinar o mundo através do cumprimento dos mandamentos da Torá. Dessa forma, os atos de bondade e justiça devem preparar o mundo para a vinda do Messias. Nessa perspectiva, atraem para si a responsabilidade em dar continuidade à cadeia de transmissão dos ensinamentos sinaíticos, perpassados de geração em geração. Assim que, em consonância com a tradição rabínica, os mestres do movimento Chabad ensinam a seus novos discípulos as antigas lições de seus pergaminhos, como fizeram seus ancestrais.

No final do século XVIII, os líderes dessa nova subdivisão¹²¹ do chassidismo empenharam-se, à época, em elevar a prioridade conferida à educação e, como

¹¹⁹ Escrito há mais de duzentos anos por Rabi Shneur Zalman de Liadi (1745-1812). Observa-se que o autor não reivindica originalidade para sua obra. De forma contrária, enfatiza que ela dependia dos livros de seus mestres e, dentre eles, destacam-se as Escrituras Bíblicas, o Talmud e a Cabalá Luriânica.

¹²⁰ Lubavitch, conhecida como a “Cidade do Amor”, foi uma pequena cidade no condado de Mohilev, na Rússia. Constituiu-se em importante cidade para o movimento, após o filho e sucessor do rabino Zalman ter se estabelecido por lá. Por mais de quatro gerações, a cidade permaneceu como centro do movimento Chabad.

¹²¹ Rosenberg afirma que muitas comunidades denominadas hassidim ou ortodoxas surgiram a partir dos

consequência, às práticas da lei. Com a eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial, durante a segunda metade do século XX, o líder do movimento Chabad, rebe Menachem Mendel Schneerson, imigrou para os Estados Unidos da América e deu continuidade aos trabalhos na preservação e difusão do judaísmo ortodoxo¹²². O compromisso de Schneerson com o campo da educação foi responsável pelo envio de emissários a distintos países. O seu empenho resultou na fundação de inúmeras escolas e *yeshivot*, “lançando campanhas mundiais para a reeducação dos judeus” (CAON, 1996, p. 51-53). Em outras palavras, suas instituições dedicaram-se à uma imersão nos preceitos e valores da fé judaica.

A preocupação do movimento Chabad com os judeus afastados da observância religiosa expandiu a visão ortodoxa do judaísmo aos Centros Lubavitch, na atualidade, “existem aproximadamente Casas de Chabad, as quais servem às comunidades que vivem nos campi universitários – como uma ‘casa longe de casa’ [...]”. O último líder religioso do movimento, Rebe Menachem M. Schneerson¹²³, foi responsável pela criação e implementação de uma sólida rede de programas culturais, dentre os quais se exemplifica: o Jewish Peace Corps, responsável por enviar estudantes mais velhos a comunidades para manter contato com as populações judias, levando-lhes livros, tefilin e inspirações religiosas; a Organização Feminina e a Organização Juvenil Lubavitch – centros de convergência encarregados de fornecer serviços educacionais “para pessoas indiferentes ao Judaísmo e principiantes tardios – homens e mulheres – que de outro modo, seriam incapazes de cursar uma *yeshivá* convencional ou escola de moças.” (EDITORA MACHON, 2014, p. 19-20).

ensinamentos de Baal Shem Tov. A rápida ascensão e a considerável influência nas comunidades judaicas retratam, em certa medida, o cumprimento rigoroso do mandamento da Torá de crescer e multiplicar-se, presente no primeiro Livro de Gênesis. Entre as comunidades mais importantes, o autor destaca: os Bratslav, Belz, Bobov, Ger, Radyzin, Satmar e o movimento Lubavitch (ROSENBERG 1982, p. 145).

¹²² A presente tese fundamenta-se na acepção de judaísmo ortodoxo, de acordo com (ROSENBERG 1982, p. 135), para quem a ortodoxia refere-se ao “grupo de judeus que permanece fiel à Halaká – a lei judaica clássica tirada da Torá escrita e das leis dos sábios rabínicos (a Torá oral). [...]. Segundo o pensamento ortodoxo, quando o povo judeu como um todo realmente se arrepender e começar a viver de conformidade com uma compreensão adequada da Torá, o Messias surgirá, o exílio chegará ao fim, o povo voltará ao seu verdadeiro lar e o Templo será reconstruído no monte santo de Jerusalém.”

¹²³ Menachem M. Schneerson graduou-se em Engenharia Mecânica e Elétrica pela École Spéciale des Travaux Publiques, em Paris.

Nas ações pedagógicas da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis verificam-se presentes as ações culturais e sociais acima descritas. Elas representam um conduto de milenares conhecimentos e mandamentos, através do tempo. Nessa medida, pode-se deduzir a dimensão do quão interpenetrados são os significativos valores atribuídos à educação e à fé, circunscritos num ideário social manifesto no desenvolvimento da vida em comunidade. Ainda hoje, os judeus religiosos continuam a representar um pequeno grupo étnico, os quais, a partir da escrita do *corpus* de seus cânones sagrados organizaram, dentre outras sabedorias, os segredos de sua preservação.

Assim que, Goes (2011) nos relembra que, *Ayeka* – onde você está? – em hebraico, é a primeira pergunta dirigida por Deus ao primeiro homem. Sua reflexão nos remete à um sentido pleno de possibilidades e responsabilidades acerca de nossas ações individuais e coletivas. A pergunta pode ser interpretada como um possível indício para a compreensão das manifestações da fé judaico-ortodoxa, um longo caminho a ser percorrido de maneira comunitária nas mais simples e ricas experiências da vida cotidiana. O ser humano é capaz de se dedicar às mais distintas causas que lhes produzam sentido, de modo que, na mais fervorosa prece entoada com cânticos que anseiam uma uníssona sintonia com os céus, contempla-se a riqueza com que os religiosos vivenciam suas tradições ancestrais, bem como, seu empenho na educação das futuras gerações.

Nessa direção, *ayeka* se constitui numa pergunta princípio, estabelecida numa relação dialógica entre um Criador que, onisciente, anseia pela resposta/ação de sua criatura. Assim, com os olhos voltados para uma ininterrupta cadeia de transmissão de conhecimentos, observo, a partir dos registros de suas trajetórias, como o caminho percorrido pelo jovem casal Rivka e Chaim Binjamini, fundadores da Yeshivá de Petrópolis, fez com que o som das letras dos antigos pergaminhos – iluminados à luz do chassidismo – aportassem em terras brasileiras, não sem antes, experienciar penosos percursos. Consoante à educação que receberam, percebo um forte compromisso nas suas ações que, posteriormente, viriam a contribuir com a construção de uma sólida comunidade religiosa ortodoxa no Brasil.

2.2 Letras de um pergaminho: o percurso do casal Rivka e Chaim Benjamini

O livro de Rivka foi organizado pela comissão de ex-alunos e alunas da Michlalá Colegial e Yeshivá Colegial de Petrópolis, tendo sido publicado no Brasil em 1998, pela editora Sêfer. As palavras escolhidas para nominar o título de seu livro, em si, já nos apresentam elementos caros à cultura e tradição judaica. *Você se lembra Jolika?* oferece ao leitor, no espectro de uma pergunta dirigida à sua irmã mais nova, suas vivências e observações como prisioneira nos campos de concentração da Segunda Grande Guerra Mundial e sua jornada até chegar em *Eretz* Israel. Numa pergunta identifica-se um verbo/mandamento que se faz constantemente presente nas escrituras dos pergaminhos sagrados judaicos: lembrar. *Você se lembra Jolika?* é dedicado à memória de seus pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos mortos durante a guerra, nominada por ela como a maior de todas as tragédias planejadas pela humanidade.

O livro possui 74 páginas divididas em 18 seções¹²⁴, nele são encontrados 11 pequenos registros fotográficos nos quais se observam os caminhos percorridos em sua trajetória de vida. As representações encontram-se basicamente divididas em três fases: no continente europeu, no pré/pós-guerra e na Palestina. Nessa ordem, notam-se cinco imagens, quais sejam: um passeio no campo, em que a mãe se encontra ladeada de Rivka e Jolika; uma tradicional foto de família em que os pais posam com todos os filhos reunidos em 1935; seu irmão caçula, Willy, morto em Dachau; seus pais, Avraham e Reizel Steinberg, sorrindo ante o rigoroso inverno; e, por fim, as três irmãs: Judith, Rivka e Jolika, pouco tempo antes de serem levadas a Auschwitz. Há dois registros do pós-guerra na cidade de Barbizon, na França, em 1946, e uma foto das irmãs no convés do navio que as levaria ilegalmente à Palestina. As três últimas fotos mostram Rivka reunida com as irmãs, em um campo de treinamento e sozinha, já no Oriente.

Com o tempo verbal de suas reminiscências no presente (KOTRE, p. 195), Rivka inicia sua autobiografia com uma pergunta que nos aponta a premissa de sua

¹²⁴ As seções de *Você se lembra Jolika?*, são, nessa ordem, intitulados: “Por trás da neblina; Eu vi o anjo da morte; Sered – Campo de reunião; Por que lembramos e não poderemos esquecer; A seleção; A Sra. Stern e as velas do Shabat; Sopa de pescoço; Não roubarás; Construindo a estrada de ferro; O amanhecer; Depois do dilúvio – parte I; Depois do dilúvio parte II; Longo é o caminho para Eretz Israel; Teresa; Monik; A viagem; 8 de maio; Uma vida dedicada à educação.”

identidade enquanto educadora. Nessa perspectiva, em *Você se lembra Jolika?*, pode-se acompanhar a constituição de elementos que nos auxiliam a compreender a importância atribuída pela autora à preservação dos aspectos religiosos de sua fé. Assim que, sua escolha individual, por lembrar quem é, se encontra tecida na memória coletiva (HALBWACHS, 2008) de sua família, e será na/pela transmissão intergeracional dos valores das escrituras sagradas do judaísmo que Rivka Steinberg Benjamini se constituirá em *morá*¹²⁵ Rivka. A obra inicia-se com uma canção de sua autoria – letra e música –, conforme destaca, a qual se tornara um dos hinos das quatrocentas prisioneiras nos campos de trabalhos forçados de Birkenau, na Polônia. A canção, escrita sobre um saco de cimento no campo, foi publicada em Israel, dez anos após sua libertação, num livro editado em alemão e hebraico, intitulado: *As canções dos Guetos*. Nela a autora afirma:

*É cinzento o céu sobre o campo
Apesar da chegada da primavera.
Os dias se arrastam lentamente
Entre as cercas de arame farpado.
Em meio à neblina entrevíamos a vida,
Vida de horrores e maldade;
Corações esmagados, mente paralisada
Sob o temor da marcha da morte.
Ah, Bierkenau, tu és o centro da iniquidade,
Tu conduz, todos os dias milhares à Eternidade.
De tuas imensas chaminés – teu maior herói –
Os judeus se lembrarão no mundo vindouro.
Apesar de tão dura e triste vida,
Por ela tememos, contudo.
Há apenas um pensamento, dia e noite,
Que se arrasta conosco, carregando o jugo.
É a esperança, esta tolice
Que tenta nos convencer forçosamente,
Que sairemos por trás da neblina
E que livres, na luz, viveremos!
Ah, Bierkenau, tu és o centro da iniquidade.
Tu conduz, todos os dias, milhares à Eternidade.
De tuas imensas chaminés – teu maior herói –
Os judeus se lembrarão no mundo vindouro.*

Rivka Steinberg Benjamin nasceu em 05 de agosto de 1927, na cidade de Nitra,

¹²⁵ Morá, em livre tradução do hebraico: mestre, educadora.

na Eslovênia¹²⁶. Seus pais, Avraham e Reizel Steinberg, dedicavam-se à produção de vinho¹²⁷. Sua família era composta por respeitáveis religiosos observantes e cabia ao senhor Avraham desempenhar uma importante tarefa como membro atuante na comunidade local. Integrante do conselho educacional, ele era responsável pelas avaliações e provas destinadas ao aceite de futuros alunos na *yeshivá* de sua cidade. O casal teve dez filhos. Em suas páginas iniciais, Rivka avisa que o tempo cronológico de sua escrita será mensurado pelas visitas de suas lembranças (HALBWACHS, 2008).

Frankl¹²⁸ aponta para a existência de três fases quanto às reações psicológicas dos prisioneiros diante da vida nos campos de concentração, as quais envolvem: a recepção; a vida nele; e a soltura e libertação. Os relatos presentes na escrita de Rivka encontram-se delineados em conformidade com as observações do autor e, nessa direção, sua escrita constrói-se num contínuo diálogo com a irmã Jolika, espaço em que as memórias cunham palavras cadenciadas frente aos desafios. Nas páginas de seu pequeno livro é possível observar uma escrita, por vezes, quase pueril, como se a autora nos revelasse suas impressões à época de seus 16 anos. É dessa forma que ela indica a data e inicia seu texto, na maioria das vezes com a pergunta que titula o livro: *Você se lembra Jolika?*. Em abril de 1943, a imagem de seu pai com o olhar pesaroso, sem as longas barbas, compõe o prenúncio de que algo terrível estava prestes a acontecer. Em fuga e cada vez mais descaracterizados de sua identidade, Rivka narra sua consternação ante o pedido de desculpas de seu pai, quando precisaram queimar a sua caixa de recordações e seu diário. Em suas palavras: “Você é capaz de imaginar o absurdo da situação, Jolika? Papai, nosso querido pai, me pedindo desculpas?” (BENJAMINI, 1998, p. 4).

¹²⁶ Nitra é uma importante cidade histórica localizada na Eslovênia, sendo hoje a quarta maior cidade do país.

¹²⁷ Essa informação foi colhida no dia 18/07/2021, com o atual Diretor da Yeshivá de Petrópolis, filho de Rivka Benjamini.

¹²⁸ Viktor Emil Frankl foi um médico e professor de psiquiatria da Universidade de Viena, na Áustria, responsável pela fundação da Logoterapia, também conhecida como terceira escola vienense de psicoterapia. Frankl, um neuro-psiquiatra sobrevivente da Shoá, teve por objetivo compreender o ser humano em sua totalidade bio-psico-socioespiritual. A Logoterapia preconiza auxiliar o homem a interrogar-se sobre o sentido de sua existência. Para o autor, o sentido é inerente à sua própria transcendência e, em sua busca, identifica-se uma ação responsiva frente aos encontros e desafios de sua história. Igualmente caros à Logoterapia são os conceitos de liberdade e responsabilidade. Sob essa perspectiva, o homem consciente de sua liberdade deve procurar exercê-la com um ser responsável (FRANKL, 1989, 1993).

Do início de suas reminiscências até sua captura, os pais de Rivka perderam todos os direitos civis, assim que, escondida na casa de piedosos vizinhos católicos, conforme ressalta, viu seus irmãos serem levados pela razia e a fuga de suas irmãs mais velhas, Miriam e Judith, para a Hungria. Seu texto reflete o temor das incertezas cotidianas nos vários esconderijos por onde passaram e seus registros versam sobre a perda da alegria nas noites de Shabat, assim como a morte de amigos da comunidade religiosa e escolar. Com o passar do tempo, a família percebeu sua integridade totalmente ameaçada. Capturada em agosto de 1944, a família Steinberg foi levada ao campo de Sered¹²⁹, na Eslovênia. Alocados em cabanas de madeira e apreensivos quanto ao seu destino, surpreenderam-se quando um desconhecido foi até a família para o tradicional toque de *shofar*¹³⁰, iniciando os ritos religiosos para a entrada do ano novo judaico, nos dias de *Rosh Hashaná*¹³¹ e *Iom Kippur*¹³².

No campo de Sered todos trabalhavam, Rivka passou pela tecelagem e limpeza dos banheiros do hospital. A autora destaca, com admiração, uma conversa com Miriam, na qual sua irmã relatou haver sido convidada para trabalhar na casa de capitães alemães, com a promessa de pouparem a vida de seus familiares. Advertida pelo pai do terrível engano, na tentativa de persuadi-la, ele afirmou: “Mirushka, não vá, de maneira alguma! ‘*Iehareg veal iaavor*’ – Deves morrer, mas não transgredir!” (BENJAMINI, 1998, p. 9). Ainda que sem compreender as palavras de seu pai, a autora descreve valorizar a atitude sacrificial de sua irmã. Segundo Frankl (2008), as complexas relações vivenciadas num campo de concentração não devem ser romantizadas sob um ponto de vista sentimental. O que existe como único objetivo é uma feroz luta pela existência e, à guisa de sobreviver, há um violento movimento “pelo pão de cada dia e pela preservação e salvação da vida. Luta-se sem dó nem piedade pelos próprios interesses, sejam eles do indivíduo ou de seu grupo mais íntimo de

¹²⁹ De acordo com Nešřáková, Denisa (2019), o decreto que retirou os direitos civis da população judaica da antiga Eslováquia, nº 198/1941 – “Codex Judaico” – regulamentou os trabalhos forçados no campo de Sered.

¹³⁰ Shofar: Chifre de carneiro utilizado como trombeta nos rituais religiosos judaicos (BORGER, 2015a).

¹³¹ Rosh Hashná: Literalmente, significa cabeça do ano. O Ano Novo judaico, segundo o qual se faz a contagem dos anos (BLECH, 2004).

¹³² Iom Kippur: Literalmente, Dia da Expição, um dia dedicado ao jejum. Na tradição ortodoxa representa um dia de abrir mão dos prazeres e de arrepender-se dos pecados cometidos no ano que passou (BLECH, 2004).

amigos” (FRANKL, 2008, p. 16).

Em suas memórias, o último dia em Sered preparou-os para os horrores que enfrentariam ao serem transportados para Auschwitz. Na última manhã, todos os prisioneiros, agrupados em círculos concêntricos, foram ordenados a correr, momento em que os agentes começaram a atirar a esmo nas pessoas. Com a morte diante dos olhos, um grande choque tomou a família que, em silêncio, rumou em vagões à Polônia. Tal sentimento é igualmente descrito por Frankl (2008) e Rivka (1998) como uma profunda incapacidade de entender as razões do que se desenrolava em Auschwitz. Em outras palavras, não havia como compreender a primeira seleção – que consistia na indicação com o dedo para filas da direita e da esquerda. Ao som das muitas línguas europeias, o sair vivo da casa de banho, com sua existência nua e crua, não o fazia capaz de melhor assimilar o verdadeiro significado das chaminés.

Para além de mais um testemunho minucioso sobre as agruras vivenciadas no campo de concentração, a seção *O que lembramos e não podemos esquecer* apresenta-se como uma ordenação reflexiva em respeito à vida humana, no que concerne às barbáries praticadas na guerra. Lembrar caracteriza-se como um verbo responsável, algo característico à ética sinaítica. O impacto de sua chegada a Auschwitz com seus pais e irmãs foi marcado pelas palavras de uma menina que, em seus 16 anos, sentiu a inexplicável violência de ter sua existência transfigurada. As impressões frente à realidade subtraída de qualquer sentido foram mediadas por recursos psicológicos (Frankl, 2008) utilizados por Rivka como estratégia de sobrevivência, e os artifícios da mente foram atribuídos ao Criador como uma preciosa dádiva ante as atrocidades. Assim que, separados ao descerem do trem, na última vez em que avistou seus pais, a autora interpretou, no forte aperto de mão de seu pai, uma mensagem de coragem. Sua mãe seguiu a fila da esquerda, como o pai, mas, antes, ordenou à Jolika que permanecesse sempre junto de Rivka.

Informada por outros prisioneiros sobre as causas da ininterrupta fumaça das chaminés, lágrimas enlutadas transformaram o ritual da *Shivá*¹³³. Rivka novamente evidencia que os mecanismos de defesa de sua mente foram capazes de fazê-la suportar os extremos a que foram submetidas. De acordo com Frankl (2008), defronte à fealdade

¹³³ *Shivá* ou *Shivé*: literalmente, sete. Período de sete dias de luto após o enterro (BLECH, 2004).

dos campos de concentração, a apatia manifestava-se como uma necessária ferramenta de autoproteção, pronta a reduzir as percepções da realidade. Ademais, sem os cabelos e vestida com os andrajos listrados, tornou-se consciente de sua responsabilidade (Frankl, 2008, p. 102, 103) face à experiência única que selou seu zelo por Jolika. Em suas palavras:

Fiquei com Jolika. Por alguma razão, soube que, a partir daquele momento, a coisa mais importante do mundo era segurar sua mão, não deixar que se separasse de mim. Eu devia cuidar dela, protegê-la, não deixar que a vissem. Ela era a caçula da família, uma menina de quatorze anos e, aos meus olhos, também a menorzinha entre as milhares de meninas judias que estavam ali naquela noite (BENJAMINI, 1998, p. 14).

A pergunta: “por quê?” traduz sua incompreensão à vista da realidade vivenciada e acompanha a autora. Sem o entendimento dos dias, a fé e os cuidados com Jolika foram valores que sustentaram objetivamente os dias de Rivka nos campos de concentração, capazes de atribuir um sentido à vida e, na mesma perspectiva, ao sofrimento e à morte (FRANKL, 2008, p. 103). Nesse sentido, sua interpretação para cada pequeno acontecimento capaz de lhes conceder um mínimo de integridade física, mental e emocional foi atribuída à divina providência. Dessa forma, rever sua irmã Miriam por entre os arames e ser alertada acerca das medidas necessárias para a seleção de trabalho no campo de Bad Kudowa, ou mesmo ter uma pequena caderneta¹³⁴ onde poderia fazer suas anotações, constituída de papéis usados, e um resto de lápis foram acontecimentos sempre imputados à benignidade de Deus.

A narrativa recebe os traços de lembranças misturadas que, deslocadas no/do tempo, subsistem apoiadas nos acontecimentos de suas experiências (HALBWACHS, 2008, p.154). Para Rivka, a constituição essencial das vivências elencadas durante os nove meses em que foi prisioneira consistiu no seu firme propósito contra a coisificação humana, em outras palavras, a autora negou-se a ser o número 86-133¹³⁵. Transferidas para um campo de concentração na cidade de Bad Kudowa¹³⁶, na Polônia, ficaram

¹³⁴ Em seu livro observa-se que o hábito de registrar as composições diárias da vida, acompanha Rivka. Em seus apontamentos relata: “[...] escrevia poesias com toco de lápis, algumas sérias, repletas de esperança (inacreditável!), e outras, fazendo pouco dos alemães [...]” (BENJAMINI, 1998, p. 35).

¹³⁵ Esse foi o número de identificação recebido e tatuado em Rivka, em sua chegada a Auschwitz.

¹³⁶ Rivka e Jolika foram evacuadas de Auschwitz para o complexo de campos de Gross-Rosen, em

alojadas com outras mulheres russas, polonesas, eslovacas e húngaras. Trabalharam inicialmente na fábrica de aviões, ao lado de presos políticos¹³⁷ de várias nacionalidades, os quais buscavam solidarizar-se com palavras de ânimo e, com frequência, procuravam fornecer porções de alimento às mulheres.

Durante o inverno de 1945, desconhecendo o avanço das forças aliadas e do exército russo, Rivka destacou a fome como o principal inimigo do campo que, acrescido ao extremo frio, contribuiu para uma forte desesperança. De acordo com a sua interpretação, e em concordância com Frankl (1989, 2008), na extensão de perceber-se sem os haveres que lhes haviam sido retirados, muitas pessoas desistiam de viver. Nesse sentido, merece atenção sua união com as meninas da Eslováquia, atual Eslovênia. A identificação com as meninas de sua terra natal foi estabelecida após ficarem encarregadas de enterrar o corpo de uma senhora. Apesar de jamais terem oficializado um sepultamento, ainda mais de acordo com as tradições religiosas judaicas, as onze¹³⁸ meninas da Eslovênia empenharam-se em propiciar à senhora Stern uma cerimônia, de modo que rezaram o *Shemá* e silenciaram-se reverentemente.

No período em que trabalharam na construção da estrada de ferro que ligava Bad Kudowa à Nachod¹³⁹, Rivka percebeu a assistência dos moradores para com as prisioneiras e destaca a piedade dos habitantes da cidade, que negociavam cigarros com os alemães, em troca de oferecer-lhes alimentos. No final do inverno de 1945, ainda sem conhecer os desenlaces políticos, surpreendeu-se ao ganhar um caderno com lápis e

decorrência do avanço das tropas aliadas. Permaneceram na cidade de Bad Kudowa, atual Kudowa-Zgrój, na parte sudoeste da Polônia, próxima à cidade de Nachod, na República Tcheca. Gross-Rosen “foi originalmente estabelecido em 1940 como um subcampo do campo de concentração de Sachsenhausen. [...] Em 1941, Gross-Rosen foi designado um campo de concentração autônomo.”. Para um melhor conhecimento acerca dos inúmeros campos de concentração, (LIBERATION, [s.d.]. ver: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/gross-rosen>, Revisitando os Campos de Concentração, de Fred e Renata Schiffer, Benfeitoria/RJ, A Segunda Guerra Mundial: os 2174 dias que mudaram o mundo, de Martin Gilbert, Casa da Palavra, RJ.

¹³⁷ A autora distingue ter trabalhado e sido auxiliada por italianos, franceses, mongóis, russos e tchecos. Apesar das dificuldades com os mais diversificados idiomas, consternados com as condições a que eram submetidas as prisioneiras, estes procuravam prestar-lhes algum tipo de amparo.

¹³⁸ As onze meninas da Eslovênia possuíam diferentes trajetórias de vida, algumas provindas de famílias abastadas haviam recebido educação domiciliar e não possuíam formação religiosa, outras eram filhas de importantes rabinos e líderes comunitários. Em comum, Manya, Ruchi, Truda, Mary, Faigue, Evitzka, Sárka, Aranca, Eliska, Rivka e Jolika, um silencioso pacto pela sobrevivência as interligavam.

¹³⁹ A cidade de Náchod pertence a atual República Tcheca, à época da Segunda Grande Guerra, o país era denominado Tchecoslováquia.

um bilhete em que se podia ler: “Ida Porket – Kamnitza 11. Quando forem libertadas, venham à nossa casa. Teremos pão para vocês” (BENJAMINI, 1998, p. 40). Dias depois, postas a marchar pela madrugada, foram levadas à fronteira entre a Polônia e a República Tcheca. Em meio ao medo, os muitos gritos e sorrisos não podiam ser entendidos. O sentimento é igualmente descrito por Frankl (2008), uma vez que, por terem desaprendido a alegria, não conseguiam compreender a liberdade, pois não mais conheciam seus conceitos e contornos (FRANKL, 2008, p. 114).

Longo foi o caminho até Eretz Israel – terra de Israel. Após sua libertação, Rivka e Jolika foram acolhidas e ficaram por um breve período na casa dos habitantes de Nachod. Caminharam e viajaram por dias, foram da Alemanha¹⁴⁰ para a República Tcheca até chegarem à Bratislava, na Eslovênia. Ao chegarem, a pergunta: “para onde ir?” traduz parte das dificuldades encontradas no pós-guerra. A autora descreve um grande salão, denominado *Mitelshtand Küche*, onde se distribuía alimentos para os sobreviventes. Nas paredes, as inúmeras listas com milhares de nomes e avisos ajudavam na procura por familiares vivos. Ressalto a importância de se compreender as complexas dificuldades em que se encontravam os sobreviventes dos campos de trabalho¹⁴¹ e extermínio do governo nazifascista. Estima-se que, entre os milhares de homens, mulheres e crianças libertos, muitos precisaram ser hospitalizados. Destacam-se ainda as adversidades sociais, políticas e econômicas postas à época, uma vez que, com os direitos civis cassados e sem possuir documentos, a grande maioria dos judeus não tinha para onde ir nem recursos para tal¹⁴². Ademais, é importante evidenciar que a

¹⁴⁰ A região onde ficava o campo de concentração de Bad Kudowa, na Polônia, encontrava-se anexada à Alemanha. Justifica-se assim a escrita da autora, que afirma: “Em 1945, quando fomos libertadas, e depois de nos recuperarmos, eu e Jolika, como tantos outros, viajamos durante quase um mês, da Alemanha até a Tchecoslováquia. Andamos a pé, embarcamos em trens repletos de soldados russos, dormimos ao relento... Finalmente, chegamos a Pressburg, na Bratislava” (BENJAMINI, 1998, p. 49).

¹⁴¹ Cerca de aproximadamente 9 milhões de judeus moravam no continente europeu quando a Segunda Grande Guerra foi deflagrada, destes, estima-se que 6 milhões tenham sido mortos a partir da ascensão de Adolf Hitler ao poder. Nesse contexto, e enfrentando inúmeras políticas restritivas, milhares de judeus conseguiram fugir para outros países. O relatório de Earl Harrison, ao final do ano de 1946, registra 250 mil judeus vivendo nos chamados Campos de Deslocados pela guerra. Entre 1948 e 1951, mais de 700 mil judeus imigraram para Israel. Os dados são da Enciclopédia do Holocausto, disponíveis em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-survivors>

¹⁴² Após a Segunda Guerra Mundial as forças aliadas repartiram os milhões de deslocados de guerra de volta a seus países de origem. No entanto, o antissemitismo fazia-se presente na maioria dos países, assim os judeus não podiam reaver suas antigas propriedades e acabavam por ser expulsos das suas cidades de origem. Houve registros de novos pogroms, como na Polônia. Dessa forma, as Nações

criação do Estado de Israel¹⁴³ ocorreria apenas em maio de 1948 e, dessa maneira, a maior parte da imigração para o território palestino ocorreu de forma ilegal.

Pressburg é a cidade onde Rivka encontrou dois de seus irmãos. Nas escadarias de um prédio público, a autora foi interpelada por um jovem uniformizado. O reencontro com Fritzi¹⁴⁴, um irmão que se alistara nas tropas judaicas do Exército Britânico no intuito de localizar sua família, é descrito como mais um milagre de Deus. Ele as encaminhou para um acampamento denominado Hashomer Hatasair¹⁴⁵, um movimento juvenil sionista ligado a grupos políticos socialistas. Lá, Rivka e Jolika receberam treinamento para fazerem a Aliá¹⁴⁶. Miriam também sobrevivera, e, unidas, as irmãs viajaram até chegarem à cidade de Barbizon, na França, onde foram alojadas no Comitê Conjunto de Distribuição, um centro que preparava judeus para a Aliá, e trabalharam com crianças órfãs que foram acolhidas por camponeses ou em conventos, até embarcarem na cidade de Marselha para Etertz Israel em 1946.

O percurso pelo mar Mediterrâneo apresentou grandes dificuldades. Um total de 1100 tripulantes dividiram o espaço de uma pequena embarcação, a qual precisou ser trocada no meio da travessia. As precárias condições da imigração ilegal¹⁴⁷

Unidas abrigaram milhares de judeus em campos na Alemanha e Áustria, até sua realocação. Nos campos de refugiados, os judeus preparavam-se para criar uma nação judaica na terra de seus ancestrais, na antiga colônia romana, denominada Palestina. Durante esse período, educavam as crianças e jovens e trabalhavam nas atividades que eram permitidas. Sobre o assunto, ver: *Minha terra prometida: o triunfo e a tragédia de Israel*, de Ari Shavit. Editora Três estrelas, 2016. São Paulo; UNITED States Holocaust Memorial Museum Enciclopédia do Holocausto, disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/aftermath-of-the-holocaust-abridged-article-films?parent=pt-br%2F11416>.

¹⁴³ A administração política e econômica da extensão territorial compreendida como o antigo Reino de Israel, nominada pelos romanos como Palestina, obedeceu à seguinte ordenação cronológica: Domínio Romano: 63 a.C. a 313 d.C.; Domínio Bizantino: 313 a 636 d.C.; Domínio Árabe: 636 a 1099 d.C.; Domínio dos Cruzados: 1099 a 1291 d.C.; Domínio Mameluco: 1291 a 1516 d.C.; Domínio Otomano: 1517 a 1917 d.C.; e, finalmente, o Domínio Britânico: 1918 a 1948 d.C. No dia 14 de maio de 1948, Israel proclamou sua independência, e apenas em 11 de maio de 1949 tornou-se o 59º membro das Nações Unidas. No que concerne à Declaração de Balfour e à constituição do Estado de Israel, indica-se: *História de Israel* de Martin Gilbert, Edições 70.

¹⁴⁴ Fritzi, apelidado de Pinchas, havia sido enviado a uma *yeshivá* na região da Palestina, em 1936.

¹⁴⁵ O *Hashomer Hatasair* é um movimento jovem judaico secular com orientação socialista-sionista, fundado em 1913, na região da Galícia, a partir da fusão de dois grupos culturais com vertentes sionistas. Durante o Mandato Britânico na Palestina exerceu suas funções políticas com o nome de Yishuv. Dispôs de significativo papel em toda sua história de atuação. Pode-se consultar o Memorial da imigração judaica e também a *História de Israel*, de Martin Gilbert, Edições 70.

¹⁴⁶ Aliá significa retorno, a imigração para Israel. Aliá *Beit* era o nome da imigração ilegal para Israel.

¹⁴⁷ Enquanto as negociações políticas internacionais acerca do que deveria acontecer com os judeus no pós-guerra decorriam, o movimento sionista, através das mais diversificadas organizações, tornou-se

consubstanciaram-se numa viagem em que a posse de documentos falsos, a falta de água potável e a superlotação na embarcação, acrescidos às instabilidades políticas da época, tornavam o retorno ao futuro estado de Israel profundamente perigoso. Sob os olhos de Rivka, marcantes são os relatos sobre os campos de assentamento onde ficaram, depois de finalmente pisarem em solo palestino. As muitas incertezas acerca do confinamento político com suas cercas de arames farpados lembravam os campos de concentração alemães. Após seis semanas presas, com a justificativa de passarem por uma desinfecção, no ano de 1946, Miriam, Rivka e Jolika pisaram livremente na terra de Israel. Em sua peregrinação, ao entrar na casa da irmã, ela afirmou: “Naquele momento senti, pela primeira vez, que eu tinha voltado para casa” (BENJAMINI, 1998, p. 65).

Após sua chegada a Israel, Rivka estudou, formou-se professora e passou a lecionar no Kibutz¹⁴⁸ de Iavne, onde conheceu e se casou com o rabino Chaim Benjamini, em 1951. Em 1954 o casal veio ao Brasil, pela primeira vez, para fazer *shlichut*¹⁴⁹, por intermédio da Agência Judaica¹⁵⁰. A pedido da comunidade judaica carioca, eles criaram o jardim de infância Barilan, localizado no bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Finda a missão, voltaram para Israel, onde Rivka passou a atuar como coordenadora pedagógica na parte sul do país. A convite do colégio Barilan, voltaram ao Rio de Janeiro no ano de 1963 e, no decorrer do ano de 1966, Rivka esteve

responsável pela maioria das imigrações, legais ou não, para o território palestino. Enciclopédia Judaica do Holocausto.

¹⁴⁸ Derivada da palavra *Kvutzá*, que significa grupo, o kibutz surgiu no início do século XX, quando jovens judeus se estabeleceram na Palestina, inspirados pelos ideais sionistas e socialistas. Nas primeiras décadas de sua criação, o kibutz era uma comunidade agrícola igualitária, baseada em princípios comunais. No século XXI, os kibutzim iniciaram uma série de debates com a intenção de desenvolver novos modelos de convivência. Atualmente coexistem caracterizados por três propostas com base na divisão das receitas financeiras da comunidade, a saber: a comunal, a integrada e a rede de segurança. Para maior compreensão, consultar: <https://www.conib.org.br/>

¹⁴⁹ Shlichut é uma palavra hebraica que significa enviar ou comissionar pessoas. Em geral, refere-se a programas de missões com fortes valores ideológicos ou religiosos, em que os partícipes passam por amplos treinamentos, no intuito de procurar atender às mais diversificadas demandas dos judeus na Diáspora. Atualmente Israel possui várias agências de shlichut, e dentre os serviços prestados à comunidade judaica destacam-se: a assistência humanitária, religiosa, programas de ensino comunitário, promoção e conscientização cultural, entre outros. Sobre o assunto, ver: <https://www.wzo.org.il/shlichut>.

¹⁵⁰ A Agência Judaica foi fundada em agosto de 1929. É uma organização sionista que está diretamente ligada ao estado de Israel. Desempenhou um importante papel para a sua constituição e consolidação. Atuante até o presente tempo, possui vários eixos de trabalho. Consultar: AGÊNCIA Judaica para Israel. Israel, 1929. <https://archive.jewishagency.org/pt/>

ao lado do rabino Chaim na fundação da Yeshivá de Petrópolis. Após organizarem a instituição, retornaram para Israel, onde continuaram a atuar em suas profissões. Em 1973, a pedido do Conselho Administrativo da Yeshivá e com o incentivo do Rebe de Lubavitch, voltaram ao Brasil para dirigir e coordenar a Yeshivá de Petrópolis.

Meu olhar para as memórias autobiográficas de Rivka buscou compreender a relevância em apresentar suas subjetividades, a partir de suas vivências nos campos de concentração. Kotre (1997) afirma que as emoções entram nas lembranças e somente o tempo pode compor os contornos de suas significâncias. A autora escreve em seus 71 anos e escolhe apresentar-se como uma sobrevivente dos campos de concentração alemães. Num livro editado por ex-alunos (as) da Yeshivá e da Michlalá, *morá* Rivka poderia referenciar-se a episódios próprios da construção de sua carreira como educadora no Brasil, ou mesmo em Israel. Não obstante, sua lembrança autodefinidora (Kotre, 1997, p. 108) intercorre pelo verbo lembrar. Por isso, no livro *Você se lembra Jolika?*, o sentido de sua escrita memorialística pode ser interpretado no fruir das rememorações dos valores culturais de sua fé, os quais devem ser assegurados às próximas gerações. Jolika representa uma responsabilidade prenhe de antigos preceitos.

Kotre (1997, p. 171) ilustra que a memória possui uma linhagem provinda de antigas lembranças. Destarte, é necessário compreender que a memória é viva e flui como um rio por marcos temporais percorridos nas/pelas subjetividades. Certo que, ao revisar-se a si mesma, Rivka estende os olhos para as colinas de suas reminiscências e revisita as trajetórias constitutivas que definiram quem ela é. Os conteúdos organizados hierarquicamente buscam enfatizar os acontecimentos eletivos que forjaram expressivas lembranças cardinais na/da sua existência. É nesse sentido que o autor assegura ser mais fácil lembrar o que aconteceu nos episódios marcantes da nossa vida do que precisar quando ocorreram (KOTRE, 1997, p. 92, 2013). Nessa direção, o rio de significativas lembranças de Rivka desagua sua fluência sobre seus educandos, completando um ciclo que, editado como palavras vivas num livro, dá luz às novas correntezas, enchendo-os de regalos intergeracionais.

De modo análogo, o livro do rabino Chaim Benjamini foi escrito após as celebrações de 40 anos da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis. As escolhas que perfazem sua escrita memorialística são conciliadas pelos desafios representados

em favor de um *continuum* da história de seus ancestrais. Em conformidade com as tradições de sua fé, a dedicação aos estudos das escrituras sagradas representa a concretização de um mandamento, uma *mitsvá*, uma vez que o estudo tem em si o seu próprio fim e recompensa (STEINSALTZ, 2019). Olho seus escritos e busco interpretar suas inquietações a partir do entendimento das singularidades expressas na composição dos cumprimentos de sua religiosidade e, nesse sentido, perscruto suas experiências (DOSSE, 2015, p. 258).

O livro com a biografia do fundador da Yeshivá, além de possuir um rico acervo de registros fotográficos, encontrava-se escrito em hebraico, o que se interpôs como um grande obstáculo à sua leitura. De modo que trazê-lo à pesquisa pareceu-me um inalcançável objetivo proposto, embora mui desejável. A primeira vez em que o vi, foi na Yeshivá, nas mãos do atual diretor, que o segurava com auspicioso cuidado, particularmente só observado com a Torá. A segunda vez, em similar reverência, fora com um *cohaim*, ou seja, um judeu com origem sacerdotal, a quem fui apresentada. Com a provocação posta, dei-me ao trabalho de solicitar ajuda a um amigo, uma vez que precisava inteirar-me ao menos de seu sumário. Assim que, ao tomar conhecimento do sumário, ansiei pelo livro todo e coloquei-me a conjecturar possíveis hipóteses sobre as motivações que trouxeram o rabino Chaim ao Brasil.

Isso posto, e consciente das limitações linguísticas que alicerçam uma tradução adequada, procurei compilar informações precisas, as quais posteriormente pude certificar-me com seu filho. Dessa maneira, procurei compreender o ponto de inflexão das aspirações individuais de Chaim Fisher e as obras coletivas estabelecidas pelo rabino Chaim Benjamini (DOSSE, 2015, p. 216). O livro História do “Acampamento de Israel” Yeshivá em Petrópolis, de Chaim Benjamini foi publicado em novembro de 2009, pela editora Sêfer, no intuito de presentear-lo por sua diligente dedicação à educação judaica. A ideia da edição do livro partiu de um ex-aluno da Yeshivá de Petrópolis, com o propósito de presentear e homenagear o rabino Chaim por seu reconhecido trabalho.

Organizado em seis capítulos, possui fotos de sua infância até o aniversário de quarenta anos da Yeshivá. A obra possui mais de cem fotografias e uma intensa troca de missivas entre o líder do movimento Chabad e o rabino Chaim. No livro podem ser

encontrados documentos e registros históricos que acompanham e constituem sua história de vida. Dentre os documentos referenciados, há um telegrama do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, parabenizando o rabino pelo aniversário de fundação da Yeshivá, num claro reconhecimento de sua contribuição e empenho para com a educação judaica no Brasil. Chaim Fisher nasceu em Budapeste, na capital da Hungria, no ano de 1922, filho de Chaya Leah e Bynyamin e teve dois irmãos mais novos, Alexander David e Gittel. Seu pai foi um rabino, conhecido como Rabino Fisher, e também professor, virtudes profissionais que são assinaladas com apreço por seu filho.

Os seis capítulos de seu livro são dispostos consoantes às sequências históricas dos acontecimentos de sua vida. Desse modo, o primeiro capítulo conta as suas experiências no continente europeu com a família, seus estudos e dedicação aos préstimos religiosos. O segundo narra os primeiros anos em Eretz Israel. Chaim iniciou seus estudos na cidade de Budapeste, tendo frequentado uma escola ortodoxa, em consonância com a orientação religiosa familiar. Em sua maioridade, entre os anos de 1935 e 1939, foi enviado a *yeshivá* da pequena cidade de Tab, localizada a 131 quilômetros da capital. De acordo com o autor, a área rural proporcionava a imersão adequada ao estudo das escrituras sagradas. Mais tarde deu prosseguimento à sua formação na *yeshivá* da cidade de Paks, tendo sido outorgado rabino em 1944, aos 22 anos. Apesar das inúmeras dificuldades dispostas pela guerra, Chaim foi aceito como rabino numa das sinagogas da comunidade de Budapeste. Em simultaneidade com a sua formação, o contexto histórico, social e político do recém-criado estado húngaro mostrava-se frágil ante o domínio alemão, ao mesmo tempo que aumentava rigorosamente suas políticas antissemitas¹⁵¹. Estima-se que na Hungria viviam cerca

¹⁵¹ A partir da assinatura do Tratado de Trianon, em 1919 na França, o antigo Reino húngaro passou a ser reconhecido como um país, a Hungria. No recém-criado país, a Lei XXV/1920 reduziu o acesso de estudantes judeus aos centros universitários. A cota destinou um percentual de 6% e procurou obstaculizar, principalmente, a admissão de mulheres às faculdades. Entre os historiadores existe a concordância de que o Numerus Clausus, na Hungria, abriu o caminho para a promulgação, na década de 1930, de novas jurisprudências que subsequentemente violariam os direitos civis de judeus no país. Em setembro de 1935, as Leis de Nuremberg, na Alemanha, em modo análogo, estabeleceram a Lei da Cidadania do Reich e a Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã. Sobre o assunto, ver: Research Reports on Central European History: The Numerus Clausus in Hungary. Studies on the First Anti-Jewish Law and Academic Anti-Semitism in Modern Central Europe e Vienna Wiesenthal Institute for Holocaust Studies (VWI), disponível em: <https://www.vwi.ac.at/index.php/en/96-english-site/research/research-interests/621-the-numerus-clausus-in-hungary>.

de 600 mil judeus à época da eclosão da Segunda Guerra. Distribuídos nas mais diversificadas profissões, a maioria residia nas proximidades da grande Budapeste. Ainda assim, no interior do país havia numerosos *shtetls*, ou seja, pequenas comunidades tradicionalmente religiosas.

Sob o governo de Miklos Horthy (1920-1944), os judeus tornaram-se um alvo do partido nacionalista conservador. Subseqüentes leis foram limitando com o tempo os direitos civis dos judeus do país, entre as quais, no ano de 1938, uma lei restringiu a participação judaica nas profissões liberais, cargos administrativos e no comércio. Em 1939, um decreto limitou a 5% a presença de judeus na economia, o que resultou na perda de renda de mais de 250 mil pessoas. No ano de 1940, houve a implementação dos campos de trabalhos forçados a judeus do sexo masculino e, em 1941, a Hungria formalizou sua união aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Em Budapeste, as atividades assistenciais organizadas pelos conselhos administrativos das comunidades religiosas procuravam auxiliar a população cada vez mais cerceada e privada de mínimas condições. Em março de 1944, a Alemanha invadiu a Hungria, cerca de 500 mil judeus foram confinados no gueto de Budapeste, dando início às rápidas deportações para os campos de extermínio. Entre maio e julho de 1944, cerca de 430 mil judeus foram transportados, em 143 vagões, a Auschwitz. No mês de outubro do mesmo ano, um golpe de estado elegeu Ferenc Szalasi, do partido nacionalista fascista Cruz Flechada, ao poder, e perseguições mais violentas tiveram continuidade.

De acordo com os historiadores do Holocausto, a Hungria representou a última grande comunidade judaica a ser deportada para os campos de extermínio. Nesse contexto, ante o recrudescimento do antissemitismo no país, o pai de Chaim, que servira no exército durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), tendo ascendido ao posto de rabino oficial militar, contou com a amizade de um ex-oficial que havia entrado para a carreira pública. Esse apoio foi de fundamental importância para que seu pai pudesse dar continuidade à prestação dos serviços religiosos comunitários. Somente quando ocorreu a invasão alemã, os seus pais e irmãos conseguiram fugir e refugiar-se na Suíça. Após a Páscoa judaica de 1944, o rabino Chaim foi degredado aos campos de trabalhos obrigatórios na Hungria e serviu ao exército alemão, ainda que sob a tutela das autoridades húngaras. Somente após os feriados do ano novo judaico e do dia do perdão

– Rosh Hashaná e Yom Kippur –, com o avanço do partido fascista húngaro e frente à incerteza das deportações, o rabino e alguns amigos resolveram procurar a Glass House¹⁵², no intuito de conseguirem vistos para a Suíça. Nesse entremeio, o partido da Cruz Flechada invadiu a sede da embaixada e enviou-os para a Alemanha.

Os vagões, inicialmente, foram destinados ao campo de Buchenwald, no entanto, devido à lotação, foram encaminhados à Bergen-Belsen, aonde chegaram próximos à data de *chanucá*¹⁵³. Encaminhados para Bergen-Belsen¹⁵⁴, os prisioneiros dividiram-se entre diferentes grupos: judeus de todo o continente, Testemunhas de Jeová, homossexuais, ciganos, criminosos comuns, prisioneiros de guerra e políticos. Lá, todos encontravam-se igualmente expostos e submetidos às baixas temperaturas, trabalhos forçados, falta de alimentos e água e péssimas condições sanitárias, fatores que aumentavam ainda mais a situação de vulnerabilidade. Durante o outono e o inverno de 1944, Chaim e seus amigos passaram pelas seleções no campo, descritas por Rivka (1998) e Frankl (2008). Ao sobreviverem, organizaram-se nas tentativas de procurar observar os preceitos judaicos e prestar os serviços religiosos aos prisioneiros, e rapidamente se destacaram como o grupo dos 300 piedosos. Em seu livro, Chaim narra algumas festividades bíblicas, atribuindo a Deus a dádiva de poder celebrá-las no campo de concentração. De maneira comovente, descreve a alegria única existente na plenitude do exercício de seus cumprimentos. Dentre as festas, sobressaem o acendimento das velas de *chanucá*, bem como o Tu B'Shvat¹⁵⁵ e, por fim, com a proximidade da Páscoa,

¹⁵² A Glass House foi um edifício utilizado por Carl Lutz para abrigar judeus húngaros durante a Segunda Guerra. Nomeado em 1942 como vice-cônsul em Budapeste, seu esforço diplomático na emissão de salvo-condutos suíços foi responsável por salvar mais de 62 mil judeus dos campos de extermínio. Trabalhou com a Agência Judaica de Israel chegando a alugar mais de 76 edifícios para abrigar famílias judias. Em 1964 foi reconhecido pelo Yad Vashem (órgão responsável pela memória dos mártires e heróis do Holocausto, fundado em 1953, por decreto da Kneset israelense) como Justo entre as Nações (SOBRE, [S. l.: s. d.]), ver: <https://www.yadvashem.org/education/other-languages/portuguese/about-yad-vashem.html>.

¹⁵³ Chanucá: feriado religioso de oito dias que comemora a reconsagração do Templo de Jerusalém após este ter sido profanado pelos greco-selêucidas (BLECH, 2004).

¹⁵⁴ No complexo de campos de Bergen-Belsen morreram mais de 50 mil pessoas, incluindo Anne Frank. Após sua libertação pelos ingleses, em 15 de abril de 1945, milhares de prisioneiros morreram ao receberem medicações, ainda que adequadas, por apresentarem baixo peso corporal e severos quadros de inanição. O tifo e a tuberculose, acrescidos dos experimentos genéticos injetados nos prisioneiros, também resultaram na morte de inúmeras pessoas. Enciclopédia Judaica do Holocausto.

¹⁵⁵ Em conformidade com as leis prescritas no livro de Deuteronômio (Dt 8:7-9, Is 65:22), o Tu B'Shvat é um dos quatro Anos Novos do calendário judaico. [...] O Talmud refere-se a ele como o “Ano Novo

em 1945, a preocupação em guardar os mandamentos efetivou-se na mobilização para conseguirem assar o *matzá*¹⁵⁶ e distribuí-lo aos judeus.

A libertação dos prisioneiros do campo de Bergen-Belsen ocorreu de forma dramática, e novamente mais vidas foram perdidas à custa das infaustas condições impostas aos prisioneiros. Chaim pesava menos de vinte e cinco quilos e seu corpo encontrava-se repleto de feridas decorrentes de experimentos alemães que lhes foram injetados. Sem força física e inconsciente, passou alguns dias hospitalizado nos ambulatórios adaptados. A Cruz Vermelha providenciou o transporte de cem crianças à Eretz Israel, dessa maneira, em virtude da fragilidade do estado de sua saúde, visto que sua aparência física se assemelhava a de uma criança, seus amigos o encaminharam à sede da organização. Foi sob essas circunstâncias que Chaim viajou da Alemanha para a França, onde embarcou para a Palestina. Ele chegou em *Eretz* no início de agosto de 1945, ainda doente, e peregrinou por vários assentamentos, tendo se estabelecido num kibutz religioso¹⁵⁷.

As situações da vida cotidiana na Palestina foram inicialmente marcadas por intensos conflitos territoriais, e, de modo análogo, havia uma complexa estrutura de país a ser constituída e construída. Os pioneiros¹⁵⁸ foram responsáveis por fomentar todas as políticas públicas sociais de um país que ainda não existia formalmente. Sendo assim, houve enormes esforços de toda a comunidade para questões que envolviam desde a agricultura à escavação das redes de água e esgoto, perpassando pela criação da Universidade Hebraica de Jerusalém, fundada em 1918 e inaugurada em 1925. Nessa direção, Chaim desenvolveu inúmeras atividades na construção da infraestrutura do que, anos mais tarde, iria compor o estado de Israel. Foi agricultor e amigo/colaborador do

das Árvores”. Essa data é relevante para certas leis da Torá que dizem respeito à agricultura na terra de Israel. <http://www.morasha.com.br/tu-bishvat/tu-b-shvat-o-homem-e-a-arvore-do-campo.html>.

¹⁵⁶ *Matzá*: pão não fermentado servido tradicionalmente nas celebrações da Páscoa judaica.

¹⁵⁷ Chaim trabalhou no Kibbutz religioso denominado Há-Po’ el Ha-Mizrachi, um movimento pioneiro operário e religioso que se estabeleceu em Israel nos anos de 1920/21. Os pioneiros compreendiam o estabelecimento em Eretz Israel como uma *mitsvá*, foram influenciados pelo chassidismo polonês. Com uma ideologia fundamentada por Shemuel Hayyim Landau, Isaiah Shapira, Nehemiah Aminoah, entre outros, seus princípios encontram-se pautados na Torá, no serviço divino e nos atos de benevolência. Sobre o assunto, consultar: <https://www.jewishvirtuallibrary.org>; e ainda: Bnei Akiva, Hapol Hamizrachi, Gush Emunim, Religious Kibbutz Movement, 2010. Editora Books LLC, Memphis, Tennessee.

¹⁵⁸ Sobre a temática, indica-se: De amor e trevas. Amós Oz. Companhia das Letras, 2005.

kibutz de Iavne, além de militante do *Haganá*¹⁵⁹. Em 1947 foi preso em solo palestino pelos ingleses e deportado para um campo prisional em Chipre, onde permaneceu por aproximadamente quatro meses. Sua prisão decorre de uma operação de desembarque clandestino de 450 imigrantes ilegais. Ao receber uma nova permissão para voltar para casa, foi comunicado dos certificados recebidos do Alto Comissariado Britânico, os quais autorizavam a imigração de seus pais.

O *kibutz* em que trabalhava o enviou para cursar um seminário para a formação de professores na Universidade Hebraica de Jerusalém, e, apesar do período letivo reduzido em decorrência dos frequentes combates com os países árabes, Chaim formou-se e recebeu a indicação para fazer as provas de admissão ao rabinato. Após o período da Guerra da Independência, onde lutou contra as forças egípcias, retomou seus estudos, tendo sido novamente diplomado rabino, agora pelas mãos do primeiro Rabino-Chefe de Israel, Rav Herzog, e, do Rabino-Chefe de Jerusalém, Rav Frank.

No terceiro capítulo, como enviado do Departamento de Educação Religiosa da Agência Judaica no Brasil, um braço da Organização Sionista Mundial (OSM), em sua primeira viagem ao país, o autor é instado a conhecer a realidade educacional religiosa no país, de modo que, a pedido da comunidade local, ajuda a fundar o colégio Barilan em setembro de 1954, no bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, conforme acima descrito. Passados os três anos do período da *shlichut*, o casal retornou para Israel com suas filhas, no ano de 1956. O quarto capítulo aborda o tempo de sua estada em Israel, onde Chaim dirigiu a Fazenda Agrícola do Conselho Nacional de Safir. Em 1961, fundou e trabalhou como diretor na *Yeshivá Or Etzion*. No decorrer desse período, teve a oportunidade de estreitar seus laços com a filosofia do movimento Chabad. Nessa direção, com o intuito de ampliar seus conhecimentos, estudos e dedicação à Torá, frequentou aulas sobre a Doutrina Chassidut e o *Likutei Amarim Tanya*, livro escrito pelo rabino Shneur Zalman de Liadi, o qual compõe os textos fundamentais da filosofia chassídica.

No quinto capítulo, o ano de 1963 marca o reenvio do rabino Chaim ao Brasil,

¹⁵⁹ *Haganá*: Em hebraico significa defesa. Fundada em 1920, representou o embrião do futuro exército de Israel. Foi responsável pela organização militar e defesa da comunidade judaica na Palestina até a fundação do Estado. Também participou na organização da imigração clandestina de refugiados judeus europeus. <https://www.conib.org.br/glossario/hagana/>

em sua segunda viagem como emissário do Departamento de Educação Religiosa da Agência Judaica e responsável pela educação judaica em todo o território nacional. Em concomitância com a difusão da educação judaica no Brasil, também lhe foi designada a Direção do Colégio Barilan. Em sua missão, Chaim e sua família retornaram ao país onde puderam constatar o crescimento da escola que haviam fundado há nove anos. O rabino proferiu diversas palestras no intuito de promover a difusão dos preceitos que incidem sobre as observâncias da Torá, nas associações judaicas de todo o país. Nesse sentido, concomitantemente com as obrigações administrativas de seu cargo, também ministrou aulas sobre os livros sagrados do judaísmo para pequenos, médios e grandes grupos.

Sobressai sua preocupação por ações na busca em promover uma maior fundamentação acerca da identidade religiosa¹⁶⁰, as quais, em consonância com sua formação religiosa, envolviam o estudo da língua hebraica, as escrituras sagradas, o amor pelos judeus, o trabalho pela terra de Israel e os cumprimentos das *mitsvot*. Em outras palavras, Chaim lutava para estabelecer a conscientização do maior número possível de judeus sobre as múltiplas características que envolvem o ser descendente de Abraão, Isaac e Jacó. Aos olhos do rabino Chaim, as práticas presentes nas associações, clubes, escolas e em algumas sinagogas dispunham-se a observar um judaísmo concentrado em ações sociais que, sob um viés cultural, preteriam uma íntegra acepção de sua judeidade. Esse comportamento propendia à assimilação cultural e à não observância de todas as leis judaicas. Nessa direção, o sexto capítulo narra uma aproximação ainda maior de Chaim com o chassidismo e aponta para suas percepções acerca das influências da Haskalá – o iluminismo judaico – na sociedade judaica brasileira.

O livro apresenta claras evidências de sua preocupação com o desenvolvimento

¹⁶⁰ O conceito de identidade religiosa compreendido na presente pesquisa encontra-se pautado no trabalho de Epelboim (2004, 2006). De acordo com a autora, a identidade religiosa pode ser definida a partir de um complexo conjunto de crenças desenvolvidas pelo indivíduo “com relação à presença de um poder divino ou sobrenatural. Tais crenças fornecem recursos para que o sujeito compreenda a criação do universo e dele próprio. [...] A identidade religiosa parece não ser composta apenas por crenças, mas também por valores, atitudes, princípios éticos e morais que visam orientar as ações humanas. Tais componentes apresentam como base aspectos racionais, emocionais e atitudinais que devem ser mantidos em permanente equilíbrio e revelam a condição do homem como ser biológico, psicológico, sociocultural e espiritual” (EPELBOIM, 2006, p. 49,50).

e a criação de estruturas que possibilitassem a vida religiosa de acordo com os mandamentos da fé mosaica. Dessa forma, fundamentado na compreensão de que o ensino é uma *mitsvá* capaz de gerar alegrias e bênçãos a todos os israelitas, o rabino Chaim estava determinado a espalhar a luz do judaísmo ortodoxo, sob uma perspectiva chassídica, pelo país. Nesse sentido, durante a organização de um seminário para os estudos da Torá, na cidade portuária de Santos, no estado de São Paulo, em *Shavout*¹⁶¹, que contou com a presença de judeus de todo o Brasil, empreendeu com os partícipes, sob a benção do Rebe de Lubavitcher, os princípios básicos para o funcionamento de uma instituição religiosa escolar judaica, ou seja, uma *yeshivá*.

Olho para os livros de Rivka e Chaim e procuro observar suas trajetórias a partir de perspectivas que me permitam interpretar suas subjetividades (DOSSE, 2015). Escolho compreendê-los frente “à liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar”, capaz de transformar sua vida de modo a contemplá-la de sentidos (FRANKL, 2008. p. 90). Filhos de famílias religiosas, o casal recebeu uma educação dentro dos preceitos da lei mosaica. Interpelados pela guerra, dispuseram da fé como um amparo diante de um mundo que insistia em apresentar-se sob as marcas de uma indelével fealdade. Frente à complexidade dos conflitos políticos que permearam o pós-guerra, a fé do jovem casal manifestou-se como uma resistência identitária. As experiências, presentes nas escolhas que permearam os sentidos que deram prosseguimento à sua vida, podem ser identificadas nos mandamentos próprios da educação judaica, os quais se encontram alicerçados sobre o tripé: conhecer as leis, cumpri-las e refletir sobre elas (TRZONOWICZ, 2012). Tudo em conformidade com o referencial judaico, que reúne conceitos específicos, os quais produzem uma visão da educação judaica com diferenciais próprios, dentre eles, *HaShem, Shabat, Torá e Olam Habá*¹⁶². Trzonowicz (2013, p. 79,80) assevera que a ênfase da educação está na condução da vida em consonância com a Torá, e não apenas no acúmulo dos conhecimentos historicamente construídos.

Trzonowicz (2012) e Sacks (2002) apontam para o lugar privilegiado que é dado

¹⁶¹ *Shavuot*: literalmente, semanas. Festa religiosa que comemora o recebimento da Torá e a colheita dos primeiros frutos. Pentecostes (BLECH, 2004).

¹⁶² Em livre tradução: HaShem, Shabat, Torá e Olam Habá significam, na ordem: Deus, o Sábado, a Torá, e o Mundo Vindouro.

à educação na transmissão da história de seus ancestrais, espaço em que o legado da liberdade começa a ser delineado a partir da ética sinaítica. Essas são as lentes com as quais busquei captar a expressão de suas vidas dedicadas à educação. Nesse sentido, Sacks (2002) salienta que quando os judeus saíram da escravidão do Egito, compuseram a primeira experiência histórica de liberdade. De modo que, imediatamente, Deus estabeleceu na celebração de Pêssach um memorial eterno¹⁶³ e incumbiu a Moisés e Arão o dever de contá-lo aos filhos, em todas as gerações. Sacks (2002, p.49 e 50) elucidada:

Prestes a ganhar sua liberdade, os israelitas ouviram que deviam se transformar numa nação de educadores. [...] para defender a terra, vocês precisam de um exército. Mas para defender a liberdade, precisam de educação. Vocês precisam de famílias e escolas para assegurar a transmissão de seus ideais à próxima geração – para não deixar que se percam, que não sejam mais fontes de esperança, que não se tornem obscuros. As cidadelas da liberdade são as casas de estudo. Seus heróis são os professores; suas paixões, a educação e o intelecto (SACKS, 2002, p. 49, 20).

Trzonowicz (2012, p. 83) identifica que o texto bíblico é repetido por três vezes no Livro de Êxodo, de maneira a ressaltar “a importância central da educação de acordo com a cosmovisão judaica, é que Moisés decide dar uma mensagem educativa. Conta a teu filho, educa ao teu filho, educa as próximas gerações, repassa para as próximas gerações sistematicamente.”. O autor ainda destaca que, em sua primeira prédica, Moisés ajustou suas lentes nas próximas gerações e ordenou a educar.

Sacks (2002) salienta que o Sêfer Torá, ou seja, o pergaminho da Lei, lido coletivamente todas as semanas nas sinagogas ao redor de todo o mundo, na mesma ordem em que foi estabelecida há milhares de anos, representa o objeto mais sagrado do judaísmo. Para os religiosos, o pergaminho simboliza a crença de que Deus é encontrado nas palavras que compõem a Torá, elas constituem o vínculo de amor entre Deus e o povo judeu, nesse viés, “o Baal Shem Tov, fundador do Chassidismo no século 18, disse que o povo judeu é um Sêfer Torá vivo, e que cada judeu é uma de suas

¹⁶³ No livro de Êxodo, Deus estabelece um memorial eterno para que os filhos de Israel lembrassem de sua saída do Egito, na condição de escravos, para a liberdade da terra prometida, pelas mãos do Criador: E este dia será para vós por lembrança, e o celebrareis como uma festa do Eterno por vossas gerações; como um estatuto perpétuo o celebrareis.”. (12:14).

letras” (SACKS, 2002, p. 55).

Como letras hebraicas que percorrem longas jornadas no/pelo tempo e passam por inúmeras perseguições anteriormente já descritas, o jovem casal viajou para o Brasil. Suas palavras concebiam novas perspectivas ao desenvolvimento do judaísmo e, em terras tropicais, colocaram-se, pois, a anunciar a lembrança¹⁶⁴ dos dias da Antiguidade. No pacto que sela a aliança entre Deus e o povo hebreu, rememoraram o compromisso intergeracional de educar de acordo com os mandamentos considerados sagrados para a fé judaica. Consoante à aliança sinaítica, no coração do pacto, existe o inexorável conceito de *emuná*, o qual pode ser compreendido na fé que se traduz em lealdade e fidelidade. No judaísmo ortodoxo, a *emuná* constitui a própria essência do povo hebreu que, ao dar continuidade à sua história, ratifica sua responsabilidade com as gerações passadas e vindouras (SACKS, 2002, p. 56, 57).

Nesse sentido, é necessário apreender que, de acordo com as leis judaicas da *Halachá*, cabe ao pai os cuidados iniciais com a educação religiosa dos filhos, do nascimento até a idade de frequentarem um *cheder*¹⁶⁵ e, de acordo com essa acepção, faz parte de suas atribuições inculcar-lhes os valores da fé judaica (CAON, 1996; SZPICZKOWSKI, 2008). Face à ausência de seus pais, Rivka cuidou de sua irmã, e suas palavras são aqui interpretadas como uma preocupação com as gerações vindouras. Compreendo que a sua resistência se expressa manifesta num sentido ulterior, em suas palavras, “Fiquei com Jolika. Por alguma razão, soube que, a partir daquele momento, a coisa mais importante do mundo era segurar sua mão [...]. Eu devia cuidar dela, protegê-la [...]” (BENJAMINI, 1998, p. 14).

Semelhantes particularidades são encontradas nas palavras escritas no livro do rabino Chaim, de modo que se unem às características concernentes à sua responsabilidade com a fé de seus ancestrais. A realidade de sua sobrevivência ao campo de extermínio, o contato mais próximo com os pioneiros, suas palavras, ideais e dedicação na emancipação da Terra Santa sensibilizavam Chaim a ponto de fazê-lo

¹⁶⁴ “Lembra-te dos dias antigos, atentai para os anos das gerações sucessivas; pergunta a teu pai e ele te contará; aos teus anciões e eles dirão.”. Dt 32:7. O texto bíblico acima referenciado é uma das 169 vezes, em que o verbo lembrar é transcrito nos livros mosaicos. Suas palavras destacam a relevância de lembrar-se dos mandamentos.

¹⁶⁵ Cheder: em hebraico, quarto ou cômodo. Escola destinada a ensinar às crianças a base das práticas religiosas judaicas e da língua hebraica.

compreender a importância das múltiplas manifestações em que a fé, a cultura e as tradições de sua religiosidade poderiam se manifestar. Idealizar uma yeshivá em solo brasileiro por *emuná* representa a fé na continuação de uma cadeia de transmissão de conhecimentos ancestrais que têm por significado “ouvir o chamado daqueles que vieram antes de nós e saber que somos os guardiões de sua história.” (SACKS, 2002, p. 64) e escrever significativas palavras/ações na história de novas lições com os *bachurei yeshivot*, à luz da sabedoria de velhos mestres.

2.3 Cartas para uma comunidade porvir

A fundação da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis encontra-se intimamente relacionada às preocupações de Chaim Benjamini quanto à assimilação¹⁶⁶ cultural dos jovens judeus brasileiros. Na mesma medida, havia um auspicioso empenho para que os judeus da época se dedicassem aos estudos de suas escrituras sagradas. Nesse sentido, cabe ressaltar que os livros religiosos do judaísmo são escritos em hebraico e aramaico e tornam imprescindível o domínio linguístico. O desejo presente na expressão de uma fé judaica viva parece orientar o sentido das ações de Rivka e Chaim Benjamini e nos auxilia a compreender sua dedicação com a educação ortodoxa brasileira (FRANKL, 2008, 2021).

Cumprir observar que, no período de fundação da Yeshivá, já havia escolas judaicas¹⁶⁷ com ensino laico e religioso no Brasil, no entanto, a ênfase da educação não se vertia para os estudos das leis judaicas. Nessa direção, elucidam-se alguns elementos da cosmovisão judaica, com o intuito de compreender a relevância de uma *yeshivá* em solo sul-americano, para o surgimento de uma comunidade ortodoxa. De acordo com o judaísmo rabínico, o propósito para o qual o homem foi criado é a observância dos mandamentos da Torá (STEINSALTZ, 2019). O texto bíblico do livro de Eclesiastes¹⁶⁸

¹⁶⁶ Utiliza-se a conceituação de Caon (1996) para melhor interpretar o conceito de assimilação dentro da cultura ortodoxa judaica, a saber, o termo refere-se à perda da identidade judaica através da imersão completa na cultura do país em que o judeu reside, no mundo contemporâneo.

¹⁶⁷ No ano da chegada do rabino Chaim haviam as escolas Scholem Aleichem e Eliezer Steinberg.

¹⁶⁸ Livro de Eclesiastes, capítulo 12, versículo 13, diz: “E tendo tudo sido devidamente estudado, eis a conclusão final: Teme a Deus e guarda Seus mandamentos, pois nisto consiste todo o dever do homem.”.

apresenta-se como um indício que nos leva a dimensionar a importância atribuída à educação pela cultura judaica e, por conseguinte, aos estudos de seus pergaminhos.

O judaísmo ortodoxo compreende que a prática dos 613 preceitos da Torá (248 positivos e 365 negativos¹⁶⁹) santifica todos os aspectos físicos e espirituais do homem. Assim, no intuito de realizar o cumprimento das inúmeras interpretações, comentários e discussões religiosas, cabe ao homem dedicar-se assiduamente aos estudos. Nessa perspectiva, o conhecimento e a prática são intrinsecamente ligados, sendo sua inter-relação um elemento vital na visão de mundo judaica. Tendo por finalidade refletir sobre a relevância em alcançar a maior meta do ser humano, na religião judaica o estudo expressa-se em lei¹⁷⁰ (CAON, 1996).

O estudo das leis é compreendido como um ideal de/para toda a vida no judaísmo, e, conforme salienta Caon (1996), mesmo que as mulheres tenham desempenhado importantes papéis na narrativa bíblica, como líderes, profetisas, juízas, conselheiras e até eruditas, a lei judaica¹⁷¹ obriga o pai a ensinar aos filhos a Torá. E o ensino deve começar quando a criança aprende a pronunciar suas primeiras palavras, devendo ser estimulada e conduzida a repetir versículos bíblicos. Steinsaltz (2019) aponta a importância dos estudos talmúdicos para a preservação histórica da comunidade judaica diaspórica, assim como para a subsistência dos inúmeros atributos conferidos à identidade do povo judeu.

Em consonância com a cultura presente nos textos religiosos, Caon (1996) assevera para importantes peculiaridades acerca do conceito de educação verificado nas famílias judaicas observantes. Em suas palavras:

Há uma distinção entre o preceito de ensino e estudo da Toráh, denominado Talmud Toráh, e o preceito de *chinúch*, educação dos filhos. O primeiro é expresso na injunção de ‘ensiná-las aos teus filhos’ (Deuteronômio 6:7, 11:19), e o segundo no versículo 22:6 dos Provérbios, ‘educa a criança de acordo com a sua natureza.’. A criança deve, portanto, estudar a lei e ser

¹⁶⁹ Schneerson (2014, p.87) elucida que a vida deve conciliar o cumprimento dos mandamentos, em conformidade com a Torá escrita e oral, nessa medida: “o cumprimento dos 248 mandamentos ‘de fazer’ [positivos] e dos 365 mandamentos ‘de não fazer’ [negativos]”, correspondem respectivamente aos 248 órgãos e às 365 veias do corpo humano.

¹⁷⁰ O texto em Deuteronômio (6:7) afirma: “[...] e as inculcarás a teus filhos [...]”.

¹⁷¹ Também em referência ao texto de Deuteronômio (11:19), onde se pode ler: “E ensiná-las-eis a vossos filhos [...]”.

treinada para cumprir seus mandamentos. [...] A educação visa, portanto, o desenvolvimento do ser humano como um todo, em suas facetas intelectual, emocional, comportamental e moral. Esta dificuldade de separação entre o que é e não é parte da educação provém da própria definição de Judaísmo, que é visto mais como um modo de vida do que como apenas uma religião, pois molda todas as atitudes do indivíduo, das mais prosaicas às mais complexas (CAON, 1996, p. 26-30).

Ante as considerações acima, pode-se depreender que a educação judaica religiosa intenta contribuir para a formação intelectual de judeus dedicados ao estudo das leis e observantes às práticas dos preceitos de sua fé, refletindo a divindade sagrada do Criador, nas mais diversificadas instâncias de sua vida. Em conformidade com essa concepção, a vivência cotidiana do judaísmo consubstancia um sentido para o desenvolvimento da vida humana em comunidade. Observa-se ainda, conforme assinalado, que, na acepção apresentada por Caon (1996), o *chinúch* cabe ao pai e busca desenvolver e capacitar no filho as habilidades necessárias ao cumprimento dos preceitos da lei. Acredita-se que um relacionamento pautado no respeito mútuo com os pais¹⁷², pode proporcionar o bem-estar físico, espiritual, emocional e mental a todas as crianças.

Sacks (2002), em concordância com Caon (1996), assinala que, em geral, o lar judaico deve ser o primeiro espaço social educador de uma criança, uma vez que sua atmosfera espiritual favorece, a cada momento, práticas cotidianas para o exercício da fé. Os autores pautam-se no texto mosaico do livro de Êxodo¹⁷³ para explicar um princípio fundamental da educação judaica, o cumprimento dos mandamentos religiosos antecede o seu entendimento. Em outras palavras, quando Moisés recebe de Deus a revelação dos Mandamentos, todo o povo judeu, o qual se encontrava reunido, afirma: “Faremos e ouviremos tudo o que o Eterno falou!”. É sob esse entendimento que se justifica a participação das crianças nos rituais religiosos ainda na primeira infância. Consequentemente, o critério norteador para a iniciação das crianças às práticas dos preceitos bíblicos efetiva-se na capacidade individual de sua execução.

¹⁷² O quinto dos dez mandamentos revelados a Moisés no Monte Sinai distingue-se como sendo o primeiro condicionado a uma promessa: “Honrarás a teu pai e a tua mãe, como te ordenou o Eterno, teu Deus, para que se prolonguem os teus dias e para que seja bem para ti na terra que o Eterno, teu Deus, te dá.” Livro de Deuteronômio (5:16).

¹⁷³ Êxodo 24:7 “E tomou o livro da aliança e leu aos ouvidos do povo, e disseram: Faremos e ouviremos tudo que o Eterno falou!”.

Caon (1996) afirma que, ainda que não sejam obrigadas a cumprir os mandamentos, na apreensão dos costumes e das leis, espera-se que se habituem a observá-los. À vista disso, exemplifica que a vida numa família religiosa tradicional exerce uma forte influência sobre a criança, procurando, dessa maneira, transmitir e inculcar os valores culturais da fé judaica. Sob esse viés, o papel dos pais possui uma relevância ímpar na prática de alguns preceitos, dentre os quais exemplifica-se o “costume de só cortar o cabelo dos meninos quando eles completam 3 anos de idade, numa cerimônia religiosa denominada *chalák*, depois da qual eles são enviados ao *chêder*, uma escola de Toráh para crianças.”. Nesse sentido, como a Torá representa a fonte de vida, as experiências relacionadas ao seu estudo e prática devem compor momentos de agradável celebração (CAON, 1996, p. 33, 35).

A Torá compara o homem a uma árvore¹⁷⁴, e essa metáfora fundamenta os ensinamentos rabínicos concernentes aos cuidados com o crescimento e o desenvolvimento da criança. Apoiados no entendimento de que a árvore “está sempre ligada à sua origem (a terra) e somente nela poderá crescer e florescer”, assim deve procurar ser todo judeu observante, ou seja, dedicado a produzir bons frutos, não deve se afastar do estudo da Torá e do cumprimento de seus preceitos. Outro exemplo da importância atribuída à educação das crianças fundamenta-se na necessidade de familiarizá-las com a língua das escrituras sagradas e pode ser ilustrado no hábito seguido por algumas mulheres de expor “seus filhos recém-nascidos (ou mesmo ainda durante a gravidez) a palavra de Toráh na casa de estudos, acreditando que elas deixariam marcas profundas em seu ser” (CAON, 1996, p. 34-35).

Assim que, o primeiro capítulo da tese procurou apresentar o contexto social em que as escrituras sagradas do judaísmo foram escritas, dando ênfase ao entendimento de que a escrita de suas leis orais se constituiu num fator imprescindível para a preservação de suas tradições. Steinsaltz (2019, p. 308, 309) destaca que historicamente o Talmud é o pilar central da cultura judaica, em seus mais diversificados aspectos culturais, desde a literatura, perpassando pela exegese bíblica, filosofia e esoterismo judaico. Ainda segundo o autor, a magnitude de sua obra deriva de dois fundamentos: ele constitui a espinha dorsal do multiforme conhecimento judaico, e sua importância relaciona-se com

¹⁷⁴ Ver texto do Livro de Deuteronômio 20:19. E o Capítulo 3 da Mishná 22 (BUNIM, 2019).

seus singulares métodos de estudo, que requerem, por parte do educando, envolvimento emocional e intelectual. Com a intenção de rememorar sua materialidade, apresenta-se no Apêndice A a composição e a disposição das escrituras para, em seguida, demonstrar, de forma mais específica, os objetivos da educação ortodoxa.

Schneerson (2014), em consonância com Steinsaltz (2019), compreende que a adesão à Torá e à prática de seus preceitos foi o fator essencial para a manutenção da existência e sobrevivência dos judeus ao longo da história. Sob essa perspectiva, ressalta que, à época do Segundo Templo em Jerusalém (515 a.C. – 70 d.C.), não haviam sido estabelecidos métodos de estudos, uma vez que a lei ainda era passada de forma oral de pai para filho. Caon (1996) aponta que o valor atribuído à educação¹⁷⁵ pode ser observado na literatura rabínica, que registra a criação de um sistema educacional público antes de nossa era comum.

No fim desse período, aproximadamente em 64 a.E.C., o Sumo Sacerdote Ieoshua ben Gamlá estabeleceu o primeiro sistema nacional público e compulsório de educação de que se tem notícia. As políticas educacionais que por fim levaram à implantação desse sistema são descritas no Talmúd (Baba Batra 21a): ‘Esse homem, Ieoshua ben Gamlá, deve ser bem lembrado, porque se não fosse por ele, a Toráh teria sido esquecida por Israel. Originalmente, aqueles que tinham pai aprendiam Toráh com o pai, e os que não tinham pai não aprendiam.... Foi decidido então estabelecer professores para crianças pequenas em Jerusalém.... Porém, aqueles que tinham pai eram levados a Jerusalém e aprendiam, mas os que não tinham pai não iam para Jerusalém para estudar. Foi decidido então estabelecer (aulas) em toda região... e como as aulas eram longe das casas da maioria das pessoas, os meninos eram trazidos pela primeira vez para aprender com 16 ou 17 anos. Se um professor ficasse nervoso com um deles, o aluno rejeitava a sua autoridade e ia embora. Assim foi até que o Rabi Ieoshua ben Gamlá assumiu e estabeleceu professores para crianças pequenas em todo distrito e cidade, e as crianças começaram a aprender com 6 ou 7 anos’ (CAON, 1996, p. 49, 50).

A responsabilidade comunitária com a cadeia de conhecimentos transmitidos de forma oral foi uma característica que acompanhou o povo judeu na segunda diáspora¹⁷⁶. Sacks (2010) ressalta que, à época, no intuito de ampliar a difusão das escrituras, os

¹⁷⁵ O entendimento de que a educação compulsória deveria ser promovida nas *yeshivot* a todos os homens da comunidade constituiu-se numa das observâncias registradas nas leis judaicas.

¹⁷⁶ Compreende-se que a segunda diáspora judaica tem início com a destruição do Segundo Templo, em 70 d.C., em conformidade com o Capítulo I da Tese.

rabinos consideraram o estudo como algo mais elevado que as orações. De modo que, em virtude da importância atribuída à educação, podem ser encontrados registros de casas e academias de estudo na Babilônia, Espanha, Europa Ocidental e Oriental¹⁷⁷, antes mesmo da destruição do Segundo Templo (70 d.C.). Destaca-se ainda que, em algumas comunidades religiosas, a milenar tradição na manutenção dos recursos destinados ao pagamento dos estudos é preservada até o presente tempo. Nessa realidade, cabe aos pais que possuem recursos contribuir financeiramente com a instituição escolar; às crianças e adolescentes sem posses, a comunidade encarrega-se de destinar os proventos necessários para a realização de seus estudos.

É apropriado ressaltar que na Europa Central e Ocidental a educação passou a ser obrigatória a partir do século XIX¹⁷⁸, e como os judeus haviam sido contemplados com os direitos civis, via de regra, encontravam-se mais inseridos culturalmente na sociedade. Dessa maneira, adaptadas ao contexto social e histórico, muitas crianças judias passaram a frequentar as escolas laicas, transferindo, por conseguinte, sua dedicação na tradição dos estudos religiosos para o campo dos estudos laicos (SCHOLEM, 1991). Consoante às diferentes realidades sociais e políticas, a comunidade judaica¹⁷⁹ da Europa Oriental inclinou-se mais a seu corpus religioso. Scholem (1991) salienta os esforços do rabino Hirsch, visto que, na tentativa de evitar as influências do Iluminismo judaico¹⁸⁰, criou um sistema educacional misto, composto por disciplinas laicas ao lado do estudo das escrituras sagradas.

¹⁷⁷ Sobre o assunto, indica-se: Manual de la historia judia: Desde la hegemonia de Grecia hasta la edad media. Simon Dubnow, 1934. Caminhos do povo judeu. Rifka Berezini, 1981.

¹⁷⁸ Em suas pesquisas, Boto (1996; 2017) aponta para a importância do Iluminismo e da constituição dos Estados modernos para a construção do ideário da instrução pública. A expressão revolucionária à época: “Escola, templo da República” pode ser apreendida em seu contexto histórico, como o dever creditado à escola (como uma instituição do Estado) de gerir e proteger a República. Caso fosse possível um paralelo entre a constituição das escolas e a consolidação do homem ocidental moderno e educado, para os judeus praticantes, as *yeshivot* poderiam ser consideradas como as cidadelas de erudição, uma vez que, ao manterem a tradição das escrituras sagradas, salvaguardam um *ethos* identitário (SACKS, 2002, p.226).

¹⁷⁹ Rosenberg (1982) descarta pensar a vida judaica durante a Idade Média e a Era Moderna somente como uma história de perseguição. Nessa direção, pondera-se que, no continente europeu, intercalaram-se momentos regidos por uma convivência pacífica e frutífera, tanto para judeus quanto para os povos que os acolhiam. Realidade que pode ser investigada na vasta literatura produzida pelos peregrinos no continente. Ademais, frente à obrigação ancestral prevista em lei, mesmo sob o tempo das precárias condições que lhes foram imputadas, há registros do estudo e ensino das tradições judaicas a inúmeras gerações.

¹⁸⁰ Também denominada Haskalá, já abordada no primeiro Capítulo.

Nessa perspectiva, elejo as lentes do livro *Cartas para a Próxima Geração*, de Jonathan Sacks¹⁸¹ (2010) com o intuito de melhor apresentar e procurar compreender como se expressam os objetivos, metas e interdiálogos entre fé e educação na relação entre educadores e educandos dentro da ortodoxia judaica. A fim de tornar compreensíveis os propósitos da educação judaica, Caon (1996, p. 56) traça, num plano mais específico, os principais objetivos da educação ortodoxa, que considero importante relacionar para uma melhor apreensão acerca da realidade pesquisada, quais sejam: “a) A aquisição do conhecimento da Torá; b) O treinamento da criança para a observância dos preceitos; c) O desenvolvimento do indivíduo, de seu caráter, de boas qualidades.”. A autora assevera que a primeira meta traduz a injunção do cumprimento do estudo diário da Torá, a qual deve “ser perseguida inicialmente com o intuito de desenvolver o amor pelo estudo em si mesmo, sem nenhum fim ulterior, chamado de estudo da Toráh *lishmáh*, ou seja, estudar a Toráh por ela mesma” (CAON, 1996, p. 56).

À vista disso, Sacks (2005, 2010) esclarece que, para os judeus observantes, as escrituras são concebidas como o bem mais precioso que os pais podem outorgar aos seus filhos. Nessa medida, a transmissão da fé judaica, que perpassa a educação no lar, para além de ser um costume cultural, representa, para os religiosos ortodoxos, o maior legado ancestral para com os ideais espirituais de seu povo. Destarte que, ante à inclinação de um tempo permeado por violentas mudanças e pautado sobre velocidades economicamente transformadoras, a tradição do estudo e prática da Torá instaura-se como uma bússola capaz de orientar os valores morais e éticos de uma herança identitária, posto que sejam revestidos de significados que os fazem saber quem são. Aos olhos do autor, ao colocarem os estudos contínuos no ponto mais alto de sua escala

¹⁸¹ Jonathan Henry Sacks (1948-2020) estudou Filosofia na Universidade Gonville & Caius College, em Cambridge, formando-se em 1969. Ao término de sua graduação, foi para Israel estudar na *Yeshivat Tomhei Temimim*. De volta a Inglaterra, deu continuidade aos estudos laicos, concluiu seu Mestrado em Filosofia no New College, em Oxford em 1972, e, posteriormente, seu Doutorado no renomado King’s College de Londres, em 1981. Em 1973, deu continuidade a seus estudos religiosos no Jew’s College de Londres. Recebeu sua *Smichá*, a ordenação rabínica, três anos mais tarde pelo Jew’s College e pela Yeshivá Etz Chaim. Serviu como rabino da comunidade em Londres entre 1978-1990. Em 1991 foi nomeado Rabino-Chefe da Grã-Bretanha e Comunidade Britânica, cargo ocupado até o ano de 2013. Com uma escrita acurada versou sobre os valores éticos e morais do Judaísmo. Seu pensamento filosófico perpassa os temas duais do universalismo e particularismo numa crítica aos sistemas políticos e religiosos que procuravam impor o universalismo à sociedade. Sua preocupação em alcançar diversos públicos foi uma de suas principais prioridades (CENTER, [s.d]. <https://hebraicthought.org/>)

de valores, o Povo do Livro é apresentado a cada dia com a oportunidade de viver a materialidade da experiência de uma fé que, a cada ato, celebra uma maravilhosa coreografia a qual denominam *Halachá*, composta pela complexa beleza da lei judaica (SACKS, 2010, p. 5).

Ainda de acordo com Sacks (2010, 2002), uma extensa e profunda ênfase na educação alicerça a vivência segundo os padrões de justiça, bondade, compaixão e *tsedacá*¹⁸². Ao citar o texto bíblico do livro de Isaías¹⁸³, o autor identifica, no conhecimento que acompanha toda a história ancestral judaica, o senso norteador necessário para que os judeus saibam quem e por que são. De modo que, no estudo de seus pergaminhos sagrados, longe de uma experiência ingênua, a fé se apresenta como um sentido responsável diante da vida. Frente às incertezas, a coragem de enxergar o mundo como ele é, “sem jamais desistir da esperança de que podemos fazê-lo melhorar por meio da nossa forma de viver – por meio de atos de *chen* e *chessed*, delicadeza e benevolência, com espírito de generosidade e remissão”, traduz a ética sinaítica (SACKS, 2010, p.20).

A Mishná inicia seu primeiro Capítulo¹⁸⁴, do Pirkei Avot, inferindo um sentido filosófico permeado por valores teológicos norteadores, os quais aqui são compreendidos como o estudo e a educação dos preceitos sagrados das escrituras. Com a afirmação de que a Torá escrita e oral foi recebida por Moisés, que a “transmitiu a Josué, Josué aos anciãos, os anciãos aos profetas, e os profetas a transmitiram aos homens da Grande Assembleia”, tem-se a continuidade de uma cadeia ininterrupta de transmissão, capaz de rememorar o quão inextricável são os conceitos de educação, identidade e fé para o povo judeu. Bunim (2019) acentua que, durante todo o período citado na primeira lição da Mishná, a sociedade judaica havia sido destruída e seu povo

¹⁸² A palavra *tsedacá* é traduzida como caridade. No entanto, como provém da palavra *tsêdek*, deve ser compreendida como justiça. Em conformidade com a interpretação religiosa das escrituras, a essência do texto de Deuteronômio (15:7,8) deve pautar o ideário de justiça social. Fazer *tsedacá* cumpre uma *mitsvá*. (SACKS, 2005, 2010).

¹⁸³ O livro do profeta Isaías, em seu capítulo 54:13 afirma: “Todos os teus filhos serão discípulos do Eterno, e grande será a sua paz.”

¹⁸⁴ Capítulo 1:1 do Pirkei Avot: “Moisés recebeu a Torá do Sinai, transmitiu-a a Josué, Josué aos anciãos, os anciãos aos profetas, e os profetas a transmitiram aos homens da Grande Assembleia. Estes proclamaram três coisas: Sede ponderados no julgamento, formai discípulos e construí uma cerca protegendo a Torá.” (BUNIM, 2019, p. 29).

desarraigado¹⁸⁵ e, ainda assim, houve a continuidade do ensino e estudo de suas tradições.

A educação sob os preceitos ortodoxos judaicos busca contemplar o conhecimento e a prática de todos os mandamentos e observâncias das leis judaicas. Bunim (2019), ao tratar sobre a lei do Pirkei Avot¹⁸⁶, assevera que, à medida que a pessoa cresce, maiores devem ser as suas experiências com as escrituras. De modo que a meta de todo ser humano é estudar e observar a Torá e, dessa forma, crescer espiritualmente. Nessa medida, Caon (1996) aponta para uma importante e diferenciada aceção concernente aos estudos das escrituras. De acordo com a autora, não existe no estudo da Torá um conceito de utilidade explícito, como para uma carreira profissional ou mesmo qualquer outro fim, “o propósito é o próprio estudo, um fim em si mesmo e uma atividade que deve ser diária e vitalícia” (CAON, 1996, p. 56).

O movimento chassídico não se posiciona de maneira contrária aos estudos laicos, antes, destaca a importância de uma sólida formação religiosa, e, dessa maneira, apregoa como um dos seus princípios fundamentais o equilíbrio entre o intelecto e as emoções. Acredita-se que o desenvolvimento dessas habilidades enseje um sentido responsável para a vida em comunidade. De acordo com a cosmovisão ortodoxa, todos os estudos, quer laicos ou religiosos, não podem ser dissociados de suas ações práticas e devem pautar-se sobre os firmes valores da ética sinaítica, quais sejam: amar e temer a Deus, amar o próximo, respeitar a dignidade humana, tratar todas as pessoas igualmente, considerar a vida sagrada, buscar a santidade, estudar a Torá, amar a Israel, amar a justiça, ter compaixão, ter responsabilidade cívica e ser criativo (CAON, 1996, p. 63, 64).

Dentre os vários aspectos que decorrem da formação ortodoxa, existe também a preocupação em afirmar positivamente a identidade de crianças e jovens. Tal característica apoia-se no fato de que, por encontrarem-se inseridos em realidades culturais distintas (um país laico e uma comunidade religiosa) e distinguirem-se por

¹⁸⁵ Entre os profetas e a Grande Assembleia ocorrem a destruição do Primeiro Templo e o exílio babilônico, conforme escrito no Capítulo I.

¹⁸⁶ Lição 1:13: “[...]. Quem não aumenta (seus conhecimentos), diminui [...]”. (BUNIM, 2019, p. 84).

seus trajes e costumes, em geral acabam constantemente expostos e, muitas das vezes, vulneráveis. Caon (1996, p. 61) expressa a preocupação de Schneerson com o assunto:

Um dos principais propósitos da educação judaica é preparar a criança para viver uma exposição contínua a um ambiente no qual os judeus são minoria. Deve-se desenvolver nela a consciência e o orgulho judaicos através da adoção e prática dos altos níveis morais que impõem os preceitos. Assim, é dever do educador eliminar qualquer vestígio de complexo de inferioridade relacionado ao Judaísmo num ambiente predominantemente não judaico, fazendo a criança entender que tem o privilégio de ter seu lugar, desfrutar de seus direitos e viver de acordo com a sua fé numa democracia (CAON, 1996, p. 61).

É importante compreender que a consciência da identidade religiosa judaica tem suas bases na tradição, na memória e na preservação de seus rituais. Ao longo de toda a sua jornada, os judeus foram responsáveis por renovarem e recriarem o passado às gerações sucessivas. Ao inculcar-lhes os preceitos presentes nas disciplinas éticas da Torá, lembravam-se de seu futuro de maneira tão diligente quanto de seu passado. À medida que ensinavam os seus filhos a rezarem voltados para Jerusalém, incutiam a esperança de que seus descendentes se orgulhariam de sua reconstrução. Nesse sentido, cabe ressaltar que o rigor na observância dos mandamentos pode ser compreendido como um treino para que o homem consiga perceber a presença de Deus ao longo de toda a sua existência. Em outras palavras, os estudos e as práticas da fé judaica devem procurar celebrar os valores da vida (SACKS, 2010, 2002).

Uma instituição escolar que tem por propósito o compromisso de contribuir para a formação de judeus observantes possui, nas palavras de Sacks (2005, 2010), o privilégio de perfazer através da educação um caminho para o possível diálogo intergeracional e, guardar-se de ensinar a esperança na construção de um mundo melhor. Dessa maneira, deve procurar olhar o homem em toda a sua inteireza, apercebendo-se dos mais diferenciados elementos, possibilidades e perspectivas que constituem sua natureza e, assim, despertá-lo a perceber o Judaísmo como uma preciosa herança recebida, cuidada e perpassada às futuras gerações. Trzonowicz¹⁸⁷ (2006,

¹⁸⁷ Alberto Samuel Milkewitz Trzonowicz é pesquisador da USP, em sua Dissertação (2006) *Ledor Vador* – construindo identidades judaicas, de geração em geração, o autor aponta que as escolas funcionam como um espaço de encontro entre as mais diferentes identidades judaicas. Seu trabalho configura-se

p.121) destaca a educação como um importante fator capaz de assegurar a continuidade da longa cadeia de transmissão, por gerações. Identifica a escola como um organismo social capaz de estabelecer elos e ligações, por intermédio dos seus ensinamentos e das vivências que propiciam a transmissão do Judaísmo, dimensionando o ‘ser judeu’.

Como nas primeiras academias de estudo, fundadas no tempo da diáspora babilônica, as *yeshivot* podem ser compreendidas como um espaço social no qual o legado das tradições históricas, culturais e religiosas do povo hebreu continua a ser perpassado intergeracionalmente. A palavra *yeshivá*, em hebraico, significa posição sentada, e sua expressão origina-se no fato de os estudantes mais avançados sentarem-se ao lado dos antigos anciãos guardiões da história oral judaica. Szpiczkowski (2008, p. 190) a define como “uma escola superior onde se reúnem os professores com seus discípulos para estudarem a Lei, por meio de uma metodologia específica que favorece o debate e as contestações”, acepção que nos concede indícios acerca das múltiplas ações socioeducacionais desenvolvidas no cotidiano escolar de uma *yeshivá*.

Compreendida, principalmente, como um centro de estudos do Talmud e da literatura rabínica, uma *yeshivá* tem por fundamento o estudo e cumprimento das Leis judaicas, objetiva, dessa maneira, contribuir para o desenvolvimento do caráter de seu aluno. Em suas práticas pedagógico-dialógicas, tem por costume, empregar o “sistema de estudo de *chavrúta*, ou parceria”, tendo em vista que, a aquisição de conhecimento não é um “processo individual, isolado, mas se dá sempre em conjunto com o outro, e assim propicia a troca de opiniões, o questionamento, a consciência do outro, a revelação de diferenças e a análise racional dos argumentos expostos” (CAON, 1996, p. 94, 95). Importante entender que os trabalhos realizados numa *yeshivá* são idealizados com a clara intenção de buscar fortalecer, sobretudo, a preservação dos valores da fé judaica.

Existem diferentes tipos de *yeshivot* ao redor do mundo e, em princípio, elas podem se diferenciar quanto às diferentes correntes do judaísmo das quais são signatárias, ou seja, quanto à sua filosofia de educação. Existem *yeshivot* direcionadas a diferentes faixas etárias e graus de ensino, as quais podem oferecer uma formação

num estudo de caso, em que, destaca os importantes fatores sociais, filosóficos e religiosos responsáveis por assegurar a transmissão de conhecimentos judaicos.

técnica ou superior. Outra variação observada diz respeito à modalidade internato ou não, o que repercute intrinsecamente em sua carga horária, grade curricular, metodologia de estudo, ensino e dinâmicas sociais. Trzonowicz ¹⁸⁸(2001, p. 28) ainda assinala que elas também podem diferir “em seu grau de sistematização, abertura e atenção às disciplinas seculares”, ou seja, quanto ao volume e a forma como abordam as disciplinas laicas de ciências humanas, biológicas ou exatas.

Certas exigências permeiam a entrada de um aluno numa *yeshivá*, os requisitos são em consonância com os ensinamentos do Pirkê Avot, a Ética dos pais. O livro ¹⁸⁹ estabelece que aos cinco anos a criança comece seus estudos na Torá; aos dez anos, a Mishná; e que aos treze anos seja iniciado no Talmud. Dessa forma, para receber o aceite, o aluno deverá estar próximo ao seu *bar mitsvá*¹⁹⁰, conhecer bem a Torá, dominar o hebraico e o aramaico, ter familiaridade com o Talmud e demonstrar seus conhecimentos ao mestre diretor, ou Rosh Yeshivá. De maneira geral, na atualidade, podem ocorrer flexibilizações referentes aos conteúdos dessas avaliações.

Ao longo dos séculos, os judeus foram se compreendendo e se narrando a partir das suas cosmovisões, as quais grafaram em seus pergaminhos. Contam os sábios que quando uma criança completa seus três anos tem início seu processo alfabetizador. Cabe ao pai, cuidadosamente, dispor porções de mel sobre as letras do alfabeto hebraico, para que a criança se familiarize com a doçura dos ensinamentos do Sêfer Torá. No Judaísmo, o ensino de um filho é a realização de uma longínqua aliança estabelecida por Deus com Abraão, sua educação no livro da Lei é a consubstanciação de um legado sagrado intrasferível, é um verbo que materializa e potencializa uma promessa divina de continuidade.

A tradição religiosa interpreta que o sentido da educação é buscar dar vida às letras que transmitem os valores de sua identidade, perpassados de geração em geração. Em outras palavras, o ensino difere da instrução utilitarista e formativa que conhecemos, antes, educar significa a responsabilidade de compartilhar a dádiva da

¹⁸⁸ O autor aponta que a lei Oral ressalta a existência de estruturas de estudos em academias a partir de Sem, filho de Noé, e afirma existir registros dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó dedicando-se aos estudos da palavra de Deus e das fontes judaicas (TRZONOWICZ, 2001, p. 28).

¹⁸⁹ Ver Capítulo 5 da *Mishná* 24 (BUNIM, 2019).

¹⁹⁰ Significa literalmente “Filho do Mandamento”. Um rapaz que alcança a idade de 13 anos está obrigado a cumprir os mandamentos. Também é o nome da cerimônia que marca o evento (BLECH, 2004).

ética divina que lhes fora entregue (BUBER, 2008). Numa yeshivá chassídica, o ensino é um processo que envolve velhos mestres – guardiões de antigos saberes – e seus novos discípulos, que, juntos, celebram o amor às escrituras sagradas, comprometendo-se em dar continuidade às futuras gerações.

As escrituras sagradas do judaísmo prescrevem o ensino das primeiras letras a todos os judeus e, dessa forma, cabe às organizações comunais providenciar os elementos para a sua efetivação. A maneira como compreendem a educação pode ser vista como uma herança carregada em letras escritas da direita para a esquerda e está intrinsecamente ligada à história de seu povo e, por conseguinte, de seus livros. A palavra *morashá*, em hebraico, significa herança espiritual, destaca-se que, ao longo dos séculos, aprouve aos mestres das *yeshivot* – instituição de ensino das Leis judaicas – o legado de transmissão intergeracional de um patrimônio cultural ancestral único. As muitas perseguições no decorrer da história fizeram diminuir o número de *yeshivot* no continente europeu. Por outro lado, elas ressurgiram em Israel, nos Estados Unidos e, no século XX, coube à comunidade judaica a fundação da primeira yeshivá em terras brasileiras.

O capítulo *Morashá: herança e legado dos sábios* procurou apresentar os fundamentos do movimento chassídico, assim como alguns princípios da educação religiosa ortodoxa judaica. De igual modo, teve por intuito aclarar a trajetória do casal Chaim e Rivka Benjamini, judeus religiosos e sobreviventes do holocausto nazista, que escolheu desembarcar, ao final da década de 50, no Brasil, com a clara intenção de edificar o ensino das tradições religiosas judaicas. Nessa direção, o próximo capítulo busca apresentar algumas características da primeira escola religiosa ortodoxa judaica no Brasil, a Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis, e para tal parte dos documentos oficiais de registro da instituição escolar na Seeduc. Em seguida, a edição dos periódicos celebrativos da Yeshivá de Petrópolis auxilia-nos a compreender sua importância na vida da comunidade judaica brasileira, assim como elementos tradicionais milenares de sua cultura escolar.

3. YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL DE PETRÓPOLIS

O terceiro capítulo da pesquisa tem como intuito conhecer a Yeshivá de Petrópolis a partir de seus documentos e dos periódicos celebrativos da instituição. Olhar sua constituição e a vida na Yeshivá, tendo como base sua longa jornada, auxiliá-nos na compreensão de sua importância histórica na vida do povo judeu. Como narradores das antigas letras das Leis, as lições presentes nas práticas pedagógicas fortaleceram o desenvolvimento da comunidade religiosa ortodoxa judaica.

3.1 Papéis para uma identidade documental: o que guardam os arquivos da Yeshivá

No intuito de prosseguir com as investigações histórico-documentais sobre a Yeshivá de Petrópolis, as lições apreendidas no Grupo de Pesquisa História e Memória das Políticas Educacionais no Território Fluminense¹⁹¹, do ProPEd/UERJ, constituíram-se em grande valor, na medida em que auxiliaram nas considerações sobre os caminhos investigativos. Assim que, consoante as palavras de Certeau (1982), iniciei os trabalhos para o desenvolvimento de uma operação historiográfica que consistia em separar, reunir e transformar em fontes os documentos da Yeshivá de que eu dispunha (CERTEAU, 1982, p.81).

Ao identificar a densidade histórica da instituição escolar pesquisada (Buffa, 2009), e consciente de que os documentos acerca da Yeshivá precisavam ser produzidos e analisados sob uma perspectiva crítica (BLOCH¹⁹², 2001), solicitei uma visita ao

¹⁹¹ Certeau (1982), Bloch (2001) e Le Goff (2013) evidenciam que a escrita historiográfica não deve ser consolidada num exercício solitário. Antes, seu escopo passa pelos entremeios de uma rede em que os conhecimentos são articulados e amadurecidos. Ao conjecturar a complexa atividade empreendida na reunião de possíveis documentos que venham, posteriormente, ser considerados relevantes, Bloch (2001) reitera a importância dos conselhos ao iniciante (BLOCH, 2001, p. 79-82). Assim, ressalto as basilares contribuições e orientações do grupo de pesquisa que enriqueceram as reflexões da pesquisa apresentada, ante a obstaculização do campo.

¹⁹² Marc Bloch (2001), em seu livro *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*, adverte os iniciantes no ofício, como eu, quanto a possíveis erros ou inocências que podem ocorrer no decorrer do processo de pesquisa. Nessa direção, algumas de suas observações traduziram com perfeição os desafios no processo de escrita historiográfica, dentre os quais gostaria de destacar que, diante da obstaculização do campo, me vi em “momentos em que o mais imperioso para o cientista é [tendo

acervo público da Diretoria Regional Serrana I, órgão pertencente à Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, localizado na cidade de Petrópolis. Cumpre destacar que, apesar das inúmeras adversidades impostas pela pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2), tais como o desenvolvimento do trabalho remoto e a sobrecarga dos profissionais da educação, fui recebida com especial particularidade e consegui ter o pleno acesso aos processos que viabilizaram a fundação da Yeshivá de Petrópolis.

A princípio, os documentos públicos sobre a instituição escolar já haviam sido separados¹⁹³ e encontravam-se dispostos em pastas diferenciadas pelo ano. Um número extensivo de papéis, que pude fotografar sem exceção. Nesse momento, ao perceber que a primeira pasta do processo de reconhecimento e autorização da Yeshivá se referia ao ano de 1978 e a fundação da escola datava de 1966, recordei-me da afirmação de Bloch (2001, p. 79), para quem a “diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. Assim, iniciei a leitura dos arquivos e processos com o propósito de problematizar os documentos oficiais.

Ante a seleção dos documentos, a busca pelo não dito, pelas lacunas e espaços em branco guiou meu olhar para as mais de seiscentas fotografias tiradas do acervo da Regional Serrana I (LE GOFF, 2013). Uma memória impressa e duplamente institucional, posto que se ligavam, com clara intenção pedagógica, um órgão público e

tentado tudo] resignar-se à ignorância e confessá-lo honestamente” (BLOCH, 2001, p. 75), o que fez com que eu me sentisse apoiada. No que tange à honestidade de externar cabíveis angústias pela escrita de uma Tese num estado de exceção, e que por isso teve sua metodologia mudada em decorrência de uma pandemia mundial, acalentou-me sua afirmação de que “À frente das obras históricas do gênero sério, o autor em geral coloca uma lista das cotas de arquivos que vasculhou, das coletâneas de que fez uso. Isso é muito bom. Mas não basta. Todo livro de história digno desse nome deveria comportar um capítulo ou [caso se prefira], inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos que se intitulariam algo como: ‘Como posso saber o que vou lhes dizer?’. Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentar um verdadeiro prazer intelectual. O espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entendia. É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio” (BLOCH, 2001, p. 83). De maneira que muitas foram minhas dúvidas e dificuldades na composição da presente Tese, labor em que, inúmeras vezes, me senti incapaz.

¹⁹³ Compreendo a importância em ressaltar que a visita à Diretoria Regional Serrana I se constituiu num gentil encontro intermediado pelo grupo de pesquisa do qual faço parte. De maneira pontual, a profícua rede acadêmica promoveu possibilidades. Registro também meus profundos agradecimentos ao Jelcy e à Aline, que fraternalmente se dispuseram em atenção.

uma sociedade civil sem fins lucrativos. Seus papéis amarelados pela ação do tempo desnudavam a energia despendida por inúmeras pessoas na constituição de suas funções sociais, como líderes comunitários e inspetores, além de órgãos públicos, todos encarregados em sua tarefa de fazer cumprir as leis nacionais vigentes para o estabelecimento de uma instituição escolar. Outros papéis apresentavam-se sobre a vida de professores, como seus registros profissionais e certificados de idoneidade civil e moral, devidamente protocolados em cartórios de ofício.

Dessa forma, as fontes da tese constituíram também, os registros públicos da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis na SEEDUC e os periódicos celebrativos editados por seus ex-alunos e amigos, partindo do entendimento de que são documentos monumentos¹⁹⁴, de acordo com a acepção de Le Goff (2013), uma vez que consistem em importante parte do processo de adaptação ao sistema educacional brasileiro. A fim de cumprir as exigências para efetivar a abertura da instituição escolar, os documentos precisaram ser criados e organizados. Logo, os estatutos, regimentos e adequações administrativas foram sendo estabelecidos. De igual modo, as revistas sobre a Yeshivá possuem distintos registros memorialísticos capazes de auxiliar na compreensão das contribuições da instituição escolar para além de suas cercanias. Nessa direção, depreende-se que “nenhum documento é inocente. Todos devem ser julgados. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado” e, nessa perspectiva, ocorre a transformação de “novos sistemas de montagem da história” (LE GOFF, 2013, p. 108, 492). Pode-se dizer, então, que os documentos de autorização e regulamentação da instituição escolar fizeram despontar questões a serem

¹⁹⁴ Sobre a utilização do termo documento/monumento de Le Goff (2014, p. 485), o autor escreve: “Enquanto *conhecimento* do passado (cf. *passado/presente*), a *história* não teria sido possível se este último não tivesse deixado traços, monumentos, suportes da *memória* coletiva. Dantes, o historiador operava uma escolha entre os vestígios, privilegiando, em detrimento de outros, certos monumentos, em particular os escritos (cf. *oral/escrito/escrita*), nos quais, submetendo-os à *crítica* histórica, se baseava. Hoje, o método seguido pelos historiadores sofreu uma mudança. Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da cultura material, os objetos da coleção [...]. Enfim, tendo em conta o fato de que todo o documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso (cf. verdadeiro/falso), trata-se de pôr à luz das condições de produção (cf. modo de produção, produção/distribuição) e de mostrar em que medida o documento é instrumento de um poder (cf. poder/autoridade)” (LE GOFF, 2013, p. 485).

compreendidas à luz da Lei de Diretrizes e Bases vigente à época, Lei nº 5692/71¹⁹⁵, bem como consoante aos próprios estatutos da Lei judaica.

O Quadro 5 abaixo não representa o volume total das folhas presentes nos arquivos públicos da Diretoria Regional Serrana I, consiste, pois, numa organização pessoal dos documentos, de acordo com as principais características da instituição escolar. Sistematizado por ano letivo, consoante o acervo, o Quadro 5 procurou, em sua seleção, lançar luz a importantes documentos no intuito de melhor compreender a trajetória oficial da Yeshivá de Petrópolis no que diz respeito à SEEDUC, entre outras questões que se desenvolveram a partir deles. Em outras palavras, a partir dos documentos algumas questões emergiram e compuseram a construção da experiência do passado institucional da escola.

Quadro 5 – Relação de processos da Y.C.M.I. na SEEDUC

Ano	Assunto	Nº do Processo
1978	Início do processo de abertura de estabelecimento escolar (autorização do funcionamento do ensino de 1º e 2º graus)	E-03/1 103916
1979	Solicitação para mudança de direção	E-03/1 101065
1981	Concessão de reconhecimento	E-03/1 100954
1982	Mudança de endereço do departamento feminino	E-03/1 102129
1982	Solicitação de magistério e curso de construção civil	E-03/1 101981
1984	Aprovação do curso de 2º grau	E-03/1 101827
1984	Adendo no Regimento Escolar e adequação à Lei 7044/82 (2º grau)	E-03/1 101844
1985	Comunicar nova direção	E-03/1 101464
1986	Aprovação do adendo ao Regimento Escolar	E-03/1 101395
1986	Alteração da grade curricular	E-03/1 101396

¹⁹⁵ Para acesso à Lei de Diretrizes e Bases nº 5692/71, ver: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>

Quadro 5 - Continuação....

1994	Solicitar análise do Regimento Escolar	E-03/1 101110
1995	Alteração do corpo técnico	E-03/1 100002
1998	Reclassificação de aluno transferido	E-03/1 100327
1999	Indicação de diretor	E-03/1 140193

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

A primeira tramitação institucional nos órgãos reguladores da educação no país ocorreu na data de 24/11/1978. A capa do processo traz impressos os nomes da Secretaria de Estado de Educação e Cultura e do Centro Regional de Educação, Cultura e Trabalho de Petrópolis (CRECT). Há um espaço para ser preenchido manualmente com o nome da instituição escolar requerente, em que se pode ler “Yeshivá Colegial Machané Israel, localizada à rua Cel. Duarte da Silveira, nº 1246, no Bairro Bingen, em Petrópolis”. O assunto, também escrito manualmente, relaciona-se à solicitação de autorização para funcionamento de ensino de 1º e 2º graus. A Figura 7, a seguir, ilustra a solicitação protocolada pela escola. Em seu interior, o primeiro documento constitui-se num papel timbrado¹⁹⁶ da Yeshivá de Petrópolis, datilografado, em que se lê que o Colégio Yeshivá Colegial Machané Israel respeitosamente requeria ao secretário de Educação e Cultura do estado do Rio de Janeiro a autorização para o funcionamento de um estabelecimento de ensino de 1º grau (6ª a 8ª série) e 2º grau.

¹⁹⁶ No canto superior esquerdo da Figura 7 pode-se identificar um escrito em hebraico, que sua tradução literal se consiste no nome da escola.

Figura 7 - Solicitação de Abertura Escolar¹⁹⁷

Fis. 2

Machané Israel
Yeshiva Colegial
Internato

שכונת «מחנה ישראל»

COC 3170 493/0001/78

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECR. DE EDUCAÇÃO e CULTURA
CRECT - PETRÓPOLIS

Em, 24/11/1978

PROTOCOLO N.º 03/1103916

N.

Excelentíssimo Senhor Secretário de Educação e Cultura
do Estado do Rio de Janeiro.

O Colégio "YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL", localizado à Rua Coronel Duarte da Silveira nº 1246, nesta cidade, representado pelo seu Diretor, professora STELLA SARNINSKY, registro nº 22.797, abaixo-assinada, vem respeitosamente requerer autorização para funcionamento de estabelecimento de ensino regular de 1º Grau (6a. à 8a. série) e 2º Grau.

A referida entidade não possui fins lucrativos e foi considerada de Utilidade Pública através da Resolução nº 2550 de 9 de Fevereiro de 1967.

Em anexo, documentos exigidos pelas instruções vigentes.

Petrópolis, 24 de Novembro de 1978.

Stella Sarninsky
DIRETORA

Reconheço a Firma de *Stella Sarninsky*

Petrópolis, 24 de Novembro de 1978

Em Teste *[assinatura]* Verd. de *[assinatura]*

JOSÉ ALBERTO FERRELLI - TABELÃO
EDUARDO DE ARAÚJO - SUBSTITUTO
CARÓTIPO - OFÍCIO

Av. 15 de Novembro, 525 - FORUM
PETRÓPOLIS - R. J.

25.600 PETRÓPOLIS - R. J. - C. P. S. TROPOLIS - FONE. 0242-52-4952 43-4973

Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

¹⁹⁷ Transcrição da solicitação de abertura escolar enviada pela Yeshivá de Petrópolis, apresentada na Figura 7: “Excelentíssimo Senhor Secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. O colégio ‘YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL’, localizado à Rua Coronel Duarte da Silveira nº 1246, nesta cidade, representado pelo seu Diretor, Professora STELLA SARNINSKY, registro nº 22.797, abaixo-assinada, vem respeitosamente requerer autorização para funcionamento de estabelecimento de ensino regular de 1º Grau (6º à 8º série) e 2º Grau. A referida entidade não possui fins lucrativos e foi considerada de Utilidade Pública através da Resolução nº 2550 de 9 de Fevereiro de 1967. Em anexo, documentos exigidos pelas instruções vigentes. Petrópolis, 24 de Novembro de 1978.”

Na Figura 7 acima, pode-se identificar, subscrito em seu segundo parágrafo, que a requerente não possuía fins lucrativos e foi considerada de utilidade pública através da Resolução nº 2550, de 9 de fevereiro de 1967. Essas linhas apontam para um dos valores mais caros à educação judaica, conforme descrito nos capítulos anteriores: a possibilidade de oferecer a todos, e se possível gratuitamente, a educação nas Leis. Observa-se ainda que foi a senhora Stella Sarninsky quem assinou como diretora escolar. Nessa perspectiva, pondera-se que apesar do rabino Chaim estar à frente de todos os empreendimentos institucionais e pedagógicos que abrangeram a constituição da Yeshivá, ele não chegou a assinar como seu diretor nos registros oficiais. No entanto, seguiu reconhecido como seu mentor, líder espiritual e pedagógico por todos os membros da comunidade judaica.

Em seguida, datilografadas em folhas mimeografadas em estêncil, há três páginas que precisavam ser preenchidas segundo as determinações da Secretaria de Estado de Educação e Cultura, no Departamento de Educação. As folhas citam os documentos que deveriam ser anexados ao requerimento, somando onze exigências que esmiuçavam toda a estrutura para o estabelecimento e funcionamento de uma instituição escolar. Dispostas em ordem, as orientações contemplavam o seguinte: do Representante Legal, da Autorização, da Direção, do Secretário, do Corpo Docente, da Orientação Educacional, da Disponibilidade Física do Prédio, das Instalações, Da Escrituração Escolar, da Garantia Financeira e do Regimento.

Preenchidos à máquina, destacam-se documentos que cumpriam certas exigências vigentes à época, como, por exemplo, um quadro com a disponibilidade de horário do diretor escolar, a indicação de um diretor substituto e, na mesma medida, sua disponibilidade de horários, assim como o registro do secretário escolar e seu *curriculum vitae*. Entretanto, é possível constatar que este último documento não foi anexado. No que diz respeito ao corpo docente, foi exigida sua relação nominal síncrona ao nível de exercício do magistério, fotocópias autenticadas dos registros profissionais ou da autorização para lecionar, os termos de compromisso e a carga horária exercida semanalmente por cada professor.

Quanto à disponibilidade física do prédio e suas instalações, foi necessário apresentar o registro da propriedade autenticado em cartório, ou mesmo um contrato de

locação para fins educacionais, e a prova de existência das instalações escolares, sua salubridade, seu mobiliário, material didático e equipamentos. Para os registros escolares foi solicitada uma adequação ao sistema comum de escrituração, em concordância com as legislações vigentes.

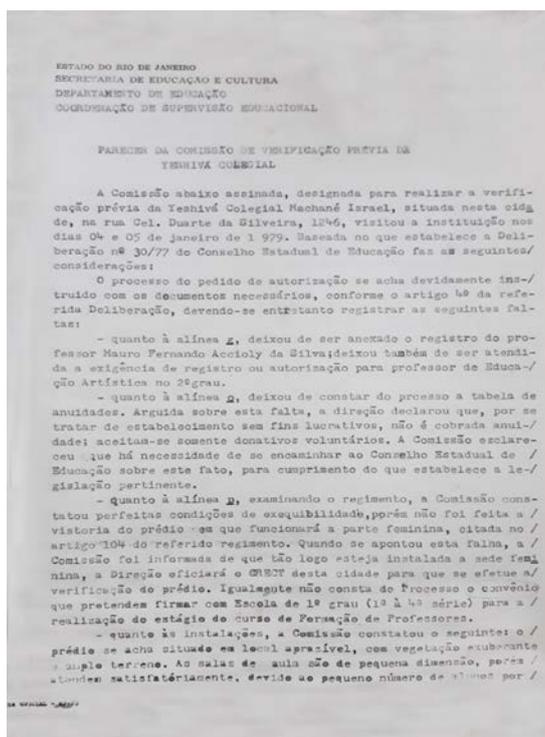
O maior número de exigências determinadas recaía sobre as condições econômicas do estabelecimento, visando comprovar sua capacidade financeira e patrimonial, além de regularidade fiscal. Os documentos apresentados precisavam explicitar as condições do proponente para o empreendimento, salientando as condições de: capital de giro (balanço); previsão de receita e despesa (previsão orçamentária); declaração de bens, inclusive propriedades com documentos comprobatórios; C.G.C.¹⁹⁸; I.N.P.S.¹⁹⁹; prova de idoneidade financeira da entidade e dos sócios, por declaração bancária; e, por fim, a tabela de anuidade escolar, que foi protocolada depois, encontrando-se preenchida manualmente. Decorrente a essa exigência, junto aos documentos protocolados há uma declaração do Banco Nacional asseverando as condições financeiras dos proponentes.

O parecer da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro chegou no dia 08 de janeiro de 1979, de acordo com a Figura 8, abaixo. No documento lê-se que a comissão visitou a escola nos dias 4 e 5 de janeiro de 1979 e, baseada na Deliberação do Conselho Estadual de Educação, concedeu um parecer favorável à abertura da Yeshivá Colegial, inferindo também algumas considerações relacionadas a documentos faltosos.

¹⁹⁸ O Cadastro Geral de Contribuinte – C.G.C. – foi criado pelo Ministério da Fazenda em 1964. Obrigatório, procurou identificar as pessoas jurídicas de direito privado do país. O ano de 1999, marca a mudança do C.G.C. para o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ –, mantendo-se o mesmo número para empresas anteriormente cadastradas. <https://www.gov.br/pt-br/servicos/consultar-cadastro-nacional-de-pessoas-juridicas>

¹⁹⁹ O Instituto Nacional de Previdência e Assistência Social foi um órgão criado em 1966 como resultado da fusão dos institutos de aposentadoria e pensões do setor privado então existentes. Como uma autarquia, encontrava-se vinculada ao Ministério de Previdência e Assistência Social. O INPS integrava o sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (Sinpas). Sobre, ver: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-nacional-de-previdencia-social-inps>

Figura 8 - Parecer da Comissão de Verificação Prévia da Yeshivá Colegial²⁰⁰



Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

²⁰⁰ Continuação do documento se encontra no Anexo B. Transcrição da primeira página do parecer da comissão verificadora da Yeshivá Colegial: “ESTADO DO RIO DE JANEIRO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO DE SUPERVISÃO EDUCACIONAL. PARECER DA COMISSÃO DE VERIFICAÇÃO PRÉVIA DA YESHIVÁ COLEGIAL. A Comissão abaixo assinada, designada para realizar a verificação prévia da Colegial Machané Israel, situada nessa cidade, na rua Cel. Duarte da Silveira, 1246, visitou a instituição nos dias 04 e 05 de janeiro de 1979. Baseado no que estabelece a Deliberação nº 30/77 do Conselho Estadual de Educação faz as seguintes considerações: O processo de pedido de autorização de acha devidamente instruído com os documentos necessários, conforme o artigo 4º da referida Deliberação, devendo-se entretanto registrar as seguintes faltas: - quanto à alínea g, deixou de ser anexado o registro do professor Mauro Fernando Accioly da Silva; deixou também de ser atendida a exigência de registro ou autorização para o professor de Educação Artística no 2º grau. – quanto à alínea o deixou de constar do processo a tabela de anuidades. Arguida sobre esta falta, a direção declarou que, por se tratar de estabelecimento sem fins lucrativos, não é cobrada anuidade; aceitam-se somente donativos voluntários. A comissão esclareceu que há uma necessidade de se encaminhar ao Conselho Estadual de Educação sobre esse fato, para cumprimento do que estabelece a legislação pertinente. – quanto à alínea p, examinando o requerimento, a Comissão constatou perfeitas condições de exequibilidade, porém não foi feita a vistoria do prédio em que funcionará a parte feminina citada no artigo 104 do referido regimento. Quando se apontou esta falha, a Comissão foi informada de que tão logo esteja instalada a sede feminina a Direção oficializará o CRECT desta cidade para que se efetue a verificação do prédio. Igualmente não consta do Processo o convênio que pretendem firmar com Escola de 1º grau (1º à 4º série) para a realização do estágio do curso de Formação de Professores. – quanto às instalações, a Comissão constatou o seguinte: o prédio se acha localizado em local aprazível, com vegetação exuberante e amplo terreno. As salas de aula são de pequena dimensão, porém atendem satisfatoriamente devido ao pequeno número de alunos por [...]”

O parecer acima revela a ausência do registro profissional de dois professores e da tabela de anuidade, além da falta de vistoria para o departamento feminino da Yeshivá, assim como do convênio para a realização de estágio relacionado ao curso de formação de professores. Por fim, constatou ainda que o laboratório para o desenvolvimento do curso de patologia clínica não fora instalado até então. Assinam o parecer, na data de 08 de janeiro de 1979, ou seja, menos de um mês e meio após sua solicitação, considerando o recesso de final de ano, os três responsáveis pela comissão: Natércia de Souza Lima, Denoni Pereira Alves e Lauricy de Almeida Santos.

Parte-se da concepção de Le Goff (2013), para quem “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2013, p. 495), de maneira que, somente sua análise enquanto documento/monumento pode conceder ao historiador sua recuperação e, por conseguinte, o pleno reconhecimento de uma memória coletiva. Nessa perspectiva, o parecer do Departamento Educacional apresenta pertinentes considerações relacionadas às exigências dos órgãos legislativos do país. No entanto, o documento também aponta para o desconhecimento de questões próprias a uma *yeshivá*, questões essas que deveriam se adequar às características do sistema nacional de educação.

Curiosamente, o parecer da Comissão de Verificação Prévia refere-se à ausência da tabela de anuidades, e, quando arguidos sobre essa exigência, os responsáveis pela Yeshivá responderam que: “por se tratar de um estabelecimento sem fins lucrativos, não é cobrado anuidade; aceitam-se donativos voluntários”, ao que a comissão esclareceu sobre a necessidade do documento, ficando de encaminhar a questão ao Conselho Estadual de Educação para o eventual estabelecimento da legislação pertinente. É certo que o documento salientou questões que atraíram minha imediata atenção, na medida em que descortinava questões primordiais concernentes à Yeshivá de Petrópolis, as quais apresento no intuito de pontuar indagações sobre a história e a memória da referida instituição escolar.

Dessa forma, na tentativa de reconstruir as lacunas, ou os não ditos, recordo-me de que, em minha primeira visita à instituição escolar, fui informada pelo atual diretor que durante muitos anos a Yeshivá manteve uma parceria com o Colégio

Werneck, uma prestigiada escola à época, localizada no centro do município de Petrópolis. Os alunos inicialmente frequentavam as aulas na instituição pela manhã, retornando, em seguida, para o internato, onde davam prosseguimento aos estudos dos pergaminhos sagrados pela tarde e noite. Após alguns anos do convênio estabelecido com o Werneck, os professores do colégio passaram a se dirigir às instalações da Yeshivá para ministrar as aulas do ensino regular.

De modo que esse fato explica o motivo pelo qual o início das tramitações para a regulamentação do estabelecimento escolar na SEEDUC/RJ ocorreu apenas em 1978. No que se refere ao fato de o rabino Chaim Benjamini nunca ter assinado como diretor escolar, atribuo a ocorrência a uma possível não solicitação aos órgãos oficiais para que ocorresse a validação de seus diplomas de ordem pedagógica, o que o credenciaria ao posto, ainda que, a rigor, sempre tenha exercido a função.

A comissão pontuou, ainda, o fato de a biblioteca escolar conter apenas livros em hebraico, solicitando que a direção se empenhasse em providenciar a compra de livros em língua pátria. Se por um lado essa é uma obrigação prevista na legislação brasileira, por outro levanta indícios do desconhecimento de que os livros sagrados do Judaísmo, pertinentes a uma escola religiosa de Talmud Torá, se encontram escritos em hebraico e aramaico.

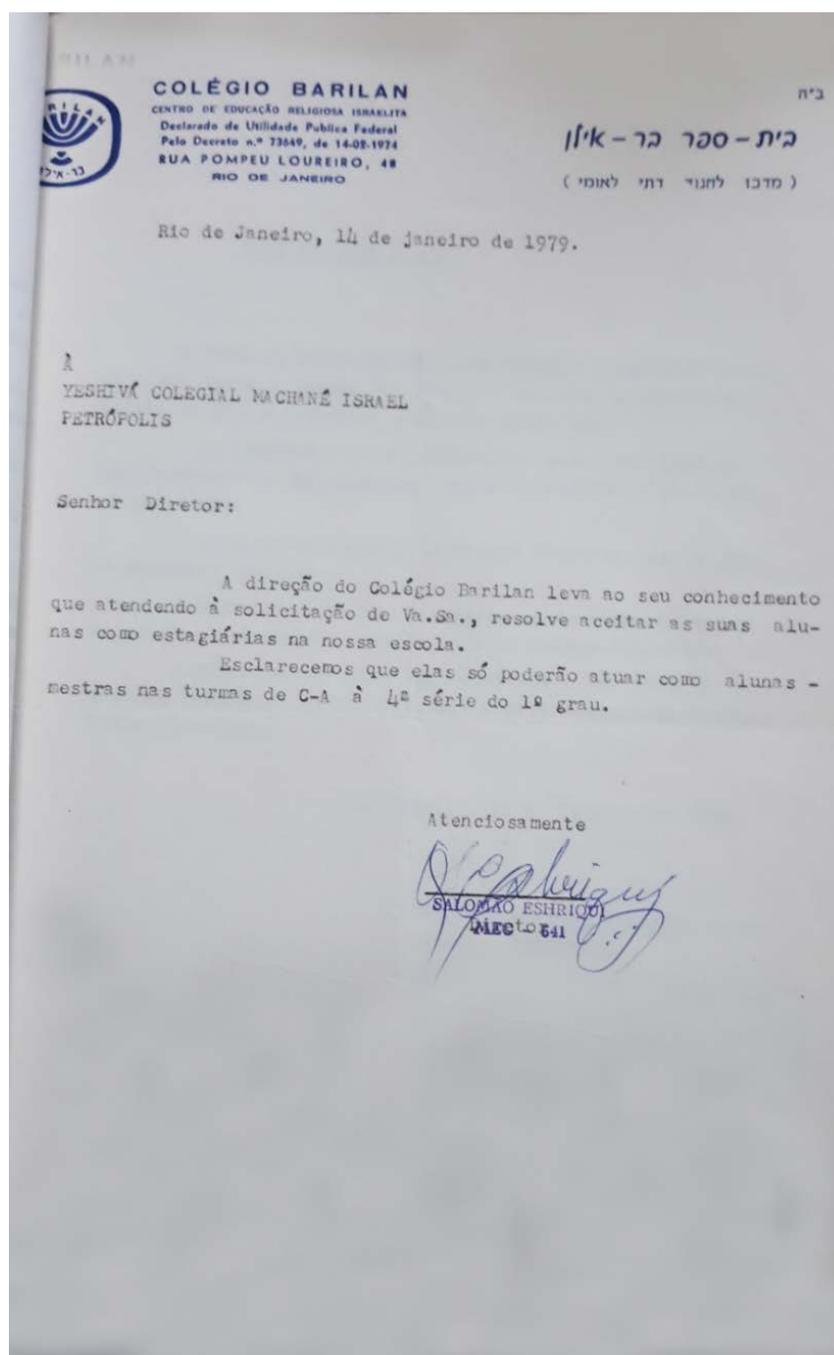
Nesse parecer foram encontrados os documentos sobre o funcionamento do departamento feminino, onde se instalaria o curso de formação de professoras. Todas as solicitações observadas foram posteriormente atendidas, e aparecem circuladas a lápis, ainda que bem sutilmente, questões que viabilizariam o estágio para a efetivação do curso, com os seguintes dizeres:

[...] a Comissão constatou perfeitas condições de exequibilidade, porém não foi feita a vistoria do prédio em que funcionará a parte feminina, citada no artigo 104 do referido regimento. Quando se apontou essa falha, a Comissão foi informada de que tão logo instalada a sede feminina, a Direção oficiará o CRECT desta cidade para que se efetue a verificação do prédio. Igualmente não consta do Processo o convênio que pretendem firmar com Escola de 1º grau (1ª à 4ª série) para a realização do estágio do Curso de Formação de Professores (SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 1979).

Com essas considerações, avalio as dificuldades institucionais para a criação de uma escola religiosa judaica à época da primeira viagem do rabino Chaim como emissário da Agência Judaica para a Educação no Brasil, em 1954. Aos empecilhos relacionados aos trâmites nos órgãos oficiais que regiam a educação no estado do Rio de Janeiro e no país, somava-se a falta de mestres que transmitissem as tradições milenares aos judeus que optassem pelo cumprimento das observâncias religiosas em sua completude. É dessa maneira que, no tocante às preocupações do casal Chaim e Rivka Benjamini quanto à educação dos judeus brasileiros, se observa que, ao lado do sonho na edificação de uma *yeshivá*, havia a preocupação em propiciar uma formação acadêmica qualificada para os ingressos na instituição. Compreende-se, dessa forma, os investimentos para a constituição dos cursos técnicos profissionalizantes na área do magistério, no intuito de formar professoras para as escolas judaicas num breve futuro e, na mesma medida, no tocante ao curso de auxiliar de patologia, em que se buscava promover a qualificação dos homens, consoante a LDB nº 5692/71.

Os documentos presentes na pasta do ano de 1978 ainda destacam que, durante o andamento do processo, foi solicitada à Diretoria de Apoio Técnico, da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, a substituição da justificativa da natureza e finalidade da escola, com vistas à ampliação do curso de 1º grau, para que abrangesse as oito séries, de acordo com a LDB. No que tange ao contrato de convênio solicitado para o desenvolvimento do estágio do curso de formação de professores, foi apresentada uma declaração do Colégio Barilan, igualmente fundado por Chaim Benjamini, conforme anteriormente descrito, como se pode ver na Figura 9 a seguir.

Figura 9 - Convênio para estágio do Curso de Formação de Professores²⁰¹



Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

²⁰¹ Transcrição do documento do Colégio Barilan: “Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1979. A YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL PETRÓPOLIS. Senhor Diretor: A direção do Colégio Barilan leva ao seu conhecimento que atendendo à solicitação de Va. Sa. resolve aceitar as suas alunas como estagiárias na nossa escola. Esclarecemos que elas só poderão atuar como alunas-mestras nas turmas de C-A à 4º série do 1º grau. Atenciosamente.”

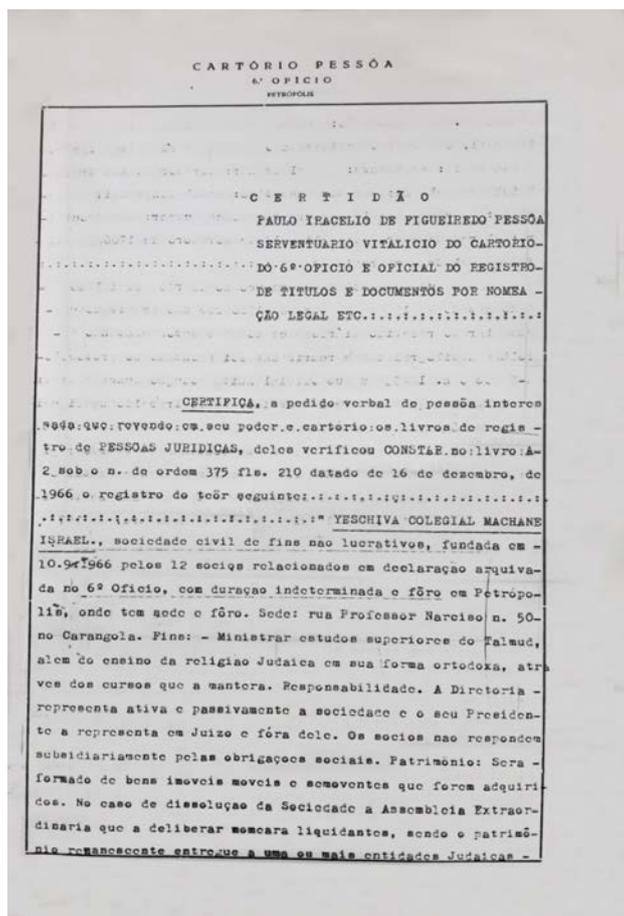
A declaração em papel timbrado do Colégio Barilan atende à petição de estágio para as alunas do curso de formação de professoras, denominado no livro de Rivka como Michlalá, ressaltando que as futuras professoras somente poderiam atuar como “alunas-mestras” nas classes de alfabetização e nas turmas de 1ª a 4ª série.

Há, ainda, uma declaração da instituição escolar, protocolada no Departamento de Educação e datada de 20 de janeiro de 1979, comunicando o andamento das negociações para a compra do anexo onde funcionaria o departamento feminino. Porém, devido ao número bastante reduzido de matrículas, se decidiu por utilizar as dependências da própria Yeshivá, em caráter provisório. Com a declaração em que se comprometia a “solicitar a verificação prévia, tão logo a mesma esteja adequadamente instalada”, no mês de julho do mesmo ano, a Comissão de Verificação Prévia do CRECT de Petrópolis emitiu parecer favorável à nova sede do departamento feminino da Yeshivá, a qual passaria a funcionar na rua Mosela, nº 2238, também localizada no município de Petrópolis.

Encontravam-se também inclusos, como parte do processo de abertura da instituição escolar, três significativos documentos que revelam singulares características da Yeshivá, sendo eles o seu Estatuto de Sociedade Civil²⁰², seu Regimento Escolar e a Justificativa da Natureza e Atividade da Escola. A Figura 10, abaixo, expõe o registro no Cartório Pessôa, em Petrópolis, do documento que faz alusão à data de fundação da Sociedade Civil, localizada na rua Professor Narciso, número 50, no bairro de Carangola. Esse documento apresenta claramente descrito o objetivo de ministrar estudos superiores de Talmud em sua acepção ortodoxa e, igualmente, o compromisso com a promoção de outros cursos sobre o Judaísmo.

²⁰² O documento, em sua íntegra, está presente no Anexo C. Organizado em sete capítulos, sua redação inventaria as atribuições de sua sociedade, as competências, os direitos e obrigações, regem as anuidades dos sócios contribuintes, os poderes sociais das assembleias gerais, do conselho deliberativo, da diretoria, dos auxiliares da diretoria e, por fim, traz as disposições gerais. Chama-se a atenção para sua penúltima folha, em que, ao lado da assinatura de Chaim Benjamini, aparece, pela primeira vez, seu nome vinculado ao cargo de diretor educativo. Informa também que a sede estabelecida para a Sociedade Civil se localiza em diferente endereço da Yeshivá Colegial, enquanto instituição escolar.

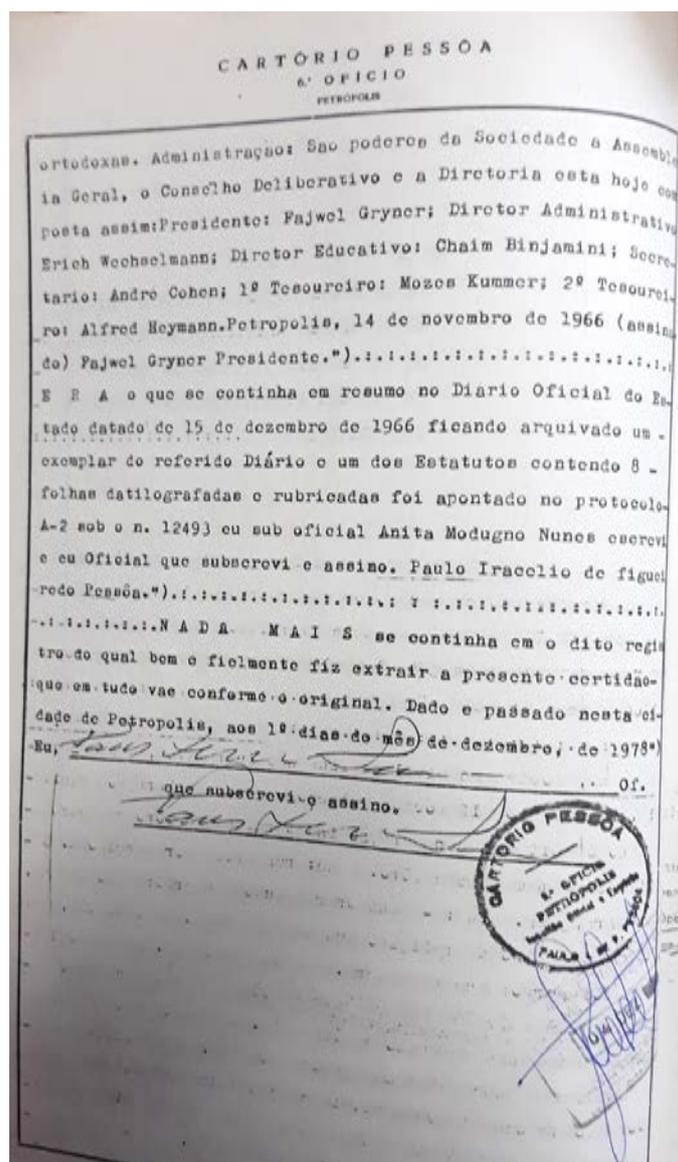
Figura 10 - Registro em Cartório da Sociedade Civil Yeshivá Colegial²⁰³



Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

Em seu verso, a Figura 11, a seguir, lavrada no Cartório Pessôa, em Petrópolis reconhece a publicação no Diário Oficial, no dia 15 de dezembro de 1966, e, igualmente, arquivar os Estatutos da Sociedade Civil Machané Israel.

²⁰³ A Sociedade Civil Yeshivá Colegial Machané Israel foi registrada na data de 16 de dezembro de 1966, nomeada como uma “sociedade civil de fins não lucrativos, fundada em 10/09/1966 pelos 12 sócios relacionados em declaração arquivada no 6º Ofício, com duração indeterminada e fôro em Petrópolis, onde tem sede e fôro. Sede: rua Professor Narciso n.º 50 – no Carangola. Fins: Ministrar estudos superiores do Talmud, além do ensino da religião Judaica em sua forma ortodoxa, através dos cursos que a manterá. Responsabilidade. A Diretoria – representa ativa e passivamente a sociedade e seu Presidente a representa em Juízo e fora dele. Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais. Patrimônio: Será – formado de bens imóveis móveis e semoventes que forem adquiridos. No caso de dissolução da Sociedade a Assembleia Extraordinária que a deliberar nomeará liquidantes, sendo o patrimônio remanescente entregue a uma ou mais entidades Judaicas

Figura 11 - Continuação do Registro da Sociedade Civil²⁰⁴

Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

²⁰⁴ Continuação da transcrição do Registro da Sociedade Civil: “ortodoxas. Administração: São poderes da Sociedade e Assembleia Geral, o Conselho Deliberativo e a Diretoria esta hoje composta assim: Presidente: Fajwel Gryner; Diretor Administrativo: Erich Wechseltmann; Diretor Educativo: Chaim Benjamini; Secretário: Andre Cohen; 1º Tesoureiro: Mozes Kummer; 2º Tesoureiro: Alfred Heymann. Petrópolis, 14 de novembro de 1966 (assinado Fajwel Gryner Presidente”) [...] Era o que se continha em resumo no Diário Oficial do Estado datado de 15 de dezembro de 1966 ficando arquivado um exemplar do referido Diário e um dos Estatutos contendo 8 – folhas datilografadas e rubricadas foi apontado no protocolo A-2 sob o nº 12493 eu sub-oficial Anita Modugno Nunes escrevi e eu Oficial que subscrevi e assino. Paulo Iracclio de Figueiredo Pessôa. NADA MAIS se continha em dito registro do qual bem e fielmente fiz extrair a presente certidão – que em tudo vae conforme o original. Dado e passado nesta cidade de Petrópolis, aos 1º dias do mês de dezembro, de 1978”. O senhor Paulo Iracclio de Figueiredo Pessôa assina.

O documento constituinte ratifica importantes considerações cabíveis à Yeshivá Colegial. Dentre elas, comunica ser uma entidade sem fins lucrativos, em que seus sócios não arcam subsidiariamente com suas obrigações sociais, e determina que a responsabilidade administrativa seria da Assembleia Geral, do Conselho Deliberativo e da Diretoria Administrativa e Educativa, composta pelos senhores: Fajwel Gryner e Erich Wechsemann, cabendo a Diretoria Pedagógica ao rabino Chaim Binjamini. Portanto, identifica-se esse documento como o segundo em que o rabino Chaim aparece nos atributos de suas funções educacionais.

Entre os documentos dispostos consequente a ordenação em que constam nas pastas da Diretoria Regional Serrana I, encontra-se uma convocação²⁰⁵ da Assembleia Geral da Sociedade Civil para decidir a modificação do artigo 3º de seu estatuto, em que, pela primeira vez, o Seminário rabínico é mencionado à SEEDUC. Essa proposição, que também foi protocolada no 6º Cartório de Ofício, foi aceita por unanimidade, alterando o texto na seguinte premissa:

Art. 3º - O objetivo da Sociedade YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL é o ensino da cultura e da religião judaica na sua forma ortodoxa,

²⁰⁵ Sua imagem não se encontra muito nítida devido à ação do tempo. Tendo em vista que o 6º Cartório de Ofícios fechou, procurei transcrever as partes legíveis. Assim, “Aos vinte e seis dias do mês de junho de mil novecentos e setenta e sete, nesta cidade de Petrópolis – Estado do Rio de Janeiro na sede Social da Sociedade Civil YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL, está à Rua Cel. Duarte da Silveira, 1246, reuniram-se os acima assinados por convocação epistolar. Assumindo a (ilegível) trabalhos, o Presidente da Diretoria, Sr. Mozes Kummer, convidou para (ilegível) – los o Sr. Walmir Pedro Bechtluftt, e esclareceu que, de conformidade com o Artigo 29, letra B dos Estatutos da Sociedade, é da competência da Assembleia Geral Extraordinária a modificação dos Estatutos, e que sobre a mesa encontrava-se uma proposta do Diretor Educacional no sentido a alteração de seu Artigo 3º, para que o mesmo passe ater a seguinte redação: ‘Artigo 3º - O objetivo da Sociedade YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL é o ensino da cultura e da religião judaica na sua forma ortodoxa, mantendo para esta finalidade uma Escola Colegial e um Seminário rabínico, para rapazes e uma Escola Normal para professoras. – PARÁGRAFO 1º - A Escola Colegial e o Seminário rabínico para rapazes funcionarão na séde da Sociedade em Petrópolis, à Rua Duarte da Silveira, 1246. PARÁGRAFO 2º - A Escola Colegial e a Escola Normal para professoras funcionará na séde da Sociedade, à estrada Imbui, S/Nº, em Teresópolis. – PARÁGRAFO 3º - A Sociedade também manterá uma Congregação religiosa em sua séde de Petrópolis, podendo criar outra Congregação em séde de Teresópolis. – PARÁGRAFO 4º - A Sociedade manterá cursos de 1º e 2º Gráus nos seus dois educandários, em Petrópolis e em Teresópolis, registrando-os perante os órgãos governamentais competentes’. Submetida a proposta, foi a mesma amplamente debatida, chegando-se ao consenso de que a mesma atende aos objetivos da Sociedade, sendo unanimemente aprovada, ficando assim alterada redação do Artigo 3º dos Estatutos. Suspensa a sessão foi lavrada a presente Ata que, lida, foi aprovada, e vai assinada por mim sr. Walmir Pedro Bechtluftt secretário da mesa e pelo sr. Mozes Kummer presidente da Diretoria assim como presidente da mesa” Assinam Walmir Pedro Bechtluftt e Mozes Kummer em 29 de julho de 1977.

mantendo para esta finalidade uma Escola Colegial e um Seminário rabínico, para rapazes e uma Escola Normal para professoras (ARTIGO transcrito na nota 206)

O papel datilografado e assinado pelo presidente e secretário da Sociedade Civil Yeshivá Colegial de então, respectivamente os senhores Mozes Kummer e Walmir Pedro Bechtloff, foi redigido no dia 26 de junho de 1977, tendo seu registro ocorrido no dia 29 de julho do mesmo ano. Dessa forma, percebe-se o propósito em dar visibilidade às ações pedagógico-religiosas desenvolvidas pela instituição escolar junto à sociedade civil.

O Regimento Escolar²⁰⁶, aprovado pela comissão verificadora em 22 de novembro de 1978 e assinado pela diretora escolar Stella Sarnisky, é constituído de cinco Títulos, os quais se desenvolvem em subdivisões por Capítulos e Seções pertinentes aos assuntos tratados. Relacionados no Quadro 6, em seguida, pode-se ler que os conteúdos discorrem sobre as normas e as rotinas que envolvem o cotidiano da instituição escolar. O documento também ressalta que, ante o Regimento, estão subordinados educandos, educadores e funcionários da Yeshivá Colegial Machané Israel.

Quadro 6 – Títulos e Capítulos do Regimento Escolar da Yeshivá de Petrópolis

TÍTULOS	CAPÍTULOS
Título I Do Estabelecimento, suas finalidades e Tipos de Ensino	Capítulo I: do Estabelecimento e da Entidade Mantenedora, Capítulo II: da Finalidade e da Filosofia Educacional do Estabelecimento, Capítulo III: dos Níveis e Tipos de Ensino.
Título II Da Administração Escolar	Capítulo I: da Organização Administrativa, Capítulo II: da Direção, Capítulo III: da Vice Direção, Capítulo IV: do Serviço de Orientação Pedagógica, Capítulo V: do Serviço de Orientação Educacional, Capítulo VI: do Conselho Administrativo, Capítulo VII: dos Serviços Auxiliares, Capítulo VIII: do Corpo Docente, Capítulo IX: da Secretaria, Capítulo X: da Tesouraria.
Título III Da Organização Didático-Pedagógica	Capítulo I: do Regime Escolar, Seção I: do Calendário Escolar; Seção II: da Matrícula; seção III: das Transferências; seção IV: das Adaptações. Capítulo II: do Planejamento Curricular, Capítulo III: da Avaliação de

²⁰⁶ O regimento escolar encontra-se no Anexo A.

Quadro 6 – Continuação...

	Aproveitamento Escolar, Capítulo IV: da Apuração de Assiduidade, Capítulo V: do Critério de Aprovação, Capítulo VI: da Recuperação, Capítulo VII: do Conselho de Classe.
Título IV Da Clientela Escolar	Capítulo I: da Conceituação e Constituição, Capítulo II: do Corpo Docente. Seção I: da Constituição, Diretrizes e Deveres; Seção II: das Sanções disciplinares; Seção III: do Centro Cívico. Capítulo III: do Círculo de Pais.
Título V Das Disposições Gerais	Art. 104º à 112º

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Certo de que os documentos não são constituídos de maneira inocente e que sua presença ou ausência nos arquivos de guarda não podem ser atribuídas ao acaso, Bloch (2001) salienta a relevância nas análises que envolvem sua transmissão, visto que, “longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações” (BLOCH, 2001, p. 83). Nesse sentido, parte-se do entendimento de que o Regimento Escolar dita as regras de uma instituição, destarte, em seu interior são apresentados os principais conceitos capazes de identificar os princípios de sua organização. Em sua estruturação, recebem destaque as concepções filosófico-educacionais que compõem as construções diárias que irão fundamentar os valores educacionais que se anseia promover.

Para além da criticidade pertinente às análises, buscou-se compreender²⁰⁷ o Regimento Escolar da YCMI, na inteireza de suas atribuições junto à comunidade judaica do país. Nessa perspectiva, procuro iluminar alguns Capítulos e Seções presentes nos Títulos, consoante às particularidades naturais da instituição escolar.

²⁰⁷ Bloch assim define a palavra compreender, em suas palavras: “Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: ‘compreender’. Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. Palavra, não dissimulemos, carregada de dificuldades, mas também de esperanças. Palavra, sobretudo, carregada de benevolência. [...]. Quem difere de nós – estrangeiro, adversário político – passa, quase necessariamente, por mau. [...]. A história, com a condição de ela própria renunciar a seus falsos ares de arcanjo, deve nos ajudar a curar esse defeito. Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro de homens. A vida, como a ciência, tem tudo a ganhar se esse *encontro for fraternal*”. Grifo nosso.

Assim que, meu olhar para os documentos dirigiu-se no sentido de buscar elementos que identificassem a constituição de uma comunidade, dentre os quais passo a elencar.

No Título I, em seu Capítulo I, a YCMI é definida como uma instituição educacional orientada pelos princípios da realização individual e participação social. A Yeshivá Colegial Machané Israel é mantida pela Yeshivá Colegial, que é uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e reconhecida como de utilidade pública, devidamente reconhecida em cartório. Em seu Capítulo II, define que o Colégio tem como finalidade preparar os educandos para uma participação consciente na sociedade, observando uma formação religiosa que lhes permita contribuir para o desenvolvimento do ser humano, assim como uma formação moral capaz de fazer deles uma pessoa integral²⁰⁸.

Com atividades orientadas pela legislação nacional de educação vigente à época, pauta seu ensino nas finalidades e objetivos próprios às Leis 4.024/61 e 5.692/71. Para tal, busca promover potencialidades que propiciem uma convivência atuante e uma realização plena. A instituição escolar também se manifesta contrária a qualquer distinção de raça ou classe social e registra a primazia do respeito às diferenças individuais de seus alunos. Seu Regimento atesta que a Yeshivá de Petrópolis mantém os cursos de 1º grau, de 5ª a 8ª série, e os profissionalizantes de auxiliar de patologia clínica e de formação de professores.

Nesse sentido, a partir das palavras-princípios que devem reger as relações entre os homens (BUBER, 2001), inicialmente interpreto a responsabilidade presente nos esforços da instituição escolar em condicionar-se às legislações do país. Na busca por fomentar a formação religiosa, a qual se estabelece de forma individual e coletiva no Judaísmo, a Yeshivá de Petrópolis não deixa de registrar sua preocupação com a inteireza da realização plena do homem, consoante às leis judaicas. Ao mesmo tempo, conforme o mundo social, busca proporcionar a formação profissional.

O Título II²⁰⁹ reforça o papel do Serviço de Orientação Pedagógica (S.O.P.) e do Serviço de Orientação Educacional (S.O.E.) para o corpo docente e discente, estendendo-se às famílias. Cabe aos órgãos o planejamento e a exequibilidade das

²⁰⁸ Definições presentes no Título I, Capítulo I e II.

²⁰⁹ Presentes no Título II, Capítulo IV, V, VIII e X.

políticas educacionais da escola, devendo promover o diagnóstico das necessidades e expectativas de toda a comunidade escolar. São atribuições do corpo pedagógico a organização do calendário escolar, o aperfeiçoamento docente e ações que operacionalizem a integração dos docentes e discentes com a filosofia educacional da instituição. A Tesouraria fica sob os encargos de pessoas credenciadas, designadas pela entidade mantenedora. Dentre suas muitas atribuições, o órgão é responsável por zelar pelo pagamento de seus funcionários, de acordo com os órgãos competentes, e calcular, em concordância com o Conselho Estadual de Educação, a tabela com as anuidades a serem pagas pelos alunos. À entidade mantenedora cabe decidir sobre a oferta de benefício de bolsa parcial ou integral para os alunos.

Observa-se no trabalho idealizado pela equipe pedagógica ações dialógicas (BUBER, 1982) capazes de disponibilizar oportunidades que fomentem a experiência do encontro com o outro, espaço em que ocorre o acolhimento de suas necessidades. De maneira que se pode creditar o nascimento das comunidades à construção das relações, justamente por “estarem todos em relação viva e mútua com um centro vivo e de estarem unidos uns aos outros em uma relação viva e recíproca” (BUBER, 2001, p. 78). Buber (2001) ainda assinala que “a verdadeira vida pública e a verdadeira vida pessoal são duas formas de ligação” (Buber, 2001, p. 79) capazes, ou não, de efetivar o acolhimento. Na busca por promover condições que visem efetivar a relação de reciprocidade com toda a comunidade escolar, dedicam-se em desenvolver, no encontro, suas atividades.

A organização didática pedagógica é pormenorizada no Título III, em que estão estabelecidos a estrutura de ensino, que à época se constituía em séries; o período letivo de 180 dias, de acordo com a LDB; e o respeito ao calendário nacional, estadual e municipal, assim como aos “dias destinados a festividades religiosas próprias do Colégio”; além de assegurar também o 15 de outubro como o “Dia dos Mestres”²¹⁰. Quanto às matrículas, existem períodos próprios para sua efetivação, no entanto, pondera-se que poderão ocorrer em épocas especiais a critério da direção. Aos alunos transferidos, inclusive de outras nacionalidades, devem ser asseguradas condições efetivas para a realização de adaptações ao currículo da Yeshivá. Assim, em

²¹⁰ Presente no Título III, Capítulo I, Art. 44°.

concordância com a equipe pedagógica, ações como créditos paralelos e aulas particulares poderão ser disponibilizadas, caso se mostrem oportunas. O currículo é compreendido como “um conjunto de experiências propostas e supervisionadas pelo Estabelecimento”, o qual “é organizado por todos os educadores que realizem seu trabalho na Yeshivá Colegial Machané Israel, buscando atingir os objetivos propostos”²¹¹.

Dessa forma, o esforço compreendido no caminho por estabelecer ações pedagógicas que possibilitem a união da comunidade escolar no desenvolvimento das práticas escolares parte da premissa de que o dialógico pressupõe relação e, por isso, reciprocidade. Assim, as mediações relacionadas no Título III deixam transparecer que, mesmo nas relações institucionais, os homens carecem de responsabilidades nas suas atribuições com todos. De acordo com Buber (1982), cabe aos partícipes da comunidade responder com uma linguagem de atenção desperta, já que é um espaço de relações humanas onde as intenções perpassam pelo ato de perceber o outro. Nessa medida, o autor esclarece que o conceito de responsabilidade “precisa ser recambiado, do campo da ética especializada, de um ‘dever’ que flutua livremente no ar, para o domínio da vida vivida” (BUBER, 1982, p. 49). Responsabilidade que só existe genuinamente quando há um responder verdadeiro perante os outros, a cada instante, no conteúdo do mundo e seus signos.

O Título IV discorre sobre a clientela escolar, definida como seus alunos e familiares. Acerca de sua constituição, postula ser componente dela “toda parcela da comunidade que, julgando válidos os objetivos e finalidades propostas pelo Colégio, nele busca condições de atingi-lo”²¹². Um Centro Cívico, com normas próprias aprovadas pela direção, fica sob os encargos de um professor da instituição. Nele, as intervenções realizadas têm por finalidade a promoção de “atividades culturais, recreativas e cívicas visando ao desenvolvimento de atitudes capazes de contribuir para a integração de educandos à comunidade”²¹³. O Capítulo III também sistematiza os objetivos do Círculo de Pais, uma organização disposta por pais ou responsáveis de

²¹¹ Título III, Capítulo II, Art. 65º e 66º.

²¹² Título IV, Capítulo I, Art. 89º e 90º.

²¹³ Título IV, Capítulo II, Seção III, Art. 96º e 97º.

alunos da Yeshivá de Petrópolis que apresenta em seus objetivos a congregação e a colaboração dos familiares, bem como analisar, sugerir e propor reformas nos objetivos da instituição escolar, à medida que se considerarem necessárias. Com reuniões bimestrais, o Círculo de Pais é regido por estatuto próprio, homologado pela direção escolar²¹⁴.

A organização patrimonial do Regimento da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis constitui-se e organiza-se de maneira comunitária, como a maior parte das instituições judaicas²¹⁵. Nessa perspectiva, os membros que decidem dela participar podem ou não exercer atribuições que lhes são designadas, cabendo a decisão a critério particular. À vista da constituição de uma nova comunidade escolar, argumenta-se a primordialidade do vínculo (Buber, 2008) sendo traçada nas linhas do Regimento Escolar, de maneira que a constituição do Centro Cívico e do Círculo de Pais concede significativos indícios das funções desenvolvidas por professores, alunos e pais da instituição escolar nas atribuições sociais da comunidade judaica.

O Título V encontra-se organizado em nove artigos que dão continuidade a assuntos anteriormente abordados. Destacam-se o compromisso da Sociedade Civil Yeshivá Colegial em manter uma sede destinada ao funcionamento das turmas femininas; o princípio de que novos cursos ou alterações curriculares deveriam ser submetidos aos órgãos competentes; assim como a subordinação da comunidade escolar ao Regimento Escolar, a partir de sua aprovação no Conselho Estadual de Educação. Depreende-se que o Regimento apresenta parte da dinâmica social que efetivou a ordenação da história de duas instituições escolares, a Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis, fundada em 1966, e, em 1974, a “Michlalá Colegial para moças, também em Petrópolis (depois transferida para Teresópolis)” (BENJAMINI, 1998, p. 69), dirigida por Rivka Benjamini.

A análise dos documentos que compõem a pasta de 1978 demonstra preocupação por parte da instituição em legitimar sua história e trajetória nos órgãos oficiais de educação do país. De igual modo, salienta-se que o casal Chaim e Rivka

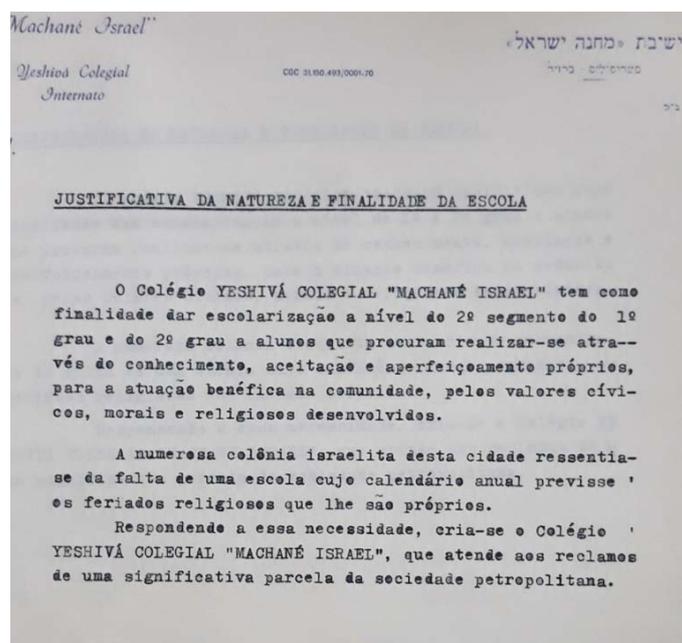
²¹⁴ Título IV, Capítulo III, Art. 99º, 100º e 101º.

²¹⁵ Dentre elas, as escolas, sinagogas, órgãos beneficentes e agremiações culturais. Sobre o assunto indica-se: Da Colônia à República – Judeus Construindo sua Identidade Brasileira. Helena Lewin, 2019 e Judaísmo e Cultura: Fronteiras em Movimento, Coordenação de Helena Lewin (2013).

Benjamini fez três viagens ao Brasil como emissários da Organização Sionista Mundial (OSM), nos anos de 1954, 1963 e 1973, sendo que, após o ano de 1976, permaneceram “no Brasil para dirigir a Yeshivá sob *schelichut* do Lubavitcher Rebe.” (REVISTA DA YESHIVÁ DE PETRÓPOLIS, 2006, p. 9). Dessa forma, destaca-se a dedicação integral do casal ao desenvolvimento dos aspectos subordinados ao ensino da educação religiosa ortodoxa judaica.

Igualmente presente no arquivo do ano de 1978, encontra-se, datilografada em papel timbrado da Yeshivá de Petrópolis, uma declaração intitulada “Justificativa da Natureza e Finalidade da Escola”, que buscava evidenciar as razões que levaram à sua fundação, atestando que a instituição escolar respondia aos reclames de uma significativa parcela da sociedade petropolitana, conforme a Figura 12 abaixo.

Figura 12 - Justificativa da Natureza e Finalidade da Escola²¹⁶



Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

²¹⁶ “Justificativa da Natureza e Finalidade da Escola - O Colégio YCMI tem como finalidade dar escolarização a nível do 2º segmento do 1º grau e do 2º grau a alunos que procuram realizar-se através do conhecimento, aceitação e aperfeiçoamento próprios, para a atuação benéfica na comunidade, pelos valores cívicos, morais e religiosos desenvolvidos. A numerosa colônia israelita desta cidade ressentia-se da falta de uma escola cujo calendário anual previsse os feriados religiosos que lhes são próprios. Respondendo a essa necessidade, cria-se o Colégio Yeshivá Colegial Machané Israel, que atende aos reclames de uma significativa parcela da sociedade petropolitana.”.

Os arquivos relativos ao ano de 1978 são compostos por documentos/monumentos que auxiliaram na investigação sobre a constituição de todos os registros da Yeshivá de Petrópolis como uma instituição escolar. Neles podem ser encontradas evidências impressas e registradas sobre o primeiro Seminário rabínico brasileiro, assim como sobre o Curso Normal para moças judias observantes de sua religião, o que justifica uma maior dedicação à sua escrituração. Analisados individualmente, os contratos, atestados, declarações e certidões apresentam, conforme assinalado, as cabíveis medidas para manterem-se adequados à legislação educacional do país, o que vem ao encontro de Buber (1982) quando evidencia que “a verdadeira história de uma comunidade deve ser compreendida como seu esforço para atingir a ordem que lhe é conveniente” (BUBER, 1982, p. 123). Nessa direção, buscou-se apresentar como foram sendo devidamente tecidas as ideias, os planos e o regimento da instituição escolar.

Na trilha dos caminhos indagativos, a pasta do ano de 1979 submete uma solicitação de mudança de direção escolar. Assim, com parecer favorável do Departamento de Educação, na figura da divisão de Apoio Técnico, a senhora Rebeca Kummer assumiu a função. No entanto, nota-se que o resultado da avaliação técnica referente ao processo nº E-03/1 101065/79, de 4 de janeiro de 1979, somente foi assinado em 24 de novembro de 1982.

Com o propósito de continuar a apontar como se efetivaram os trâmites legislativos de acordo com a organização realizada pela Diretoria Regional Serrana I, na capa da pasta do ano de 1981, com o processo nº E-03/1 100954/81, no espaço a ser preenchido pelo proponente pode-se ler: “Assunto: Reconhecimento”, o que pressupõe um pedido de vistoria das instalações físicas e regimentares da Yeshivá de Petrópolis pela direção escolar. À vista da requisição, e após quatro dias de visitas *in loco*, a instituição recebeu um parecer²¹⁷ de cunho favorável, elaborado por três supervisoras²¹⁸ educacionais do estado, em que se pode ler:

²¹⁷ O Parecer encontra-se no Anexo D.

²¹⁸ As Supervisoras Educacionais que assinam, com seu registro na SEEC-RJ, são: Nadir Pacheco Faraco, Maria Inês Mellado e Eneida Grandis Maldonado.

Opinamos favoravelmente ao Reconhecimento solicitado pela Direção do estabelecimento, com base nos itens abaixo expostos: - as instalações são excelentes, bem cuidadas, situadas em lugares tranquilos, em meio a extensa área verde; - A Direção é exercida por pessoa legalmente habilitada; - O Corpo Docente é qualificado; - A Secretaria, bem organizada, está a cargo de pessoa também legalmente habilitada e de comprovada competência profissional; - O sistema pedagógico é bem orientado; - A O. Educacional presta efetiva assistência aos professores e educandos; - A remuneração do Corpo Docente atende às exigências legais. A Comissão considerou ainda que o estabelecimento atende a todos os requisitos exigidos pela legislação e é sem dúvida uma instituição que dignifica a rede escolar do município, não só pela sua estrutura administrativa e pedagógica, como também pelo seu empenho em oferecer um ensino de boa qualidade. Diante do exposto, somos favoráveis ao Reconhecimento solicitado. Petrópolis, 17 de novembro de 1981 (INFORMAÇÃO transcrita na nota 219)

Após a apreciação, a Yeshivá de Petrópolis deu entrada no requerimento²¹⁹ para o reconhecimento da instituição escolar, conforme a Figura 13 abaixo. Destaca-se, quanto à demanda no regime de funcionamento, a descrição datilografada que afirma: “Internato – masculino e feminino.”.

²¹⁹ O requerimento completo está presente no Anexo E.

Figura 13 - Reconhecimento da Instituição Escolar²²⁰

1.2. Localização do estabelecimento

Endereço R. Duarte da Silveira Nº 1.246

Bairro Duarte da Silveira Município Petrópolis

Tel. 424952 CEP 25.600 ZC: _____

NCECT _____ CRECT _____ DEC-BA _____

1.3. Regime de funcionamento e atendimento (externato, internato, semi-internato, clientela masculina, feminina ou mista).

λ Internato - masculino e feminino.

1.4. Ensino ministrado (Maternal, Jardim de Infância, Classe de Alfabetização, 1º grau (de 1ª a 4ª série, de 5ª a 8ª série ou de 1ª a 8ª série), 2º grau, Estudos Adicionais, Supletivo (1º grau de 1ª a 4ª série, de 5ª a 8ª, de 1ª a 8ª série, Suplência, Qualificação, Aprendizagem, *ilegível*).

Classe de Alfabetização, 1º Grau; 2º Grau; Formação de Professores de 1ª a 4ª série do 2º Grau; Construção Civil

Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

Como parte do processo empreendido para a abertura oficial da instituição escolar, foram igualmente protocoladas a grade curricular e a relação nominal do corpo docente, com a atualização dos registros e capacitação profissional. Relativo à modalidade de ensino a ser ministrada, a escola propôs-se a oferecer: “Classe de Alfabetização, 1º Grau, 2º Grau: Formação de Professores de 1ª à 4ª série do 2º Grau: Construção Civil.”

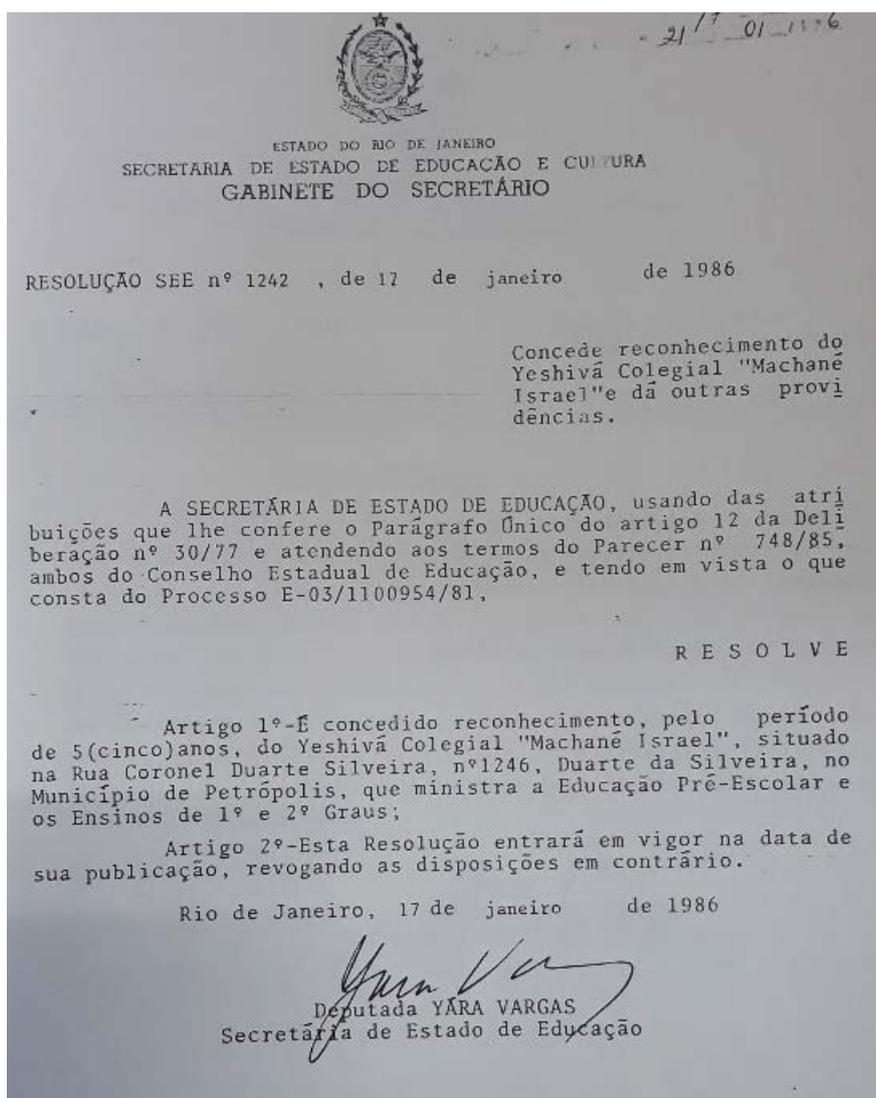
Verifica-se nas manifestações escriturárias a distinta intenção da Sociedade Civil Yeshivá Colegial em requerer o reconhecimento formal do estabelecimento de ensino que mantém, ou seja, a Yeshivá de Petrópolis. Ressalta-se, na mesma medida, a mudança do ensino profissionalizante destinado aos meninos, de auxiliar em patologia

²²⁰ A Figura 13 enuncia: “1.2. Localização do Estabelecimento. Endereço R. Duarte da Silveira nº 1.246 Bairro Duarte da Silveira Município Petrópolis Tel. 424952 CEP 25.600 [...] 1.3. Regime de funcionamento e atendimento (externato, internato, semi-internato, clientela masculina, feminina ou mista). Internato – masculino e feminino. 1.4. Ensino ministrado (Maternal, Jardim de Infância, Classe de Alfabetização. 1º grau (de 1ª a 4ª série, de 5ª a 8ª série ou de 1ª a 8ª série), 2º grau, Estudos Adicionais, Supletivo (1º grau de 1ª a 4ª série, de 5ª a 8ª, de 1ª a 8ª série, Suplência, Qualificação, Aprendizagem, *ilegível*). Classe de Alfabetização, 1º Grau; 2º Grau; Formação de Professores de 1ª a 4ª série do 2º Grau; Construção Civil. ”

clínica para a habilitação em construção civil. No decorrer da tramitação processual, a escola deu início às atividades da grade curricular, com pareceres favoráveis aos trabalhos desenvolvidos. De igual modo, pode-se observar, no Anexo G, a publicação, no Diário Oficial do Estado, da autorização definitiva para o curso de Habilitação Básica em Construção Civil.

No tocante às alterações curriculares, encontrava-se previsto no Regimento Escolar da Yeshivá de Petrópolis as competências cabíveis ao Círculo de Pais circunscrito nos Artigos do Capítulo III, do Título IV. A colaboração para uma melhor realização da vida acadêmica dos educandos poderia ser realizada sob a análise de sugestões e proposições do Círculo de Pais à Direção Pedagógica. Assim, a crescente comunidade judaica ortodoxa no Brasil conjecturou o positivo impacto da formação profissionalizante em habilitação em construção civil, para seus jovens alunos.

A Resolução do processo de nº E-03/1 100954, iniciado em 1981, estabelece o direito de funcionamento por um período de cinco anos e é assinada pela Secretária de Estado de Educação do Rio de Janeiro, deputada Yara Vargas, na data de 17 de janeiro de 1986. A Figura 14 abaixo apresenta a concessão.

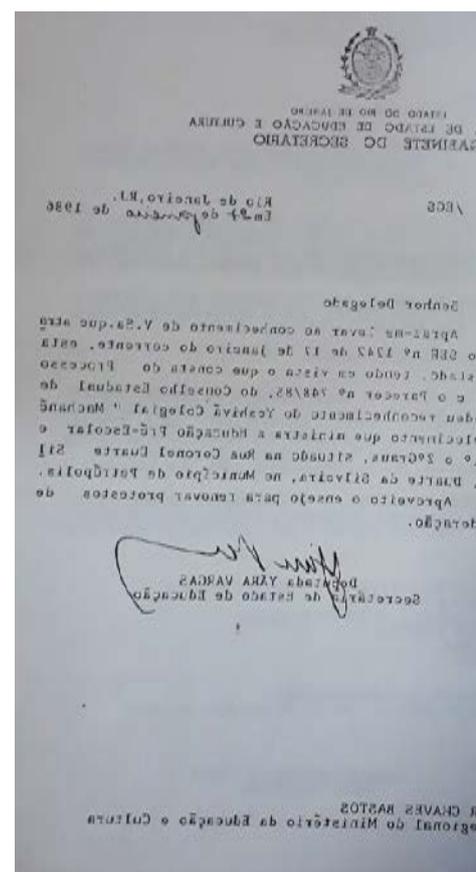
Figura 14 - Autorização de funcionamento da Yeshivá de Petrópolis²²¹

Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

²²¹ O parecer assim prescreve: “ESTADO DO RIO DE JANEIRO. SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA. GABINETE DO SECRETÁRIO. RESOLUÇÃO SEE nº 1242, de 17 de janeiro de 1986. Concede reconhecimento do Yeshivá Colegial Machané Israel e dá outras providências. A SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, usando das atribuições que lhe confere o Parágrafo Único do artigo 12 da Deliberação nº 30/77 e atendendo aos termos do Parecer nº 748/85, ambos do Conselho Estadual de Educação, e tendo em vista do que consta do Processo E-03/1100954, RESOLVE: Artigo 1º - É concedido reconhecimento, pelo período de 5 (cinco) anos, do Yeshivá Colegial Machané Israel, situado na Rua Coronel Duarte Silveira, nº 1246, Duarte da Silveira, no município de Petrópolis, que ministra a Educação Pré-Escolar e os Ensinos de 1º e 2º Graus; Artigo 2º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1986. Deputada Yara Vargas – Secretária de Estado de Educação.”

Conforme assinalado no documento, a instituição escolar possui suas atribuições referentes ao ensino pré-escolar e de 1º e 2º graus, destarte, observa-se não haver referências sobre a educação profissionalizante, nem mesmo acerca da natureza religiosa do estabelecimento. Em sequência, também pode ser encontrado um singular Ofício de nº 149, da mesma deputada, ao delegado regional do Ministério de Educação e Cultura, professor Aurélio Wander Chaves Bastos, conforme Figura 15 a seguir.

Figura 15 - Ofício ao Delegado Regional do Ministério de Educação e Cultura²²²



Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

²²² “ESTADO DO RIO DE JANEIRO. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. GABINETE DO SECRETÁRIO. Ofício nº 149/EGS – Rio de Janeiro, RJ. Em 27 de janeiro de 1986. Senhor Delegado Apraz-me levar ao conhecimento de V. As. Que através da Resolução SEE nº 1242 de 17 de janeiro do corrente, esta Secretaria de Estado, tendo em vista o que consta do Processo E-03/1100954/81 e o Parecer nº748/85, do Conselho Estadual de Educação, concedeu reconhecimento do Yeshivá Colegial Machané Israel, estabelecimento que ministra a Educação Pré-Escolar e os Ensinos de 1º e 2º Graus, situado na rua Coronel Duarte Silveira, nº 1246, Duarte Silveira, no município de Petrópolis. Aproveito o ensejo para renovar protestos de estima e consideração. DEPUTADA YARA VARGAS. SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. Ilmo. Delegado Regional do Ministério da Educação e Cultura.”

A Figura 15 apresenta o Ofício expedido dez dias após a concessão do reconhecimento da Yeshivá de Petrópolis pela Secretária de Educação do Rio de Janeiro, endereçado ao delegado regional do Ministério da Educação e Cultura. Ante o distinto documento, encaminhado com precioso zelo, procurei estabelecer elos e conexões que justificassem sua presença na pasta da Diretoria Regional, no entanto, não obtive sucesso em sua análise. Após uma extensa pesquisa, constatou-se que o delegado regional à época, Aurélio Wander Chaves Bastos²²³, professor e pesquisador, foi procurador federal, reitor e diretor de diversas instituições públicas e privadas de ensino. Assim, a tentativa de melhor compreender o documento da Figura 15 tangenciou com a escrita de Bloch (2001), onde o autor declara que, depois de ter tentado tudo, cabe ao historiador a confissão de sua ignorância.

Dando prosseguimento, o processo nº E-03/1 102129, de 1982, apresenta uma comunicação de alteração de endereço do Departamento Feminino²²⁴ do Yeshivá Colegial Machané Israel, da rua Barão de Rio Branco nº 1398, para a rua Prof. Luiz Winter, nº 620. Protocolada a requisição, ao longo do período foram sendo preenchidas as exigências pertinentes ao andamento do processo. Em outras palavras, no decorrer foram anexados documentos como: o contrato de locação de imóvel registrado em cartório; a relação do corpo docente com as respectivas disciplinas lecionadas; e a nomeação de novo secretário escolar, em conformidade com as determinações do Regimento Escolar. Assinada pela diretora Rebeca Kummer, a solicitação foi protocolada em 10 de agosto de 1982. O parecer favorável da comissão, após visita *in loco*, foi concedido no dia 8 de junho de 1983.

Outro processo do ano de 1982, o de nº E-03/1 101981, visa solicitar a aprovação da grade curricular para a habilitação específica do magistério de 1ª a 4ª série e para a habilitação básica em construção civil, o qual foi posteriormente referendado, conforme já descrito acima. No entanto, a documentação parece não coincidir com a

²²³ Aurélio Wander Chaves Bastos destacou-se na “defesa da compreensão do Direito como instrumento de transformação social, bem como pelo consequente engajamento dos advogados nos movimentos pela superação das desigualdades entre os brasileiros [...]”. Sobre a biografia do professor, ver: <https://www.editorajc.com.br/50-anos-de-docencia-juridica>

²²⁴ Observa-se a terceira mudança de estabelecimento do Departamento Feminino.

pasta, pois não foram encontrados anexos, o que por certo havia sido previamente exigido e protocolado, dado o rigor observado pelos órgãos públicos.

A Lei nº 5692, de 1971, denominada Lei de Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º Graus, regia a educação no país à época da fundação da Yeshivá de Petrópolis. Cunha²²⁵ (2014) destaca que a lei, sancionada em agosto de 1971, foi um dos principais produtos das políticas educacionais relacionadas ao período da ditadura no Brasil. Dentre suas principais alterações, constam a regulamentação do período de oito anos ao ensino do 1º grau e a profissionalização universal e compulsória do 2º grau. A Lei nº 7044, de outubro de 1982, basicamente se constitui numa emenda para a Lei 5692/71, distinguindo-se pelo fim da obrigatoriedade do ensino técnico profissionalizante no 2º grau, voltando a enfatizar a formação geral e propedêutica. Nessa direção, os arquivos presentes nas pastas dos anos de 1984 referem-se às adequações ante a nova legislação educacional vigente.

O processo nº E-03/1 101827, de 1984, salienta os ajustes necessários às adaptações pertinentes à nova lei. Assim, foram solicitadas inspeções *in loco*, no intuito de procurar atender às conformidades da legislação vigente. Na mesma medida, os trâmites do processo nº E-03/1 101844 visam dar ciência às alterações do Regimento Escolar, o qual não tem sua natureza e finalidade modificados, apropriando-se somente da não obrigatoriedade do ensino profissionalizante. Salienta-se que, dentre os documentos exigidos pela SEEDUC, encontra-se igualmente protocolada uma folha com o calendário escolar em que são registrados todos os feriados nacionais e religiosos do país, no entanto, pondera-se a completa exclusão dos feriados religiosos judaicos.

Na pasta do ano de 1985, que contém o processo nº E-03/1 101464, consta a indicação para a composição da nova diretoria escolar, na pessoa da senhora Dulcinéa de Souza Leal, que protocola todos os documentos exigidos para a efetivação do ato, em 25 de março de 1985. Referentes ao ano subsequente, ou seja, 1986, existem dois processos. O primeiro, nº E-03/1101395, solicita a aprovação do adendo ao Regimento

²²⁵ Sobre o assunto, indica-se: Política e Educação no Brasil: o Papel do Congresso Nacional na Legislação do Ensino. Demerval Saviani, 2015. Ed.: Autores Associados. Campinas, SP e Ensino Profissional: o grande fracasso da Ditadura, Luiz A. Cunha, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/sNXBnvvBY84RY7bJdpt7bmb/?lang=pt&format=pdf>

Escolar, alterando as disposições abaixo relacionadas no Quadro 7, de forma comparativa:

Quadro 7 – Alterações do Regimento Escolar

Antigo	Alterações
Art. 75º - consideram-se aprovados quanto ao aproveitamento escolar:	Art. 75º - Considera-se aprovado o aluno que:
a. De 5ª a 8ª série, os alunos que apresentem, em cada área de estudos, média aritmética anual igual ou superior a seis;	a. Com frequência igual ou superior a 75% que obteve média anual igual ou superior a seis no componente curricular.
b. No segundo grau, os alunos que apresentem, em cada disciplina, média aritmética anual igual ou superior a seis.	b. Com frequência inferior a 75% que obteve média anual superior a oito no componente curricular.
Parágrafo Único – Independentemente dos resultados obtidos na apuração do aproveitamento escolar, o Conselho de Classe pode, mediante a análise de casos especiais e assistido pelo SOE e pelo SOP, decidir sobre a aprovação ou reprovação do aluno.	Parágrafo Único: A média anual é a resultante da média aritmética das notas bimestrais.
Art. 76º - Tem-se como aprovado quanto à assiduidade:	Art. 76º - Considera-se reprovado o aluno que:
a. O aluno de frequência igual ou superior a 75% na respectiva disciplina ou área de estudo;	a. Com frequência inferior a 50% que não obteve nota superior a oito na média anual do componente curricular;
b. O aluno de frequência inferior a 75% que tenha obtido aproveitamento superior a oito;	b. Submetido a estudos de recuperação não obteve melhoria de aproveitamento ou no mínimo nota seis.
c. O aluno que não se encontre na hipótese da alínea anterior, mas com frequência superior a 50% e que demonstre melhoria de aproveitamento após estudo de recuperação.	-
Art. 95º - Aos alunos que desrespeitarem as normas disciplinares estabelecidas, são aplicadas as seguintes sanções:	Art. 95º - Aos alunos que desrespeitarem as normas disciplinares estabelecidas, serão aplicadas as seguintes sanções:
a. Advertência;	a. Advertência – quando o aluno infringir o disposto nos artigos 93 e 94;
b. Repreensão;	b. Repreensão – em caso de reincidência;

c. Retenção no Colégio, em horários especiais que são ocupados com estudo;	c. Retenção no Colégio em horários especiais que serão ocupados com estudo;
d. Suspensão de frequência;	d. Suspensão de frequência às aulas por oito dias, no máximo, quando esgotarem os recursos acima, após comunicação aos pais e atuação do SOE, se o aluno insistir no comportamento faltoso;
e. Desligamento definitivo do Colégio, com cancelamento da matrícula e expedição da guia de transferência.	e. Desligamento definitivo do Colégio sob a forma de transferência compulsória em caso de falta grave que possa resultar em dano físico, material ou moral, quer ao estabelecimento ou a participante da comunidade.
§ 1º A aplicação das sanções deve ser proporcional à gravidade da falta cometida ou ao grau de inadaptação ao regime da Escola;	§ 1º - A aplicação das penalidades previstas nas alíneas <u>c</u> e <u>d</u> são de competência do SOE, e na alínea <u>e</u> , da Direção.
§ 2º A aplicação das penalidades previstas na alínea <u>c</u> e <u>d</u> é de competência do SOP;	§ 2º - A aplicação da penalidade de desligamento será precedida da apuração da falta imputada ao aluno, o que se fará através do Conselho de Classe, assegurando-se ao aluno o direito de defesa e recurso ao CEDERJ, com efeito suspensivo de decisões, que serão aplicadas ou não, pelo conselheiro relator do processo.
§ 3º A aplicação da penalidade consignada no item <u>e</u> é de competência da Direção; ouvidos o SOE e o SOP.	-

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O critério de aprovação, antes definido por área de atuação, consoante ao ensino técnico profissionalizante, passou a ser considerado pelo resultado da média aritmética de todas as notas curriculares, após as alterações sofridas. O artigo 76 passou a discorrer sobre a reprovação anual dos alunos, mediante a falta de aproveitamento mínimo do rendimento escolar. As sanções disciplinares passaram a ser submetidas ao Conselho de Classe e, em casos extremos, aos representantes do Conselho Estadual de Educação. Foram anexados ao processo nº E-03/ 1 101396 as grades curriculares referentes ao ensino de 5ª a 8ª série do 1º grau e do 2º grau, agora com uma formação mais generalista.

Em 1994, a instituição escolar protocolou novas solicitações para a aprovação de

seu Regimento (sem alterações) e grade curricular²²⁶. Os documentos exigidos foram aprovados no decorrer do andamento do processo nº E-03/1 101110. Ao lado da grade curricular podem ser encontradas duas cópias do Plano de Atividades da Yeshivá de Petrópolis, em que se observam fortes influências das orientações profissionais presentes nas legislações educacionais. Nos planos, há descrito o planejamento de ações pedagógicas no intuito de buscar promover visitas a empresas e debates sobre o mercado de trabalho, bem como palestras com pessoas da comunidade, numa clara adequação aos parâmetros legislativos. Destaca-se ainda que a grade curricular faz alusão às aulas de ensino religioso, sem, no entanto, especificar sua carga horária.

O processo nº E-03/1 100002, do ano de 1995, comunica a alteração da diretoria escolar, passando a exercer a função o senhor Gianfranco Rubini, em substituição à senhora Dulcinéia de Souza Leal. Entre as exigências protocolares, listam-se justificativas para troca e assinatura dos representantes legais com seus registros profissionais. No processo E-03/1 1400193, ocorre a indicação do coordenador técnico, João Carlos de Souza Bini, para o exercício da direção escolar da Yeshivá de Petrópolis, em março de 1999.

Para alguns, os documentos podem parecer enfadonhos, apresentá-los foi um dos recursos metodológicos utilizados no intuito de conhecer a trajetória do primeiro Seminário rabínico ortodoxo judaico brasileiro. Ao procurar destacar a normalização da instituição escolar às leis educacionais do país, os documentos revelaram o esforço de pessoas que constituíram a entidade escolar para suprir as normas, portarias e as exigências das leis educacionais pertinentes a cada tempo. De igual modo, pode lançar luz sobre como são organizadas as ações da Assembleia Geral da Sociedade Civil Yeshivá Colegial, as quais regem os esforços da comunidade religiosa na manutenção de suas tradições religiosas.

No entanto, após uma longa análise nos processos escolares presentes na SEEDUC, evidencia-se a ausência das ações pedagógico-religiosas nos órgãos administrativos, o que por certo poderia se constituir numa valiosa troca de experiências culturais e pedagógicas entre as muitas instituições educacionais religiosas, ou não, no município de Petrópolis e, quiçá, contribuir para o desenvolvimento do diálogo inter-

²²⁶ O Plano de Atividades e a Grade Curricular encontram-se disponíveis no Anexo F.

religioso no país. Sem embargo, no tocante à publicidade das contribuições da Yeshivá para a sociedade, de maneira geral, não podem ser desconsideradas a presença constante do antissemitismo no país e a realidade político-social decorrente do mundo pós-guerra.

Os arquivos de guarda testemunham sobre a documentação do Curso de Formação de Professoras, igualmente criado pela Sociedade Civil e dirigido por Rivka Benjamini. Eles evidenciam a preocupação e o particular empenho com a formação de futuras professoras para as instituições educacionais judaico-brasileiras. O departamento feminino experienciou quatro sedes, até finalmente instalar-se em Teresópolis. Interpreta-se que a dedicação para o seu estabelecimento alude sobre um significativo compromisso com as gerações vindouras, uma vez que foi mantido, apesar de, por vezes, apresentar um pequeno número de alunas.

Por certo, as escriturações técnicas dos documentos que tangenciam o funcionamento da instituição escolar não são capazes de captar, em sua inteireza, as celebrações oriundas na edificação da Yeshivá de Petrópolis, sequer podem reverberar o cotidiano escolar, presente no som das orações proclamadas aos céus. No entanto, são capazes de inferir o tempo da história na reconstrução da trajetória de um jovem formando em Letras pela UFRJ que, com o passar do tempo, lecionou no Seminário rabínico, presenciando ordenações rabínicas. Com mais documentos protocolados, lecionou no Curso Normal, depois foi nomeado coordenador pedagógico e, por fim, diretor da Yeshivá. A escrita historiográfica da trajetória do Professor Bini seguramente é mais fácil de ser descrita quando comparada à emoção de sua voz embargada ao falar da Yeshivá, com lágrimas em seus olhos, durante entrevista realizada em 2020.

3.2 No livro das memórias: escrevemos as nossas lembranças

A idealização da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis nasceu da coragem de sonhar estabelecer os fundamentos para um acampamento onde os judeus brasileiros em diáspora pudessem fazer uma imersão nos valores da fé judaica. A fundação da primeira Yeshivá em solo sul-americano demonstra a preocupação do rabino Chaim Benjamini, emissário da Agência Judaica para a Educação Religiosa no Brasil, com a preservação do Judaísmo brasileiro. Num país com dimensões

continentais como o Brasil, pode-se imaginar que o rabino Chaim contemplava na educação uma oportunidade exponencial de cumprir o Capítulo I do Pirkei Avot, o qual afirma que, após receber a Torá, Moisés deu início a uma longa cadeia de transmissão até os mestres da Grande Assembleia que registraram e proclamaram três coisas, nas seguintes palavras: “[...] Sede ponderados no julgamento, formai muitos discípulos e construí uma cerca protegendo a Torá.” (BUNIM, 2019, p.37).

Bunim (2019) salienta que a transmissão de conhecimentos compreende uma característica singular na religião judaica, visto que os mandamentos foram transmitidos a Josué em custódia. Em outras palavras, a Torá foi entregue sob certas condições e mediante algumas obrigações que não poderiam sofrer mudanças. Nesse sentido, coube aos membros da Grande Assembleia assegurarem-se de que todos fossem instruídos, assim que, ao registrarem na literatura rabínica a postura de que a educação deveria ser em massa, legislaram contra uma educação seletiva. Ainda consoante com o autor, “a palavra hebraica para ‘formar’ (*haamídu*) significa literalmente, ‘por em pé’”, ou seja, o professor possui o encargo de ensinar seus alunos a ficarem de pé, dando-lhes “a força e os fundamentos, dignidade e senso de independência” necessários. De modo que, somente quando meninos e meninas são instruídos com os fundamentos sobre a história judaica e no amor pela Torá, o professor estará “pondo a criança sobre seus próprios pés”, dando-lhe os alicerces para a sua identificação (BUNIM, 2019, p.45).

O compromisso com o ensino e a transmissão das Leis judaicas é, de acordo com a tradição religiosa, uma responsabilidade de toda a comunidade. Com efeito, Bunim (2019), ao comentar sobre as Leis do Pirkei Avot, afirma não haver virtude mais elevada do que apoiar as *yeshivot* e possibilitar às próximas gerações o conhecimento e estudo da Torá. Em suas palavras, “supram as crianças com a verdade. Ensinem-lhes a Torá. Deem-lhes uma razão para viver e lhes terão dado uma base sobre a qual saberão manter-se firmes. ‘Formai discípulos’” (BUNIM, 2019, p. 46). Nessa perspectiva, o autor reitera que quando muitos discípulos são formados e o mandamento de serem ponderados no que se refere à Lei é cumprido, as tradições milenares da fé judaica mantêm-se protegidas e, por conseguinte, irão edificar uma cerca para a Torá. Nessa medida, com o entendimento de que a Torá é eterna e inalterável, Bunim (2019) evidencia os cuidados necessários com a educação e postula que o ensino deve ficar aos

encargos “de um verdadeiro erudito da Torá e um indivíduo temente a Deus.” (BUNIM, 2019, p.47).

É com essa compreensão que o rabino Chaim Benjamini, acompanhado de sua esposa, a educadora Rivka S. Benjamini, a par dos problemas educacionais religiosos vivenciados pelos judeus brasileiros, teve seus esforços direcionados na busca por conscientizar um maior número de judeus a experienciar uma vida judaica consoante os preceitos da Torá. Para tal, fazia-se necessário que a comunidade fosse instruída sobre a inteireza e as representações de suas Leis²²⁷. Nesse sentido, suas ações para a difusão dos conhecimentos da fé mosaica compreendem, de maneira análoga, o sentido em resguardar a continuidade das gerações vindouras. Conhecedor das Leis, o rabino Chaim compreendia o ensinamento que enunciava e ansiava por realizar, ou seja, a ideia de que “[...] O mundo se mantém sobre três coisas: a Torá, o serviço Divino e a beneficência²²⁸”. (BUNIM, 2019, p. 49).

Topel²²⁹ (2005) aponta para a singularidade da Yeshivá Colegial Machané Israel, “uma história quase desconhecida” que “constitui o ponto de partida da grande mudança ocorrida no judaísmo brasileiro contemporâneo” (TOPEL, 2005, p. 87). No decorrer de sua pesquisa sobre o fenômeno da nova ortodoxia²³⁰ na cidade de São Paulo, a autora resolveu fazer uma rápida visita à Yeshivá de Petrópolis, no ano de 2000, com o intuito de conversar com o rabino Benjamini, de quem tanto ouvira falar em São Paulo. Os “seus muitos discípulos, entre os quais há rabinos e lideranças comunitárias que hoje cumprem o papel destacado no processo de *keruv*²³¹ de judeus laicos à ortodoxia” (TOPEL, 2005, p. 88) deram continuidade aos trabalhos iniciados

²²⁷ O texto do Livro de Deuteronômio, em seu Capítulo 10:12-13, traz um exemplo do que é solicitado por Deus ao povo judeu. É nessa perspectiva que também se interpreta a preocupação do rabino Chaim em instruir o maior número de judeus quanto às observâncias da fé. O texto afirma: “E agora, ó Israel, qual é a coisa que o Eterno, teu Deus, pede a ti? Senão que temas ao Eterno, teu Deus, que andes em todos os Seus caminhos, ames e sirvas o Eterno, teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma; que guardes os mandamentos do Eterno e os Seus estatutos que eu te ordeno hoje, para o teu bem. ”

²²⁸ Pirkei Avot, Capítulo I da Mishná 2 (BUNIM, 2019, p. 49).

²²⁹ Marta Francisca Topel é antropóloga, docente da Universidade de São Paulo e autora do livro: Jerusalém & São Paulo – A nova ortodoxia judaica em cena. Topbooks, 2005. Rio de Janeiro.

²³⁰ O escopo da presente tese não procura tangenciar os estudos socioantropológicos sobre os domínios da ortodoxia religiosa judaica. Antes, busca uma modesta contribuição sobre a trajetória da educação e ensino dos antigos pergaminhos da religião judaica e seu desenvolvimento na Yeshivá de Petrópolis.

²³¹ Topel (2005) elucida o conceito de *keruv*: “do hebraico: aproximação, proselitismo” Topel (2005, p. 297).

pelo rabino Chaim.

De acordo com a autora, os ex-alunos da Yeshivá de Petrópolis, discípulos do rabino Chaim, não se esquecem da personalidade do rabino e do carisma de sua esposa, Rivka. Na mesma medida, guardam na memória o percurso do casal de sobreviventes dos campos de concentração nazistas que, ao imigrar para Israel e após o rabino lutar na Guerra de 1948²³², passou a se dedicar integralmente à educação nos anos seguintes. Conforme anteriormente abordado, quando ainda morava em Israel, o rabino Chaim deu início a seus estudos sobre a doutrina *chassidut*, e o casal resolveu se inclinar sobre as práticas religiosas ortodoxas judaicas. Em seguida, seguiu os conselhos do Rebe de Lubavitcher e iniciou a “árdua tarefa de colocar as sementes do movimento de *teshuvá*²³³ no Brasil.” (TOPEL, 2005, p. 88).

Foi com esse entendimento que, no ano de 1966²³⁴, a Yeshivá de Petrópolis foi fundada. A escola encontra-se localizada numa área de 120 mil metros quadrados, na rua Coronel Duarte da Silveira, 1246, no bairro do Bingen, no município de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Segundo Topel (2005), em seu primeiro ano de

²³² Após a declaração de Independência de Israel, em 14 de maio de 1948, o Egito, a Síria, a Jordânia, o Iraque e o Líbano uniram-se numa guerra contra a soberania do país. Ver: <https://embassies.gov.il/sao-paulo/AboutIsrael/history/Pages/HISTORIA-Estado-Israel.aspx>

²³³ Sobre o significado de *teshuvá*: “do hebraico: retorno, resposta. Expressão utilizada para designar o processo de penitência depois do qual os transgressores se comprometem a seguir à risca os preceitos estipulados pela Lei judaica. Na atualidade, conhece-se como *baal teshuvá* ou *chozer bi'teshuvá* o judeu laico que optou pela ortodoxia” Topel (2005, p. 299).

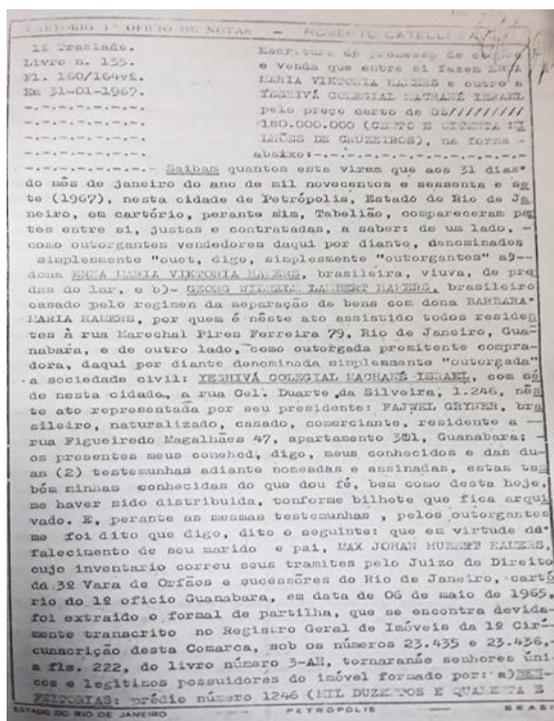
²³⁴ Destaca-se que, à época, a educação no Brasil era regida pela primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a Lei nº 4024/61, promulgada durante o governo do presidente João Goulart. Entre os principais tópicos assegurados, a lei regia: a educação pré-primária a crianças menores de 7 anos; o ensino primário de frequência obrigatória a partir dos 7 anos, com no mínimo quatro anos de duração (exceto nos casos de pobreza extrema dos responsáveis, pela falta de escolas, doenças ou anomalias graves); o ensino médio, em continuidade ao primário, mediante exame de admissão, ministrado em dois ciclos: o ginasial e o colegial, entre outros, os quais poderiam abranger os cursos secundário, técnico e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário e o ensino superior. Em decorrência da nova legislação, em 1962 foram criados o Conselho Federal de Educação e os Conselhos Estaduais de Educação. Em 1964, Paulo Freire iniciou o desenvolvimento do Plano Nacional de Alfabetização, a pedido do presidente da República, após o sucesso de sua experiência prática em Angicos/RN com a educação de jovens e adultos. Após o Golpe de Estado em 1964, o programa foi substituído pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), também uma política pública para a alfabetização da população em situação de analfabetismo, no entanto, com características bem distintas. Salienta-se que, desde sua fundação, a Yeshivá de Petrópolis acompanhou o desenvolvimento das políticas educacionais do país, adaptando-se às três últimas leis: nº 4024/61, 5692/71 e 9394/96.

Sobre a LDB 4024/61, consultar: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>.

Sobre os movimentos que organizavam a educação popular, ver: Educação popular: utopia latino-americana. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

funcionamento a Yeshivá contou com meninos oriundos das mais variadas regiões do país, dentre as quais Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pará, São Paulo e Rio Grande do Sul, recebendo também alunos da Argentina²³⁵, que hoje representa a maior comunidade judaica da América Latina. A Figura 16 abaixo apresenta o documento de registro da escritura de promessa de compra e venda da propriedade, assinada no Cartório do 1º Ofício de Notas de Petrópolis, no ano de 1967, localizado nos arquivos da Diretoria Regional Serrana I, de Petrópolis.

²³⁵ De acordo com os dados da Confederação Israelita do Brasil (CONIB), o Brasil representa a segunda maior comunidade judaica da América Latina, atrás apenas da Argentina e à frente do México. Os judeus representam, de acordo com o último censo, um percentual de 0,06% da população do país, com comunidade estimada em cerca de 120 mil pessoas distribuídas por várias regiões, sendo que os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro concentram o maior índice populacional. Sobre: <https://www.conib.org.br/historia>.

Figura 16 - Registro da escritura de promessa de compra e venda²³⁶

Fonte: Diretoria Regional Serrana I de Petrópolis.

²³⁶ Transcrição da Figura 16: “CARTÓRIO DE OFÍCIO DE NOTAS – ROBERTO CATELLI. 1º Traslado. Livro n. 135. Fl. 160/164 vº. Em 31-01-1967. Escritura do processo de Compra e Venda entre si fazem ERNA MARIA VIKTORIA HAMERS e outro a YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL pelo preço certo de C\$180.000.000 (CENTO E OITENTA MILHÕES DE CRUZEIROS), na forma abaixo: saibam quantos estas viram que aos 31 dias do mês de Janeiro do ano de mil novecentos e secenta e sete (1967), nesta cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, em cartório, perante mim, Tabelião, compareceram partes entre si, justas e contratadas, a saber: de um lado, como outorgantes vendedores daqui por diante, denominados simplesmente “ouot, digo, simplesmente ‘outorgantes’ ” a) – dona ERNA MARIA VIKTORIA HAMERS, brasileira, viuva, de prendas do lar, e b) – GEORG WILHEIM LAMBERT HAMERS, brasileiro, casado pelo regime da separação de bens com dona BARBARA MARIA HAMERS, por quem é neste ato assistido todos residentes à rua Marechal Pires Ferreira 79, Rio de Janeiro, Guanabara, e de outro lado, como outorgada promitente compradora, daqui por diante denominada simplesmente “outorgada” a sociedade civil: YESHIVÁ COLEGIAL MACHANÉ ISRAEL, com séde nesta cidade, a rua Cel. Duarte da Silveira 1246, neste ato representada por seu presidente: FAJWEL GRYNER, brasileiro, naturalizado, casado, comerciante, residente a rua Figueiredo Magalhães 47, apartamento 301, Guanabara; os presentes meus conehecd, digo, meus conhecidos e das duas (2) testemunhas a diante nomeadas e assinadas, estas também minhas conhecidas do que dou fé, bem como desta hoje, me haver sido distribuída, conforme bilhete que fica arquivado. E, perante as mesmas testemunhas, pelos outorgantes me foi dito que digo, dito o seguinte: que em virtude do falecimento de seu marido e pai, MAX JOHAN HUBERT HAMERS, cujo inventario correu seus tramites pelo Juízo de Direito da 3ª Vara de Orfãos e sucessores do Rio de Janeiro, Cartório do 1º ofício Guanabara. Em data de 06 de Maio de 1965, foi extraído o formal de partilha, que se encontra devidamente transcrito no Registro Geral de Imóveis da 1ª Circunscrição desta Comarca, sobre os números 23435 e 23436, a fls. 222, do livro número 3-AH, tornaram-se senhores únicos e legítimos possuidores do imóvel formado por: a) BENFEITÓRIAS: prédio número 1246 (MIL DUZENTOS E QUARENTA E SEIS).

A intenção de compra da propriedade somente foi formalizada no ano posterior à inauguração dos trabalhos da instituição escolar. O registro da escritura aponta para um contrato firmado entre duas partes: por um lado a outorgante, Sra. Erna Maria Viktoria Hamers, viúva do Sr. Max Johan Hubert Hamers, e, por outro, a outorgada promitente, na pessoa do Sr. Fajwel Gryner, presidente da Sociedade Civil Yeshivá Colegial Machané Israel, em 31 de janeiro de 1967. Além da descrição do imóvel, o documento evidencia o custo e as formas de pagamento para efeito de negociação, quais sejam: um valor total de 180 milhões de cruzeiros assim dividido: 50 milhões de sinal na ocasião de sua assinatura, 20 milhões a serem pagos na data de 30 de março de 1967 e 22 prestações mensais, sem juros, cada uma no valor de 5 milhões, a partir de julho do mesmo ano.

Topel (2005), em concordância com os periódicos da Yeshivá e com o livro do rabino Chaim, salienta as dificuldades relacionadas ao estabelecimento da instituição escolar religiosa. Observa-se que os depoimentos coincidem quanto às objeções no que concerne à consolidação da Yeshivá. De acordo com a autora, ao exemplificar as adversidades, o rabino menciona o apoio de dona Rivka, chegando a compará-la com a esposa do rabino Akiva²³⁷. O rabino Benjamini, à época diretor da Yeshivá de Petrópolis, conjectura que o desconhecimento do Judaísmo ortodoxo fez com que este fosse percebido como uma ameaça a certos valores do mundo moderno. Em outras palavras, ante uma inclinação mais rigorosa da fé, alguns membros da comunidade temiam que seus filhos desistissem do título universitário. Assim que, dentre as adversidades assinaladas,

[...] as mais delicadas foram a falta de apoio das instituições judaicas locais e o receio dos pais dos estudantes laicos em enviar seus filhos a um estabelecimento educativo no qual, além de aprender o currículo das escolas e colégios seculares vigentes no País, se aprofundariam no estudo e na prática

²³⁷ De acordo com as narrativas do Talmud, durante os 24 anos em que o Rabi Akiva ficou ausente para aprofundar-se nos estudos da Torá, sua esposa manteve-se fiel e auxiliando-o no possível. Ao encerrar seus estudos, ele voltou para a Judeia com muitos discípulos, pois havia se tornado um grande mestre e sábio das Leis. No reencontro do casal, sua esposa, ao vê-lo, prostrou-se diante do marido, tendo sido afastada por seus seguidores. Diante do ocorrido, o Rabi Akiva teria respondido: “Eu sou o que sou por causa dela”. Essa foi a forma encontrada pelo rabino Chaim Benjamini para homenagear sua esposa, Rivka, pelos anos de dedicação e abnegação. Sobre o Rabi Akiva, ver: Rabi Akiva, segundo o Talmud, de Manu Marcus Hubner, em <https://www.revistas.usp.br/vertices/article/view/178909>

do judaísmo religioso. As complexas leis da *kashrut*²³⁸ assustavam as famílias laicas que, na época das férias, receberiam seus filhos de volta.” (TOPEL, 2005, p.89).

Ao registrar suas impressões sobre a Yeshivá de Petrópolis, Topel (2005, p. 88) observa que suas instalações se assemelham a “uma moradia que parece um reduto centro-europeu transplantado para o Brasil”, cuja vegetação da Mata Atlântica em muito contrasta com a da região oriunda do casal. No diálogo que manteve com o rabino Benjamini, que se encontrava ladeado por sua esposa, Rivka, a autora assinala que, para além das dificuldades acima descritas enfrentadas pelo rabino quando da abertura da Yeshivá, a instituição escolar distinguia-se por procurar “acolher meninos e adolescentes nascidos no seio de famílias laicas”, tendo, dessa maneira, o claro propósito de judaizar uma comunidade prestes a desaparecer, conforme reportado pelo rabino à autora (TOPEL, 2005, p. 88).

De acordo com os registros históricos²³⁹ e frente às ponderações de Topel (2005), identifica-se a existência de uma comunidade judaica já estabelecida e organizada no Brasil. Ainda assim, e apesar das observâncias guardadas pelo Judaísmo ortodoxo, muitos judeus não seguiam alguns dos preceitos prescritos nas escrituras sagradas do Judaísmo, como as leis alimentares. É nessa perspectiva que compreendo as intervenções para a educação e o ensino da transmissão das lições presentes nos antigos pergaminhos, numa casa em que jovens judeus tivessem a oportunidade de conhecer a cultura e a fé de seus ancestrais. Com a clara percepção acerca das três coisas que sustentam o mundo, pode-se interpretar os anseios do rabino Chaim, adepto do movimento Chabad, por não negligenciar a revelação dos mandamentos, principalmente pelos que os desconheciam.

Se por um lado inúmeros são os desafios narrados, por outro identifica-se que muitas foram as conquistas do rabino. Topel (2005) assinala que houve centenas de meninos e adolescentes que passaram pela Yeshivá de Petrópolis, como *bachurei yeshivot*, frisando que alguns de seus ex-alunos prolongaram sua estada na instituição até os 22 anos. A autora enfatiza que, embora não fosse o objetivo principal da Yeshivá

²³⁸ *Kashrut*: “do hebraico (substantivação de *kasher*): idôneo, apto. Referência aos alimentos que podem ser consumidos pelos judeus ortodoxos” Topel (2005, p. 297).

²³⁹ Sobre a história dos judeus no Brasil, consultar: <https://www.conib.org.br/historia/>

Colegial Machané Israel, “o pedido de alguns alunos, somado a um outro projeto no qual o rabino Binjamini concentrou as forças, o levou a abrir uma *yeshivá guedolá*²⁴⁰, a primeira *yeshivá* desse tipo na América Latina.”. Destaca que “para avaliar os alunos no difícil exame final que lhes daria a *smichá*²⁴¹ para atuar como rabinos, foi convidado o rabino Pinchas Hirshprun” que, em meados da década de 70, foi o rabino-chefe da comunidade de Montreal (TOPEL, 2005, p. 90).

No que diz respeito à continuidade do legado do rabino Benjamini, Topel (2005) cita o nome de três outros rabinos²⁴² com importantes atuações na cidade de São Paulo, os quais obtiveram a *smichá* na Yeshivá de Petrópolis, e que prosseguiram a missão apreendida na instituição escolar, convictos no compromisso de difusão do Judaísmo ortodoxo entre as comunidades brasileiras. Assim, dentre as atividades educacionais religiosas desenvolvidas pela instituição escolar, os educandos viajavam para outros municípios do país onde saíam ao encontro de outros judeus, com o objetivo de celebrar as festas judaicas, compartilhando a guarda da observância das leis. Nesse sentido, consoante as atividades desenvolvidas na Yeshivá de Petrópolis, orientadas pelo líder do movimento Chabad, o rabino Michaan relembra:

Eu passei *Rosh Ha'Shaná* e *Yom Kipur* quatro anos em cidades diferentes: um ano em Salvador, três anos em Brasília. A gente agia na base da lista telefônica: procurávamos sobrenomes judaicos como Cohen, Rosemberg, Goldemberg, Levi, etc. Em Brasília foi bem interessante porque havia um núcleo ao redor da embaixada de Israel que reunia entre vinte e trinta pessoas. Mas a primeira vez, fomos dez da *yeshivá* porque não sabíamos, para assegurar o *minyam*. E lá começamos a telefonar e, para surpresa de todo mundo, em *Rosh Ha'Shaná*²⁴³ apareceram oitenta pessoas, e para *Yom Kipur*²⁴⁴ já tinha mais de cem pessoas que nem se conheciam: um não sabia da existência do outro. E no primeiro ano, na volta, já trouxemos conosco dois meninos para estudar na *yeshivá* (TOPEL, 2005, p. 91).

²⁴⁰ *Yeshivá Guedolá*: “Do hebraico: academia de estudos religiosos para alunos que almejam obter o título de rabino” Topel (2005, p. 90).

²⁴¹ *Smichá*: “Do hebraico: título de rabino” Topel (2005, p. 90).

²⁴² Entre os nomes de rabinos ordenados pela *Yeshivá Guedolá*, em Petrópolis, Topel (2005) cita os nomes de: Isaac Michaan, Isaac Dichi e Shamaí Ende Tope (2005, p. 90).

²⁴³ O *Rosh Há'Shaná*, ano novo judaico, é festejado nos dois primeiros dias do mês hebraico de Tishrei, que coincide com setembro ou outubro do calendário comum. Sobre o calendário judaico, indica-se: O Livro do Conhecimento Judaico – O ano hebreu e seus dias significativos, de Eliyahu Kitov.

²⁴⁴ O *Yom Kipur* é chamado de Dia do Perdão. A palavra *kipur* representa o perdão dos pecados por Deus, mas também pode representar a expiação, que significa a remissão dos pecados por parte do pecador (ASHERI, 1987, p. 189).

Com relação ao tempo em que foi aluno da instituição escolar, o rabino Michaan evidencia o comprometimento do rabino Chaim Benjamini em abrir a primeira casa de estudos talmúdicos para a comunidade brasileira. Denominando-o de pai espiritual e mentor, ressalta sua responsabilidade em proporcionar a vivência e a experiência de um internato ao lado de seus alunos e com toda a sua família. De igual modo, enfatiza suas impressões acerca do esforço na constituição da primeira casa de estudos, um espaço social onde os ensinamentos da religião judaica são perpassados e se assegura o registro de aspectos físicos da Yeshivá de Petrópolis, afirmando à Topel:

Eu acho que têm duas coisas na yeshivá de Petrópolis: o objeto e o sujeito, existe a yeshivá como instituição, como pessoa jurídica. E a yeshivá tem um lugar verde, é até um ambiente pastoral, inspirador, tranquilo; acaba criando um ambiente favorável. Mas, sem dúvida alguma, acima de tudo, as pessoas envolvidas trouxeram toda a força da yeshivá. O projeto da yeshivá está centralizado na pessoa do rabino Benjamini, dele, e, por extensão, de sua família, que, há décadas, se dedica à yeshivá. Benjamini é realmente uma pessoa muito carismática, com muitos valores, autêntica. E eu acho que servia e serve de inspiração e que deve ser considerado não só um professor, mas um mentor, um pai espiritual, que transmite valores; você percebe que ele vive esses valores de forma muito autêntica, que não só acredita nisso, mas traduz na prática... Então, isso era motivo de inspiração, e acho que a figura dele, a influência dele escreve uma página na História: é um paradigma, um modelo (TOPEL, 2005, p. 93).

Em seu depoimento, o rabino Michaan enfatiza as práticas cotidianas da fé, valor vivenciado em família pelo fundador da Yeshivá e seus alunos, bem como identifica em suas ações socioeducativas religiosas uma página na história do Judaísmo. No tocante aos trabalhos desenvolvidos pelo rabino Chaim, Topel (2005, p. 92) salienta que todos os seus ex-alunos reconhecem os méritos da Yeshivá de Petrópolis e a identificam como um dos pilares do movimento ortodoxo judaico no país. Sobre a dimensão e o alcance da instituição para a comunidade judaica brasileira, e em particular à paulistana, um ex-aluno reitera:

Pela yeshivá de Petrópolis passaram mais de quinhentos alunos. Eu diria que a linha da yeshivá se parece com a de Bnei Akiva, se pensarmos que conserva a questão de juntar tanto estudos laicos como estudos religiosos. [Lá] se prepara o aluno, o educando, como uma pessoa, como um adulto participante da vida comunitária; porém, com fortes ligações religiosas, isso se reflete hoje em dia em São Paulo. Você tem muitos desses formandos,

pessoas que passaram por lá há trinta, vinte, quinze anos, que aprenderam a fazer essa convivência entre o sacro e o profano, e que hoje estão atuando na comunidade. Você vai encontrar muitos líderes comunitários oriundos da yeshivá e que agora, no momento em que podem tomar decisões, de alguma forma, se estão relacionando com aquilo que vivenciaram lá” (TOPEL, 2005, p. 93).

Apesar de existirem registros de diversas ações de rabinos ligados ao movimento Chabad no Brasil, no decorrer das décadas de 60 e 70, Topel (2005) assevera o protagonismo da Yeshivá de Petrópolis por ser “a primeira instituição criada com a missão que o Rebbe de Lubavitch tinha começado a desenvolver nos Estados Unidos” (TOPEL, 2005, p.92). Em outras palavras, ações para a difusão dos preceitos religiosos ortodoxos do Judaísmo ao maior número de judeus laicos, propagando-os pelos cinco continentes. E assim a autora reconhece que:

É nesse sentido que a yeshivá de Petrópolis deve ser considerada um marco no judaísmo brasileiro, porque foi essa a instituição que abriu o caminho para a reconfiguração identitária de uma comunidade orientada, em sua maioria, pelos valores do judaísmo secular e liberal (TOPEL, 2005, p. 92).

Com o propósito de interpretar as contribuições da Yeshivá de Petrópolis para o desenvolvimento da comunidade ortodoxa judaica no país, incluí no estudo os periódicos celebrativos da instituição, partindo da compreensão de que a memória possui contextos, contornos e, sobretudo, uma relevante significância para aqueles que escolhem guardá-la (KOTRE, 1997, 2013). Assim, com a palavra, as lembranças do tempo na Yeshivá.

3.2.1. Com a palavra: as lembranças do tempo na Yeshivá de Petrópolis.

Os periódicos da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis chegaram ao meu conhecimento pelas mãos de seu atual coordenador pedagógico, na entrevista realizada em dezembro de 2020, em sua residência, na cidade de Petrópolis. Naquele momento ainda considerávamos uma pesquisa de cunho etnográfico, com entrevistas narrativas, conforme mencionado na introdução. O professor Bini, como gosta de ser

chamado, guardava as publicações numa pasta com cuidadosa atenção, e somente quando encerrada a entrevista ele me perguntou se eu gostaria de vê-las.

Ao folhear os periódicos com visível emoção, expressa na voz que insistia em sair embargada e no olhar afetuoso que revisitava todos os detalhes, cada página parecia evocar as memórias dos acontecimentos com as pessoas envolvidas com a Yeshivá. Algumas fotos mostravam meninos, agora ex-alunos, que mais uma vez ganhavam vida na narrativa de novas lembranças. Naquela sexta-feira, o tempo passado nos anos de contínuo trabalho na instituição escolar foram lentamente observados a cada imagem, nos depoimentos e atividades curriculares desenvolvidas.

Bini perguntou-me, muito educadamente, se haveria interesse de minha parte em olhar a vida na Yeshivá, referindo-se às revistas, ao que, preciso admitir, aceitei sem hesitação. Posteriormente, fui encontrar um exemplar idêntico que me fora ofertado pelo atual diretor pedagógico, rabino Adi, numa das ocasiões em que tive a oportunidade de estar na escola. À época, não me atentei de maneira pormenorizada ao seu conteúdo. Junto com as duas edições celebrativas, voltei a Juiz de Fora com dois exemplares da revista *Morashá*, e uma delas continha um artigo de Rivka Binjamini, publicado em 2016, ano em que ocorreram as celebrações de 50 anos da Yeshivá de Petrópolis. Com o recrudescimento da pandemia mundial do novo coronavírus (Sars-Cov-2), e frente aos impeditivos que inviabilizaram uma pesquisa de campo, as revistas transformaram-se em fontes.

Cumprido destacar que o estudo das instituições escolares sob a perspectiva da escola dos *Annales* possibilitou aos historiadores um novo olhar, ou seja, novas abordagens e interlocuções na compreensão do campo estudado. O movimento ampliou o próprio conceito de fonte e, por conseguinte, observou-se uma sensível interpenetração de conhecimentos das mais diversificadas áreas das ciências sociais (BARROS, 2012). No que concerne à história da educação, uma pesquisa sobre as singularidades de uma instituição escolar fundamentada em princípios milenares de uma cultura tangenciou as particularidades religiosas da Yeshivá de Petrópolis e inseriu-se no entendimento do papel desempenhado pela instituição nas relações sociais com a comunidade judaica brasileira.

Nessa perspectiva, procurei “ler e compreender as tradições com base em diversas conjecturas, inclusive a da suspeita, sempre em chave genealógica (como se originaram as práticas constatadas)”. De modo que, ao buscar interpretar as revistas, procurei compreendê-las no escopo de minhas indagações iniciais. Deprendendo que a objetividade na construção da operação historiográfica se construiria intersubjetivamente, olhando e escutando “o que os autores observados fazem e dizem em seus escritos [...]”, ao contemplar diferenças, afinidades, alteridades, convenções, procurei submeter os registros às diversas leituras possíveis – ao meu alcance – no intuito de traçar diversas apropriações e interpretações numa composição dialógica e intersubjetiva (ESCOLANO, 2017, p. 161). Dessa maneira, consciente do introito da pequena contribuição para a temática, desejo que outros pesquisadores debruem seus olhares para a educação religiosa ortodoxa judaica.

É importante ressaltar que, ao me convidar para olhar a vida na Yeshivá de Petrópolis, para além das materialidades físicas dos periódicos, passei a observar como se desenvolvia a escrita dos depoimentos narrativos²⁴⁵ das pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer a instituição escolar. Essa observação deu-se através dos inúmeros eventos especialmente programados, nos testemunhos de seus ex-alunos, pelo olhar das autoridades judaicas e, não menos importante, pelas pessoas que não a conheceram, mas foram beneficiadas pelos serviços religiosos oferecidos à comunidade no decorrer dos anos. Procurei compreender o impacto das ações empreendidas pelo rabino Benjamini na edificação de uma escola que ensinasse os preceitos religiosos da fé judaica em solo brasileiro. Ao examinar os registros fotográficos pretendi interrogar os vestígios das práticas culturais escolares da Yeshivá, as quais não constavam em seu currículo formal, protocolado na Seeduc.

Por certo, faz-se necessário enfatizar que as revistas consistem numa edição especial, destarte, sua composição fora particularmente coordenada com o propósito de divulgar os frutos dos trabalhos realizados pela instituição escolar. Assim, os recursos estratégicos utilizados na organização do conteúdo sistematizado no interior da

²⁴⁵ Na composição do texto procurei entrelaçar polissêmicas palavras, as quais foram sendo tecidas numa bricolagem de complexas experiências. Os sentimentos e as significativas memórias transcritas pelos autores evidenciavam suas percepções sobre o tempo escolar, trabalho que se constituiu na apreensão da cultural material e imaterial da instituição escolar (ESCOLANO, 2017, p. 26-163).

publicação procuravam evidenciar as consequências empreendidas na constituição da primeira escola religiosa ortodoxa judaica no país. Os periódicos²⁴⁶ apresentam as lembranças guardadas na memória dos ex-alunos da Yeshivá. Percebe-se que alguns depoimentos ganharam contornos de uma escrita narrativa que, com o decorrer do tempo, foram capazes de delinear significativos acontecimentos na vida dos educandos (KOTRE, 1997, p. 25, 104).

Compreende-se que a presente tese não tem por escopo um estudo biográfico sobre os ex-alunos da Yeshivá de Petrópolis. No entanto, a maioria dos relatos que compunham os periódicos investigados possuía traços de uma escrita memorialística e narrava de maneira pessoal as lembranças dos eventos transcorridos na instituição. Desse modo, apoia-se em Kotre (1997) no intuito de melhor compreender as experiências narradas. Para o autor, os acontecimentos significativos são usados para monitorar o tempo em nossa memória. Suas singularidades permanecem registradas na memória. Nessa perspectiva,

[...] a submissão do *quando* ao *quê* na memória autobiográfica é importante porque conduz ao verdadeiro interesse da memória propriamente dita: a criação de significado para o eu. Antes que possamos dar a uma experiência um lugar duradouro na memória, temos de decidir o que ela significa (KOTRE, 1997, p. 93).

Na mesma medida, Kotre (1997) atribui uma característica para que as lembranças sejam consideradas autobiográficas. Em suas palavras, “elas têm de ser capazes de durar uma vida inteira, ou pelo menos até a idade em que as pessoas montam uma história de vida” (KOTRE, 1997, p. 138). É sob esse viés que busco compreender as memórias dos ex-alunos.

O expressivo número de depoimentos²⁴⁷ publicados nas revistas concede-nos indícios de que houve critérios na escolha dos trechos publicados, buscando, dessa

²⁴⁶ Pondera-se que as edições das revistas da Yeshivá de Petrópolis não se constituem como livros, ainda assim, sua leitura foi intermediada pelas considerações de Genette (2009), para quem a instrumentalização editorial dos livros - em outras palavras, sua apresentação, a definição dos títulos, capas, contracapas, entre outros elementos - é denominada de paratexto, em seu livro intitulado *Paratextos Editoriais*. – Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2009.

²⁴⁷ Diante da longevidade dos trabalhos realizados pela instituição de ensino na difusão do judaísmo ortodoxo, assim como no atendimento dos ofícios religiosos aos judeus brasileiros, pode-se considerar o significativo volume de correspondências recebido.

forma, ressaltar uma memória daquilo que se gostaria de preservar. As edições não apresentam um registro catalográfico, também não existem informações sobre o número de exemplares publicados, suscitando a impressão de que foram confeccionadas somente para divulgação na própria comunidade. Em comum, ressaltam a Yeshivá de Petrópolis como um sólido alicerce na construção da história do judaísmo no país; a pessoa do rabino Chaim Benjamini como um ilustre mestre, reconhecido com grande admiração; as incontáveis contribuições da escola para a comunidade judaica brasileira; e as dificuldades encontradas para a manutenção de uma instituição escolar sem fins lucrativos.

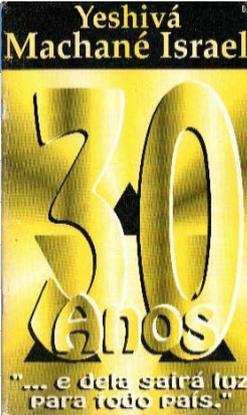
Não obstante, as reverberações das intervenções pedagógicas difundidas pela instituição podem ser cotejadas até o presente tempo, conforme assinalado por Topel (2005). Nessa perspectiva, experimento o exercício historiográfico de interpretar as experiências dos ex-alunos a partir de suas próprias escritas narrativas (NORA, 1987). Assim, ensaio uma apropriação das palavras de Le Goff (1987) e perscruto os belos registros notariais dos narradores (LE GOFF, 1987, p. 235).

Os dois periódicos, impressos em papel couchê, foram editados à época das celebrações dos aniversários de 30 e 40 anos de fundação da instituição, por ex-alunos e admiradores da Yeshivá. Dessa maneira, as publicações nos anos de 1996 e 2006 possuem um intervalo de dez anos em sua periodicidade. Com distintas características entre si, identifiquei nas fontes os apontamentos indispensáveis para uma melhor apreensão das questões propostas na pesquisa. Com efeito, a edição dos 30 anos possui um número maior de depoimentos e experiências que envolvem os membros e autoridades da comunidade religiosa judaica do Brasil e do mundo. O conteúdo da edição dos 40 anos busca aclarar o cotidiano escolar da instituição. À vista disso, apropriando-me das palavras do professor Bini, convido meu leitor a olhar a vida na Yeshivá de Petrópolis, na ordem de suas publicações.

Após 26 anos de sua edição, a revista de 30 anos ainda mantém uma capa brilhante, de cor amarela com sombras em tons dourados. Na parte superior, sobre um fundo escuro, pode-se ler Yeshivá Machané Israel e o símbolo B”H – Baruch Hashem – que na tradução literal do hebraico para o português significa “abençoado seja O

Nome”. O número 30 ocupa a maior parte da folha, sobreposto a uma Estrela de Davi²⁴⁸ e, em sua parte inferior, de forma centralizada, encontra-se um trecho transcrito do telegrama do Rebe Scheenerson²⁴⁹, líder do movimento chassídico afirmando: “...e dela sairá luz para todo país.”. O Quadro 8, a seguir, apresenta como se encontra disposta a organização espacial no interior do periódico.

Quadro 8 – Periódico comemorativo de 30 anos da Yeshivá de Petrópolis

	Especificação dos depoimentos da revista comemorativa de aniversário de 30 anos da Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis	
Nº total de depoimentos		67
Depoimentos de mãe de alunos		3
Depoimentos de rabinos		22
Depoimentos de ex-alunos		25
Nº total de fotos		90
Nº de financiadores		28
Nº de páginas		28

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Em conformidade com o Quadro 8, acima, no interior das 28 páginas da revista podem-se identificar as bênçãos, congratulações, felicitações, fotos, depoimentos e os anúncios dos financiadores que, nominalmente ou através de suas empresas, ajudaram a custear a publicação. Ao longo da edição, os noventa pequenos registros fotográficos passeavam como se emoldurassem o momento em que as atividades foram desenvolvidas no decorrer dos 30 anos da instituição escolar, de maneira a deixar

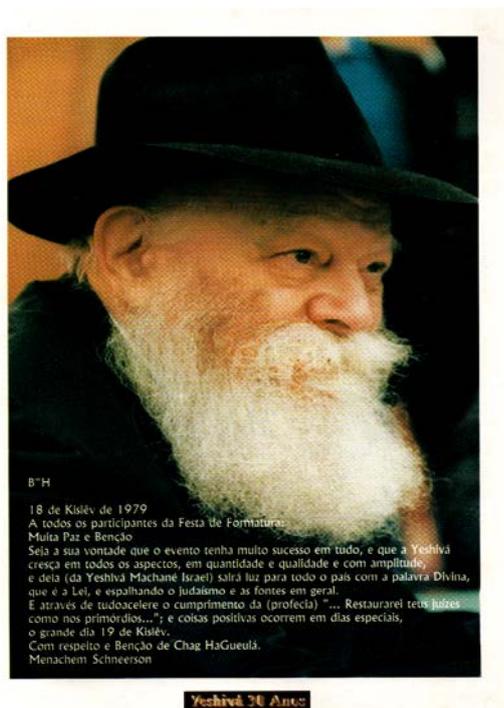
²⁴⁸ A Estrela de Davi possui seis pontas representando um hexagrama, feita de dois triângulos entrelaçados. De acordo com a tradição religiosa, as pontas correspondem ao governo de Deus em todas as seis direções do universo (JOFFE, 2017).

²⁴⁹ O líder do movimento chassídico, Rebe Menachem Mendel Schneerson (1902-1994), manteve intensa correspondência com o rabino Chaim Benjamini. Parte delas foi publicada no livro *História do "Acampamento de Israel" Yeshivá em Petrópolis*, publicado em 2009 pela editora Sêfer. O trecho retirado para a composição da capa pertence a um telegrama endereçado ao rabino Chaim, datado do ano de 1979. Destaca-se que toda a correspondência entre os fundadores da Yeshivá de Petrópolis e o Rebe se encontra catalogada na instituição escolar.

catalogadas as recordações dos trabalhos pedagógicos, lembranças que confluíam para a construção de uma memória coletiva²⁵⁰ (KOTRE, 1997, 2013).

A segunda capa da revista apresenta, conforme a Figura 17, abaixo, uma fotografia do último líder do movimento chassídico. No canto inferior da imagem é possível ler um trecho da correspondência, datada do ano de 1979, parabenizando todos os envolvidos pela formatura rabínica na instituição.

Figura 17 - Rebbe Menachem Schneerson²⁵¹



2

Fonte: Revista de 30 anos da Yeshivá de Petrópolis.

²⁵⁰ Na presente pesquisa, a memória coletiva é entendida como uma apresentação de “um quadro de si mesma que certamente se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele sempre se reconheça nessas imagens sucessivas. A memória coletiva é um painel de semelhanças, é natural que se convença de que o grupo permaneça, que tenha permanecido o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo.” (HALBWACHS, 2008, p. 109). Ainda de acordo com o autor, “é no tempo, no tempo que é o de um determinado grupo que ele procura encontrar ou reconstruir a lembrança, e é no tempo que se apóia.” (HALBWACHS, 2008, p. 146).

²⁵¹ Transcrição da Figura 17: “B”H. 18 de Kislêv de 1979. A todos os participantes da Festa de Formatura: Muita Paz e Bênção. Seja a sua vontade que o evento tenha muito sucesso em tudo, e que a Yeshivá cresça em todos os aspectos, em quantidade e qualidade e com amplitude, e dela (da Yeshivá Machané Israel) sairá luz para todo o país com a palavra Divina, que é a Lei, e espalhando o judaísmo e a fontes em geral. E através de tudo acelere o cumprimento da (profecia) ‘...Restaurarei teus juizes como nos primórdios...’; e coisas positivas ocorrem em dias especiais, o grande dia 19 de Kislêv. Com respeito Bênção de Chag HaGueulá. Menachem Schneerson.”

As bênçãos²⁵² do líder chassídico assinalam seus anseios frente ao crescimento da instituição escolar no propósito de difundir os preceitos religiosos do judaísmo ortodoxo. No tocante à escolha da mensagem para ladear a imagem do Rebe Menachem Mendel Schneerson (1902-1994), interpreta-se que ela alude à época da primeira formatura rabínica ocorrida na Yeshivá de Petrópolis, consoante ao evidenciado por Topel (2005) nas páginas anteriores. Dessa maneira, considera-se que as palavras buscam registrar um marco na história da primeira Yeshivá Guedolá brasileira.

O editorial da revista aparenta ter sido escrito no intuito de enfatizar as ações pedagógicas desenvolvidas pela instituição escolar. Ao conceder destaque à promoção da educação religiosa ortodoxa ofertada a judeus oriundos de lares não religiosos, a asquenazitas e sefaraditas, as palavras do editorial expressam tons de um dever cumprido no legado de transmissão das antigas letras da Torá. Ainda que sem uma identificação autoral, as palavras pareciam ganhar um sentido de completude da existência (KOTRE, 1997, p. 177).

De acordo com o autor, alguns homens, ao considerarem refletir sobre as oportunidades de suas realizações, experimentam a inteireza do contentamento. Era o que podia ser observado no encantamento descrito ante a superação dos desafios para estabelecer uma *yeshivá* no Brasil. Nas palavras de Kotre,

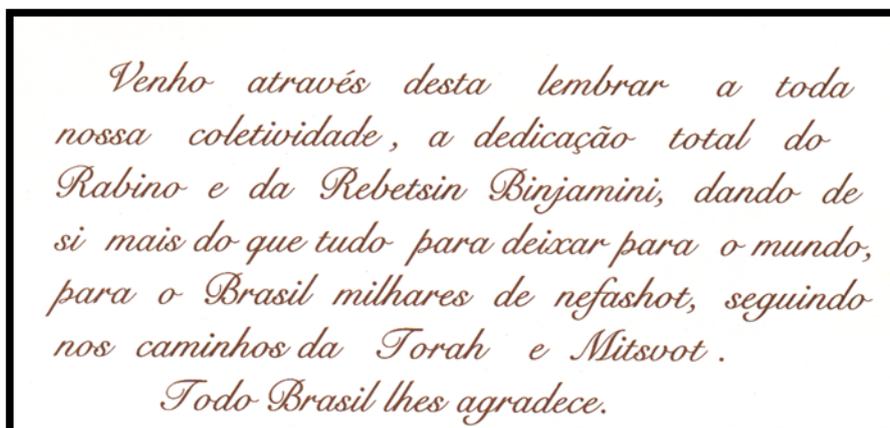
[...] quando uma revisão de vida é bem-sucedida, traz uma sensação de integridade, coerência e completude à existência. Você se dá conta de ter feito o melhor que podia diante das circunstâncias. [...] A sensação de satisfação causada por uma revisão de vida pode ser ampliada ao se ver a própria vida como parte de uma peça teatral maior, como uma variante de algum conto arquétipo. Você pode chegar a ver seu lugar na história. (KOTRE, 1997, p.177).

Os 28 anúncios encontrados no interior da revista, em sua disposição, distinguem-se por ocupar meia página ou uma página inteira dela. Em comum, as felicitações também destacavam as contribuições da instituição escolar para a comunidade judaico-brasileira. Desse modo, quatro publicações em especial chamaram minha atenção, uma vez que concediam fortes indícios que auxiliaram minha

²⁵² Em sua mensagem, o líder do movimento chassídico recorre à parte do versículo bíblico presente no livro do profeta Isaias, referenciando-se a uma promessa de Deus aos judeus.

compreensão sobre a importância da Yeshivá de Petrópolis. Assim, estendo meu olhar para os escritos da Figura 18, abaixo, posto reportarem-se à diligente dedicação do casal²⁵³.

Figura 18 - Trecho dos anúncios selecionados²⁵⁴



Fonte: Revista de 30 anos da Yeshivá de Petrópolis, p. [30].

As delicadas letras em estilo cursivo destacam as milhares de almas – *nefashot* – que passaram a seguir os caminhos da Torá e convocam toda a coletividade a lembrar-se dos serviços prestados pelo casal. De forma concisa, a Figura 19, abaixo, enumera a importância da Yeshivá.

²⁵³ Em algumas correntes do judaísmo ortodoxo, como no movimento chassídico, as mulheres de alguns rabinos são chamadas pelo título de *rebetsin*.

²⁵⁴ Transcrição da Figura 18: “Venho através desta lembrar a toda nossa coletividade, a dedicação total do Rabino e da Rebetsin Binjamini, dando de si mais do que tudo para deixar para o mundo, para o Brasil milhares de *nefashot*, seguindo nos caminhos da *Torah* e *Mitsvot*. Todo Brasil lhes agradece.”

Figura 19 - Trecho dos anúncios selecionados²⁵⁵

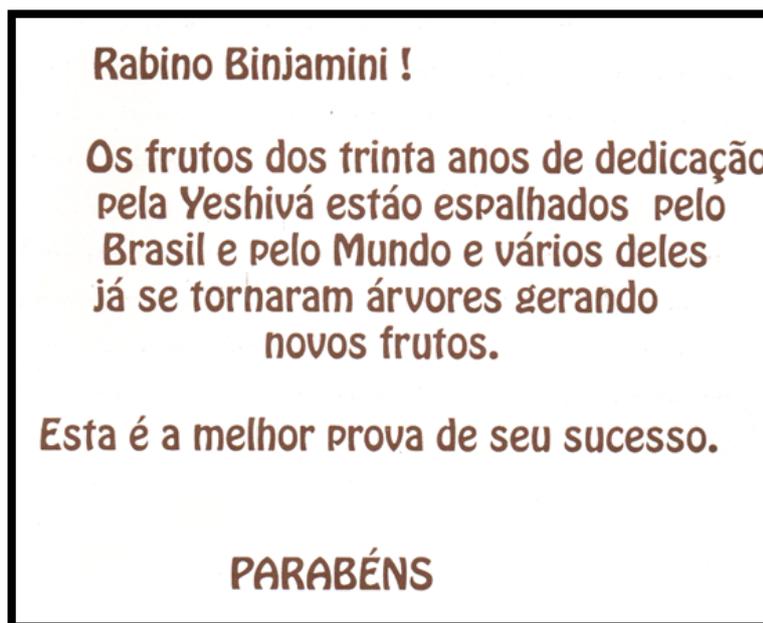


Fonte: Revista de 30 anos da Yeshivá de Petrópolis, p. [36].

Para além da objetividade das palavras acima, compreendo no reconhecimento público a longa trajetória percorrida pelo casal Benjamini, no intuito de estabelecer os alicerces para a continuidade das antigas tradições religiosas do judaísmo. Observa-se ainda o entrelaçamento quase identitário entre a Yeshivá e o rabino Chaim, consequência da ousadia de seus sonhos. Diretamente escrito ao rabino, a Figura 20, abaixo, aduz referências ao texto bíblico presente no livro de Salmos²⁵⁶.

²⁵⁵ Transcrição da Figura 19: “Todos reconhecemos: 1) Pioneiro e primeiro de *Yeshivot* = Rav Binjamini. 2) Sem a Yeshivá não teríamos nada. 3) A Yeshivá nos trouxe a continuidade do judaísmo, e estudo da Torah da Europa e Oriente. 4) Para ser idealista como o Rav Binjamini a pessoa tem que se anular e esquecer a vida do mundo.”

²⁵⁶ Ao exemplificar o homem bem-aventurado, o texto no livro de Salmos afirma que: “Ele será como a árvore plantada junto ao ribeiro que produz seu fruto na estação apropriada e cujo as folhagens nunca secam”. (Salmos 1:3). Na edição da revista de 30 anos da instituição, existem nove menções aos frutos colhidos na perseverança do ensino das leis judaicas.

Figura 20 - Trecho dos anúncios selecionados²⁵⁷

Fonte: Revista de 30 anos da Yeshivá de Petrópolis, p [29].

O enunciado da Figura 20 faz uma analogia com o texto bíblico, apontando para a grande colheita oriunda de novos frutos das sementes espalhadas pelo rabino Chaim por todo o mundo. Por fim, mas não menos importante, a Figura 21 apresenta as razões pelas quais credito a Yeshivá o protagonismo na história do judaísmo brasileiro contemporâneo, consoante as afirmações de Topel (2005, p. 87).

²⁵⁷ Transcrição da Figura 20: “Rabino Binjamini! Os frutos dos trinta anos de dedicação pela Yeshivá estão espalhados pelo Brasil e pelo Mundo e vários deles já se tornaram árvores gerando novos frutos. Esta é a melhor prova de seu sucesso. PARABÉNS.”

Figura 21 - Trecho dos anúncios selecionados²⁵⁸

Um dia , quando a História da Comunidade Judaica Brasileira for escrita, o casal Rivca e Rabino Chaim Binjamini merecerão um capítulo especial, pela dedicação ímpar e abnegada na formação de tôda uma geração de *bnei Torah*.

Fonte: Revista de 30 anos da Yeshivá de Petrópolis, p. [27].

Ao dedicarem-se à expansão dos princípios educacionais das tradições religiosas, apresentaram-se como resposta ao aforismo presente na Mishná, “[...] E se não agora, quando?”²⁵⁹.

Rivka e Chaim Benjamini pareciam intencionalmente fomentar uma união entre o individual e o coletivo, o conhecimento e as práticas religiosas, promoviam o que Sacks (2002) denomina de canais de conexão ao estabelecer elos entre “o lar, a escola, a congregação, o sentimento de estar ligado a um povo espalhado pelo tempo e pelo espaço – com uma beleza tão cuidadosamente orquestrada” (SACKS, 2002, p.261). Ao ensinarem as letras dos pergaminhos, formaram uma geração de filhos da Torá.

A contracapa traz um pequeno texto realçado em fortes cores contrastantes, cuja mensagem convoca todos a participar com afinco da continuidade dos trabalhos da instituição, ressaltando o empenho nas ações de educar para as próximas gerações. Por fim, a quarta capa expõe, por tópicos, em pequenas letras, todas as atribuições que consistem em propagar as práticas pedagógicas empreendidas na Yeshivá de Petrópolis.

²⁵⁸ Transcrição da Figura 21: “Um dia, quando a História da Comunidade Judaica Brasileira for escrita, o casal Rivca e Rabino Chaim Binjamini merecerão um capítulo especial, pela dedicação ímpar e abnegada na formação de toda uma geração de *bnei Torah*.”.

²⁵⁹ Texto do Capítulo 1 da Mishná 14. (BUNIM, 2019).

Dessa forma, no intuito de perscrutar as contribuições da supracitada instituição no desenvolvimento da comunidade religiosa ortodoxa judaico-brasileira, inicialmente procurei me ater aos depoimentos de pessoas que, de alguma forma, tiveram contato com as ações pedagógicas desenvolvidas pela instituição escolar sem, no entanto, frequentá-la com regularidade. Em outras palavras, são declarações de pessoas que participaram de atividades culturais que exemplificaram o cotidiano da vida religiosa ortodoxa e o cumprimento das *mitsvot*, em conformidade com o modelo apregoado pelo líder do movimento Chabad.

Conforme referenciado no Capítulo II, o movimento Chabad apresenta como uma de suas características a preocupação com os judeus afastados das práticas religiosas prescritas nas escrituras sagradas. Nessa direção, incentivam o desenvolvimento de atividades com conteúdo judaico voltadas à comunidade. De acordo com Topel (2005), a organização de encontros, palestras, cursos e celebrações religiosas, dentre outras atividades, buscam atrair a atenção de todos os judeus (TOPEL, 2005, p. 101-103).

Cumprir destacar que a Yeshivá de Petrópolis, tendo sido a primeira escola religiosa ortodoxa judaico-brasileira, otimizou inúmeros programas e eventos. Signatária do movimento, muitos serviços envolvendo as práticas religiosas foram e continuam sendo desempenhados pelos seus *bachurei yeshivot* até os dias de hoje. Localizada numa extensa área verde, possui uma estrutura física que viabiliza diversas ações pedagógicas. Assim, judeus oriundos de todas as regiões do Brasil, e mesmo do exterior, foram privilegiados com os serviços religiosos oferecidos pela instituição escolar.

Transcritas da revista dos 30 anos, as citações do Quadro 9, abaixo, referem-se aos depoimentos de pessoas²⁶⁰ que tiveram a oportunidade de vivenciar algumas das programações pedagógicas na Yeshivá de Petrópolis. No que concerne às falas, podem ser observadas características comuns que expressam a admiração pela maneira como foram recebidos, outras destacam os atributos da instituição de ensino.

²⁶⁰ Consciente da publicidade da revista, ainda assim se considerou eticamente apropriado manter o sigilo dos nomes citados. Dessa maneira, optou-se pela escolha de nomes comuns, para referendar os depoimentos.

Quadro 9 – Depoimentos de visitantes sobre a Yeshivá de Petrópolis

AUTOR	DEPOIMENTO
João	“Eu gostei muito da Yeshivá, achei o aspecto de lá muito lindo. Gostei muito do ambiente e o modo de estudar. O Shabat foi um dos melhores Shabat da minha vida, gostei muito da Yeshivá e, <i>bli neder</i> ²⁶¹ , irei para a Yeshivá o ano que vem”.
Marcelo	“Quando cheguei não pensei que seria tão bom assim e gostei muito da Yeshivá porque eu pensei que estudávamos muito, só que vimos que não se estuda tanto assim. A Yeshivá era muito boa e seus alunos eram bastante delicados”.
Tiago	“Agradecemos pela maravilhosa recepção, muito além do normal, no Shabat que passamos na Yeshivá...”.
Célio	“Mesmo pessoas que nunca gostaram de estudar Torá acabam gostando, incentivados pela Yeshivá...”.
Roberto	“... Mas pela primeira vez que fui, no ano passado, eu vi as coisas boas que tem nos estudos da Torá ...”.
Vicente	“Quando cheguei senti e pensei que a Yeshivá era Israel, o tão sonhado Israel que é hoje. Foi pena que ficamos só dois dias. Mas, quem sabe, se D’us quiser eu vou para lá o ano que vem”.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

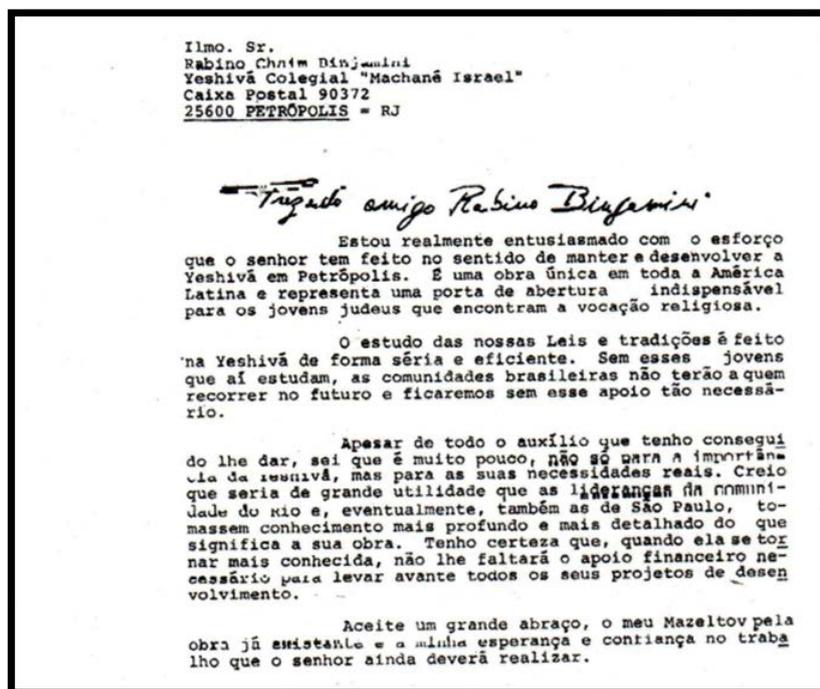
A partir dos depoimentos presentes no Quadro 9, acima, depreende-se que as atividades eram previamente preparadas, de maneira a promover agradáveis momentos no decorrer do dia e nas observâncias das práticas religiosas. De igual modo, percebe-se que a estrutura física da referida instituição se sobressai como um adorno especial aos eventos. Considera-se ainda relevante salientar as falas dos visitantes em referência ao rigor de uma instituição escolar voltada ao ensino das leis judaicas, ainda que o preparo das programações especiais tivesse por propósito atrair judeus para uma dedicação à vida religiosa.

Empenhada em buscar os indícios materiais que nos auxiliassem a compreender a importância da Yeshivá de Petrópolis, destaco, a seguir, uma correspondência publicada em sua íntegra, na revista, por um amigo da instituição. Na Figura 22, abaixo,

²⁶¹ De acordo com a tradição chassídica, as palavras devem ser levadas a sério e, quando pronunciadas, devem ser cumpridas. De maneira que a expressão “eu vou, *bli neder*” significa o estabelecimento de um compromisso – “eu vou”, pois representa a compreensão de que nem tudo está em suas mãos. Sobre o assunto, ver: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/3839533/jewish/Bli-neder-Eu-Vou.htm

são observadas particularidades que corroboram os documentos protocolados na Seeduc, posto referenciar a existência do seminário rabínico – “aos jovens que encontraram sua vocação religiosa”. Na mesma medida, testifica o depoimento do rabino Benjamini sobre os desafios enfrentados pela instituição, destacados no livro de Topel (2005).

Figura 22 - Correspondência de Gabriel²⁶²



Fonte: Revista comemorativa de 30 anos da Yeshivá de Petrópolis, p. [04].

²⁶² Transcrição de parte da correspondência apresentada na Figura 22: “Prezado amigo Rabino Binjamini. Estou realmente entusiasmado com o esforço que o senhor tem feito no sentido de *manter e desenvolver* a Yeshivá em Petrópolis. *É uma obra única em toda a América Latina e representa uma porta de abertura indispensável para os jovens judeus que encontram a vocação religiosa.* O estudo das nossas Leis e tradições é feito na Yeshivá de forma séria e eficiente. Sem esses jovens que aí estudam, as comunidades brasileiras não terão a quem recorrer no futuro e ficaremos sem esse apoio tão necessário.

Apesar de *todo o auxílio* que tenho conseguido lhe dar, *sei que é muito pouco, não só para a importância da Yeshivá, mas para as suas necessidades reais.* Creio que seria de grande utilidade que as lideranças da comunidade do Rio e, eventualmente, também as de São Paulo, tomassem conhecimento mais profundo e mais detalhado do que significa a sua obra. Tenho certeza que, quando ela se tornar mais conhecida, não lhe faltará o *apoio financeiro* necessário para levar avante todos os seus projetos de desenvolvimento.

Aceite um grande abraço, o meu Mazeltov pela obra já existente e a minha esperança e confiança no trabalho que o senhor ainda deverá realizar”. (Grifos da autora).

A correspondência ilustrada na Figura 22 expressa uma amizade para além das celebrações do aniversário da instituição escolar, vista na forma como o emissor se dirige ao amigo rabino. O autor dá ênfase ao esforço do rabino Benjamini “em manter e desenvolver a Yeshivá de Petrópolis”, afirmando ser “uma obra única em toda a América Latina”. No que tange aos estudos religiosos, o autor ainda assinala a relevância do ensino das leis para a preservação e continuidade da comunidade judaica, pois, de acordo com suas palavras, “o estudo das nossas Leis e tradições é feito na Yeshivá de forma séria e eficiente. Sem esses jovens que aí estudam, as comunidades brasileiras não terão a quem recorrer no futuro e ficaremos sem esse apoio tão necessário”. Tal afirmação coaduna com os propósitos decorrentes da fundação da Sociedade Civil Yeshivá Colegial Machané Israel, que prevê o ensino da religião judaica em sua acepção ortodoxa. Os indicativos oriundos das dificuldades financeiras para a manutenção da Yeshivá são reconhecidos, cabendo ao amigo o conselho de tornar públicos os projetos pedagógicos da referida instituição.

Nesse sentido, os depoimentos dos ex-alunos da Yeshivá de Petrópolis agregam ao periódico uma escrita narrativa, própria às experiências vivenciadas na instituição. Na escrita memorialística do tempo passado, as palavras articulam-se de maneira a produzir um sentido ao passado rememorado (BENJAMIN, 2012). À vista disso, cada testemunho evidencia as significativas marcas produzidas pela compreensão dos conhecimentos das leis ancestrais apreendidos na instituição.

As palavras de Walter Benjamim auxiliaram-me na compreensão das escritas narrativas, por vezes encontradas até mesmo nos anúncios dos financiadores da edição. Servindo-se das palavras como se intercambiassem suas experiências, os depoimentos rememoravam a vida nos tempos em que aprendiam os conhecimentos linguísticos, filosóficos, históricos e religiosos de seu povo. A experiência de pertencer a uma antiga cadeia de transmissão oral de conhecimentos parecia conceder aos depoimentos um senso prático característico, próprio dos narradores (BENJAMIN, 2012).

Benjamin (2012) assinala que a narrativa carrega consigo uma utilidade que “pode consistir por vezes no ensinamento moral, ou numa sugestão prática ou também num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte” (BENJAMIM, 2012, p. 216). Assim, nas revistas podem

ser lidas muitas experiências em tons de conselhos proverbiais sobre a instituição de ensino e seus saberes difundidos, pois “o narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência” (BENJAMIM, 2012, p. 217).

Tecendo narrativas de lembranças guardadas na memória, faculdade épica por excelência, os depoimentos movem-se nos degraus da experiência coletiva (BENJAMIM, 2012). Nessa perspectiva, o autor afirma que “onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo” (BENJAMIM, 1989, p.107).

Entende-se que a experiência se apropria de reflexões que atravessam o tempo e contemplam a interioridade do homem. Palavra cara ao pensamento benjaminiano, a experiência é própria à tessitura encadeada pelas tradições. Apresenta-se como “um saber que vinha de longe – seja espacialmente, das terras estranhas, ou temporalmente, da tradição – dispunha de uma autoridade que lhe conferia validade, mesmo que não fosse subsumível ao controle” (BENJAMIM, 2012, p. 219). O autor ainda acrescenta:

Sabia-se também exatamente o que era a experiência: ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; às vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a filhos e netos. – Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam narrar algo direito? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude lidando com a experiência (BENJAMIM. 2012, p. 123).

Dessa forma, procurei interpretar o que contavam as histórias narrativas sobre as experiências pessoais de um grupo ao conhecer e aprofundar-se nos estudos sobre o passado religioso de seus ancestrais. Em outras palavras, nos depoimentos intentei compreender, nas antigas tradições das histórias orais perpassadas de geração em geração, uma experiência religiosa sendo revisitada. As palavras celebravam o conhecimento dos pergaminhos sagrados, invocando comunitariamente bênçãos, rezas e cânticos à Yeshivá de Petrópolis.

Consoante ao asseverado nas escrituras sagradas e reiterado nas palavras de Bunim (2019), a educação é concebida como a maior herança, um legado a ser transmitido para as futuras gerações. Dessa maneira, Antônio indica a importância da instituição em sua vida: “[...] A grande herança que recebi e que repassei para meus filhos são os valiosos ensinamentos de religião e moral que a Yeshivá me proporcionou [...]”, e na mesma medida, ao repassar os conhecimentos de sua fé a seus filhos, assume o seu próprio lugar no cumprimento de longínquas tradições.

Na memória individual de cada narrador, o tratamento concedido às palavras que caracterizam as experiências na Yeshivá é sempre afetuoso. Assim, alguns testemunhos expressam subjetividades ímpares, como sugerem as palavras de Ricardo: “[...] Sem sombra de dúvida foram os melhores sete anos de vida, neste lugar frio pela natureza, porém espiritualmente caloroso, que nos dias de hoje, após muitos anos que de lá saí, ainda é um lugar onde ‘carrego minhas baterias’ [...]”. Da mesma forma, pode-se ler a experiência de Jonas:

[...] Falar da influência da Yeshivá sobre minha vida profissional, seria reduzir muita sua abrangência, pois ao me introduzir nos preceitos morais, sociais e religiosos do judaísmo, sua influência incluiu todos os aspectos de minha formação pessoal, *a ponto de ser difícil imaginar minha vida sem esta vivência...* a firme estruturação da Yeshivá permitiu que todos os obstáculos fossem transpostos com segurança e confiança na Providência Divina. [...] – Jonas (YESHIVÁ, 1996, p. 14, grifos da autora).

No que concerne aos princípios que fundamentam uma educação comunitária, compreende-se o empenho da instituição em promover um espaço socioeducativo, lugar onde as práticas pedagógicas aspirassem possibilitar o desenvolvimento das relações interpessoais de todos os envolvidos (BUBER, 1982, 2008). O pensamento buberiano assinala o indispensável valor que deve ser atribuído à singular relação entre os seres humanos e entre os homens e Deus (ZUBEN, 2001). Nessa perspectiva, a casa de estudos encontra-se baseada na organicidade do companheirismo mútuo e tem no crescimento religioso comum os contornos que dão sentido a uma educação fraternal e comunal. O depoimento abaixo procura dar ênfase às vivências na Yeshivá de

Petrópolis, e, dessa forma, Rubens pontua os desafios do primeiro internato rabínico brasileiro.

Nos tempos atuais, onde o ensino transformou-se em mera transmissão de informação, tive o mérito de participar e vivenciar uma experiência sui generis na minha juventude, em termos de educação que foi estudar na Yeshivá, em Petrópolis. Considero a Yeshivá como um verdadeiro “milagre educacional”. Adolescentes, quase crianças, com pouca ou quase nenhuma bagagem de formação judaica, de uma multiplicidade de segmentos da comunidade-ashkenazim, sefaradim, religiosos, não-religiosos, etc. – Conseguem conviver harmoniosamente durante vinte e quatro horas ao dia, crescendo espiritualmente a cada dia que passa, aprendendo a nossa Sagrada Torá e, principalmente, educando-se e formando-se judeus fortes de espírito. Lembro-me, como se fosse hoje, como dava para ver, literalmente, estampado até na face de seus alunos a diferença que neles se fazia desde quando ingressavam na Yeshivá, e após alguns meses, apenas, estando lá. Hoje, ao completar trinta anos, a Yeshivá colhe os frutos de seus alunos, um dos quais sinto-me honrado de sê-lo, que estão edificando o judaísmo de norte a sul do país. – Rubens (YESHIVÁ, 1996, p. 11).

A escrita de Rubens igualmente aponta para uma característica assinalada por Topel (2005): a particularidade única da instituição em receber todos os judeus, religiosos ou não, e das mais variadas correntes filosófico-religiosas. As implicações pedagógicas decorridas dessa atitude salientam os esforços da instituição escolar na preservação das tradições religiosas judaicas e, ao mesmo tempo, indicam a envergadura dos trabalhos acadêmicos realizados, posto que, para além da compreensão dos conhecimentos linguísticos, alguns costumes e tradições se diferenciam entre os judeus asquenazitas e sefaraditas.

Bento, igualmente, distingue o imprescindível conhecimento linguístico propiciado pela Yeshivá de Petrópolis para o estudo e compreensão das escrituras sagradas. Dessa forma, sublinha: “[...] Hoje, graças a Yeshivá, tenho a oportunidade de estudar em hebraico [...]”. Quanto às práticas pedagógicas da referida instituição, alguns depoimentos também ressaltam a importante experiência de morar longe dos pais, logo após o Bar-Mitsvá. Assim, compreendem na experiência da comunidade com seus mestres e demais educandos o auxílio necessário para desenvolverem os fundamentos de um senso ético de responsabilidade, além de fortalecer sólidas amizades (BUBER, 2001).

As narrativas transcorrem em linhas que vão ecoando como um poema, de modo a reverenciar o impacto da instituição que fortaleceu “o judaísmo no Brasil, papel que a Yeshivá vem cumprindo com imenso esforço há trinta anos”, conforme assinala Miguel. É assim que, de forma auspiciosamente ritmada, as palavras de Gael enumeram seus propósitos:

[...] A Yeshivá Machané Israel tomou para si a árdua missão de estar na vanguarda do ensino judaico autêntico, proporcionando a seus alunos, dentro de um ambiente saudável e aprazível, um ensino do mais alto padrão tanto na área judaica como na formação profissional. O Rabino Chain Biniamini, Shlita, tem se dedicado a esta casa no mais alto grau de *messirute nefesh* (auto-sacrifício), com o apoio e as bênçãos do Lubavitcher Rebe, *zi”a*, merece de todos nós o reconhecimento e ajuda para que continue, com seu sagrado esforço, manter esta digníssima Yeshivá. Passei cinco excelentes anos da minha vida aprendendo e preparando-me para poder assumir o posto rabínico, pois a Yeshivá, além de seu desempenho no ensino como um todo, tem se dedicado a uma tarefa exclusiva, aqui no Brasil, de formar rabinos, *sofrim* (escribas), *shochatin* (magarefes), *chazanin* (oficiantes de orações), *baalei corim* (leitores da Torá), *mashguichim* (supervisores de cashrut), professores de Torá. [...] – Gael (YESHIVÁ, 1996, p. 10).

Os partícipes das congratulações pelo aniversário de 30 anos da instituição ressaltam os frutos do trabalho concebido pelo rabino Benjamini. Como Arthur, reiteram que “[...] muitas congregações e instituições religiosas no país, e fora dele têm na sua liderança ex-alunos da Yeshivá, atuando com integridade e sacrifício pessoal. [...]. Muitos subiram à Terra Sagrada, lá construindo seus lares, colaborando com a comunidade [...]”. Assim, evidenciam que a educação recebida na Yeshivá possibilitou uma ampla difusão do judaísmo.

Com esse entendimento, aprouve a garotos como Gilberto, que se dispuseram a aceitar o convite realizado pelo rabino Benjamini “para uma vivência integral de Torá e judaísmo unida com os estudos gerais”, o contentamento amadurecido em afirmar que “vinte e cinco anos depois, somos ainda a Yeshivá, no cumprimento das *mitsvot*, na educação dos nossos filhos e no comportamento dentro de nossas profissões. Ao contrário de outras, esta é uma história feliz.”.

Profissionais das mais distintas áreas de atuação no país e fora dele tiveram suas escritas publicadas. De igual modo, muitos rabinos ordenados na instituição narraram com ternos laços de afeto a grandeza da Yeshivá e o privilégio de serem discípulos de

um “honroso líder”. Entre os muitos testemunhos, as palavras de Levi registravam caros valores da educação religiosa ortodoxa judaica, os quais são exemplificados na importância da família na introdução do ensino das tradições, na compreensão da origem das leis, da filosofia e da história judaica. A um só tempo, suas palavras entrelaçavam os escritos de velhos pergaminhos e a formação de novos mestres dedicados a dar um sentido à continuidade de uma antiga cadeia de transmissão.

“Ele será como uma árvore, plantada junto às correntes de água, que produz seu fruto na ocasião correspondente, e cuja folha nunca seca” (Salmos 1:3). Tinha acabado de fazer meu Bar-Mitsvá, quando fui para a Yeshivá de Petrópolis. Era ainda uma criança, vinda de uma família tradicional dentro do judaísmo, cheia de temores e preocupado com o novo ambiente, novos amigos e professores. Não demorou muito e logo fui me adaptando, conhecendo novos conceitos, entrando por um fascinante mundo de estudos no Tanach, Guemará, e concluindo o ginásio com colegas de todas as partes do Brasil. Passado o momento mais difícil da separação da família, logo reconhecemos no Rabino Biniamini um educador que fazia as vezes de pai e conselheiro. Crescemos num ambiente sadio, com um aprendizado laico e religioso sob medida e, a cada ano que passava, conhecíamos novos professores e amigos. Concluí meu colegial e optei por fazer uma faculdade de Medicina, enquanto outros colegas dedicaram-se a outros cursos superiores. Passados mais de vinte e cinco anos desde que deixei a Yeshivá como aluno, ainda mantemos contatos e recordo-me aqueles doces momentos felizes de adolescência sadia e que me marcou profundamente, fincou raízes em meu coração e produziu seus frutos na vida pessoal, familiar e profissional, com bases sólidas de um judaísmo real e autêntico. Quero, nesta oportunidade, expressar meu agradecimento por um aprendizado de vida judaica e de conhecimentos milenares que me orienta por toda a vida, bem como parabenizar a Yeshivá de Petrópolis, nas pessoas de seu Diretor, Rabino Chaim Biniamini, Shlita, seus professores, alunos e ex-alunos que, como eu, somos frutos desta árvore ímpar, plantada por um homem com ideais pioneiros e corajosos.” – Levi (YESHIVÁ, 1996, p. 15).

A escrita das mães evidencia a confiança depositada no processo educacional desenvolvido pela instituição, que funciona em regime de internato desde sua fundação e se dedica a considerar a inteireza²⁶³ dos jovens *bachurei yeshivot*. Destarte, Nina assinala que a formação recebida por seus filhos se constituía na maior recompensa. Em suas palavras:

²⁶³ Nos comentários da Mishná escritos por Bunim (2019), o autor compreende que “o estudo da Torá pode beneficiar o ser humano por inteiro, pois a nossa herança sagrada pode ser absorvida por todo o ser – seu coração, sua mente e sua alma. O estudo da Torá é uma imersão na santidade e na verdade fundamental.” (BUNIM, 2019, p. 319).

Eu sofria muito quando meus filhos iam para a Yeshivá, sentia muita falta deles. Com o tempo, vendo como eles cresciam, aprendiam a se dedicar aos estudos, e como seus olhinhos brilhavam toda vez que vinham passar um fim-de-semana em casa, entendi que a felicidade deles e a formação interior que estavam recebendo compensavam a distância e as saudades. Tenho muito orgulho em dizer que meus filhos estudaram na Yeshivá. – Nina (YESHIVÁ, 1996, p. 17).

O legado espiritual fundamentado na transmissão das leis de geração em geração conferia esperança na continuidade de uma identidade judaica apropriada, conforme assinalado por Estela:

A Yeshivá Colegial Machané Israel é uma instituição de ensino especial onde o jovem tem toda a estrutura educacional, que supre as falhas e mostra os caminhos, tão procurados pelos estudiosos, para tornar os jovens maduros, confiantes, responsáveis e felizes. O principal cuidado e preocupação do Rav Biniamini é formar novos talentos que, ao mesmo tempo, sintam o amor aos estudos e fé em D'us. Dentro de uma sólida formação judaica, os jovens tornam-se cidadãos brasileiros, profissionais cômnicos, mas, acima de tudo conservando sua identidade judaica bem equilibrada. – Estela (YESHIVÁ, 1996, p. 18).

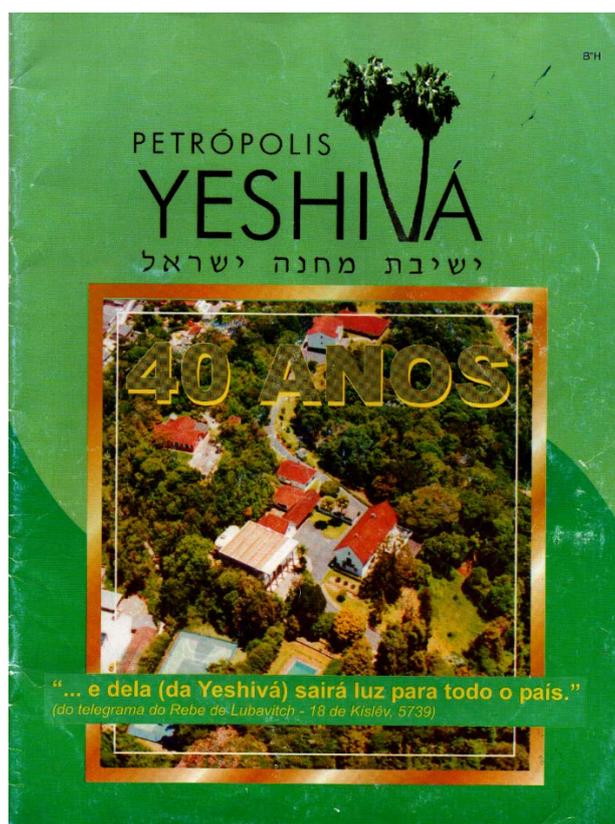
O significado atribuído à importância do conhecimento das leis encontra-se intimamente associado às práticas das observâncias religiosas, compreendidas nas ações diárias da vida. Em outras palavras, “o estudo da Torá só tem sentido quando o homem segue o caminho indicado pela Lei; quando, graças a ela, consegue desenvolver suas qualidades e combater seus defeitos” (SZPICZKOWSKI, 2008, p. 133). Dessa maneira, Ana destaca as características que compõem o processo formativo na instituição de ensino, além de salientar as qualidades e responsabilidade do Rabino Chaim como educador.

A obtenção de resultados permanentes e efetivos é consequência de um trabalho complexo por parte do educador. Atuar sobre atitudes e comportamentos é um trabalho que, exigindo preparo e auto-conhecimento por parte do educador, trará resultados a médio e longo prazo. Atitude serena, o tom de voz tranquilo, a fraseologia elegante e digna são os ingredientes da influência permanente. É o “ensinar a viver”. O educador deve estar atento para ajudar o aluno a desenvolver a auto-confiança, estabelecer o equilíbrio entre a auto-estima e a humildade. O educador, portanto, tem sobre si uma responsabilidade imensa sobre o futuro do aluno. O Brasil tem o privilégio de

possuir um local onde tais predicados são realidade. Não há palavras que possam expressar nosso profundo agradecimento por tudo que o nosso filho e nós vimos recebendo da Yeshivá. Sob a direção do Rav Biniamini, um Educador por excelência, o trabalho realizado é único e toca o fundo da alma de cada um. – Ana (YESHIVÁ, 1996, p. 17).

Dando continuidade à análise dos periódicos, a capa da revista editada para as comemorações dos 40 anos da instituição apresenta um registro aéreo de parte da propriedade. Na imagem pode-se ver a casa principal, a sinagoga, a quadra poliesportiva e a piscina, assim como as salas onde se localizam o escritório, a secretaria e as aulas de informática. Na Figura 23, a seguir, também podem ser observadas as palavras do líder chassídico à época da primeira formatura rabínica, um marco para a instituição.

Figura 23 - Capa da revista dos 40 anos da Yeshivá de Petrópolis



Fonte: Revista comemorativa de 40 anos da Yeshivá de Petrópolis, 2006.

No canto superior direito da Figura 23, em pequenas letras maiúsculas, pode-se observar as letras B”H – Baruch HaShem –, localizado no centro superior da publicação lê-se o nome da Yeshivá de Petrópolis escrito em português, seguido de sua inscrição em hebraico. Observa-se que as palmeiras plantadas pelo antigo proprietário foram vinculadas ao nome da instituição. Na imagem, os 40 anos recebem destaque, emoldurando parte da vista aérea da Yeshivá.

De acordo com a revista dos 40 anos da instituição, o antigo proprietário do imóvel havia mandado plantar duas palmeiras em forma de V, para simbolizar uma suposta vitória dos nazistas na Segunda Guerra Mundial. Numa clara ressignificação de sentido, as palmeiras foram incorporadas ao nome da escola. Sobre elas, a publicação afirma que: “Essas palmeiras permanecem até hoje, e felizmente representam a vitória do judaísmo” (YESHIVÁ, 2006, p. 6). A edição também menciona que, após o falecimento do antigo proprietário, a família resolveu vender o imóvel. Em sua primeira visita ao local, “o Rabino Biniamini e o grupo que o acompanhava pararam para ler os *Tehilim* (Salmos) antes de ingressar na sede, onde havia uma biblioteca repleta de livros nazistas.” (YESHIVÁ, 2006, p.6). Assim que a propriedade foi adquirida, a biblioteca foi transformada na primeira sinagoga da Yeshivá. Posteriormente, uma nova sede para a sinagoga foi construída no ano de 1973.

Na segunda página, abaixo de uma pequena fotografia do Rebbe Lubavitch, há uma frase realçando a oportunidade de receber uma educação religiosa sem correr riscos e dificuldades. Em seguida, as palavras do rabino Benjamini parecem explicitar as razões que sustentam a educação religiosa ortodoxa judaica, ou seja, aprender a ler e compreender os significados espirituais das escrituras sagradas, religando a essência da alma judaica às tradições milenares.

Muitos aprenderam a ler da esquerda para a direita, a escrever palavras como instrumento de comunicação e, assim, através de vários anos de estudos seculares, acumularam muitos conhecimentos para a vida profissional e bem-estar material. Poucos, porém, tiveram a oportunidade de aprender a escrever da direita para a esquerda, a ler a língua sagrada da Torá e entender, desde a numerologia estabelecida de cada letra hebraica em específico, até o significado espiritual mais abrangente da herança milenar da religião judaica. A Yeshivá Colegial de Petrópolis vem justamente resgatar o lado mais carente e abandonado do nosso ser: a essência da alma judaica. – Rabino Chaim Biniamini (YESHIVÁ, 2006, p. 2).

Como na edição anterior, dos 30 anos, o editorial não apresenta registro autoral. No entanto, observa-se que, acrescidos mais 10 anos à instituição, a amplitude alcançada na difusão do judaísmo ortodoxo foi potencializada pela atuação de seus ex-alunos. Dessa forma, para além da divulgação das atividades escolares, o editorial também referenda o trabalho desenvolvido por seus ex-alunos nas mais diversificadas áreas de atuação. De acordo com a publicação, aproximadamente mil alunos teriam passado pelos bancos escolares da Yeshivá de Petrópolis, os quais atuariam em comunidades sefaraditas, asquenazitas, do movimento Chabad, Bnei Akiva, ortodoxas e de outras correntes filosófico-religiosas.

A estratégia utilizada para a edição da revista comemorativa dos 40 anos foi intercalar fotos²⁶⁴ de seu cotidiano com textos informativos. Assim, lê-se sobre o que é uma *yeshivá*, sobre a estrutura física da instituição, sobre como se dá o ensino laico e religioso ou sobre a utilização da sua sinagoga, além de depoimentos de ex-alunos, autoridades e membros da comunidade judaica. Como na edição comemorativa de 30 anos, essas escritas memorialísticas narram a importância da instituição na vida pessoal dos depoentes e destacam o inestimável mérito de suas contribuições para o judaísmo no país, levando a crer que a publicação se dirigiu apenas para a própria comunidade.

Nessa edição, os financiadores, agora denominados patrocinadores, foram citados nas duas últimas páginas da revista, dispostos em quatro categorias - diamante, prata, bronze e marfim -, suscitando o entendimento de que foram organizados consoante o valor monetário contribuído. Na quarta capa, o nome da Yeshivá, no centro da página, incorpora as palmeiras, assemelhando-se a uma logomarca da instituição. O canto inferior esquerdo contém o endereço para correspondência eletrônica seguido da caixa postal e do número da conta corrente para eventuais contribuições.

À vista de sua ordenação, escolho prosseguir vendo a Yeshivá de Petrópolis da maneira como ela se desvela ao leitor. Nesse sentido, novamente as palavras do rabino Benjamini parecem lembrar aos membros da comunidade o entendimento da missão

²⁶⁴ As fotos que ilustram os espaços físicos da Yeshivá foram retiradas do livro História do “Acampamento de Israel” Yeshivá em Petrópolis, de Chaim Benjamini, publicado pela Editora Sêfer em 2009. A escolha dos registros deve-se a sua melhor nitidez e tamanho.

primeira para a qual o povo de Israel foi constituído, de acordo com sua tradição religiosa. De modo particularmente didático, ele afirma:

Quando compramos um aparelho simples ou complexo, este vem acompanhado de um manual de instruções para o seu devido uso. E se, por acaso, não lemos ou não seguimos as orientações do fabricante, o objeto pode ser danificado e não mais realizará sua função. O Criador, abençoado seja, criou um mundo maravilhoso e, dentro dele, uma criatura complicada e complexa: o ser humano. Deu a ele a capacidade de compreender, investigar e fazer descobertas científicas afim de construir e desenvolver o potencial neste mundo e ser como um sócio para D”S na criação, como a ordem de D”S a Adão para que cuidasse e trabalhasse a terra, tendo está por sua vez sido criada 5 dias antes! Porém, com estas mesmas capacidades o homem também tem condições de destruir o mundo com muito mais rapidez, facilidade e em quantidade muito maior. Surge então a pergunta: o que devemos fazer para melhorar o mundo, e não destruí-lo? D”S por Sua vez, nos entregou o manual de instruções em nossa sagrada Torá, que diz: ‘seus caminhos são caminhos agradáveis e todas as suas trilhas de paz’. Entretanto, é necessário estudar e cumprir suas orientações, e desta forma é revelado à pessoa um novo horizonte, e todas as teorias da humanidade caem perante ela, inclusive ideologias que acreditavam ser a solução dos problemas da sociedade, e que na prática, trouxeram a destruição moral e física de alcance mundial. No dia do nascimento do povo de Israel, na festa de *Pessach*, foi dado aos pais o mérito de, junto à mesa do *Séder*, educar seus filhos sobre ‘os quatro tipos de filho’ (como consta na *Hagadá*), com anseio de se igualarem ao filho sábio, que dá continuidade a uma tradição milenar, reconhecendo através do estudo da Torá, a maravilhosa relíquia da cultura judaica original, concretizando os ideais que nos foram passados de geração após geração. E este é o manual de instrução do Fabricante, não uma ideologia ou teoria. No entanto por meio dessa Torá sagrada, D”S nos proporcionou e instruiu procurar a construir um mundo bonito e harmonioso, um mundo de paz e verdade. Entre os povos, entre o homem e seu próximo. Que através de suas boas ações aproxime-se a época da redenção verdadeira e completa, pois será a plenitude da criação: que seja brevemente, em nossos dias! – Rabino Chaim Binjamini (YESHIVÁ, 2006, p. 4).

Seguindo as páginas, a Yeshivá apresenta-se como uma casa de estudos, “a mãe de toda a vida do povo de Israel” (YESHIVÁ, 2006, p. 5), numa referência às antigas tradições orais perpassadas intergeracionalmente. A revista informa que os patriarcas do judaísmo – Abraão, Isaque e Jacó – mantiveram casas de estudo para ensinar e divulgar os atributos do criador. E, igualmente, relembra que Moisés também fundou uma *yeshivá* e, ao lado de seu irmão, dos filhos e dos setenta anciãos, transmitiu os conhecimentos às futuras gerações.

As palavras escritas ao longo do texto buscam lembrar a intrínseca relação entre a fé judaica e os estudos de seus pergaminhos sagrados e assinalam que, mesmo

durante os períodos históricos mais difíceis para o povo judeu, sempre houve o empenho comunitário para obedecer ao mandamento do ensino e estudo das leis judaicas. A continuidade do espírito judaico, mantida no ensino das tradições, leis e costumes regidos pelas orientações milenares dos antigos sábios, é uma das tarefas básicas exercidas pela instituição. O texto ainda assinala a finalidade da educação religiosa judaica promovida pela Yeshivá, que é:

Formar jovens conscientes e ativos nos seus lares, na sociedade, nas suas profissões e no país. O objetivo é claro: transmitir e treinar os jovens para a prática do Judaísmo na sua forma pura e original. Esta é a Yeshivá de Petrópolis. Tradicional e moderna (YESHIVÁ, 2006, p. 5).

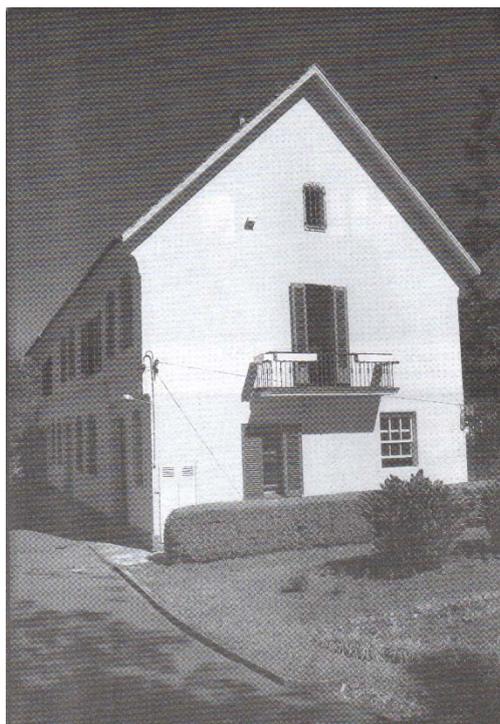
Assim, a revista começa a descrever a estrutura física da Yeshivá de Petrópolis. Distribuída numa área verde de 120 mil metros quadrados, o complexo educacional possui vários bosques, jardins, um lago, espaço para *micvê*²⁶⁵, refeitórios, quadra para as práticas esportivas, piscina e alojamentos para seus alunos. Fundada com “o apoio, incentivo e bênçãos do líder” do movimento chassídico, a Yeshivá oferece formação para o segundo segmento da educação básica e para o ensino médio (YESHIVÁ, 2006, p. 5). Possui um convênio com a ORT²⁶⁶ para o desenvolvimento dos cursos de informática, além dos estudos de hebraico, Torá e Talmud, em sua acepção ortodoxa. Na Figura 24 pode-se identificar um dos prédios da instituição escolar onde, em seu primeiro andar, se encontram localizadas as duas cozinhas, uma para carnes e outra para leites e derivados, em conformidade com as leis que regem o preparo da alimentação *casher*²⁶⁷.

²⁶⁵ O judaísmo entende que o corpo do ser humano deve ser considerado em sua máxima importância, principalmente porque aloja a alma dentro de si, logo, deve ser mantido limpo e saudável. A literatura sobre a pureza familiar pode ser encontrada na bíblia, no livro de Levítico, e também nos tratados do Talmud. O grau de observância dos preceitos bíblicos denota uma marca de piedade. A *micvê* do hebraico: “casa de banhos rituais utilizada, principalmente, para a purificação da mulher após o período menstrual, com o objetivo de que a vida marital seja recomeçada” Topel (2005, p. 297). Entre os ortodoxos é usada após o período de separação sexual de um casal, durante o ciclo menstrual da mulher (BLECH, 2004; KOLATCH, 1998).

²⁶⁶ A ORT é uma organização educacional não governamental, de origem judaica, presente em mais de trinta países. Sobre a World ORT, ver: <https://ort.org.br/cursos-livres/>

²⁶⁷ As leis alimentares judaicas foram instituídas por Deus no livro de Levítico. De acordo com a crença da tradição religiosa, elas foram instituídas por motivos de saúde. Os judeus ortodoxos e

Figura 24 - Propriedade do complexo educacional



Fonte: *História do “Acampamento de Israel” Yeshivá em Petrópolis*, editado por amigos da Yeshivá (Editora Sêfer, 2009).

Localizada também no primeiro andar da construção, ao lado das cozinhas, a sala de jantar é um espaço comum utilizado para refeições por toda a comunidade escolar, contando ainda com salão de jogos, espaço reservado para o lazer dos educandos. O segundo andar abriga duas residências para rabinos, onde mora o atual diretor pedagógico, rabino Adi, filho do fundador da Yeshivá. A Figura 25, abaixo, apresenta uma imagem do prédio onde se localiza o *micvê*, que significa literalmente “um ajuntamento (de águas). É uma piscina pequena com águas de chuvas ou fonte natural, conservadas numa temperatura agradável”, para a purificação espiritual (CHABAD DO BRASIL, 2002, p. 26).

conservadores, em geral, observam as leis alimentares. O livro de Levítico apresenta uma lista de animais *casher* e não *casher*. A explicação para essas leis não é dada, a bíblia simplesmente estabelece que devem ser observadas. A literatura rabínica aponta os preceitos da santidade como razão para sua observância. (KOLATCH, 1998).

Figura 25 - Prédios da sinagoga e do *micvê*



Fonte: *História do “Acampamento de Israel” Yeshivá em Petrópolis*, editado por amigos da Yeshivá (Editora Sêfer, 2009).

No canto esquerdo da imagem acima, observa-se a sinagoga, construída no ano de 1973 e utilizada por toda a comunidade escolar. Além das orações diárias, nela ocorre a maior parte dos estudos e atividades religiosas, como: *Sedarim*, *Chavruta*, *Shiurim*, *Hitvaaduiot*²⁶⁸. O espaço também é utilizado para as celebrações religiosas do calendário judaico²⁶⁹, além de outros eventos promovidos para toda a comunidade. A Figura 26 mostra um dos momentos em que os alunos se reúnem para realizar os estudos em grupo na sinagoga, em *chavruta*. De acordo com Caon (1996), o sistema de parcerias de estudo, comum nas *yeshivot* chassídicas, propicia à aprendizagem benéficos e vantagens, “entre elas aumentar a motivação dos alunos através da

²⁶⁸ O *Sedarim*, *Shiurim*, *Hitvaaduiot* consistem na leitura, estudo e discussão dos trechos da Torá, *Guemará*, *Tanya*, *Mishná* e outros livros de comentários da literatura rabínica. A *chavruta*, “do hebraico via aramaico: dupla de alunos (ou de aluno instrutor) que tenta, em conjunto, compreender os textos canonizados pelo judaísmo. O sistema de *chavruta* é típico nas *yeshivot*.”. Sistema também utilizado na Yeshivá de Petrópolis” Topel (2005, p. 296).

²⁶⁹ O calendário judaico é luni-solar e de acordo com a tradição os dias começam ao anoitecer. É marcado por feriados e festividades que ocorrem ao longo do ano. Observou-se nos documentos protocolados na Seeduc e nos periódicos que a Yeshivá de Petrópolis cumpre as observâncias das festividades religiosas de acordo com as leis judaicas. A instituição também envia seus alunos para outras comunidades no intuito de oferecer o serviço religioso, atendendo as comunidades menores. (WROBEL, 2007; KOLATCH, 1996). Sobre o calendário judaico, indica-se: O Livro do Conhecimento Judaico – O ano hebreu e seus dias significativos, de Eliyahu Kitov.

discussão de idéias, apresentar-lhes a visão do outro, manter o ritmo do estudo, facilitar a retenção da matéria”. Dessa forma, credita-se ao sistema uma amplitude nas reflexões de aspectos que poderiam não ser percebidos individualmente (CAON, 1996, p. 203).

Figura 26 – Alunos em *chavruta* na sinagoga



Fonte: *História do “Acampamento de Israel” Yeshivá em Petrópolis*, editado por amigos da Yeshivá (Editora Sêfer, 2009).

A Figura 26, acima, revela meninos de diferentes idades sentados à mesa com seus livros religiosos, organizados por nível de conhecimento. Continuando a desvelar a instituição ao leitor, a revista explica que, no tocante aos estudos laicos, a Yeshivá reitera seu “espaço privilegiado na vida dos adolescentes judeus, influenciando na construção de suas identidades e projetos de vida”. Em conformidade com o Regimento Escolar, o texto afirma a preocupação da instituição em envolver todos os aspectos da formação humana e, ao procurar desenvolver ações dialógicas, esclarece que as práticas pedagógicas concentram suas ações “na construção e socialização de conhecimentos, valores e atitudes”, possibilitando, dessa maneira, promover o enriquecimento de suas capacidades e de suas referências de vida (YESHIVÁ, 2006, p. 6).

O programa de ensino religioso da instituição é assim anunciado: “Os alunos recebem aula de *Guemará*²⁷⁰, *Chumash*²⁷¹, *Mishná*²⁷², *Navi*²⁷³ e *Chassidut*²⁷⁴ em grupos

²⁷⁰ A *Guemará* são comentários e explicações da *Mishná* que compõem o *Talmud* (CAON, 1996, p. 226).

separados por nível de conhecimento.” (YESHIVÁ, 2006, p. 6). A escola possui um corpo docente fixo e anualmente recebe jovens professores para auxiliar os alunos em assuntos religiosos específicos. A partir dos documentos protocolados na Seeduc, dos depoimentos presentes nas edições e dos textos informativos, foi possível identificar que o programa de educação laica é realizado no período da tarde, quando os professores se dirigem à instituição para lecionar suas disciplinas.

Pela manhã há um tempo reservado às rezas matinais, e após a primeira refeição começam a ser ministradas as aulas do programa curricular de ensino religioso, em que os alunos são divididos em turmas de acordo com sua idade e nível de conhecimento. Em geral, esse é o modelo seguido pelas escolas que adotam a linha Chabad (CAON, 1996). Tendo em vista a natureza de uma casa de estudo e a própria vivência num internato, depreende-se que o ensino religioso é experienciado na Yeshivá de Petrópolis na comunalidade do tempo, dividido entre a contemplação, as aulas, o estudo individual e coletivo, as rezas, refeições, jogos, celebrações e demais atividades no decorrer do cotidiano da instituição.

Entre as atividades e os ofícios religiosos prestados pela Yeshivá à comunidade, a revista destaca: o ensino judaico, a formação de rabinos, juízes²⁷⁵, escribas²⁷⁶, *shochatim*²⁷⁷, educação laica, orientação pedagógica pós-Yeshivá, ensino profissionalizante, atendimento a pequenas comunidades, orientação religiosa ao

A constituição dos livros que compõem os comentários escritos na *Guemará* encontra-se no primeiro Capítulo da Tese.

²⁷¹ O *Chumash* são os cinco livros da Torá – Pentateuco.

²⁷² *Mishná*: Comentários da Torá. Já abordado no primeiro capítulo da tese.

²⁷³ *Navi*: Estudo dos livros históricos e dos profetas da bíblia.

²⁷⁴ O movimento *chassídico* considera os ensinamentos contidos no livro *Likutei Amarim Tanya*, a obra magna da *Chassidut* Chabad, composta por sete volumes. Os alunos da Yeshivá de Petrópolis estudam ética, filosofia e moral na literatura chassídica e nos cânones sagrados do judaísmo.

²⁷⁵ O título rabínico, denominado *smichá*, em certo sentido equivale a “um grau em direito na vida civil, exceto por qualificar alguém para ser não apenas advogado, mas também juiz. Ela é concedida, após amplos exames, por uma junta de rabinos, e os assuntos abrangidos pertencem todos ao âmbito do direito judaico [...]” (ASHERI, 1987, p. 265).

²⁷⁶ O escriba é responsável pelo meticuloso processo de copiar um rolo à mão, levando mais de duas mil horas (trabalho de tempo integral por um ano). São 304.805 letras e 79.976 palavras. Para eliminar qualquer chance de erro humano, o Talmud enumera mais de vinte fatores relevantes para que um rolo de Torá possa ser considerado *casher* (apto).

²⁷⁷ *Shochatim*: É a formação recebida para o abate de animais de acordo com a lei da Torá. Para o exercício da profissão, o homem necessita conhecer bem as leis. Um animal morto que não foi abatido de acordo com a *Halachá* (Lei Judaica) é considerado impuro – *nevelá* – e não pode ser consumido.

público, publicações, transliterações²⁷⁸, aulas de informática, promoção de eventos judaicos em Petrópolis e na cidade do Rio de Janeiro, traduções, reuniões chassídicas, visitas ao Lar dos Velhos (RJ), seminário com jovens e casais, *shabaton*²⁷⁹, aulas semanais com universitários, colocação de *mezuzot*²⁸⁰, *casherização*²⁸¹ de residências, colocação de *tefilin*²⁸², distribuição de *matzá*²⁸³, passeios ecológicos, colaboração com entidades judaicas, bolsas de estudos, aulas semanais com casais, para chefes de família e senhoras, colônia de férias, apresentações musicais, envio de alunos para os serviços nas festas do calendário judaico e impressões do livro *Tanya*, nas cidades brasileiras (YESHIVÁ, 2006, p. 7).

São precisamente algumas dessas atribuições que competem aos trabalhos desenvolvidos e desempenhados pela Yeshivá de Petrópolis na comunidade. Dessa maneira, entende-se que uma *yeshivá* não pode ser definida apenas como uma instituição de ensino destinada à formação de rabinos, embora isso possa ocorrer, conforme ressalta Caon (CAON, 1996). Antes, uma *yeshivá* particulariza-se pelo ensino e estudo das leis presentes nos cânones judaicos²⁸⁴. Salienta-se que a compreensão, o

²⁷⁸ A transliteração significa escrever, representar as letras de um alfabeto com as de outro distinto, mantendo seu sentido original. No caso da Yeshivá de Petrópolis, essa atividade procurava auxiliar os judeus que não dominassem o hebraico e o aramaico de alguns livros.

²⁷⁹ *Shabaton*: “celebração do *shabat* que inclui várias atividades ao longo do dia” Topel (2005, p. 298).

²⁸⁰ *Mezuzot* é o plural de *Mezuzá*: do hebraico, “caixa pregada ao umbral direito da porta, contendo um pergaminho no qual estão escritos três parágrafos bíblicos (Deut. 6:4-9; 11:3-2 e Num. 15:37-41), constitutivos da oração *Shemá*, que celebra a unicidade de Deus e seu vínculo singular com o Povo de Israel” Topel (2005, p. 297).

²⁸¹ *Casherização*: A *casherização* de residências prevê a reformulação de cozinhas e de todos os utensílios utilizados para o armazenamento e preparo dos alimentos em conformidade com as leis *casher* (que significa apto, puro) previstas na lei judaica. Os ortodoxos caracterizam-se pelo cumprimento integral das leis, logo, consomem apenas alimentos de origem *casher*, *cosher* ou *kashurut* Topel (2005).

²⁸² *Tefilin*: do hebraico: filactérios Topel (2005, p. 299). É um objeto de oração, composto por um par de tiras de couro preto presas em caixinhas que contêm passagens bíblicas. Uma das tiras é amarrada no braço esquerdo e outra em torno da cabeça. É usada por homens adultos durante orações matinais (WROBEL, 2007, p. 14).

²⁸³ *Matzá*: pão não fermentado, servido tradicionalmente durante o *Pessach* (Páscoa) (WROBEL, 2007, p. 30).

²⁸⁴ A escrita dos cânones, assunto abordado no Capítulo I, auxilia o entendimento dos alunos para a prática das observâncias religiosas judaicas. Cumpre destacar que as leis presentes na bíblia hebraica, embora sejam as principais fontes, não são as únicas. Fundamentados na bíblia, os estudiosos das academias da Babilônia e de Jerusalém empenharam-se em estudar, explicar e interpretar suas palavras no decorrer dos cinco primeiros séculos da era comum, ou seja, depois de Cristo. A reunião dessas obras é denominada *Mishná*, os livros que compõem a *Mishná* se tornaram fonte autorizada da *Halachá* (lei judaica). O período *gaônico* seguiu ao período talmúdico, os *gaonim* também se destacaram nas academias da Babilônia e, apesar do fechamento do Talmud, os estudiosos que

entendimento e a prática das observâncias religiosas encontram-se intrinsecamente ligados à história do povo judeu, escrita em seus livros sagrados. Como uma casa de estudos religiosos, o cotidiano de uma *yeshivá* é permeado por intensas atribuições religiosas iniciadas com as orações matinais. Os serviços buscam contribuir para a formação de uma identidade religiosa (TRZONOWICZ, 2001).

Nessa direção, como parte da formação oferecida a seus educandos, o currículo religioso abrange inúmeras programações internas e externas à instituição, em que as práticas dos preceitos religiosos buscam fomentar a “essência da alma judaica”, conforme asseverado pelo rabino Benjamini (Yeshivá, 2006, p. 2). Em outras palavras, os encaminhamentos rotineiros fundamentados nos valores éticos, filosóficos e culturais da fé judaica são experienciados ao longo do dia. Considera-se importante assinalar que a Yeshivá de Petrópolis dá continuidade ao modelo apregoado pelo movimento Chabad, ou seja, difundir o judaísmo ao maior número de judeus, auxiliando-os no cumprimento dos mandamentos bíblicos que lhes foram outorgados.

Dando prosseguimento à apresentação da Yeshivá, a edição traz uma menção de quase duas páginas intitulada *Um breve relato da vida do Rabino Chaim Biniamini Shlita*, sobre a trajetória²⁸⁵ de vida do rabino até sua permanência no país em regime de *schelichut*²⁸⁶. Observa-se que a ênfase textual busca iluminar seu zelo pela fé e educação judaica. Ao final do relato, na mesma página, segue-se um breve trecho com informações de egressos que ganharam prestígio internacional em suas carreiras profissionais, com destaque para pequenos registros fotográficos dos ex-alunos da instituição.

surgiram nos anos posteriores introduziram normas (*tacanót*) a respeito de assuntos não especificados no Talmud. Ao longo da Idade Média, outros mestres, dentre eles o Rashi (1040-1105), escreveram comentários sobre a bíblia e o Talmud, seus escritos começaram a ser empregados como base para a interpretação da lei, em questões práticas. No século XV, o *Maharil* (1360-1427) escreveu um livro estabelecendo padrões para as práticas nas sinagogas e sobre a conduta comunitária. Maimônides, o Rambam (1135-1204), foi um importante filósofo, codificador de leis judaicas e tratadista de medicina, nascido em Córdoba, na Espanha. Maimônides possui uma extensa obra literária, dentre as quais se destaca a *Mishnê Torá*, considerada sua obra magna, que contém centenas de capítulos que descrevem todas as leis da Torá. Seus livros também são estudados na Yeshivá de Petrópolis. Um século mais tarde, Josef Caro (1488-1575) escreveu o *Shuchan Arúch* (Código da Lei Judaica), permanecendo até hoje como o código oficial da lei judaica (KOLATCH, 1998; CAON, 1996).

²⁸⁵ A revista indica o trabalho sobre histórias de vidas de sobreviventes do Holocausto, realizado pela Fundação Spilberg, no qual constam o casal Chaim e Rivka Benjamini (YESHIVÁ, 2006, p. 9).

²⁸⁶ Sheliach: “(pl. shlichim), do hebraico: emissário, enviado.” (TOPEL, 2005, p. 298).

Nas páginas seguintes, importantes autoridades nacionais e internacionais reverenciam a instituição e o empenho do rabino para mantê-la no decorrer de seus 40²⁸⁷ anos. Os testemunhos buscam consolidar a posição histórica da Yeshivá no cenário judaico nacional e internacional. Na mesma medida, alegram-se com a possibilidade de enviar uma nova geração aos mesmos bancos em que estudaram. Referindo-se de forma pessoal e especial à sua querida Yeshivá de Petrópolis, um ex-aluno afirma:

[...] Que forte emoção é ver nossos filhos sentados nos mesmos bancos onde sentamos há 20 anos, quando você era mais jovem. E orgulho de ter como mestre seu incansável diretor, nosso pai espiritual, o Rav Biniamini Shlita e família, que sempre nos cuidou como filhos [...] (YESHIVÁ, 2006, p. 11).

Escolano (2017) auxilia-nos no entendimento de novos olhares para um passado que foi estabelecido e documentado. Nessa perspectiva, os objetos, imagens e textos constituem-se em materialidades com memória. De acordo com o autor, “neles está inscrita uma tradição, à qual frequentemente é necessário recorrer para nos orientarmos [...]”. Em suas ponderações afirma que a arqueologia das materialidades da escola pode ser considerada “uma via segura e confiável de imersão no mundo das práticas de formação, ou seja, um modo de aproximação real à exploração dos elementos ou das situações em que se ‘materializou’ o universo do escolar ou das situações que o registraram.” (ESCOLANO, 2017, p. 226-227). A percepção sobre os depoimentos buscou compreender os significados, por vezes subjetivos, dos percursos de formação experienciados na Yeshivá de Petrópolis.

O casal Benjamini, assim como toda a família, já havia sido reconhecido por seus diligentes trabalhos e previamente mencionado nas duas edições. Não obstante, identifica-se na escrita de duas mulheres os ecos do desempenho profissional de Rivka na Yeshivá e nas aulas que ministrara na cidade do Rio de Janeiro. Para além das congratulações pelo aniversário da instituição, os registros apontam para importantes

²⁸⁷ Infere-se que o número quarenta possui um significado especial para o povo judeu, conforme assinalado num depoimento, uma vez que “por, quarenta anos aguardaram, no deserto, o dia abençoado para entrarem em Eretz Israel. Por quarenta dias, Moshé Rabeinu esperou, no Har Sinai, a nossa Torá.” (YESHIVÁ, 2006, p.10).

princípios que são consolidados na educação religiosa judaica. Ao escrever sobre o tempo passado na Yeshivá, as palavras abaixo soaram como o sentido da vida na continuidade de uma antiga cadeia de tradição do povo judeu.

Ao contrário do que normalmente nos deparamos quando queremos escrever uma mensagem para alguém, onde as palavras precisam ser escolhidas e encaixadas, isto definitivamente não acontece no meu caso. Pois quando tive a oportunidade de escrever algo sobre a Yeshivá, simplesmente a mensagem e as palavras brotaram naturalmente, pois as tardes de domingo e as noites de segunda-feira que compartilhei me ensinaram assim, naturalmente, o que seria uma vida com sentido. Na Yeshivá, aprendi Torá com exemplos, e mesmo com as dificuldades nós sempre saímos vencedores. Digo vencedores, pois, com o trabalho que é realizado na Yeshivá todos nós ganhamos e conseguimos garantir o futuro das nossas gerações com a formação de jovens estudiosos de Torá. A Yeshivá faz parte tão ativa da vida da minha família, que seria impossível descrever isso em palavras. A única coisa que posso dizer é obrigado pela minha vida, pois só comecei a viver depois que conheci a Yeshivá de Petrópolis. – Eva (YESHIVÁ, 2006, p. 12).

Abaixo das palavras de Eva, numa escrita permeada por acepções judaico-religiosas, o segundo depoimento traça um pequeno histórico da instituição. A distinta escrita sugere que os serviços religiosos prestados à comunidade acenderam as chamas do judaísmo, iluminando o Rio de Janeiro. Nas palavras de Maya, os educandos viram “pérolas cultivadas na concha da Yeshivá”, e sua memória volta-se para agradecer à “mãe de todos os *bachurim*”, em prol da difusão da Torá e da filosofia chassídica,

A abnegação de um jovem casal, que havia saído do inferno da Shoá para a florescente *Eretz Israel* e decidiu manter a chama do judaísmo cada vez mais viva, foi o presente que *Hashem* enviou para a comunidade do Rio de Janeiro e para o Brasil em geral. [...]. Uma primeira turma de *rabanim* recebe sua *smichá* aqui; depois mais uma, e outra... Pérolas vão sendo cultivadas dentro das paredes da concha chamada Yeshivá de Petrópolis, catalisadas com os ensinamentos da família Biniamini, unida em prol da nossa sociedade. [...] É uma palavra de conforto da “mãe de todos os *bachurim*”, a *rabanit* que não mede esforços para divulgar nos quatro cantos ensinamentos de Torá, *Chassidut* e vida [...] O único que podemos fazer é demonstrar nossa imensa gratidão e nosso reconhecimento à Yeshivá por ter feito do Rio de Janeiro, antes um deserto espiritual, um lugar melhor e mais elevado. Obrigada. – Maya (YESHIVÁ, 2006, p.12).

Com uma revisão do trabalho desempenhado, um aluno da primeira turma da Yeshivá avalia os 40 anos de fundação e congratula-se pelo desempenho da instituição na “[...] imensa transformação pela qual passou a comunidade judaica do Brasil, entendendo-se como tal praticamente cada recanto deste imenso país [...]” (YESHIVÁ, 2006, p. 13). Suas palavras reconhecem nas ações da Yeshivá de Petrópolis a pavimentação de novos alicerces das comunidades judaicas do país. Nas lembranças sobre a história assemelham-se os sinais incendiários de um discurso presente nas memórias que subsidiam o propósito social da Yeshivá (ESCOLANO, 2017).

Nas páginas seguintes, dois depoimentos narram diferentes experiências na Yeshivá de Petrópolis. As transcrições abaixo têm por intenção registrar a personalidade das memórias sociais construídas na instituição com o passar dos anos, lembranças que são usadas para registrar significativos sentidos (KOTRE, 1997, 2013). Dessa forma, com um título que invoca a força espiritual da Yeshivá, algumas palavras vão desenhando sua experiência.

Para aquelas pessoas ou instituições que valem alguma coisa, não há a menor chance por onde possam escapar ao dever. É assim que te vejo sempre, desde há muitos anos, no teu destino resoluto, imutável e constante, marcado a fogo e luz, de trazer consistência espiritual, alvorada com vida, ao judaísmo brasileiro. Com certeza não tinha como perceber isto no meu primeiro dia de trabalho, quando atravessei teus portões e me encaminhei por aquela longa e sinuosa ladeira silenciosa [...]. Naquela época, recém-formado, eras apenas mais uma instituição de ensino onde iria trabalhar às tardes. Não tinha como imaginar a forma pelo qual seria, ano após ano, sutilmente afetado pelo teu estilo de vida, pelo teu modo de ver e interpretar o mundo, como se aos poucos fosse imergindo num lago invertido de areia movediça, que ao invés de afundar eleva. [...] Não preciso dizer, todos sabem, o quanto o judaísmo brasileiro deve a ti, Yeshivá, teu esforço inaudito e incansável para seguir em frente e existir, e também como foi esse mesmo judaísmo revigorado e transfigurado pelo mérito de teu trabalho [...] Quando viro as páginas deste álbum de recordações, deste lugar que não aparece em nenhum mapa, mas que está tão claro e limpidamente detalhado para mim, instantaneamente familiar, todas as peças daquilo que chamamos de mundo real se transformam, pela força do imaginário, em *heartland*, quer dizer, onde o coração se sente em casa, e as coisas passam a ter sentido (YESHIVÁ, 2006, p. 14).

O membro do corpo docente evoca para sua experiência um sentido espiritual com uma significância própria, sua interpretação sobre os múltiplos saberes conhecidos

e transmitidos pela Yeshivá ganha contorno nas palavras de uma casa com sentidos. O mesmo ocorre no depoimento sobre uma longa conversa com direito a história, entre um jovem universitário e o rabino Chaim. O testemunho evidencia as preocupações com a promoção de uma formação acadêmica e reflete os temores à vista das práticas apregoadas pelo judaísmo ortodoxo, por parte da comunidade judaica já estabelecida no país. O impacto das palavras do rabino pode ser lido nas linhas abaixo:

Meu primeiro contato com a Yeshivá remonta há 23 anos. Fui convidado por um amigo da minha cidade, que me disse que lá eu iria encontrar respostas para minhas perguntas existenciais. Ao comentar com familiares sobre minha visita, me interpelaram dizendo que era loucura procurar tal lugar. Para dizer a verdade, eu jamais tinha escutado falar de tal instituição, muito menos o que se fazia lá. [...] O rabino me contou a seguinte história: Quando está na beira de um rio, a observar o fluxo da correnteza, observa-se os peixes indo em direção da correnteza, e não se percebe se os peixes estão vivos ou mortos, entretanto, os peixes que estão nadando contra a correnteza, você tem certeza de que estão vivos. Nossa conversa começou com essa história, e pode-se imaginar o impacto causado em mim, uma vez que o modo de vida de um típico jovem universitário, que nunca tinha frequentado uma escola judaica e mal sabia o significado de Yom Kipur, este era o tipo de vida que se levava na época, ou seja, eu me senti como o peixe que segue a correnteza, isto é, segue os costumes do mundo sem questionar [...] Encontrei na Yeshivá uma opção de vida, onde não encontrei em nenhum outro lugar. Portanto, quando fui solicitado a escrever algumas palavras sobre a instituição, fiquei pensando o que poderia escrever sobre a minha casa – a YESHIVÁ DE PETRÓPOLIS, repleta de pessoas especiais que me resgataram de volta a uma vida judaica, onde a extensão das palavras não alcançam o objetivo, a menos que venha do coração [...]” (YESHIVÁ, 2006, p. 15).

Na sequência, igualmente disposta na publicação, encontra-se uma página dedicada a contar a história da Michlálá, com seis registros fotográficos, numa descrição intitulada “Yeshivá das Meninas”. O texto apresenta o trabalho de Rivka à frente do curso de formação de professoras, descreve os cursos livres sobre judaísmo oferecidos para mulheres, perpassando a trajetória exercida pela educadora no país. Do mesmo modo, aponta indícios da razão dos documentos protocolados na Seeduc solicitarem a abertura de turmas para o primeiro segmento da educação básica, uma vez que em nenhum outro momento os documentos indicavam a existência de turmas para crianças. Assim, o artigo compõe suas contribuições:

A *Michlalá* Colegial Machané Israel, mais conhecida como Yeshivá de Meninas, foi fundada em 1976 pelo Rabino Chaim Biniamini e por sua esposa, Rivka, com o objetivo de educar meninas seguindo a mesma filosofia e instrução religiosa observada na Yeshivá de Petrópolis. Localizada inicialmente em sede própria em Teresópolis, em 1978 a *Michlalá* transferiu-se para uma casa alugada em Petrópolis, permitindo que seu corpo docente, o mesmo da Yeshivá de Petrópolis, tivesse mais facilidade de locomoção. A Yeshivá de Meninas, em regime de internato, funcionava para as turmas da 7ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e oferecia aulas do currículo oficial estabelecido pelo MEC; curso de formação de professores, tanto para ensino laico como para as matérias judaicas; assim como cursos intensivos de Língua Hebraica, *Tanach*, Leis do Judaísmo, *Mishná* e Filosofia Judaica. Suas alunas também participavam de atividades artísticas, como teatro e dança, apresentando-se regularmente para grupos de senhoras das mais diversas instituições judaicas. Além disso, assistiam as crianças judias de Petrópolis, impossibilitadas de frequentar uma escola judaica. A Yeshivá de Meninas, em cujas dependências ocorriam *machanot*²⁸⁸ e colônia de férias, encerrou suas atividades em 1984, em função do número insuficiente de alunas (YESHIVÁ, 2006, p. 17).

As histórias sobre a primeira *yeshivá* brasileira, espaço socioeducativo também dividido entre o seminário rabínico e o curso de formação de professoras, encontraram apoio nas palavras de Buber (2008), para quem a comunidade “tem como finalidade a própria comunidade”, pois ela surge na interação de homens maduros dispostos a compartilhar comunitariamente, num fluxo de doação e entrega criativa, o sentido e o valor da vida (BUBER, 2008, p. 33-34). No cotidiano da Yeshivá de Petrópolis, pode-se contemplar que sefaraditas, asquenazitas e judeus não religiosos sentavam-se à mesa numa comunhão criativa em que o tempo dos saberes divinos era desfrutado para a Vida (BUBER, 2008).

Pondera-se nas ações da Yeshivá de Petrópolis uma livre adesão nas matrículas para o estudo na instituição de ensino e nos cursos livres regularmente mantidos em prol da divulgação do judaísmo. À vista disso, as pessoas que mantiveram vínculos com a instituição encontravam-se desejosas de estarem lá, muitos registros ressaltam o encontro com uma casa e um sentido para suas vidas. Nessa direção, destaco o pensamento buberiano sobre os fundamentos que subsidiam meu argumento de que a

²⁸⁸ *Machanot* significa acampamentos.

educação experienciada na Yeshivá se constituiu em conhecimentos práticos para o desenvolvimento de uma comunidade²⁸⁹.

Os méritos da instituição na formação de profissionais que atualmente executam inúmeros ofícios nas mais distintas comunidades judaicas são incontestáveis. No entanto, apesar de compreender a relevância própria de cada atividade laboral, procurei interpretar as relações que ex-alunos e alunas possuíam com a instituição e o que lhes produzia um significativo contentamento nas lembranças sobre ela. Nessa perspectiva, evidenciou-se o sentido de ter experienciado uma vida em comunidade. Ressalto que, de acordo com Buber (2008), a comunidade surge na vivência de coisas novas – a experiência num colegial machané israel – e constitui-se por laços de escolha, sendo compartilhada integralmente por todos, no respeito à dimensão individual de cada ser.

Depreende-se que as atividades na Yeshivá de Petrópolis proporcionaram experiências de fé, fenômeno caracteristicamente ontológico, capaz de produzir sentido à vida, mas de complexo entendimento e difícil mensuração. Nos periódicos, os depoimentos não indicam traços para a construção de uma nova comunidade, no entanto, os ofícios religiosos evidenciaram uma responsabilidade fraternal. Não obstante, destacou-se o fomento para o desenvolvimento de uma educação pautada em relações dialógicas, no exercício de escuta mútua, condição precípua para as reflexões. Educação que abrange toda a existência da vida humana.

Por conseguinte, ser convidada para ver a vida nas revistas da Yeshivá de Petrópolis significou observar as mãos de seu fundador em cada pedaço do complexo educacional. Olhar a vida de uma pequena escola ortodoxa judaica nascida do sonho e estabelecida nos frutos, indicou que há lugares vagos na terra para a construção de novos santuários, criados para uma nova vida em pequenos círculos de comunidades²⁹⁰.

²⁸⁹ As palavras de Buber (2008) afirmam que uma associação de homens só poderá ser chamada de comunidade quando “for formada por pequenas comunidades vivas, por organismos celulares fortes em coexistência sem mediação, que entram em relação direta e vital, uns com os outros [...]” (BUBER, 2008, p. 56). A comunidade surge numa realidade intermediada por relações puras e justas. Nasce do desejo humano de construí-la. Dessa maneira, o autor sustenta que o desejo de construir uma comunidade é o desejo humano por Deus. É no desejo de querer Deus que os homens construirão comunidades. Nesse sentido, o pensamento primeiro é o bem comum. Um encontro construído sem vantagens e privilégios particulares (BUBER, 2008, p. 59-61).

²⁹⁰ Cumpre esclarecer que Buber (2008) distingue dois modelos de antigas comunidades, a saber: a

Em certo momento, passar as mãos pelas revistas pareceu-me um incansável exercício de respostas à dádiva da vida que se estabelece com e no encontro com o outro (BUBER, 2008, p. 38).

Os periódicos concederam-me a oportunidade de perscrutar homens e mulheres que um dia aceitaram o convite e, na imediaticidade do encontro, relacionaram-se entre si e juntos caminharam para além dos dogmas cristalizados na coerção, crescendo na revelação pessoal experimentada na vivência individual. No sentido das práticas de sua fé, eles conheceram um “sentimento de coessencialidade e de venturosa fusão com todas as coisas no espaço e no tempo” (BUBER, 2008, 36-37).

Conforme dito anteriormente, ressalta-se que o Brasil já possuía uma ativa comunidade judaica estabelecida por todo o país²⁹¹. No entanto, pode-se observar que as ações pedagógicas desempenhadas pela Yeshivá de Petrópolis contribuíram para o desenvolvimento e expansão da comunidade religiosa ortodoxa no Brasil. Ao estabelecerem uma casa para o estudo e a transmissão das lições dos cânones do judaísmo, Chaim e Rivka Benjamini dedicaram-se como guardiões das letras de seus pergaminhos sagrados, a fortalecer e assegurar os elos de uma antiga cadeia ancestral.

Prescrita como uma obrigação, o cuidado destinado à educação pelo povo judeu remonta do início da escrita de suas narrativas sagradas e tem sido perpassada ao longo dos milênios. Nesse sentido, constatou-se que havia presente na fundação da Yeshivá uma preocupação com o ensino das leis da Torá e do Talmud, assim, os educandos envolviam-se na aprendizagem de tradições culturais interpenetradas por distintos saberes, iniciados na aquisição dos conhecimentos linguísticos, na historiografia bíblica e filosofia judaica. Dessa maneira, ao tomarem para si a responsabilidade na difusão do

econômica e a religiosa. De acordo com o autor, o modelo de comunidade econômica se estabelece nas vantagens utilitárias que podem oferecer a seus membros. No que se refere ao antigo modelo de comunidade religiosa, ele aponta para as vantagens sobre o uso do sobrenatural, indicando para as utilidades que o sagrado pode vir a representar para seus membros. Em outras palavras, Buber procura distanciar seu conceito da Nova Comunidade *pós-social* de todas as estruturas pequenas e apáticas, desejosas do utilitarismo na procura única por benefícios proveitosos. A nova comunidade compreende uma formação interna, em que os homens “se encontrarão por amor, por anseio-de-comunidade e por pródiga virtude” (BUBER, 2008, p. 35-39). Sobre o pensamento filosófico de Martin Buber, indica-se as obras: *Eu e Tu*, *Sobre Comunidade*, *Do diálogo e Do dialógico* e *O caminho do homem*.

²⁹¹ Sobre o assunto, ver: *Judeus no Brasil – estudos e notas*, de Nachman Falbel.

judaísmo sobressai-lhes o valor atribuído à educação como patrimônio imaterial da cultura judaica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começo a escrever minhas considerações finais sobre a pesquisa refletindo sobre o primeiro parágrafo de sua Introdução, lembrando a resposta que um amigo me dera sobre quem era Deus. À época, disse-me ele: Deus tem cheiro de Casa! Após reler por inúmeras vezes os depoimentos dos ex-alunos da Yeshivá de Petrópolis, percebi que se assemelhavam na descrição, de maneira que me coloquei a pensar como poderia escrever sobre algo tão reservadamente único. Um Encontro com o sagrado nas colinas onde se localizava uma casa de estudos, uma *yeshivá*. A primeira em terras brasileiras. Uma Casa onde velhos e novos mestres cantam e dançam abraçados afetuosamente a seus pergaminhos, ao celebrar com muita alegria o término e o início da leitura anual da Torá²⁹². Espaço socioeducativo onde as lembranças ancestrais escritas nas letras dos livros são continuamente entoadas e ecoam como verbos no tempo da história, entre os descendentes de Abraão.

Lembrei-me de compartilhar com admiração o mesmo entusiasmo presente nas palavras do historiador inglês Paul Johnson²⁹³, acerca da duração do tempo histórico do povo judeu. Segundo Johnson (1995), pertence aos judeus criar uma identidade separada e específica antes de qualquer povo que ainda sobrevive. O autor destaca que nenhum outro povo insistiu tão veementemente quanto os judeus na ideia de que a história tem um propósito e a humanidade, um destino. Ao declarar que os judeus são o povo mais tenaz da história, ressalta que suas narrativas, ou revelações de fé, resistiram no tempo às dominações dos impérios e às filosofias críticas mais humanistas. De igual modo, enfatiza que os judeus estão no centro da perene argumentação que confere à vida humana a dignidade de um propósito (JOHNSON, 1995, p. 14, 15).

²⁹² Festa denominada *Simchát Torá*, o Júbilo da Torá. Os judeus observantes celebram com muita satisfação, abraçados a seus rolos, dando voltas ao redor da *bimá*, ou seja, do lugar onde se faz a leitura da Torá na sinagoga (KOLATCH, 1996; KITOV, 2017).

²⁹³ Paul Johnson, *História dos Judeus* – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

O encantamento com o meu tema de pesquisa certamente se deve à devoção presente em sagrados memoriais eternos. Ao observar uma memória que é lembrada, celebrada e invocada diariamente no cumprimento de longas tradições consolidadas no tempo, apreciei testemunhos de homens e mulheres que perfizeram sua trajetória de conhecer as letras de seus cânones, reconhecendo, num Encontro com o Divino, um caminho para sua Casa primeira. Assim, as palavras escritas pelos membros da comunidade religiosa ortodoxa judaica nos periódicos da Yeshivá de Petrópolis compunham as inúmeras acepções sobre o sentido de pertencer a uma casa.

A Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis foi um presente concedido por minha atual orientadora, numa conversa informal nos corredores da instituição onde havia cursado o meu mestrado. A perspectiva com a qual procurei compreender a primeira *yeshivá* em terras brasileiras foi a de uma longa viagem iniciada há mais de cinco mil anos, de acordo com os judeus observantes. No antigo Oriente Médio, quando os dias do tempo passeavam pelas colheitas, nos amores inter-raciais, na disputa por fontes de água e no domínio político geográfico de importantes impérios na busca por novas rotas comerciais, um povo nômade e minoritário observou a vasta beleza dos céus e, simultaneamente aos conflitos territoriais vivenciados, considerou cravar seus primeiros registros nos rolos de seus pergaminhos.

A sua visão cosmológica de mundo foi sendo desenhada em narrativas com instruções e princípios que viriam a fundamentar uma fé monoteísta; ensinamentos e preceitos que constituíram os cânones do judaísmo. Em distintos percursos, as palavras escritas nos pergaminhos eternizaram-se no tempo, tendo sido traduzidas, transliteradas, impressas em livros e difundidas nas trajetórias de novos viajantes. Os livros eram lidos, conhecidos, estudados e interpretados à luz de sábios mestres. Neles, a composição étnica e os valores culturais expressaram as práticas de fé de um povo e atravessaram os continentes da Terra.

Nos territórios que ocupavam, os judeus escreveram incontáveis palavras em livros que contam partes de sua história e suas interpretações do mundo em que vivem. Palavras e teses por vezes em tons dissonantes. Seus livros escritos e publicados multiplicam-se em histórias de tudo sobre o todo. Orquestradas, as palavras dos sábios mestres parecem dançar, elucidando as controversas teses sobre os mistérios do mais

alto céu e das piores misérias terrenas. Os inúmeros contos hermenêuticos fazem bailar letras ao som de distintas reflexões políticas e sociais. Os diários, estilo constante entre seus escritos, têm por hábito a produção de livres lágrimas de uma angústia que sequer ousaríamos imaginar que possuímos.

Ah, a filosofia! Mãe de todos os saberes e claro domínio público de muitos judeus, os quais escrevem suas concepções como se lhes fora revelada a verdade máxima da vida. No que concerne ao conteúdo de seu *corpus* teológico, as discussões interpretativas desencadearam inúmeras guerras políticas. No entanto, faz-se importante assinalar que as visões de mundo escritas pelos judeus nas narrativas reveladas por Deus se constituíram em premissa essencial para o desenvolvimento das duas maiores religiões do mundo contemporâneo: o cristianismo e o islamismo.

Estabelecidos em comunidades ao redor do mundo, os judeus observantes deram continuidade à cadeia de transmissão de conhecimentos intergeracionais, e assim seus livros continuaram a ser abertos, estudados, discutidos e reinterpretados nas mesas de suas *yeshivot*. Para si, não reivindicaram a invenção das escolas. Ao preocuparem-se em registrar o compromisso com a educação em seus cânones, concederam um espaço privilegiado ao conhecimento. Dessa forma, depreenderam a educação como processo inextrincável próprio à condição humana, não a contemplando somente sob o viés da instrumentalização técnica.

Apesar das incontáveis dificuldades enfrentadas, os mestres das leis judaicas carregaram seus preciosos livros para as distantes terras habitadas na diáspora. Foi assim, como letras vivas viajantes, que o casal Rivka e Chaim Benjamini atravessou o Oceano Atlântico tendo como destino o Brasil. E, como os antigos mestres, começaram a dar continuidade no caminho do ensino e estudo dos preceitos judaicos. Contemplaram e criaram possibilidades para a difusão do judaísmo ortodoxo no país. Seu trabalho delineou novas perspectivas à educação judaica brasileira. Como cartas abertas em dedicação ao ensino da Torá, inscreveram-se na história da religião no Brasil.

Os sonhos que permearam meus anseios frente a uma acurada qualificação acadêmica ensejaram uma inserção etnográfica no campo. Imagino a riqueza dos elementos sacros sobressaindo-se nos expressivos rituais religiosos cotidianamente

vivenciados na Yeshivá. Já havia visitado a instituição em algumas ocasiões e realmente pude experimentar a singularidade daquele espaço. Em minhas impressões, posso afirmar que há algo especial não palpável na Yeshivá Colegial Machané Israel de Petrópolis.

No entanto, a trágica pandemia de Sars-Cov-2 abateu-se sobre o mundo, ceifando milhões de vidas. Nessa direção, a Yeshivá de Petrópolis, como um possível campo para o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica, fechou-se, tendo a presente pesquisa que se adaptar a novas metodologias. Com efeito, as reflexões sobre a escolha de vivenciar o percurso de outros caminhos investigativos foram compartilhadas em orientações e culminaram por suscitar uma aproximação com os conceitos epistemológicos do Grupo de Pesquisa História e Memória das Políticas Educacionais no Território Fluminense, do ProPEd/UERJ.

Assim, as fontes disponíveis para a realização da pesquisa embasaram perguntas, as quais procurei responder nos capítulos correspondentes. É pertinente salientar que o conhecimento prévio da instituição oportunizou impressões e promoveu diálogos com membros da comunidade docente e discente. Dessa maneira, para além das interpretações ingenuamente romantizadas, presenciei algumas dinâmicas pedagógico-culturais em distintos momentos. Tal possibilidade incentivou indagações e auxiliou na melhor apreensão sobre os depoimentos publicados nos periódicos.

Tendo por entendimento que o cotidiano escolar de uma *yeshivá* se fundamenta no conhecimento, no estudo e nas práticas dos preceitos dos textos da religião judaica, procurei dar ênfase à constituição de parte de seu *corpus* teológico. Em outras palavras, tencionei indicar como os judeus foram se constituindo como um povo a partir das escritas narrativas em seus pergaminhos. Do mesmo modo, busquei apresentar importantes marcos da fé judaica, os quais apontam para uma aliança eterna firmada no Sinai.

Cumprido destacar que, de acordo com a tradição religiosa, cada judeu é um elo na corrente que liga as gerações passadas às futuras, unindo cosmovisões ancestrais no tempo e no espaço. Assim, desde a saída do Egito, cada judeu possui a ímpar responsabilidade de transmitir suas crenças aos filhos e aos filhos de seus filhos, conforme ensinara Deus a Moisés. Ensinar e contar sua origem assevera a dimensão de

uma contínua jornada, pois o pacto eterno estabeleceu a imortalidade coletiva dos filhos de Israel (SACKS, 2002; YERUSHALMI, 1992, 2017).

Goody (2012) assinala que as palavras são símbolos fortemente sagrados na religião judaica, pois, através delas, Deus se revelou. As palavras de suas acepções teológicas foram sendo pensadas, lapidadas e repensadas antes de serem escritas. O valor atribuído na busca por legitimar uma visão monoteísta fez a escrita dos sábios mestres constituírem uma religião de continuidade. Desse modo, cada judeu²⁹⁴ é responsabilmente imbuído a se posicionar como um guardião de sua história.

Nas manifestações sobrenaturais, a escrita das narrativas bíblicas procurou evidenciar as percepções e interpretações das diásporas judaicas. Ressalta-se que a escrita propicia a promoção da história; quando ensinada, pode ser internalizada e guardada na memória. Contadas e recontadas asseguram a imutabilidade eterna de seus repositórios sagrados (GOODY, 2012).

Ao escreverem seus códigos éticos, morais e teológicos, o povo hebreu apresentou uma organização social própria. A ordenação absoluta para lembrar as intervenções divinas na história exerce uma memória que flui fundamentalmente através das narrativas e dos rituais religiosos judaicos. Seus livros são condutos de memória que preservam a continuidade por vir. Ao evocarem o passado ancestral em suas *yeshivot*, outorgam significados e sentidos à sua própria existência (YERUSHALMI, 1992, 2017).

As adversidades vivenciadas pelos judeus em diáspora deram origem a movimentos antagônicos. Desse modo, ou aproximavam-se e criavam um maior vínculo com seus cânones, fomentando nas palavras reinterpretadas movimentos filosóficos e religiosos singulares, ou afastavam-se do divino em busca de experienciar distintas erudições. No escopo da presente pesquisa, as palavras do livro da Lei ganharam, com os aforismos de Baal Shem Tov, uma mística experiência com o sagrado, delineando inéditos caminhos para as antigas letras.

²⁹⁴ É interessante observar uma particular atenção concedida, um curioso sentimento com o qual muitos judeus continuam a se dedicar na escrita de suas causas. Como se, religiosos ou não, a responsabilidade por si estivesse forjada em seus pensamentos.

À vista do movimento chassídico, o caminho percorrido por cada homem na essencial busca por Deus pode conduzir a humanidade a Ele. Como um Sêfer Torá²⁹⁵ vivo, cada judeu possui uma trajetória única em que, convidado por Deus a se tornar um cocriador, pode responder ao seu chamado e exercer a dignidade de sua humanidade posicionando-se de forma consciente e responsável diante do mundo que o cerca.

Os mestres chassídicos ensinam que é preciso iluminar a oculta vida divina no lugar em que estamos, essa foi a resposta da vida do casal Rivka e Chaim Benjamini. Sua árdua jornada asseverou a aliança firmada com Moisés no Sinai: educar cada judeu nos preceitos eternos das leis judaicas. Fundamentada nos princípios da Torá, a educação foi uma resposta de fé do casal. Iniciei a escrita desta tese com o casal Chaim e Rivka ainda vivo e acompanhei o impacto de seu legado nas muitas gerações que desfrutaram o sabor de seu labor.

Nesse sentido, fui compreendendo o valor das práticas dos mandamentos *lembrados* pelas *palavras* sagradas através dos *tempos* na vida dos judeus observantes. De igual modo, depreendi porque a Yeshivá de Petrópolis é uma instituição escolar para a *continuidade* da história da *vida* de toda a *comunidade* judaica e, por isso, conceituada como uma Casa de Estudos, a “mãe de toda a vida do povo de Israel” (YESHIVÁ, 2006). É a *vida* que atravessa o *tempo* nas *palavras eternas* dos filhos de Abraão.

Ver jovens meninos correndo alegremente, falando em hebraico para um estudo de fim de tarde, despertou minha atenção no que imaginei ser uma extensa jornada acadêmica. No entanto, conhecer os significados de suas tradições fez-me observar, na atitude reverente diante de seus livros, a história que outorgava um sentido à vida. Uma alegria própria compartilhada, entre novos e velhos mestres, em bendizer as canções salmodiadas que entoavam.

Procurar identificar elementos da arqueologia escolar da Yeshivá significou uma imersão na materialidade de um conhecimento escrito antes de nossa era comum. Narrativas contadas sobre o início da criação do mundo e do povo judeu, textos que interpretavam as escrituras e, sobretudo, escritos que reinterpretavam os comentários dos comentários. Como exímios narradores, os judeus sabem contar histórias! E é

²⁹⁵ Sêfer Torá, o pergaminho da Lei.

exatamente nas histórias encantadas sobre o divino que sua arqueologia escolar se circunscreve (ESCOLANO, 2017).

Olhar a Yeshivá procurando vestígios políticos de um movimento filosófico-religioso seria diminuir a beleza na imagem de meninos arrumando a toalha no cair sobre a mesa, preparando-se para o *shabat*. Descrevê-la procurando me orientar no significado de suas orações vespertinas foi uma escolha que me atraiu, pois, envolta numa bruma de mistérios divinos, jovens meninos praticavam a fé de seus ancestrais. Talvez essa seja sua beleza única: uma preciosa conjunção manifesta nas práticas culturais milenares historicamente reconstruídas no contentamento de elevar-se ao Eterno a cada novo dia.

Cumprido ressaltar que a presente pesquisa não pretendeu abordar a Yeshivá de Petrópolis sob um viés antropológico ou mesmo sociológico em que se apresentassem as características políticas e/ou messiânicas presentes no movimento religioso ortodoxo da Chabad. Antes, procurei estender meus olhos para uma instituição escolar judaica religiosa, pioneira a dedicar-se na difusão dos estudos das escrituras sagradas e, por conseguinte, dedicada a viver um Judaísmo ortodoxo. Nesse sentido, pretendi lançar luz a elementos que pudessem contribuir para novas pesquisas e possíveis estudos acerca das tradições culturais e educacionais milenares.

Ressalto que adentrar no rico universo cultural e religioso judaico foi um exercício desafiador, o qual, sob a Escola dos Annales, se pôde contemplar, com rigor não menos acadêmico, a beleza sensível de pessoas na defesa do patrimônio de sua fé. Assim, para os judeus religiosos ortodoxos a preservação de seu memorial eterno manifesta-se diariamente nas suas *yeshivot*, espaço socioeducativo onde, reunidos em comunidade, aprendem, ano após ano, sobre suas escrituras sagradas. Talvez seja essa a razão de tantas palavras escritas, a Vida!

Ao observar as singularidades da Yeshivá de Petrópolis procurei inicialmente refletir sobre o significado do que é singular. O que torna algo singular? Algo único, com características especialmente condicionadas a um tempo que lhe é próprio, inserido em espaços com múltiplas perspectivas dimensionais. Algo ou alguém que pode, em suas peculiaridades, com intuito nem sempre racional, ser guardado em alhures de nossas memórias, tamanha sua força sobre nossa condição humana. A singularidade é

especial, cria possibilidades nos espaços que contemplam nossa finitude. É rara e manifesta-se em contentamentos, ou não, por um tempo que se consolida atemporal.

A palavra singularidade é um substantivo feminino, possui na inteireza de seus propósitos os atributos capazes de conferir, por si, um significado especialmente único. Assim, concede propriedades que geram um inestimável valor ao adjetivo singular. Uma palavra que tem na experiência seu distinto alicerce. A singularidade é, antes de tudo, arte criadora! Lugar onde as lembranças de um tempo se desenham na trama das palavras ou em eloquentes silêncios corajosos.

A singularidade pertence ao campo das ciências exatas, humanas e biológicas. É importante salientar que, nas ciências humanas, *singular* é uma palavra preta de pensamentos, ideologias e emoções, repleta de vida que se faz plena, é palavra fecunda, capaz de gerar luminosidade e experiências criativas em tudo o que por ela é nomeado. A *singularidade* precisa ser compreendida no olhar desejoso de significativas experiências, desnuda de prévios conceitos, no devir que caminha em busca de ver e ouvir algo diferente e, por isso, precioso.

Percebido por esse olhar, para além da experiência no campo das subjetividades, o *singular* se transforma em verbo quando se compreende e interpreta os movimentos desencadeados ante algo precisamente particular ou quando se intenta conhecer como se desenvolve uma experiência e em que medida ela produz ecos capazes de reverberar polissêmicos entendimentos. A experiência com a *singularidade* tangencia os saberes e pode transcender o tempo.

Procurar identificar, conhecer e interpretar algo *singular* deveria atravessar a trajetória de nossa existência. Nos encontros fraternos, a educação como patrimônio cultural da humanidade compartilha o sabor experienciado pelas ciências. Defendo esse conceito, pois a percepção das singularidades envolve todos os nossos sentidos, valores e códigos previamente aceitos. Eu olho, observo, problematizo, dedico esforços e recursos cognoscíveis, de modo a, finalmente, poder, porventura, transformar pensamentos em conceitos, teorias, experimentos, artes ou em lembranças memoráveis.

No entanto, o medo de ser afetado por algo que não dominamos não nos atrai, e arriscamos, na insensibilidade de nosso olhar, a experiência de outras aprendizagens. A castração do olhar e do ouvir produz em nós uma característica própria daqueles que

não querem ser sensibilizados. A cegueira nos impede de caminharmos em unidade fraterna com as singularidades de distintos pensamentos, em algo tão comum a todos os homens, que é o encanto pela vida.

Parto desses princípios ao defender que a Yeshivá de Petrópolis possui características singulares, desde sua criação até o presente dia. A graciosa beleza evidencia-se no singelo nome – uma Casa de Estudos –, espaço para milenares tradições transmitidas de geração em geração. Casa porque, no prazer do ensinar, estudam, interpretam, cumprem as leis, códigos e narrativas de seus cânones sagrados e, assim, ousam celebrar uma memória étnica ancestral. Contentamento em perpassar às futuras gerações as *singularidades* únicas de sua cultura. Uma ode ao conhecimento memorialístico do povo judeu. Espaço socioeducativo onde a educação não apenas instrui, mas, no papel de uma Casa de Estudos, assume a responsabilidade de acolher e ensinar os caminhos para uma vida em harmonia com o Criador.

Ao findar a escrita da tese, tomo conhecimento da morte do rabino Chaim Benjamini. Na liberdade pronta de quem não mais precisa esconder sua admiração pela temática pesquisada (NORA, 1987), e empenhada a favor das sensibilidades no campo das questões culturais dos homens (BLOCH, 2001), dedico as palavras abaixo a quem, de acordo com Topel (2005), foi a salvação da comunidade judaica brasileira.

Escrever sobre os sentimentos de pessoas é realmente algo desafiador, principalmente na composição de uma escrita acadêmica como uma tese de doutoramento. Nesse contexto, sentimentos em geral costumam ser negligenciados. Credito esse pequeno-grande detalhe da vida acadêmica aos resquícios de sua submissão ao positivismo, como se qualquer ação humana pudesse ser amplamente desvinculada de emoções, ideologias, fé ou outros pensamentos nominalmente diferentes.

O certo é que refleti muito sobre como escrever a respeito do rabino Chaim Benjamini. Não um grande homem que tocou multidões, mas um homem húngaro que, por seus pensamentos acerca da maneira de experienciar sua fé, por todos foi considerado; um homem que sobreviveu a uma experiência de mortalidade em massa, tendo vivenciado as barbáries ideológicas de Grandes Guerras.

De qualquer forma, arrisco-me sobre a folha em branco de papel para reiterar a beleza de poder conhecer, estudar e, sim, escrever sobre a história de um homem que, passando por três diferentes continentes, arriscou a viver a maior parte de sua vida no Brasil. Um país distante de sua terra natal e da terra que conquistara na guerra da Independência. É comovente perceber os inúmeros relatos de sua personalidade, de sua fé. E depois de me dedicar aos estudos sobre a instituição escolar que ele fundou, há uma expressão que, de forma comovente, me chama atenção: *ledor vador* – de geração em geração –, a honra de seu legado pôde ser celebrada em vida. Nesse momento em que se lhe falta a vida, inúmeras pessoas adeptas ou não do Judaísmo são uníssonas em elevar sua memória.

Pessoas que guardam em suas vívidas lembranças não apenas histórias dele ou com ele, mas, sobretudo, homens e mulheres que compreendem e atribuem em reverência um profundo sentimento de gratidão. Algo parecido como se o legado de uma vida estivesse posto sobre a mesa e fosse permitido a todos a oportunidade de se servirem de seus ensinamentos, lições e estudos.

Em todos os depoimentos que li, ele foi como um pai, um mestre, um justo, um grande líder. Vivemos em tempos difíceis, quando até mesmo os campos de concentração são colocados em questionamento. Num movimento em que os fluxos e influxos da história são vistos de maneira instantânea, coloco-me a imaginar e reconheço com admiração a inspiração de uma vida tão plena de sentido.

Pode-se olhar para o fenômeno da ortodoxia, conforme assevera Topel, pode-se procurar compreender o sentido de uma vida em defesa de sua fé (Frankl e Buber) ou pode-se, simplesmente, deixar-se contemplar nos depoimentos e permitir-se ser encantada com a beleza de uma vida dedicada à educação. Inocência ou falta de rigor no ofício, o qual me esforço para exercer? Busco outras respostas, as quais, necessariamente, não são postuladas (BLOCH, 2001)! Mas, o certo é que palavras como: honra, história, legado e amor enchem meus pensamentos e, por que não dizer, sentimentos. De maneira que só posso pensar na grande sorte dos que tiveram a oportunidade de poder ouvi-lo num bom conselho ou mesmo ter escutado um antigo provérbio de seus lábios. Como se diz em Minas Gerais: ô, sorte, sô!

Nos contos *chassidim*, os justos são celebrados com festa! Que haja, então, cânticos celebrativos em honra da memória e do legado do rabino Chaim Benjamini. Que longa seja a reverberação de seus ensinamentos!

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA Judaica para Israel. Israel, 1929. Disponível em: <https://archive.jewishagency.org/pt/>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- ALTSCHULLER, Claudia. O dia-a-dia de jovens rabinos em Petrópolis. *In: Revista Nacional Geografic Brazil*. n. 100. p. 42 jul. 2008.
- AS MAJESTOSAS sinagogas da emancipação – ed. 82. *MORASHÁ*, dez. 2013. Disponível em: www.morasha.com.br/arte-e-cultura/as-majestosas-sinagogas-da-emancipacao.html. Acesso em: 20 jun. 2021
- ASHERI, Michael. *O judaísmo vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- BARROS, José D'assunção. *Teoria da história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BEGLEY, Louis. *O caso Dreyfus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BENITO, Agustín Escolano. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas: Alínea, 2017.
- BENJAMIN, Walter. *Depois da utopia: a história oral em seu tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III - Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMINI, Rivka Steinberg. *Você se lembra, Jolika?* São Paulo: Sêfer, 1998.
- BEUTHNER, Avraham Tsvi. *Shabat Shalom! – Guia prático para desfrutar O Shabat em casa*. Rio de Janeiro: Ed. Beith Lubavitch, 2007.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia judaica completa: o Tanakh [AT] e aB'rit Hadashah*. Trad. do original para o inglês David H. Stern. Trad. do inglês para o português por Rogério Portella; Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Ed. Vida, 2010.

BISTRITZKY, Shmuel et al. *Yahaduton: um Guia Prático E Contemporâneo Para A Vida Judaica*. Impresso em Israel: Le Dorot Publishing, 2013.

BLECH Benjamin. *O mais completo guia sobre judaísmo*. 2. ed. São Paulo: Sêfer, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

BORGER Hans. *Uma história do povo judeu volume 1: de Canaã à Espanha*. 5. ed. São Paulo: Sêfer, 2015a.

BORGER Hans. *Uma história do povo judeu volume 2: das margens do Reno ao Jordão*. 5. ed. São Paulo: Sêfer, 2015b.

BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

BOTO, Carlota. *Instrução pública e projeto civilizador: o século XVIII como interprete da ciência, da infância e da escola*. São Paulo: Ed. Unesp, 2017.

BUBER, Marin. *O aminho do homem segundo o ensinamento Chassidico*. São Paulo: Realizações, 2011.

BUBER, Martin. *A lenda do Baal Schem*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BUBER, Martin. *Albrecht Goes (Posfácio) em o caminho do homem segundo o ensinamento chassidico*. São Paulo: Realizações, 2006.

BUBER, Martin. *As histórias do Rabi Nakhman*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BUBER, Martin. *Dascal e Zimmerman em sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do diálogo*. Tradução Marta Ekstein de Souza Queiroz; Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão de Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. rev. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. *Newton Aquiles Von Zuben (Introdução e Tradução) em Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BUNIN, Irving M. *A ética do sinai: ensinamentos dos sábios do Talmud*. Tradução: Dagoberto Mensch. São Paulo: Sêfer, 2019.

CAON, Claudia Malbergier. *Quem tem medo da educação religiosa?: a educação religiosa ortodoxa judaica*. Rio de Janeiro: Exodus, 1996.

CENTER For Hebraic Thought. New York: [s.d.]. Disponível em: <https://www.hebraicthought.org/>. Acesso em: 10 maio 2021.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: [1] artes de fazer*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel. *Michel de Certeau em a operação historiográfica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHABAD. *A tarefa do Escriba*. [S. l.]: c1993-2022. Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/4394808/jewish/A-tarefa-do-escriba.htm. Acesso em: 22 nov. 2021.

CHABAD.ORG. [S. l.]: c1993-2022. Disponível em: <https://www.chabad.org/>. Acesso em: 29 out. 2019.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Ed. da USP, 2015.

ELIADE, Mircea *et al.* *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ELIOR, Rachel. As origens do chassidismo. *Revista do instituto cultural judaico march chhagall*. Porto Alegre, RS, v. 5 n. 1, jan./jun. 2013.

ELIOR, Rachel. *The lubavitch messianic resurgence: the historical and mystical Background 1939-1996*. In: *Toward the Millennium*. Boston: 2013.

EPSTEIN, Isidore. *Breve história do judaísmo: breve descrição da origem e desenvolvimento dos ensinamentos, práticas, pensamento filosófico e doutrinas místicas da religião e moral judaicas ao longo de 4000 anos de história dos judeus*. Ed. Ulisseia: Lisboa, Portugal, 2009.

Escola World ORT. Rio de Janeiro: [s.d.]. Disponível em: <https://ort.org.br/sobre/>. Acesso em: 17 out. 2021.

- FRANKL, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1993.
- FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GOLDSWORTHY, Adrian. *Pax romana: war, peace and conquest in the Roman World*. Connecticut: Yale University Press, 2017.
- GOODY, Jack. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GRINBERG, Keila. *Os judeus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GRUN, Renato S. *Pérolas do baal shem tov*. São Paulo: Netivot, 2019.
- GUINSBURG, J.; FALBEL, N. (org.). *Aspectos do hassidismo*. São Paulo: B'nai B'rith, 1971.
- HAGANÁ. *CONIB – Confederação Israelita do Brasil*. [S. l. s.d.]. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/hagana>. Acesso em: 10 maio 2021.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2008.
- HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). *Pensar os Arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.
- HILSENRAD, Zalman Ayeh. *Rabi Israel Bem Eliezer: Baal Shem Tov: uma breve biografia do nascimento e dos primeiros anos de vida do fundador da chassidut*. São Paulo: Maayanot, 2017.
- JAPIASSU, Hilton et al. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 4. ed., 2006.
- JEWISH Virtual Library, [S. l. s.d.]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- JOFFE, Lawrence. *A história épica do povo judeu: um relato épico dos 4 mil anos de história dos judeus desde os patriarcas e reis, passando por séculos de perseguição, até o florescimento de uma cultura mundial*. São Paulo: M. Books, 2017.

- JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n.1, p. 9-43, jan./jul, 2001.
- KAPLAN, Aryeh. *Enciclopédia do Pensamento Judaico*. São Paulo: Ed. Maayanot, 2018.
- KARADY, Victor. NAGY, Peter Tibor. *The numerus clausus in hungary: studies on the first anti-jewish law and academic anti-semitism in modern central europe*. Budapest: Centre for Historical Research, 2012. (Research Reports on Central European History, v. 1).
- KITOV, Eliyahu. *Livro do Conhecimento Judaico: o ano hebreu e seus significados*. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2017.
- KOTRE, John. *Luvás Branca: como criamos a nós mesmos através da memória*. São Paulo: Mandarin, 1997.
- LE GOFF, Jacques, et al. *Ensaio de ego-história*. São Paulo: lugar da história, 1987.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Campinas: Unicamp, 2013.
- LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita Maria Gerheim; GUEDES, Maria Inês Coimbra. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- LEONE, Alexandre. A sinagoga como espaço religioso e comunitário. *Revista ER*, v. 19, jan./abr. 2019.
- LEWIN, Helena. *Da colônia à república: judeus construindo sua identidade brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.
- LEWIN, Helena. *Judaísmo e cultura: fronteiras em movimento*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2013.
- LIBERATION of Gros Rosen. United States Holocaust Memorial Museum. [S. l.: s. d.]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushm.org/content/en/article/gross-rosen>. Acesso em: 23 ago. 2020.
- LOWY, Michael. *Walter benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MEZUZÁ. Ed. Sêfer. [S. l.: s.d]. Disponível em <https://sefer.com.br/artigos-judaicos-mezuzza/2/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. *Instituições escolares: por que e como pesquisar*. Campinas: Alínea, 2009.

NOVAIS, Vanessa dos Santos. *A sócio-educação em Juiz de Fora: o programa curumim*. Juiz de Fora: Templo, 2014.

PARECER da Comissão de verificação prévia da Yeshivá Colegial, *Rio de Janeiro*, 1979.

PREFEITURA Municipal de Petrópolis. *Educação: rede municipal de Petrópolis retoma aulas presenciais*. Petrópolis: [s.d.]. Disponível em: <https://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/imprensa/noticias/item/17740>. Acesso em: 20 jun. 2021.

RABINOWICZ, Harry. *Chassidismo: o Movimento e seus mestres*. Tradução: Isaac REVEL, Jacques. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

ROSENBERG, Roy A. *Guia conciso de judaísmo: história, prática, fé*. Rio de Janeiro: Imago, 1982. 226 p.

SACKS, Jonathan. *Cartas para a próxima geração: reflexões para o Iom Kipur*. São Paulo: Sêfer, 2010.

SACKS, Jonathan. *Para curar um mundo fraturado*. São Paulo: Sêfer, 2007.

SACKS, Jonathan. *Teremos netos judeus?*. São Paulo: Maayanot, 2002a.

SACKS, Jonathan. *Uma letra da torá*. São Paulo: Sêfer, 2002b.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (org.). *Depois da utopia: uma história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e voz. Fapesp, 2013.

SCHAMA, Simon. *A história dos judeus: à procura das palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHEERSON, Rabi Menachem Mendel. *Fé e ciência*. São Paulo: Ed. Shabat, 1976.

SCHEERSON, Rabi Menachem Mendel. *Sobre a essência da Chassidut*. Tradução de Rebe Lubavitch. São Paulo: Maayanot, 2000.

SCHEERSON, Rabi Menachem Mendel. *Uma fascinante coletânea de cartas do Rebe de Chabad-Lubavitch: esclarecendo os aparentes conflitos entre religião e ciência moderna*. 2. ed. São Paulo: Associação Israelita de Beneficência Beit Chabad do Brasil, 2014.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões v. II*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões v. I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SCHOLEM, Gershom. *De berlim a Jerusalém*. São Paulo: Perspectiva, 1991

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (org.). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória: Edufes, 2018.

SOBRE Yad Vashem. The World Holocaust Remembrance Center. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/education/other-languages/portuguese/about-yadvashem.html>. Acesso em: 01 fev. 2021.

STEINSALTZ, Adin. *Talmud essencial*. São Paulo: Sêfer, 2019. OK NAS CITAÇÕES <https://www.vwi.ac.at/index.php/en/96-english-site/research/research-interests/621-the-numerus-clausus-in-hungary>. Acesso em: 03 ago. 2021

SZAPOR, Judith. The Numerus Clausus in Hungary. Wiener Wiesenthal Institut Für Holocaust-Studien. [S. l. s.d.]. Disponível em: <https://www.vwi.ac.at/index.php/en/96-english-site/research/research-interests/621-the-numerous-clausus-in-hungary>. Acesso em: 01 fev. 2021.

SZPICZKOWSKI, Ana. *Educação e Talmud: uma releitura da ética dos pais*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2008.

THE SURVIVORS. United States Holocaust Memorial Museum. [S. l. s.d.]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushm.org/content/pt-br/article/the-survivors>. Acesso em: 23 ago. 2020.

TOPEL, Marta Francisca. *Jerusalém e São Paulo: a nova ortodoxia judaica em cena*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

TRZONOWICZ, Alberto Samuel Milkewitz. *A Yeshivá como proposta de educação pedagógica no brasil*. São Paulo: Coordenação Editorial Joel Rechtman, 2001.

TRZONOWICZ, Alberto Samuel Milkewitz. *Indagação filosófica e educação judaica: as leis do estudo da Torá do Código de Maimônides como guia*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TRZONOWICZ, Alberto Samuel Milkewitz. *Ledor vador: construindo identidades judaicas de geração em geração (estudo exploratório de casos de famílias e escolas judaicas em S. Paulo)*. 2006. Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

UNITED States Holocaust Memorial Museum. Enciclopédia do Holocausto. Washington, 1993. Disponível em: <https://encyclopedia.ushm.org/content/pt-br/gallery/aftermath-of-the-holocaust>. Acesso em: 23 ago. 2020.

WALDENFELS, Hans; KÖNIG, Franz. *Léxico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEBER, Max. *Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião: o judaísmo antigo*. Petrópolis: Vozes, 2007. v. 3.

WHAT You Didn't Know About Shlichut. *World Zionist Organization*. [S. l.: s.d.]. Disponível em: <https://www.wzo.org.il/shlichut>. Acesso em: 25 jun. 2020.

WROBEL, Ronaldo. *Nossas festas: celebrações judaicas*. São Paulo:Francis, 2007.

YESHIVÁ revista de Petrópolis. Petrópolis, 1996.

YESHIVÁ revista comemorativa de 40 anos da Yeshivá de Petrópolis. Petrópolis, 2006.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Usos do esquecimento: conferências proferidas o colóquio de royaumontn*. Campinas: Unicamp, 2017

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor: história judaica e memória judaica*. Rio de Janeiro:Imago, 1992.

ZOLA, Émile. *J'accuse...! a verdade em marcha*. Porto Alegre: L&Pm, 2009.

Apêndice A - Quadro X - Divisão dos livros do Talmud

ORDEM ZERAÍM

Tratado	Nº de Capítulos da Mishná	Nº de folhas no Talmud Babilônio	Conteúdo
Berachót	9	64	Rezas e Bênção
Peá	8	-	Leis de colheita e plantagem
Demai	7	-	Produtos com dúvidas em relação ao dízimo
Kiláyim	9	-	Vários tipos de semente, árvores e animais
Sheviít	10	-	Leis do ano sabático
Terumót	11	-	Contribuições para os sacerdotes
Maasrót	5	-	Dízimos para os levitas e pobres
Maaser Sheni	5	-	O segundo dízimo e seu envio para Jerusalém
Chalá	4	-	A oferta da massa do pão para os sacerdotes
Orlá	3	-	Proibição acerca da colheita de frutos das árvores por 4 anos
Bicurim	3	-	Oferendas dos primeiros frutos para o templo

ORDEM MOÊD

Tratado	Nº de Capítulos da Mishná	Nº de folhas no Talmud Babilônio	Conteúdo
Shabat	24	157	Leis do Shabat
Eruvin	10	105	Leis sobre limites permitidos no Shabat
Pessachim	10	121	Leis de chamêts, matsá e sacrifício pascal
Shecalim	8	-	Os pagamentos em shekel para o Templo e para as cerimônias
Iomá	8	88	Sacrifícios e o jejum de Iom Kipur
Sucá	5	56	A construção da Sucá, as quatro espécies e a comemoração do Templo
Betsá	5	40	Leis gerais das festas
Rosh Hashaná	4	35	Estabelecimento dos meses e anos, o shofar e as rezas de Rosh Hashaná
Tannit	4	31	Os dias de jejum regulares
Meguilá	4	32	Leis do Purim
Moêd Catan	3	29	Leis dos dias festivos intermediários
Chaguigá	3	27	Leis para as festas que envolvem peregrinação

ORDEM NASHIM

Tratado	Nº de Capítulos da Mishná	Nº de folhas no Talmud Babilônio	Conteúdo
Levamót	16	122	Levirato, casamentos proibidos, testemunho sobre a morte do marido
Ketubót	13	112	O contrato do casamento e acordos especiais
Nedarim	11	91	Vários tipos de votos e promessas
Nazir	9	66	As leis do nazirato
Sotá	9	49	Leis referentes ao adultério, assassinato e guerra
Guitin	9	90	Leis sobre o divórcio
Kidushin	4	82	Casamentos e leis de genealogia

ORDEM NEZIKIN

Tratado	Nº de Capítulos da Mishná	Nº de folhas no Talmud Babilônio	Conteúdo
Bava Cama	10	119	Danos diretos e indiretos
Bava Metsia	10	119	Perdas, empréstimos, trabalho e contratos por salário
Bava Batrá	10	176	Sociedade, vendas, promissórias e heranças
San'hedrin	11	113	Vários tipos de corte, lei criminal, princípios da fé
Macót	3	24	Punição por açoite
Shevuót	8	49	Juramentos
Eduiót	8	-	Coletânea de testemunhos sobre vários assuntos
Avodá Zará	5	76	Afastar ídólatras e práticas de idolatria
Avót	5	-	Ética e ensinamentos morais
Horaiót	3	14	Vereditos errados de cortes e sua retificação

ORDEM KODASHIM

Tratado	Nº de Capítulos da Mishná	Nº de folhas no Talmud Babilônio	Conteúdo
Zevachim	14	120	Leis de sacrifícios
Menachót	13	110	Leis de oferendas, tsitsit e tefilin
Chulin	12	142	Leis do abate ritual e leis dietéticas
Bechorót	9	61	Os primogênitos (crianças e animais) e animais defeituosos
Arachim	9	34	Avaliação das oferendas do Templo e do solo
Temurá	7	34	Substituindo uma oferenda animal
Keritót	6	28	Pecados que requerem eliminação e sacrifícios
Meilá	6	22	Sinais de sacrilégio contra a propriedade do Templo e como obter perdão
Tamid	6	9	Sacrifícios diários do Templo
Midót	5	-	Medidas arquitetônicas do Templo
Kinim	3	-	O que fazer quando vários sacrifícios se misturam

ANEXO A – Regimento Escolar.

<u>REGIMENTO ESCOLAR</u>		Página
<i>Índice</i>		
Título I - De Estabelecimento, suas finalidades e Tipos de Ensino		
Cap. I - De Estabelecimento e da Entidade Mantenedora		1
Cap. II - Da Finalidade e da Filosofia Educacional do Estabelecimento		1
Cap. III - Dos Níveis e Tipos de Ensino		1
Título II- Da Administração Escolar		
Cap. I - Da Organização Administrativa		2
Cap. II - Da Direção		2
Cap. III - Da Vice-Direção		3
Cap. IV - De Serviço de Orientação Pedagógica		3
Cap. V - De Serviço de Orientação Educacional		4
Cap. VI - De Conselho Administrativo		5
Cap. VII - Dos Serviços Auxiliares		5
Cap. VIII- De Corpo Docente		5
Cap. IX - Da Secretaria		7
Cap. X - Da Tesouraria		8
Título III- Da Organização Didático-Pedagógica		
Cap. I - De Regime Escolar		8
Seção I - De Calendário Escolar		8
Seção II - Da Matrícula		9
Seção III- Das Transferências		10
Seção IV - Das Adaptações		10
Cap. II - De Planejamento Curricular		11
Cap. III - Da Avaliação do Aproveitamento Escolar		12
Cap. IV - Da Apuração da Assiduidade		12
Cap. V - De Critério de Aprovação		13
Cap. VI - Da Recuperação		14
Cap. VII - De Conselho de Classe		14
Título IV- Da Clientela Escolar		
Cap. I - Da Conceituação e Constituição		14
Cap. II - De Corpo Discente		14
Seção I - Da Constituição, Direitos e Deveres		14
Seção II- Das Sanções Disciplinares		14
Seção III- De Centro Cívico		14
Cap. III - De Círculo de Pais		14
Título V- Das Disposições Gerais		

REGIMENTO

TÍTULO I

Do Estabelecimento, suas Finalidades e Tipos de Ensino
Capítulo I

Do Estabelecimento e Entidade Mantenedora

Art. 1º - O Colégio Yeshivá Colegial "Machané Israel", com sede na rua Duarte da Silveira, nº 1245, na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, é uma instituição educacional orientada pelo princípio da auto-realização individual e da participação social.

Art. 2º - O Colégio Yeshivá Colegial "Machané Israel" é mantido pela Yeshivá Colegial, entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, reconhecido como de utilidade pública pela Resolução nº 2550 de 09/02/1967, com sede e foro na cidade de Petrópolis, registrada no Cartório de 5º Ofício do Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob o nº 375, Livro A2, Folha 210, em 16/12/1966.

Capítulo II

Da Finalidade e da Filosofia Educacional do Estabelecimento

Art. 3º - O Colégio Yeshivá Colegial "Machané Israel" tem como finalidade a preparação dos educandos para uma participação consciente na sociedade, através de:

a) formação religiosa que lhes permita contribuir para o desenvolvimento do ser humano

b) formação moral capaz de fazer dele uma pessoa integral

Art. 4º - O Colégio Yeshivá Colegial "Machané Israel" desenvolve suas suas atividades, orientado pelas finalidades da educação nacional, estabelecidas pela Lei 4.024/61 e pelos objetivos do ensino, expressos na Lei 5.692/71

Art. 5º - O Colégio Yeshivá Colegial "Machané Israel" procura desenvolver as potencialidades dos educandos para uma convivência atuante e uma auto-realização plena

Art. 6º - O Colégio Yeshivá Colegial "Machané Israel" não faz distinção de raça ou classes sociais e respeita as diferenças individuais dos educandos.

Capítulo III

Dos Níveis e Tipos de Ensino

Art. 7º - O Colégio Yeshivá Colegial "Machané Israel" mantém os Cursos

a) de 1º grau - da 5ª à 8ª série

b) de 2º grau com a habilitação de auxiliar de pedagogia clínica e formação de professores de 1ª à 4ª série do 1º grau

Art. 8º - O Colégio Yeshivá Colegial "Machané Israel" funciona em regime de externato, em classes masculinas e femininas.

TÍTULO II

Da Administração Escolar

Capítulo I

Da Organização Administrativa

Art. 9º - Os órgãos que compõem a administração do Colégio Yeshivá "Machané Israel" se acham assim estruturados:

- a) Direção
- b) Vice-direção
- c) Serviço de Orientação Pedagógica
- d) Serviço de Orientação Educacional
- e) Conselho Administrativo
- f) Serviços Auxiliares
- g) Corpo Docente
- h) Secretaria
- i) Tesouraria

Capítulo II

Da Direção

Art. 10º - A Direção do Estabelecimento é exercida por um educador de comprovada capacidade e legalmente habilitado para o exercício da função

Art. 11º - O Diretor do Colégio Yeshivá "Machané Israel" é designado pela entidade mantenedora

Art. 12º - Compete ao diretor:

- a) traçar as diretrizes para que se realizem as finalidades propostas;
- b) estabelecer os princípios gerais para o planejamento anual;
- c) supervisionar as atividades desenvolvidas;
- d) cumprir e fazer cumprir a legislação vigente;
- e) corresponder-se com as autoridades superiores de ensino;
- f) representar oficialmente o Colégio;
- g) contratar e dispensar professores, especialistas em educação e funcionários;
- h) convocar e presidir reuniões;
- i) assinar convênios, obedecida a legislação específica
- j) receber subvenções
- l) assinar, juntamente com o secretário, as atas de resultados finais de verificação, adaptações e de recuperação
- m) assinar as guias de transferência que lhe forem apresentadas pelo secretário, desde que o aluno tenha cumprido todos os atos escolares referentes ao ano letivo até o momento de sua transferência e se ache quite com a tesouraria.
- n) deferir, quando conveniente, o requerimento de matrícula apresentado pelo secretário

Parágrafo Único - O Diretor pode delegar poderes, sempre que se fizer necessário, para o bom exercício de suas funções, cujas da a entidade mantenedora.

Art. 13 - Em seus impedimentos, o Diretor é substituído pelo Vice-Diretor.

Capítulo III

Da Vice-Direção

Art. 14 - A vice-direção é exercida por um educador, credenciado para a função de Diretor e designado pelo Diretor.

Art. 15 - Cabe ao Vice-Diretor

- a) Substituir o diretor, em seus impedimentos;
- b) assessorar o diretor nas funções pedagógicas e administrativas;
- c) indicar ao diretor, o pessoal docente, mantendo para tal fim um cadastro adequado.
- d) coordenar as atividades exercidas pelos especialistas em educação
- e) supervisionar o trabalho da secretaria.

Capítulo IV

Do Serviço de Orientação Pedagógica

16- O Serviço de Orientação Pedagógica -S.O.P.- é coordenado por um orientador pedagógico legalmente habilitado

17 -O S.O.P. é o órgão responsável pela execução da política educacional do Estabelecimento.

18 - Cabe ao orientador pedagógico:

- a) promover pesquisas para diagnosticar as necessidades e expectativas da comunidade escolar, com vistas ao plano geral do Estabelecimento;
- b) coordenar as atividades pedagógicas desenvolvidas, bem como os serviços auxiliares;
- c) elaborar o calendário escolar;
- d) criar instrumentos adequados à avaliação do processo ensino aprendizagem;
- e) promover o aperfeiçoamento do pessoal docente;
- f) orientar a secretaria na utilização da legislação referente a atos escolares;
- g) manter atualizados os planejamentos e programas;
- h) promover a análise de currículos de alunos transferidos para o Estabelecimento, traçando-lhes plano de adaptação;
- i) acompanhar o processo de recuperação;
- j) colaborar com o corpo docente na escolha e aplicação métodos e técnicas adequadas

- l) zelar pelo enriquecimento e conservação de recursos e material didático;
- m) detectar desvios na consecução dos objetivos propostos e prever ações corretivas compatíveis;
- n) submeter à apreciação do Conselho de Classe casos de alunos que necessitem tratamento especial;
- e) aplicar penalidades previstas neste Regimento aos alunos que infringirem normas disciplinares de certa gravidade

Capítulo V

Do Serviço de Orientação Educacional -S.O.E.-

- Art. 19 - O Serviço de Orientação Educacional -S.O.E.- é coordenado por um Orientador Educacional legalmente habilitado
- Art. 20 - Compete ao Orientador Educacional:
 - a) planejar anualmente seu trabalho, observando as diretrizes gerais emanadas da direção;
 - b) diagnosticar a clientela escolar a fim de permitir planejamento adequado;
 - c) organizar o "dossier" dos alunos;
 - d) participar da elaboração do planejamento geral do Estabelecimento;
 - e) zelar pelo atendimento das necessidades indispensáveis ao favorecimento da auto-realização dos discentes;
 - f) aplicar instrumentos adequados, no âmbito de sua competência, para proporcionar ao educando conhecimento e aceitação de suas potencialidades e limitações;
 - g) contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos;
 - h) coordenar as atividades necessárias à orientação vocacional
 - i) interagir com o S.O.P. na orientação da escolha e aplicação de métodos e técnicas didáticas, e da adaptação dos alunos;
 - j) manter contato com a comunidade, pesquisando as condições de mercado de trabalho;
 - l) encaminhar os casos que lhe escaparem à competência profissional, ao setor conveniente;
 - m) dar atendimento a todos os alunos, em geral, e em especial aos que apresentam desajustamento ocasional, procurando detectar as causas desse comportamento;
 - n) tentar sanar os motivos encontrados, aplicando as medidas cabíveis, inclusive contatos com a família;

- e) submeter à análise do Conselho de Classe casos de alunos que careçam medidas especiais;
- p) opinar sobre a conveniência da recuperação de alunos que revelam falhas no aspecto qualitativo;
- q) encaminhar à direção sugestões dos alunos;
- r) representar os alunos no Conselho de Classe

Capítulo VI

Do Conselho Administrativo

- Art. 21 - O Conselho Administrativo é constituído pelo Diretor - que ~~o~~ e preside-, Vice-Diretor, Orientador Pedagógico, Orientador Educacional e um representante da entidade mantenedora
- Art. 22 - O Conselho Administrativo tem reuniões ordinárias, previstas no calendário anual do Estabelecimento e extraordinárias, convocadas pelo Diretor
- Art. 23 - Compete ao Conselho Administrativo:
 - a) resolver os casos omissos neste Regimento
 - b) reorientar o processo educacional quando forem detetados desvios significativos no atingimento dos objetivos traçados;
 - c) planejar a aplicação dos recursos materiais e financeiros disponíveis;
 - d) reelaborar o presente Regimento, em todo ou em parte, submetendo-o ao Órgão Estadual competente, sempre que se fizer necessário
 - e) convocar os elementos que se fizerem necessários para o bom cumprimento de suas atribuições

Capítulo VII

Dos Serviços Auxiliares

- Art. 24 - São serviços auxiliares do trabalho educacional desenvolvido no Estabelecimento:
 - a) mecanografia
 - b) almoxarifado
 - c) biblioteca
- Art. 25 - Os serviços auxiliares são coordenados pelo Orientador pedagógico, assessorado pelo Secretário do Colégio.

Capítulo VIII

Do Corpo Docente

- Art. 26 - Constitue o corpo docente do Estabelecimento os professores que aí exercem suas atividades profissionais
- Art. 27 - A função docente é desempenhada por professores devidamente registrados no órgão oficial competente ou autorizados a lecionar na forma da Lei
- Art. 28 - Os professores que integram o corpo docente do Estabelecimento devem ter uma atitude coerente com a filosofia educacional

- do Colégio.
- Art. 29- Na contratação dos professores, o Colégio assegura-lhes todos os direitos que lhe confere a legislação trabalhista.
- Art. 30- Cabem ainda aos professores os seguintes direitos:
- a) participar das atividades extra-classe planejadas;
 - b) receber tratamento condigno e respeito à sua atividade docente;
 - c) participar da elaboração dos planos de curso que lhes são afetos;
 - d) tomar conhecimento de todos os planos de cursos mantidos pelo Estabelecimento;
 - e) elaborar instrumentos de avaliação do aproveitamento escolar;
 - f) utilizar o material didático de que o Colégio dispõe;
 - g) solicitar ao S.O.P. a aquisição de material didático necessário ao bom desenvolvimento de seu trabalho;
 - h) valer-se dos serviços mantidos pelo Estabelecimento para a orientação de sua função.
- Art. 31- São deveres dos professores:
- a) participar da elaboração do planejamento da Escola;
 - b) respeitar a filosofia de educação que informa o Estabelecimento;
 - c) atuar de maneira compatível com os objetivos gerais do Colégio;
 - d) desenvolver adequadamente o plano de curso traçado;
 - e) encaminhar ao S.O.E. ou ao S.O.P. os casos que mereçam atenção especial;
 - f) cooperar na manutenção das normas disciplinares estabelecidas;
 - g) manter atualizado o registro de frequência e aproveitamento dos alunos, bem como o lançamento do conteúdo programático ministrado;
 - h) fornecer o resultado da avaliação do aproveitamento escolar na data estabelecida;
 - i) trajar-se com dignidade;
 - j) comparecer às reuniões para as quais for convocado.
- Art. 32- É vedado aos professores:
- a) ocupar-se, durante as aulas, de assuntos estranhos à sua tarefa educativa;
 - b) ministrar aulas particulares aos alunos das turmas a seu cargo;
 - c) adotar atitude que revele, perante os alunos, discriminação de qualquer espécie;

- d) aplicar penalidade aos alunos, além da advertência e repreensão;
- e) deixar de dar ciência aos alunos da apreciação feita sobre seus trabalhos.

Capítulo IX

Da Secretaria

Art. 33 - O Secretário do Estabelecimento é o profissional devidamente registrado ou autorizado para o exercício da função, pelo órgão superior competente;

Parágrafo Único - O secretário conta com tantos auxiliares quantos necessários para o bom desempenho de sua função, sendo, no entanto, o responsável pelo serviço realizado no órgão pelo qual responde;

Art. 34 - Compete ao Secretário:

- a) manter em perfeita ordem a escrituração escolar e o fichário de alunos;
- b) organizar e responsabilizar-se pelo arquivo permanente do Estabelecimento;
- c) conhecer, coligir e cumprir a legislação de Ensino;
- d) assessorar o diretor, no preparo e expedição de correspondência;
- e) assessorar o orientador pedagógico na coordenação dos serviços auxiliares;
- f) lavrar as atas referentes aos atos escolares, como sejam: resultados finais, de verificação de adaptação e recuperação, que assina, juntamente com o diretor;
- g) elaborar relatórios exigidos pelos órgãos superiores;
- h) preencher questionários ou fichas de informação enviados pelos órgãos da administração pública;
- i) arquivar toda a correspondência recebida, bem como cópia da correspondência expedida;
- j) verificar a regularidade dos documentos apresentados pelo candidato à matrícula;
- l) encaminhar ao diretor, para deferimento, o requerimento de matrícula dos candidatos que estiverem legalmente habilitados para tal;
- m) lavrar atas de reuniões, quando for convocado;
- n) preparar e apresentar ao diretor, devidamente assinada, a guia de transferência dos alunos que a requererem;

- e) fornecer à direção, ao S.O.E. ou ao S.O.P., os resultados de verificação e/ou de frequência de alunos, quando solicitado;
- p) registrar em livro próprio as matrículas deferidas, bem como as atas lavradas.

Capítulo X

Da Tesouraria

- Art. 35 - A tesouraria é entregue a elemento credenciado, designado pela Entidade Mantenedora
- Art. 36 - A tesouraria é o órgão responsável pelo pagamento de todas as pessoas que exercem atividade profissional no Estabelecimento
- Parágrafo Único - Será assegurado aos professores, o pagamento estabelecido anualmente pelo órgão de classe competente
- Art. 37 - Compete ainda ao tesoureiro calcular a anuidade a ser paga pelos alunos, de acordo com a tabela elaborada pela autoridade estadual de Ensino.
- Art. 38 - São beneficiados com bolsa de estudos total ou parcial, os alunos que necessitarem de tal medida a critério da Entidade Mantenedora
- Art. 39 - De todo movimento financeiro são lavrados balancetes e demonstrativos que são submetidos à apreciação da Entidade Mantenedora

TÍTULO III

Da Organização Didático-Pedagógica

Capítulo I

Do Regime Escolar

Seção I

Do Calendário Escolar

- Art. 40 - O ano letivo divide-se em dois períodos de, no mínimo 90 dias letivos, excluídos aqueles que se destinam exclusivamente à realização de provas e aos estudos de recuperação
- Art. 41 - O ensino do 1º e 2º grau é organizado em séries anuais
- Art. 42 - Durante o ano letivo são mantidas classes de apoio em horários especiais, para o acompanhamento de alunos que apresentem necessidade de recuperação
- Art. 43 - No ensino do 1º grau, são proporcionadas no mínimo 720 horas anuais de trabalho escolar efetivo e no 2º grau são respeitados os mínimos de 2.900 horas conforme o caso, para o total dos cursos.

- Art. 44 - São respeitados os feriados federais, estaduais e municipais além dos dias destinados a festividades religiosas, próprias do Colégio e do dia 15 de outubro, "Dia do Mestre"
- Art. 45 - O mês de janeiro é reservado às férias anuais de professor.
- Art. 46 - Entre os dois períodos letivos, ocorre um recesso escolar, durante o qual os professores poderão ser eventualmente convocados para atividade necessária ao bom desempenho do processo ensino-aprendizagem.
- Art. 47 - O mês de fevereiro é dedicado ao planejamento do ano letivo a se iniciar, bem como à realização de cursos de reciclagem e atualização a serem planejados para o corpo docente
- Art. 48 - Terminadas as aulas, reserva-se ao final do ano letivo um período de quinze dias para a realização da recuperação especial
- Art. 49 - Após o término das atividades discentes, segue-se o período de avaliação final do planejamento

Seção II

Da Matrícula

- Art. 50 - A matrícula de alunos no Colégio se realiza no período normal, nas férias consecutivas ao término do ano letivo, em datas pré-estabelecidas pela direção;
- Art. 51 - A matrícula de alunos pode também ocorrer em época especial, a critério da direção.
- Art. 52 - A matrícula no Estabelecimento é requerida pelo seu responsável ou pelo próprio candidato, caso tenha maioridade, apresentando os documentos exigidos pela Lei e os que o Colégio considere necessários.
- Art. 53 - A direção do Colégio reserva-se o direito de analisar a guia de transferência apresentada pelo candidato, deferindo-lhe ou não o requerimento de matrícula, conforme a viabilidade de oferecer condições que assegurem a sequência de currículo
- Art. 54 - A matrícula pode ser cancelada em qualquer época do ano, ficando os documentos à disposição do responsável, quando o aluno apresentar inadequação aos objetivos traçados, esgotados os recursos educativos aplicados
- Art. 55 - O cancelamento da matrícula pode ocorrer em qualquer época do ano, por iniciativa do responsável, devendo sujeitar-se às condições previstas neste Regimento, para a obtenção das transferências
- Parágrafo Único - As mensalidades só deixarão de ser devidas a partir de mês seguinte ao requerimento de cancelamento da matrícula.
- Art. 56 - Este estabelecimento não permite a permanência de estudante que deixe de apresentar os documentos exigidos pela Lei,

per prazo superior a 45 dias.

Art. 57 - A matrícula de aluno proveniente do estrangeiro é precedida de minuciosa análise, por parte do S.O.E e do S.O.P., a fim de se definir a equivalência de estudos

Parágrafo Único - O aluno proveniente do estrangeiro deve apresentar a documentação estabelecida legalmente, além de estar sujeitas adaptações que a Lei estipula e às que o S.O.E. e o S.O.P. deste Estabelecimento julgarem convenientes

Seção III

Das Transferências

Art. 58 - A transferência de um aluno para outro Estabelecimento pode ser requerida pelo responsável até dois meses antes do término do ano letivo

Parágrafo Único - Excepcionalmente, a critério da Direção, excluídos os casos de rendimento escolar insuficiente, pode ser expedida ou recebida transferência nos dois últimos meses do ano letivo

Art. 59 - A documentação de transferência é expedida pelo Colégio após a verificação de que o aluno está em dia com a Tesouraria do Estabelecimento, de acordo com a legislação vigente

Seção IV

Das Adaptações

Art. 60 - Os alunos transferidos para o Colégio Yeshivá Colegial "Machané Israel" são submetidos à adaptação toda vez que tal procedimento pedagógico seja necessário ao ajustamento do aluno ao novo currículo.

Art. 61 - A adaptação, cujo plano é traçado pelo S.O.P. em consonância com o S.O.E. se realiza de forma metódica e progressiva, através da utilização de contratos, créditos, cursos paralelos, aulas particulares ou outras formas que se mostrem oportunas

§ 1º - Os contratos ou cursos paralelos podem ser realizados em instituições credenciadas pelo Conselho Estadual de Educação

§ 2º - Na hipótese de ser indicada a fórmula de aulas particulares, é observada a incompatibilidade da aplicação desta medida pelo professor sob cuja responsabilidade se acha o aluno, conforme dispõe a alínea b do art. 32 deste Regimento.

Art. 62 - O número máximo de adaptações é de quatro

Parágrafo Único - quando a análise de currículo indicar a necessidade

de adaptações em numero superior a quatro, o aluno é rebaixado de série

Art. 63 - Para adaptação de aluno proveniente de estrangeiro aplica-se o disposto no Parecer 09/75 do Conselho Estadual de Educação, além das seguintes medidas:

- a) adaptar o aluno nas disciplinas relacionadas pelo Conselho Federal de Educação que não tenham sido estudadas anteriormente, salvo o discente que estiver amparado por Acordos Culturais
- b) exigir o conhecimento da língua portuguesa, de início em grau mínimo, suficiente para acompanhar trabalhos escolares, sendo permitido que o aluno, nos dois primeiros anos apresente tarefas escritas em outra língua, desde que o Estabelecimento tenha condições de adotar esta solução;
- c) expedir certificado de conclusão de grau de ensino somente quando o aluno revelar conhecimento satisfatório da língua portuguesa, bem como História e Geografia e Educação Moral e Cívica indispensável à familiaridade com os problemas brasileiros.

Art. 64 - Qualquer que seja a forma de adaptação adotada, as avaliações são sempre realizadas pelo Estabelecimento em época pre-estabelecida pelo S.O.P.

Capítulo II

Do Planejamento Curricular

- Art. 65 - O currículo, conjunto de experiências propostas e supervisionadas pelo Estabelecimento, é organizado por todos os educadores que realizam seu trabalho no Colégio Yeshivá Colegial "Machanê Israel", buscando atingir os objetivos traçados.
- Art. 66 - Os planos de curso, coerentes com os princípios norteadores da tarefa educativa a que se propõe a Escola, são organizados pelos professores, especialmente convocados, sob a supervisão do S.O.E. e do S.O.P., que os submetem à Direção.
- Art. 67 - Des planos de curso devem constar a metodologia, bem como o planejamento da avaliação contínua do processo ensino-aprendizagem.
- Art. 68 - Na organização das redes curriculares, anexas a este Regulamento, são atendidos os dispositivos expressos na legislação específica.

Capítulo III

Da Avaliação do Aproveitamento Escolar

- Art. 69 - A avaliação do aproveitamento escolar tem como objetivos:
- a) oferecer condições de se mensurar o alcance dos objetivos, por parte dos alunos;
 - b) fornecer subsídios para a auto-avaliação do corpo docente;
 - c) permitir a realimentação do sistema escolar.
- Art. 70 - A avaliação do aproveitamento escolar é expressa em notas numéricas na escala de 1 (um) a 10 (dez)
- Art. 71 - Na avaliação do aproveitamento escolar são levados em conta os aspectos quantitativos e os qualitativos, sendo observada a preponderância daqueles sobre estes.
- Art. 72 - A avaliação é contínua e é registrada no diário de classe, pelo professor, bimestralmente, a média das notas obtidas pelo aluno, no período.
- Parágrafo Único - a média bimestral deve ser obtida de, pelo menos, duas avaliações, cujos resultados são lançados em espaço próprio, no diário de classe
- Capítulo IV
- Da Apuração da Assiduidade
- Art. 73 - A frequência dos alunos é registrada em todas as aulas e outras atividades, pelo professor, no Diário de Classe
- Art. 74 - O aluno impedido de fazer os exercícios propostos em Educação Física, fica deles dispensado, pela apresentação de atestado médico
- Parágrafo Único - A dispensa da prática não libera o aluno da presença às sessões de Educação Física
- Capítulo V
- De Critério de Aprovação
- Art. 75 - Consideram-se aprovados quanto ao aproveitamento escolar:
- a) de 5ª à 8ª série, os alunos que apresentem em cada área de estudos, média aritmética anual igual ou superior a seis;
 - b) no segundo grau, os alunos que apresentem em cada disciplina, média aritmética anual igual ou superior a seis
- Parágrafo Único - Independentemente dos resultados obtidos na apuração dos resultados obtidos na apuração de aproveitamento escolar, o Conselho de Classe pode, mediante análise de casos especiais, e assistido pelo S.O.E. e pelo S.O.P., decidir sobre a aprovação ou reprovação de alunos
- Art. 76 - Tem-se como aprovado quanto à assiduidade:
- a) o aluno de frequência igual ou superior a 75% na respectiva disciplina ou área de estudo;

- b) o aluno de frequência inferior a 75% que tenha obtido aproveitamento superior a oito;
- c) o aluno que não se encontre na hipótese da alínea anterior mas com frequência superior a 50% e que demonstre melhoria de aproveitamento após estudos de recuperação.

Capítulo VI

Da Recuperação

- 77 - A recuperação é um recurso pedagógico que tem por finalidade oferecer ao discente condições que possam levá-lo a superar os obstáculos na consecução dos objetivos estabelecidos.
 - 78 - As técnicas didáticas usadas no processo de recuperação são orientadas pelas diferenças individuais.
 - 79 - A recuperação de conteúdos cognitivos deve incidir sobre os aspectos essenciais da programação.
 - 80 - A recuperação é oferecida aos alunos durante todo o ano letivo, paralelamente às demais atividades, tão logo sejam detectadas dificuldades no processo ensino-aprendizagem.
- § Único - A recuperação paralela se realiza em classes de apoio mantidas pelo Estabelecimento, sob a responsabilidade de um professor legalmente habilitado.
- 81 - Além da recuperação paralela, é previsto no calendário um período de quinze dias no final do ano letivo, para a realização da recuperação especial.
 - 82 - São submetidos à recuperação paralela todos os alunos que obtiverem em qualquer componente curricular das áreas de estudo ou em qualquer disciplina média bimestral inferior a seis.
- § Único - Para cálculo da média anual do componente curricular ou da disciplina, prevalece a nota superior, seja ela da avaliação bimestral, seja da obtida na recuperação.
- 83 - São levados à recuperação especial:
 - a) os alunos que, ao final do ano letivo, obtiverem média anual inferior a seis em até dois componentes de área de estudo ou três disciplinas;
 - b) os alunos que obtiverem frequência compreendida entre 50% e 75% em qualquer componente de área de estudo ou disciplina, desde que sua nota seja igual ou inferior a oito.
- § Único - A média anual dos alunos submetidos à recuperação especial é obtida pela média aritmética calculada através da média anual e nota da recuperação especial.
- 84 - Podem ser submetidos à recuperação paralela ou especial os alunos que apresentarem bom domínio dos aspectos quantitativos porém revelarem carência nos aspectos qualitativos, ouvido o SOE.

- 86 - São consideradas reprovadas os alunos que apresentarem frequência inferior a 70% das aulas de recuperação especial.

Capítulo VII

Do Conselho de Classe

- 86 - O Conselho de Classe é o órgão colegiado que se reúne bimestralmente em sessões ordinárias, previstas no calendário escolar e extraordinárias por convocação do diretor.
- 87 - Compõem o Conselho de Classe:
- O diretor, que o coordena
 - o orientador pedagógico
 - o orientador educacional, que, além de suas funções específicas, representa os alunos
 - todos os professores da turma.
- 88 - O Conselho de Classe busca o aperfeiçoamento do sistema escolar, pela contato direto de muitas interfaces atuantes no processo ensino-aprendizagem:
- facilitando uma visão global de cada aluno, indispensável à complexidade da avaliação;
 - orientando a apreciação de cada turma, particularmente;
 - fornecendo condições de avaliação de planejamento;
 - oferecendo indicadores para o perfeito relacionamento e a ordenação das atividades escolares;
 - subsidiando o SOE e o SOP no acompanhamento da sequência de currículo;
 - permitindo ao professor uma auto-avaliação de seu trabalho de educador;
 - pronunciando-se de maneira soberana sobre aprovação ou reprovção de aluno merecedor de análise especial.

TÍTULO IV

Da Clientela Escolar

Capítulo I

Da Conceituação e Constituição

- 89 - A clientela escolar é toda a parcela da comunidade que, julgando válidas as objetivos e finalidades prepostos pelo Colégio, nele busca condições de atingi-los.
- 90 - Constituem a clientela escolar os alunos e suas famílias.

Capítulo II

Do Corpo Docente

Seção I

Da Constituição, Direitos e Deveres

- 91 - O corpo docente é formado por todos os alunos regularmente matriculados neste Estabelecimento.

- rt. 92 - são direitos dos alunos:
- a) usufruir das iniciativas e atividades de todo o sistema escolar que visam, especialmente, ao seu desenvolvimento;
 - b) frequentar as dependências do Estabelecimento a eles destinadas, nos horários pré-estabelecidos;
 - c) receber a orientação necessária ao seu desempenho escolar;
 - d) participar das atividades extra-classe programadas pelo Estabelecimento;
 - e) encaminhar à direção, através do SOE, sugestões para a realização de atividades não programadas;
 - f) ser votado pelos colegas para constituir a diretoria do Centre Cívico.

- rt. 93 - São deveres dos alunos:
- a) manter com todos os elementos da Escola, clima de respeito e cordialidade;
 - b) comparecer às aulas nos horários estabelecidos;
 - c) participar das atividades consideradas, pela direção, como essenciais à sua formação;
 - d) possuir o material escolar indicado no princípio do ano letivo e mantê-lo em perfeita ordem;
 - e) colaborar na conservação do prédio escolar e seu mobiliário;

- rt. 94 - ~~É~~ vedado aos alunos:
- a) ausentar-se do Colégio sem autorização da direção;
 - b) entrar em sala ou dela sair durante a aula, sem permissão do professor;
 - c) utilizar o nome do Estabelecimento, sem licença da direção, para qualquer fim;
 - d) ocupar-se, durante as aulas, com atividades a elas estranhas;
 - e) participar de tumulto, especialmente nas proximidades do Estabelecimento;
 - f) praticar, dentro ou fora do estabelecimento, atos contrários à moral e aos bons costumes;
 - g) promover rifas ou coletas dentro ou fora do Estabelecimento.

Seção II

Das Sanções Disciplinares

- rt. 95 - Aos alunos que desrespeitarem as normas disciplinares estabelecidas, são aplicadas as seguintes sanções:

- a) advertência;
- b) repreensão;
- c) retenção no Colégio, em horários especiais que são ocupados com estudo;
- d) suspensão de frequência às aulas;
- e) desligamento definitivo do Colégio, com o cancelamento da matrícula e expedição da guia de transferência.

§ 1º A aplicação das sanções deve ser proporcional à gravidade da falta cometida ou ao grau de inadaptação ao regime da Escola;

§ 2º A aplicação das penalidades previstas na alínea c e d é da competência do SOP;

§ 3º A aplicação da penalidade consignada no item e é da competência da Direção, ouvidor e SOE e o SOP.

Seção III

Do Centro Cívico

- n. 96 - O Centro Cívico é uma agremiação organizada e dirigida pelos alunos, sob a responsabilidade de um professor designado pela direção.
- n. 97 - O Centro Cívico tem como finalidade promover atividades culturais, recreativas e cívicas visando ao desenvolvimento de atitudes capazes de contribuir para a integração do educando à comunidade.
- n. 98 - O Centro Cívico se rege por normas próprias, aprovadas pela direção.

Capítulo III

Do Círculo de Pais

- n. 99 - O Círculo de Pais é uma organização composta por pais ou responsáveis pelos alunos deste Estabelecimento.
- n. 100 - A organização é presidida por um pai, eleito pelos demais, e tem um corpo administrativo, do qual o Diretor do Estabelecimento é membro nato.
- n. 101 - O Círculo de Pais tem por objetivos:
 - a) congregar as famílias dos educandos;
 - b) colaborar na integração família-escola;
 - c) analisar o grau de atingimento, por parte dos discentes, dos objetivos e finalidades do Estabelecimento;
 - d) sugerir à direção a criação de novos cursos ou a extinção dos existentes;
 - e) propor reformulação do currículo pleno do Estabelecimento, nos aspectos em que for encontrada maior incidência de desvio dos objetivos.

- art. 102 - As reuniões do Círculo de Pais se realizam no Estabelecimento, bimestralmente, ou quando for oportuna, sempre por convocação do presidente, e podem contar com a presença de professores convidados.
- art. 103 - O Círculo de Pais é regido por estatuto próprio, homologado pelo Diretor de Estabelecimento.

TÍTULO V

Das Disposições Gerais

- art. 104 - A YESHIVÁ COLEGIAL mantém uma sede que se destina ao funcionamento das turmas femininas.
- art. 105 - A YESHIVÁ COLEGIAL, desde que devidamente autorizada pelos Órgãos Estaduais competentes, pode realizar novos cursos de 2º grau, respeitada a legislação própria.
- art. 106 - As alterações curriculares só são efetuadas depois de devidamente autorizadas pelos Órgãos competentes.
- art. 107 - A realização do estágio de curso de Formação de Professores de 1a. à 4a. série de 1º grau se verifica em turmas de Escola legalizada que mantém convênio com este estabelecimento.
- art. 108 - A YESHIVÁ COLEGIAL não adota regime de dependência.
- art. 109 - Este regimento tem força de lei e a ele se subordinam todos os educadores, funcionários e clientela escolar da YESHIVÁ COLEGIAL.
- art. 110 - As modificações necessárias se efetuam dentro do que estabelece a alínea d do art. 23 deste Regimento.
- art. 111 - Toda a legislação vigente relativa ao ensino ministrado pela YESHIVÁ COLEGIAL se incorpora a este Regimento e passa a fazer parte dele.
- art. 112 - Este Regimento entra em vigor na data de sua aprovação pelo Conselho Estadual de Educação.

Petrópolis, 22 de Novembro de 1978

Stella Sarninsky
STELLA SARNINSKY
DIRETORA

ANEXO B – Continuação do parecer da comissão de verificação prévia da Yeshivá Colegial.

R. 07

 ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE SUPERVISÃO EDUCACIONAL

turma. O laboratório, indispensável para o funcionamento do curso / de Patologia Clínica, ainda não se acha instalado; a Direção declarou que, devido à presença do tempo ainda não foi possível cumprir esta exigência, porém comprometeu-se a fazê-lo antes do início do / ano letivo; a Comissão julga ser possível aguardar a presença do supervisor a ser designado para o acompanhamento dessa Unidade Escolar, que comprovará a existência do referido laboratório. A biblioteca se acha equipada com livros exclusivamente em hebraico. Solicitou-se seja munida de obras na Língua Pátria.

Diante do exposto, a Comissão dá Parecer favorável à autorização de funcionamento, solicitando sejam atendidos os itens acima / mencionados antes do início do ano letivo.

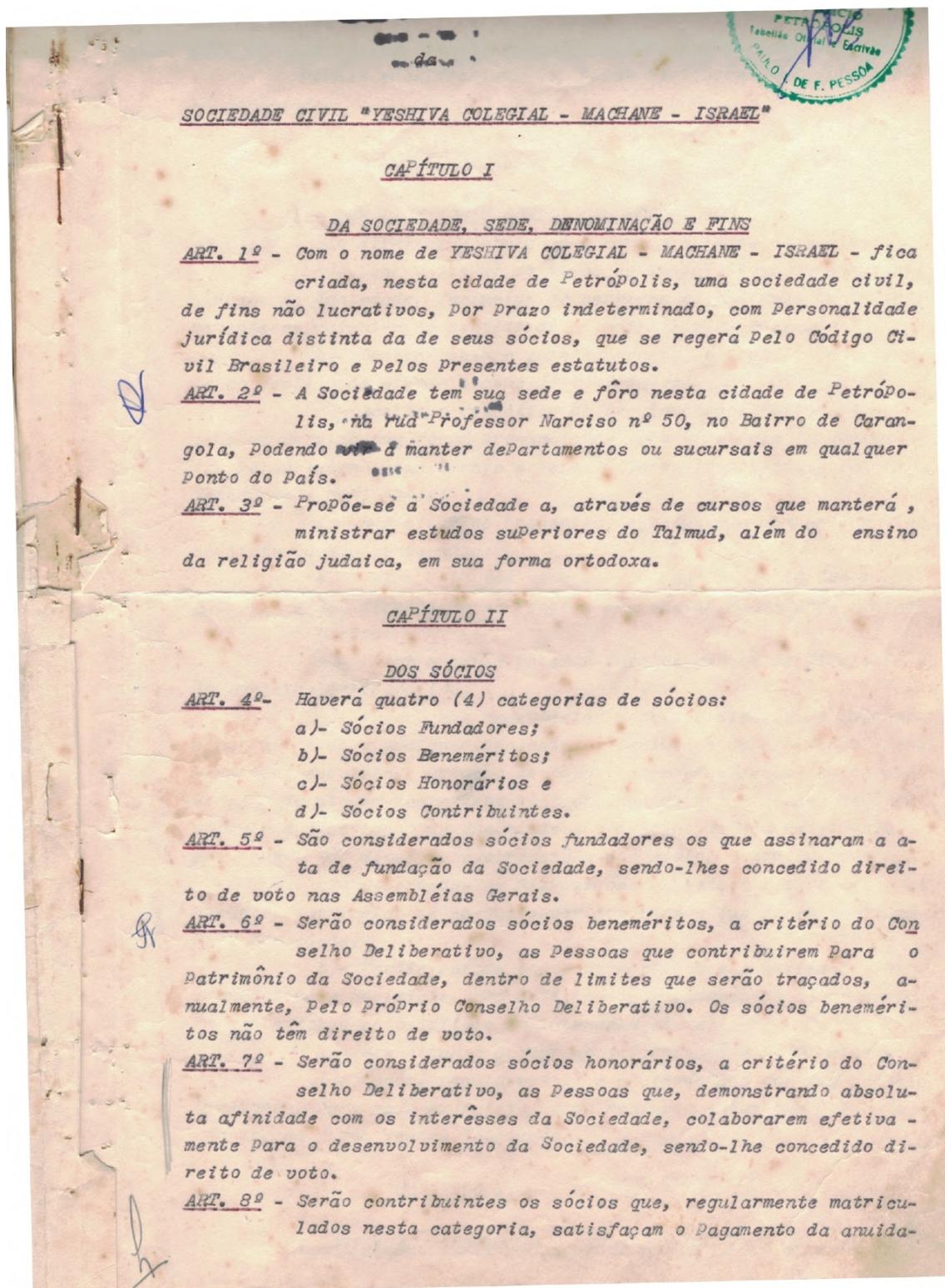
Petrópolis, 08 de janeiro de 1979.

Natercia de Souza Lima
NATERCIA DE SOUZA LIMA - MATRÍCULA 047328-6

Denoni Pereira Alves
DENONI PEREIRA ALVES - MATRÍCULA 024574-7

Laurycy de Almeida Santos
LAURICY DE ALMEIDA SANTOS - MATRÍCULA 031308-4
PRESIDENTE DA COMISSÃO

ANEXO C – Estatuto de Sociedade Civil da Yeshivá de Petrópolis.



unidade estimada pela Diretoria para cada exercício. Os sócios contribuintes não têm direito de voto.

ART. 9º - Os sócios, de qualquer das quatro categorias, não respondem subsidiariamente, pelas obrigações assumidas pela Sociedade.

CAPÍTULO III

DOS DIREITOS E OBRIGAÇÕES DOS SÓCIOS

ART. 10º - São direitos e obrigações comuns a todos os sócios:

- a)- Usar e dispor de todas as instalações, cursos e atividades da Sociedade, inclusive os serviços que, direta ou indiretamente se orientem no sentido de atingir os fins colimados;
- b)- Dedicar todo o esforço pessoal e trabalho consciente no sentido de elevar o nome da Sociedade;
- c)- Acatar e respeitar os Regulamentos, Portarias e Ordens de Serviço que forem pronunciados pela Diretoria da Sociedade, pelas Assembléias Gerais e pelos Poderes instituídos, Federais, Estaduais e Municipais;
- d)- Respeitar os presentes estatutos e comparecer às reuniões quando convocados;
- e)- Zelar pelo bom nome e pelo patrimônio da Sociedade.

ART. 11º - São direitos e obrigações dos sócios fundadores e honorários:

- a)- Votar e serem votados para os cargos de Diretoria e do Conselho Deliberativo;
- b)- Votar, nas Assembléias Gerais Ordinárias e Extraordinárias, toda e qualquer proposição, inclusive de alteração dos presentes estatutos; criação de novas categorias de sócios ou eliminação de alguma das existentes; criação de novos cargos de Diretoria e a dissolução da Sociedade e o destino de seu patrimônio.

ART. 12º - São direitos e obrigações dos sócios contribuintes:

- a)- Observadas as disposições especiais referentes ao assunto, matricular-se em quaisquer dos cursos que forem mantidos pela Sociedade;
- b)- Participar de todos os movimentos e atividades programadas pela Sociedade, com a disposição, sempre, de dar o máximo de seu esforço em benefício do interesse comum;
- c)- Respeitar e acatar as determinações da Diretoria e
- d)- Pagar, regularmente, a anuidade que for fixada pela Diretoria, para cada exercício, e os reajustamentos que possam ocorrer, na forma destes Estatutos.

CAPÍTULO IV

DA AQUISIÇÃO, SUSPENSÃO E PERDA DOS DIREITOS DE SÓCIO



DA AQUISIÇÃO, SUSPENSÃO E PERDA DOS DIREITOS DE SÓCIO

ART. 13º - Os sócios adquirem os direitos que lhe são conferidos pelos presentes estatutos:

a)- Os sócios fundadores, pela assinatura da ata de fundação da Sociedade;

b)- Os sócios beneméritos e os honorários, por deliberação do Conselho Deliberativo, em reunião plena e por maioria de votos;

c)- Os sócios contribuintes, pela aprovação, pela Diretoria, das propostas de inscrição feitas à sociedade.

ART. 14º - Os sócios contribuintes que susPenderem ou interromPereM o pagamento de prestações de anuidades, terão seus direitos susPensos até obterem quitação.

ART. 15º - A critério da Diretoria, como homologação do Conselho Deliberativo, perderão sua qualidade de sócios, os sócios de qualquer categoria que cometerem faltas consideradas graves

CAPÍTULO V

DAS ANUIDADES

ART. 16º - A Diretoria da Sociedade, no início de cada exercício, fixará a anuidade que será cobrada dos sócios contribuintes.

§ único - Ocorrendo motivo de força maior, especialmente a elevação de níveis salariais, as anuidades poderão ser reajustadas pela Diretoria, cobrada a diferença apurável dos sócios contribuintes, em uma ou mais parcelas.

ART. 17º - A fixação das anuidades deverá levar em conta os valores das utilidades, serviços, salários e remuneração de Professôres e funcionários e tôdas as demais despesas necessárias à manutenção dos serviços que a Sociedade se propõe prestar.

§ único - Para os mesmos serviços e vantagens as anuidades serão sempre iguais.

ART. 18º - As anuidades fixadas no início de cada exercício poderão ser pagas, a critério dos sócios contribuintes, parceladamente, até o máximo de dez parcelas.

ART. 19º - A susPensão do pagamento das parcelas em que fôr dividida a anuidade imPortará na imediata susPensão de todos os direitos, vantagens ou Privilégios dos sócios Contribuintes, na forma do art. 14º.

CAPÍTULO VI

DOS PODERES SOCIAIS

CAPIULO VIDOS PODERES SOCIAIS

- ART. 20º - São Poderes da Sociedade:
- a)- Assembléia Geral
 - b)- Conselho Deliberativo e
 - c)- Diretoria.

Título 1DAS ASSEMBLÉIAS GERAIS

- ART. 21º - A Assembléia Geral é o órgão deliberativo supremo da Sociedade. Suas deliberações terão força de lei entre os sócios.
- ART. 22º - As Assembléias serão Ordinárias e Extraordinárias.
- ART. 23º - As Assembléias Ordinárias serão realizadas na segunda * quinzena do mês de janeiro de cada ano e as Extraordinárias, a qualquer tempo, convocadas Pela Diretoria ou Por deliberação majoritária do Conselho Deliberativo.
- ART. 24º - As Assembléias Ordinárias ou Extraordinárias serão sempre convocadas com, Pelo menos, dez dias de antecedência, através de registro Postal ou Por Publicação de editais em jornal de grande circulação no Município.
- ART. 25º - As Assembléias Gerais se considerarão instaladas com a Presença de sócios que representem metade mais um do número total de sócios fundadores e honorários, em primeira convocação e com qualquer número, em segunda convocação que se fará Para trinta minutos depois, salvo as hipóteses de assembléias extraordinárias convocadas Para alteração destes estatutos ou dissolução da Sociedade, que só se instalarão com a Presença de sócios que representem dois terços do número total de sócios fundadores e honorários.
- ART. 26º - A ordem dos trabalhos nas Assembléias será regulada Por regimento interno.
- ART. 27º - Admite-se a representação de sócios, nas Assembléias, Por Procurador regularmente constituído. É vedado, todavia, o voto Por Procuração nas Assembléias que tratem de alterações dos Presentes Estatutos, ou que deliberem a dissolução da Sociedade.
- ART. 28º - Compete à Assembléia Geral Ordinária:
- a)- Conhecer os atos e contas da Diretoria, aprovando-os ou não;
 - b)- Aprovar o orçamento elaborado Pela Diretoria Para o exercício seguinte;
 - c)- Eleger a Diretoria e o Conselho Deliberativo.
- ART. 29º - Compete à Assembléia Geral Extraordinária:

- a)- Criar novas categorias de sócios;
 b)- Modificar ou alterar os Presentes Estatutos;
 c)- Deliberar a dissolução da Sociedade, decidindo Para que Instituição reverterá o Patrimônio social;
 d)- Conhecer e decidir toda a matéria que for levada a seu conhecimento.



Título 2

DO CONSELHO DELIBERATIVO

ART. 30º - O Conselho Deliberativo se comporá de sete (7) membros, eleitos Pela Assembléia Geral Ordinária, com mandato Por três (3) anos.

ART. 31 - Os membros do Conselho Deliberativo, em reunião realizada dez (10) dias, no máximo, após a Posse, elegerão um Presidente que, cumulativamente com a Presidência do Conselho exercerá as funções de Diretor Educacional.

§ único - O Presidente do Conselho será sempre um Rabino que tenha obtido este título através de entidade ortodoxa.

ART. 32 - É da atribuição específica do Conselho Deliberativo a orientação educacional da Sociedade, competindo-lhe Programar e organizar os cursos que serão mantidos Pela Sociedade, estabelecendo Prazo e curriculum de cada curso.

ART. 33º - Além desta atribuição, compete ao Conselho Deliberativo:

- a)- Atribuir títulos de sócios Beneméritos e Honorários a Pessoas que mereçam, observadas as disposições dos artigos 6º e 7º destes Estatutos;
 b)- Fixar, anualmente, o critério Para atribuição de títulos de sócios Beneméritos;
 c)- Rever, homologando ou não, as deliberações da Diretoria que eliminarem do quadro social, sócios de qualquer categoria;
 d)- Convocar, quando necessário, Assembléia Extraordinária da Sociedade;
 e)- Estabelecer o calendário de suas reuniões.

Título 3

DA DIRETORIA

ART. 34º - A administração e representação da Sociedade ativa e Passivamente será feita Pela Diretoria eleita em Assembléia Geral Ordinária, com mandato Pelo Prazo de dois anos.

ART. 35º - É vedada, expressamente, a retribuição, seja a que título for, dos membros da Diretoria.

ART. 36º - A Diretoria se comporá dos seguintes membros, eleitos em Assembléia Ordinária: Presidente; Diretor Administrativo

Administrativo; Secretário e dois Tesoureiros.

ART. 37º - Além destes Diretores, integrará a Diretoria um Diretor Educacional, que será, sempre, o Presidente do Conselho Deliberativo.

ART. 38º - Qualquer membro da Diretoria e todos eles poderão ser reeleitos.

ART. 39º - A Diretoria dever-se-á reunir, ao menos uma vez em cada mês e sempre que for necessário.

ART. 40º - Compete ao Diretor Presidente:

- a)- Solucionar os casos previstos no Regimento interno;
- b)- Cumprir e fazer cumprir os presentes Estatutos, os Regimentos Internos da Sociedade; as determinações das Assembleias Gerais e do Conselho Deliberativo;
- c)- Harmonizar as determinações dos Diretores Administrativo e Educacional;
- d)- Representar a Sociedade em Juízo e fora dele;
- e)- Assinar, com o Secretário e Tesoureiro todos os Pa-péis, documentos e correspondência da Sociedade;
- f)- Rubricar os livros de atas e os de contabilidade da Sociedade;
- g)- Contratar e demitir empregados, fixando-lhes salá-rios, horários e atribuições;
- h)- Aplicar Penas disciplinares a funcionários e asso-ciados, salvo as de eliminação de sócios, da competência da Direto-ria;
- i)- Exercer as atribuições que lhe couberem em virtude de Lei.

ART. 41º - Compete ao Diretor Administrativo:

- a)- Gerir e administrar o Patrimônio social;
- b)- Promover, com a assistência do Presidente, a aquisi-ção de todas as utilidades necessárias ao perfeito funcionamento * da Sociedade;
- c)- Executar todos os atos de administração que lhe fo-rem cometidos;

ART. 42º - Compete ao Diretor Educacional:

- a)- Superintender os serviços de ensino, fiscalizando o cumprimento dos Planos de cursos fornecidos pelo Conselho Deliberativo;
- b)- Sugerir a criação de novos cursos ou Planos de cur-sos;
- c)- Verificar o aproveitamento dos vários cursos, trans-mitindo suas observações ao Conselho Deliberativo em informes pe-riódicos;
- d)- Contratar Professores para ministrar os cursos fixa-dos pelo Conselho Deliberativo, demitindo-os, quando necessário;

ART. 43º - Compete ao Diretor Secretário:

- a)- Manter, em rigorosa forma uma Secretaria Administrativa;
- b)- Lavrar as atas das reuniões de Diretoria, do Conselho Deliberativo e das Assembleias Ordinárias e Extraordinárias;
- c)- Manter em dia a escrituração de Livros, fichas e de mais documentos relativos aos sócios contribuintes;
- d)- Prestar à Tesouraria, no que fôr do interesse da mesma, tôdas as informações solicitadas e colaborar no recebimento das anuidades;
- e)- Redigir e expedir tôda a correspondência da Sociedade;
- f)- Praticar todos os demais atos de seu mister;

ART. 44º - Compete aos Diretores Tesoureiros:

- a)- Receber tôda e qualquer contribuição ou donativo * feito à Sociedade, fornecendo comprovantes dos mesmos, assinando * por um deles e pelo Presidente;
- b)- Assinar, juntamente com o Presidente, cheques e ordens de pagamento;
- c)- Manter rigorosamente escriturados todos os recibos e pagamentos feitos pela Sociedade;
- d)- Contratar serviços de Contador habilitado, se necessário, para escriturar em forma contábil os livros da Sociedade;
- e)- Fornecer, semestralmente, à Diretoria, balancetes * de movimento de Caixa e, anualmente, balanço contábil do exercício acompanhado de relatório circunstanciado para prestação de contas à Assembleia Geral;
- f)- Praticar todos os demais atos que, por Lei ou tradição sejam da competência dos Tesoureiros.

ART. 45º - O 2º Tesoureiro auxiliará o 1º no exercício de suas funções, substituindo-o, sempre que necessário.

Título 4

DOS AUXILIARES DA DIRETORIA

ART. 46º - Sempre que se faça necessário, a Diretoria reunida poderá criar Comissões para auxiliar qualquer de seus departamentos a desempenhar sua missão.

ART. 47º - Dependendo das necessidades, as comissões serão compostas de número variável de Pessoas, sendo recomendável * que se constituam, sempre que possível, de três membros, sob a Presidência de um deles.

ART. 48º - As Comissões devem ser constituídas para fins determinados e certos e por prazo pré-determinado, devendo ser * dissolvidas ou pelo decurso do prazo fixado ou pela conclusão do encargo que lhe haja sido cominado.

12/8

CARTÓRIO PESSOA

REGISTRO DE TÍTULO E DOCUMENTO

6.º OFFÍCIO

Apontado no Protocolo A 2
 sob o n.º 12493 e registrado
 a fls. 210 Gen. de Juízes sob o
 número de ordem 375
 Petrópolis, de 16 de dezembro de 66
Paulo I. de F. Pessoa



[Faint, mostly illegible handwritten text, possibly a deed or contract, with some legible words like 'EU' and 'MANN']

CAPÍTULO VII

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

ART. 49º - A Assembléa Extraordinária que deliberar a dissolução da Sociedade, observadas as normas destes Estatutos, designará uma comissão de liquidantes composta de cinco membros, sob a Presidência de um deles.

ART. 50º - Pagos todos os débitos sociais o Patrimônio remanescente será destinado a uma ou mais entidades judaicas ortodoxas.

ART. 51º - É expressamente proibida a distribuição de lucros ou dividendos aos Participantes da Sociedade, sendo vedada a remuneração dos membros da Diretoria, do Conselho Deliberativo e das Comissões que forem criadas para auxiliar a Diretoria.

ART. 52º - O Patrimônio social será constituído de bens imóveis, móveis e semoventes que forem adquiridos, doados ou legados à Sociedade.

ART. 53º - Os casos omissos nestes Estatutos serão resolvidos segundo as regras legais em vigor. = = = = =

Presidente: *Fajwel Grynner*

FAJWEL GRYNER Brasileiro naturalizado

casado residente a rua Figueredo Magalhães 474/301
G.B.

Doctor Administrativo: *Erich Wechsellmann*

ERICH WECHSELNANN Brasileiro naturalizado
casado residente em S. Paulo Al. Casa Branca,

Diretor Educativo: *Chaim Binjamini* 1111 Av 402
CHAIM BINJAMINI Israelense casado
residente Petrópolis Prof. Narciso 50

Secretário: *A. di*

André Cohen: Apátrido, solteiro, residente em Petrópolis
Rua Prof. Narciso, 50

1º TESOUREIRO: *[assinatura]*

MOLES KUMMER POLONÊZ EM VIAS DE NATURALIZAÇÃO,
CASADO, RES. RUA EDMUNDO LINS 28/302 G.B.

2º Tesoureiro: *[assinatura]*

ALFRED HEYMANN - BRAS. NAT. CASADO - residente à Rua
Tonelero, 170-204 - G.B.

ANEXO D – Parecer de ficha de dados complementares da Yeshivá.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

FICHA DE DADOS COMPLEMENTARES
PARA EFEITO DE RECONHECIMENTO
DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

Nome do Estabelecimento YESHIVÁ COLEGIAL " MACHANÉ ISRAEL "

Número do Processo R-03/1100954/81

1- Caracterização da Escola _____

1.1. Entidade Mantenedora Yeshivá Colegial
 Natureza Jurídica Dto. Privado Tipo Societário S/G.
 Endereço R. Duarte Silveira Nº 1.246
 Bairro D. da Silveira Município Petrópolis
 Tel. 424952 ZC 25.600

1.2. Localização do Estabelecimento
 Endereço R. Duarte da Silveira Nº 1.246
 Bairro Duarte da Silveira Município Petrópolis
 Tel. 424952 CEP 25.600 ZC: _____
 NCECT _____ CRECT _____ DEC-RA _____

1.3. Regime de funcionamento e atendimento (externato, internato, semi-internato, clientela masculina, feminina ou mista).
 X Internato - masculino e feminino.

1.4. Ensino ministrado (Maternal, Jardim de Infância, Classe de Alfabetização, 1º grau (de 1ª. a 4ª. série, de 5ª a 8ª. série ou de 1ª a 8ª série), 2º grau, Estudos Adicionais, Supletivo (1º grau de 1ª. a 4ª série, de 5ª. a 8ª., de 1ª. a 8ª série, Suplência, Qualificação, Aprendizagem, etc.).
Classe de Alfabetização, 1º Grau; 2º Grau; Formação de Professores de 1ª a 4ª série do 2º Grau; Construção Civil

Fls. 2

1.5. Habilitações de 2º grau (especificação)

Formação de Professores de 1º grau (1ª a 4ª séries) ✓Construção Civil. ✓

1.6. Regimento - Processo nº

Parecer nº 396 de 11 / 06 / 1979

Homologação ____ / ____ / ____ Pub.D.O. ____

Aprovação (Plena ou Condicional) ____

1.7. Regularização (atos legais, autorização, portaria, etc. Explicitar o documento, o órgão expedidor e a publicação em D. O.)

Autorização de Funcionamento: Portaria nº 499/EGDAT de 27 de setembro de 1979

1.8. Tabela de anuidade (citar Processo e data de aprovação)

2- Situação Empresarial

2.1. Alvará 15.295/77

2.2. Condição de imóvel (próprio - prova de propriedade e registro; locação - contrato de locação, cláusula que permite o funcionamento do estabelecimento no prédio; comodato - contrato)

O imóvel é Próprio. Certidão de Escritura nº 2.671 do livro 1.855, fls. 11 verso em 19/11/1975. 24º Ofício de Notas GB.

2.3. Quitação com o Fisco do Estado (cópia da última guia paga CGC, CPT, IRR, INAMPS, JUCERJ, Secretaria de Governo, Secretaria de Finanças, Cartório de Pessoa Jurídica, Cons. Nac. Serv. Social)

C.G.C. : Isento.

2.4. Escritura de _____ pessoa jurídica

2.5. Capacidade econômica

A Escola depende de donativos da comunidade.

3. Situação Pedagógica

3.1. Diretor (nome e registro)

Profa. Rebeca Kummer = reg. 1.028 MEC

3.2. Vice-Diretor (nome e registro)

xxxxxxx

3.3. Secretário (nome e registro)

José Maria Martins Cunha = reg. 4.585 = MEC

3.4. SOE (nome e registro dos orientadores)

Profa. Rebeca Kummer = reg. 1.028 MEC

3.5. Corpo Docente e Técnico (qualificação e habilitação na forma da lei)

vide relação em anexo.

3.6. Convênios (anexar cópias dos convênios)

Não há.

4. Outras observações que julgar necessárias

Petrópolis, 27/11/1981

Data

Rebeca Kummer
Assinatura do Diretor
Profa. Rebeca Kummer = reg.1.028 MEC

Confirmo:

14/12/1981

Data

Esilda Grandis Maldonado
Assinatura do Supervisor
Esilda Grandis Maldonado
Supervisor Educacional
SEEC-RJ - Mat. 031278-5

ANEXO E – Grade curricular de habilitação básica de Construção Civil, Magistério e relação de professores.

YESHIVÁ COLEGIAL "MACHANÉ ISRAEL" = PETRÓPOLIS = R.J.

HABILITAÇÃO BÁSICA EM CONSTRUÇÃO CIVIL = TURNO VESPERTINO

	<u>1ª série</u>	<u>2ª série</u>	<u>3ª série</u>	<u>C/HORÁRIA TOTAL</u>
EDUCAÇÃO GERAL				
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	144	72	72	288
Inglês	72	72	72	216
História	72	36	72	180
Geografia	72	36	72	180
Biologia	72	72	72	216
Física	108	x	x	108
Matemática	108	72	x	180
Química	72	72	x	144
Organização Social e Política do Brasil	x	x	36	36
ARTIGO 7º				
Educação Artística	36	x	x	36
Educação Física	72	72	72	216
Educação Moral e Cívica	36	x	x	36
Programas de Saúde	36	x	x	36
FORMAÇÃO ESPECIAL				
Desenho Básico	x	72	x	72
Desenho de Construção Civil	x	144	72	216
Orientação Ocupacional	x	x	72	72
Tecnologia dos Materiais e da Construção	x	144	72	216
Topografia	x	108	72	180
Cálculo (Matemática)	x	x	108	108
Física	x	72	144	216
Química	x	x	72	72
Estágio : 60 horas.				
Total Geral	900	1.044	1.080	3.024

X = sempre ausente.

YESHIVÁ COLEGIAL "MACHANÉ ISRAEL" = PETRÓPOLIS = ESTADO DO RIO DE JANEIRO

HABILITAÇÃO ESPECÍFICA PARA O MAGISTÉRIO DE 1º GRAU (1ª à 4ª série) GRADE VÁLIDA ATÉ 1982

	<u>1ª série</u>	<u>2ª série</u>	<u>3ª série</u>	<u>C/HORÁRIA TOTAL</u>
EDUCAÇÃO GERAL				
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	144	144	144	432
Inglês	72	x	x	72
História	72	36	36	144
Geografia	72	36	36	144
Biologia	72	x	x	72
Física	72	x	x	72
Matemática	108	x	x	108
Química	72	x	x	72
Organização Social e Política do Brasil	x	x	36	36
ARTIGO 7º				
Educação Artística	36	x	x	36
Educação Física	72	72	72	216
Educação Moral e Cívica	36	x	x	36
Programas de Saúde	36	x	x	36
FORMAÇÃO ESPECIAL				
Didática e Psíquica de Ensino	x	216	216	432
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	x	108	108	216
Fundamentos da Educação	x	216	216	432
Matemática e Estatística	x	144	144	288
Estágio Supervisionado : 210 horas.				
Total Geral :	864	972	1.008	2.844

Observações: 1ª - Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau = aspectos legais, técnicos, administrativos e estatísticos.
 2ª - Fundamentos da Educação = 2ª série: aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos.
 3ª - Fundamentos da Educação = 3ª série: aspectos filosóficos, históricos e psicológicos.
 4ª - Grade curricular amparada pelo artigo 22 da Deliberação nº 78 de 15/01/81.

X = sempre ausente.

YESHIVÁ COLEGIAL "MACHANÉ ISRAEL" = PETRÓPOLIS = ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HABILITAÇÃO ESPECÍFICA PARA O MAGISTÉRIO DE 1º GRAU (1ª à 4ª série) GRADE VÁLIDA ATÉ 1982

<u>EDUCAÇÃO GERAL</u>	<u>1ª série</u>	<u>2ª série</u>	<u>3ª série</u>	<u>C/HORÁRIA TOTAL</u>
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	144	144	144	432
Inglês	72	x	x	72
História	72	36	36	144
Geografia	72	36	36	144
Biologia	72	x	x	72
Física	72	x	x	72
Matemática	108	x	x	108
Química	72	x	x	72
Organização Social e Política do Brasil	x	x	36	36
ARTIGO 7º				
Educação Artística	36	x	x	36
Educação Física	72	72	72	216
Educação Moral e Cívica	36	x	x	36
Programas de Saúde	36	x	x	36
FORMAÇÃO ESPECIAL				
Didática e Prática de Ensino	x	216	216	432
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	x	108	108	216
Fundamentos da Educação	x	216	216	432
Matemática e Estatística	x	144	144	288
Estágio Supervisionado : 210 horas.				
Total Geral :	864	972	1.008	2.844
Observações: 1ª - Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau = aspectos legais, técnicos, administrativos e estatísticos.				
2ª - Fundamentos da Educação = 2ª série: aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos.				
3ª - Fundamentos da Educação = 3ª série: aspectos filosóficos, históricos e psicológicos.				
4ª - Grade curricular amparada pelo artigo 22 da Deliberação nº 78 de 15/01/81.				

X = sempre ausente.

YESHIVÁ COLEGIAL "MACHANÉ ISRAEL" = PETRÓPOLIS = ESTADO DO RIO DE JANEIRO
HABILITAÇÃO ESPECÍFICA PARA O MAGISTÉRIO DE 1º GRAU (1ª à 4ª série) TURNO VESPERTINO

<u>COMPONENTES CURRICULARES</u>	<u>CARGA HORÁRIA SEMANAL POR SÉRIE</u>			<u>C/HORÁRIAS TOTAIS</u>
	<u>1ª série</u>	<u>2ª série</u>	<u>3ª série</u>	
EDUCAÇÃO GERAL				
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	4	4	4	432
Língua Estrangeira Moderna	2	2	x	144
História	2	2	x	144
Geografia	2	2	x	144
Ciências Físicas e Biológicas	4	2	x	216
Matemática	3	3	2	288
Educação Artística	x	2	2	144
Educação Física	2	2	2	216
Educação Moral e Cívica	1	x	x	36
Organização Social e Política do Brasil	x	x	2	72
Programas de Saúde	x	x	2	72
Subtotais:	20	19	14	1.908
FORMAÇÃO ESPECIAL				
<u>Instrumentais</u>				
Filosofia	x	x	2	72
Introdução às Estatísticas da Educação	x	x	2	72
Técnica de Estudo e Organização do Trab.Intelectual	1	x	x	36
Alfabetização	x	x	2	72
<u>Profissionalizantes</u>				
Fundamentos da Educação	2	3	3	288
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	x	x	2	72
Didática	2	3	4	324
Estágio Supervisionado	2	4	4	360
Subtotais:	07	10	19	1.296
Totais:	27	29	33	3.204

X = sempre ausente.
Grade curricular de acordo com o Parecer 440/80.

YESHIVÁ COLEGIAL "MACHANÉ ISRAEL" - PETRÓPOLIS - ESTADO DO RIO DE JANEIRO

HABILITAÇÃO ESPECÍFICA PARA O MAGISTÉRIO DE 1º GRAU (1ª à 4ª série) TURNO VESPERTINO

COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA SEMANAL POR SÉRIE			C/HORÁRIAS TOTAIS
	1ª série	2ª série	3ª série	
<u>EDUCAÇÃO GERAL</u>				
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	4	4	4	432
Língua Estrangeira Moderna	2	2	x	144
História	2	2	x	144
Geografia	2	2	x	144
Ciências Físicas e Biológicas	4	2	x	216
Matemática	3	3	2	288
Educação Artística	x	2	2	144
Educação Física	2	2	2	216
Educação Moral e Cívica	1	x	x	36
Organização Social e Política do Brasil	x	x	2	72
Programas de Saúde	x	x	2	72
Subtotais:	20	19	14	1.908
<u>FORMAÇÃO ESPECIAL</u>				
<u>Instrumentais</u>				
Filosofia	x	x	2	72
Introdução às Estatísticas da Educação	x	x	2	72
Técnica de Estudo e Organização do Trab. Intelectual	1	x	x	36
Alfabetização	x	x	2	72
<u>Profissionalizantes</u>				
Fundamentos da Educação	2	3	3	288
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	x	x	2	72
Didática	2	3	4	324
Estágio Supervisionado	2	4	4	360
Subtotais:	07	10	19	1.296
Totais:	27	29	33	3.204

X = sempre ausente.
Grade curricular de acordo com o Parecer 440/80.

iano Israel

ta Colegial

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO = ANO LETIVO DE 1981

CURSO FUNDAMENTAL

João Carlos de Souza Bini	<u>Português</u> Licenciado U.P.R.J.	7º e 8º
Francisco Barros Goulart	<u>História</u> L 1.95169	7º e 8º
Franklin Maciel	<u>Geografia</u> F 251 R.J.	7º e 8º
Carlos Roberto Faraco	<u>Matemática</u> Autorização	7º
Fabio Rodrigues da Costa Junior	Autorização	8º
Alberto dos Santos Babo	<u>Ciências</u> L 4.700	7º e 8º
Afonso Manuel da C. Santos	<u>Inglês</u> Licenciado U.C.P.	7º e 8º
Mario Ferreira	<u>Educação Física</u> Autorização	7º e 8º
Franklin Maciel	<u>Educação Moral e Cívica</u> F 251 R.J.	7º
Franklin Maciel	<u>O.S.P.B. e Estudos Regionais</u> F. 251 R.J.	3º
Pedro Paulo de O. Gonçalves	<u>Programas de Saúde</u> Autorização	7º
Pedro Paulo de O. Gonçalves	<u>Noções de Enfermagem</u> Autorização	7º e 8º
Pedro Paulo de O. Gonçalves	<u>Primeiros Socorros</u> Autorização	8º

Rebeca Kummer
 Profa. Rebeca Kummer
 Diretora = reg. 1.028
REBECA KUMMER
 Diretora - Reg. 1.028

José Maria Martins Cunha
 José Maria Martins Cunha
 Secretário = reg. 4.585

Eneida Grandis Maldonado
 Profa. Eneida Grandis Maldonado
 Supervisora Educacional

Eneida Grandis Maldonado
 Supervisor Educacional
 S.E.C.-R) - Mat. 611/85

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO = ANO LETIVO DE 1981

2º GRAU : Formação de Professores e Construção Civil

	<u>Língua Port. e Lit. Brasileira</u>	
Cláudia de Almeida D'Aiuto	L 0812	1ª e 2ª
João Carlos de S. Bini	Licenciado U.F.R.J.	1ª, 2ª e 3ª
	<u>História</u>	
Franklin Maciel	F 251 R.J.	1ª e 2ª
Francisco de Barros Goulart	L 195.169	1ª, 2ª e 3ª
	<u>Geografia</u>	
Maria Esmeralda P. Collares	L 68.160	1ª e 2ª
Franklin Maciel	F 251 R.J.	1ª, 2ª e 3ª
	<u>Matemática</u>	
Anna Maria Nardi	Autorização	1ª e 2ª
Carlos Roberto Faraco	Autorização	3ª
Fábio Rodrigues C. Junior	Autorização	1ª e 2ª
	<u>Inglês</u>	
Maria Christina L. Avellar	Autorização	1ª e 2ª
Afonso Manuel C. Santos	Licenciado U.C.P.	1ª, 2ª e 3ª
	<u>Biologia</u>	
Cristina Bastos S. Leal	L 255.421	1ª e 2ª
Mauro Fernandes A. da Silva	F 605 R.J.	1ª, 2ª e 3ª
	<u>Física</u>	
Maria Aparecida Cardozo	Autorização	1ª e 2ª
Alberto Santos Babo	L 4.700	3ª
Edson B. Quintanilha	Autorização	1ª e 2ª
	<u>Ciências Físicas e Biológicas</u>	
Cristina Bastos S. Leal	L 255.421	1ª
	<u>Química</u>	
Sheila Pozza Sampaio	L 1.905	2ª
Nivan Cardoso Brand	Autorização	1ª, 2ª e 3ª
	<u>Educação Artística</u>	
Fábio Rodrigues C. Junior	Autorização	1ª
	<u>Educação Física</u>	
Mário Ferreira	Autorização	1ª, 2ª e 3ª
	<u>Educação M. Cívica e O.S.P.B.</u>	
Franklin Maciel	F 251 R.J.	1ª
Francisco de B. Goulart	L 195.169	1ª e 3ª
	<u>Programas de Saúde</u>	
Cristina Bastos S. Leal	L 255.421	1ª
Pedro Paulo O. Gonçalves	Autorização	1ª

Prof. Rebeca Kummer
Diretora = reg. 1.028
REBECA KUMMER
Diretora - Reg. 1.028

José Maria Martins Cunha
Secretário = reg. 4.585

Prof. Enaida Grandis Maldonado = Supervisora Ed...

ANEXO G – Publicação no Diário Oficial do Estado.

Diário Oficial do Estado RIO DE JANEIRO	
9 - Alteração do plano curricular do Ensino de 1º Grau, da 5ª à 6ª série - DIURNO;	Ar publ R
10 - Inclusão, nos termos da Lei Federal nº 7044/82, do plano curricular do Ensino de 2º Grau, DIURNO, com ... 2592 horas/aula;	
Art. 2º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.	PORT O.
Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1985.	Art.
(a) SONIA SOARES DE SOUZA Diretora	clam
PORTARIA Nº 5680/DAT, DE 14 DE JANEIRO DE 1985	
O DIRETOR DA DIVISÃO DE APOIO TÉCNICO, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 1º da Resolução nº 124/SIE/78 e / considerando os pronunciamentos exarados no processo de nº E-01/1101980/82,	Ar clon Sonia minis 1 2
RESOLVE :	
Art. 1º - Autorizar o COLÉGIO BISHVÁ COLEGIAL MACHADO ISRAEL, sediado na Rua Duarte da Silveira, nº 1246, município de Petrópolis, a ministrar, no Ensino de 2º Grau, a habilitação BÁSICA EM CONSTRUÇÃO CIVIL;	Ar publ R
Art. 2º - A autorização, a que se refere o artigo anterior, tem validade até o final do ano letivo de 1985;	
Art. 3º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.	PORT O.
Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1985.	Art.
(a) SONIA SOARES DE SOUZA Diretora	clam
PORTARIA Nº 5681/DAT, DE 15 DE JANEIRO DE 1985	